



RB24023



Library  
of the  
University of Toronto

1:18-1 8:11  
9:208 11

20-00

João Correia

Virginia

1918

*Handwritten signature in brown ink, possibly reading "J. B. Smith" or similar, enclosed in a decorative oval flourish.*

*Handwritten signature in blue ink, possibly reading "J. B. Smith" or similar, enclosed in a decorative oval flourish.*



# A F F O N S O A F R I C A N O .

P O E M A H E R O I C O :  
*Da presa d' Arzilla , e Tanger.*

DIRIGIDO  
A D. ALVARO DE SOUSA ,  
Capitão da Guarda Alemãa de S. Magestade , &c.

A U T O R  
VASCO MAUSINHO DE QUEBEDO ,  
*Natural de Setubal.*



L I S B O A

Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

---

M. DCC. LXXXVI.

*Com licença da Real Mesa Censoria.*

027 1101

027 1101

027 1101

027 1101

027 1101

027 1101

027 1101

027 1101

027 1101

027 1101

027 1101



027 1101

027 1101

027 1101

027 1101

027 1101

A D. ALVARO DE SOUSA,

Capitão da Guarda Alemãa de Sua  
Magesdade , &c.

**R** Eprehendido de Parrbasio ;  
Zeusis Pintor excellente , que desbota-  
va em parte o primor d'arte c'o vagar  
com que nella se esmerava , juntamente  
encarecendo a sua natural facilidade ,

respondeo desta maneira : Diu pingo ,  
quia pingo Aeternitati , dando nisto a  
entender , que a madura consideração  
de muito tempo , que faz as obras fa-  
mosas as faria tambem eternas. E se-  
gundo esta sentença , nesta taboa de meu  
pinzel , que à Eternidade offereço , de-  
vera para mais tarde guardar as ulti-  
mas sombras , se não fora para commi-  
go de mais forsa o ligeiro Delphim de  
hum estímulo poderoso , que foi gerando  
em minh' alma a obrigação de mostrar  
a V. M. com serviços hum animo de  
longe affeçoado , do que foi a pesada  
anchora , que por parte da Eternidade  
me retinha , Symbulo de hum grande  
Cesar, com a letra : Matura lente. Mas  
não faltará quem diga , que em obra à  
Eternidade consagrada tem V. M. pou-  
ca parte , se para esta ser eterna ,  
quanto compadece o mundo , lhe não fo-  
ra necessario recebella V. M. debaxo de  
seu amparo, quadrando-lhe bem o Symbu-  
lo da Columna levantada , que com in-  
tricado enleio vai abraçando a hera  
verde the sua maior altura , com a le-  
tra de Paradiso: Te stante virebo , que  
esta sem arrimo caminha vagarosa , e  
des-

desprezada , e com elle ufana , e viçosa  
sempre cresce. Nem sem causa a V. M.  
se lhe accomoda o nome de Columna ,  
que se desta para perfeita ; as particu-  
laridades são Fortaleza , e Fineza ,  
huma para segurança da machina , que  
recebe , outra para ornato , e deleite.  
Estas em V. M. fez tam proprias  
a Natureza , que o estou representando  
Columna de Diamante , na firmeza de  
taes quilates : quaes convinhão a quem  
sustenta sobre si a guarda de hum Rei ,  
com a qual Athlante inclinara , igual-  
lando-se a fineza do sangue , de huma  
grande antiguidade sempre illustre ,  
pois antes do Rei primeiro teve esta in-  
signe Familia nascimento , não como ou-  
tras que hoje se jaçtão , em peregrinos  
climas , e apartados , mas no proprio  
Portugal , onde se lhe concedeo ( paga à  
divida tam justa ) de Conde o primeiro  
Titulo , que V. M. realça com o lustre  
das sciencias , que por gloria de nossa  
idade não só ama , mas professa. E pois  
vou buscando amparo para nelle deposi-  
tar as maravilhosas proezas , que D.  
Affonso Quinto fez em Africa ganhando  
por ellas o nome de Africano , de que

o grande Scipião parece o deixou herdeiro. E este se acha n'huns por causa dos titulos , com que ás vezes se engrandecem , n'outros por razão da pessoa , cuja autoridade veneram , naquelles por causa do esforço , nestes por razão das sciencias , cuja lingua foi sempre valbacouto de emulados , V. M. c'o titulo me guarda , c'o ser da pessoa me obriga , com seu valor me sustenta , e c'o escudo das sciencias ; e principalmente desta em que quiz avantajarse , dos émulos me defende. Porem não fio tam pouco dos engenhos de Portugal , e ainda dos estranhos , que duvide poder agradar à muitos : e à estes quero lembrar , que se deste parto , que mostro se me deve a primeira vida , à V. M. se deve ser hoje resuscitado.

Vasco Mausinho de Quebedo.

# A L L E G O R I A D O P O E M A ,

*Segundo a Fabula.*

**H**Uma das arriscadas empresas ,  
que ha no mundo , he aquella  
que emprende hum Varão forte  
contra si mesmo , trabalhando render ,  
e avassallar a Cidade de sua alma , com  
que se lhe tem levantado o imigo hu-  
mano. Esta se affigura em Arzilla , si-  
tuada ao longo do mar nas partes d'A-  
frica , de muros altos cercada , que  
dão entrada , e saída por cinco portas  
abertas , que são os cinco Sentidos , na  
mais alta parte sua se levanta huma  
Torre com tres Balluartes , que são as  
Potencias dessa alma , e no meio a For-  
taleza da Mesquita , que he o coração  
humano. Esta com Frota armada vai  
buscando das praias de Lisboa D. Af-  
onso Quinto o Africano , por quem  
este Varão he figurado. Mette-se em  
meio hum Mar tempestuoso do appeti-  
te irascivel , e concupiscivel , onde for-  
ma , e tece o Inferno os obstaculos ,



e impedimentos , que desta empreza desvião , e como entre todos sejam os dous mais poderosos , os contrastes , e asperezas , que a virtude difficultão , e os deleites que retêm , e obrigão muitas vezes a se não passar avante , he neste Mar D. Affonso arrojado de grave tempestade nas praias da forte Seita , por industria do Mago Eudolo , que procura delconfiallo do bom successo da empreza , e juntamente seu querido , e amado Filho o Principe D. João ( figurado por seu Amor ) alli lhe desaparece , e levado a huma Ilha de deleites , esteve quasi a ponto de perder-se , mas dando a taes gostos de mão , por favor e mercê do Ceo , vem despois a ser armado Cavalleiro , como Amor qualificado , e triumphante.

Os primeiros Inimigos , que contra este Varão resistem ( despois que animado c'huma voz do Ceo , e confirmando suas esperanças aportou em terra ) foram os damnados Spiritos figurados pelos Mouros com seu Capitão Lucifer , figurado em Tenebronte. Mas como estes per si só tenham pouca forza , e valor , facilmente são vencidos , e postos em



em fugida , e assim saem despois a resistir-lhe os sette Vicios mortaes Filhos desse Tenebronte , conhecidos por suas divitas : aos quaes rendem , e disbaratam outros sette Cavalleiros por infignias manifestos , que são as sette Virtudes a elles vicios contrarias , com este prospero successo assalta Affonso a Cidade , a qual entra à forsa de armas , pelo grande valor de D. Fernando ; no qual se affigura a vontade à Razaõ obediante , e a este se encarga outra vez a nova empreza de Tanger , appremiando-se os mais vencedores , porque o premio da vontade he andar em guerra continua , e obrar como a Razaõ lhe vai dictando.

Entrada a Cidade , se consagra a Mesquita , e se celebra o Divino Mysterio , recebendo a Deos por seus trabalhos o Africano que elle he o verdadeiro premio d'Alma a seu serviço rendida , que de habitação do Inferno , figurado pela Serpente , que d'alli desaparece , fica do proprio Deos hum vivo Templo.





# AFFONSO

## A F R I C A N O.

### C A N T O I.

**E** TERNO Ser , que a quanto cá respira  
 Primeiro vigor dais , primeiro alento ,  
 Se he debil alvedrio , quando aspira  
 A fair com algum famoso intento.  
 Quem por Vós chama , quem por Vós suspira,  
 A seu desenho faz bom fundamento ,  
 E eu se vos acho em meu favor propicio  
 Lanço a primeira pedra no edificio.

As armas , e o Varão illustre canto  
 Que d'Africano tem insignia , e nome ,  
 Cuja alta fama será viva , em quanto  
 No dourado Orizonte o Sol affome.  
 Donde começarei ? que o grande espanto  
 Me tem suspenso , que principio tome  
 Em tantas obras , quantas me apprezenta  
 Vivo calor , que mais , e mais se augmenta.

Caminho me abre Arzilla , e Tanger forte  
Onde do valor seu dura a memoria ,  
Arzilla entrada a sangue , e agudo corte  
Tanger só c'ò temor de tanta gloria.  
Vejo Hèroes com quem não pode a morte ,  
Por mais que delles pertendeo victoria ,  
Que pelo braço foros alcançaram ,  
Com que de sua lei se libertaram.

Nem desta empreza só , deste apparato  
Farei memoria , e curiosa lista ,  
Que aqui como em púrissimo retrato ,  
Mão nem de Zeufis , nem de Apelles vista :  
Com perigrina cor , e pinzel grato ,  
Pintarei de toda a Africa a conquista  
Onde as cores dos feitos já passados  
Lustre as sombras darão dos esperados.

O' Nympha , tu que sempre em verdes annos  
Vas renovando as florescente idade .  
Sem temer do mudavel tempo os danos ,  
Nem assaltos crueis de Antiguidade :  
Tu que as obras famosas dos humanos  
Vestres , e adornas de immortalidade ,  
Tu cujo resplendor , e raio puro  
Trevas desfaz de esquecimento escuro.

Tu que tudo restauras , e reparas ,  
Dando-lhe novo ser , e nova face ,  
Se recebes alegre as mostras claras  
De algum peito , onde Amor se cria , e paze:  
Por sacrificio ponho em tuas aras  
Este parto , que como Pallas nasce  
Inda sem vida , para que lha influas ,  
Como Prometheo fez às formas suas.

Era alta noite , antes que Phebo veja  
 O Mundo , que c'os raios vem abrindo ,  
 Quando Arctos só , só com seu plaustro enveja  
 As Estrellas , que vão ao mar fugindo :  
 E já não ha quem luz nos olhos reja ,  
 Que os animaes , e gentes vão caindo  
 N'hum carregado somno , e varios sonhos  
 Lhes forma Morpheo alegres , e medonhos.

Quando Affonso no esforço sem segundo ,  
 Que de hum Reino a seu brío semelhante  
 Sustenta o pezo , qual do Ceo rotundo  
 A machina sustem o antigo Atlante :  
 Occupado n'hum somno alto , e profundo ,  
 Que a consideração varia , errante  
 Per cousas dignas de subida empreza  
 Soppezou mais a fraca natureza.

Vêe que pelo apposento d'ouro fino  
 Hum novo relplandor tremulo corre ,  
 Qual do inquieto espelho cristalino  
 Onde ferio o Sol sae , e discorre.  
 Suspenso está se he raio matutino ,  
 Se he luz de alguma facha , que lhe occorre ,  
 E como se desperto alli estivera ,  
 Assim se sobressalta , assim se altera.

Nisto chegar hum Donzella sente  
 De grave affeio , e de feições fermosa ,  
 Triste porém no gesto , e descontente ,  
 Como que vem de alguma dor queixosa.  
 Qual lastimada pela Hebrea gente  
 Orvalha a linda Hester humã , e outra rosa  
 De fino aljofar , e sentida pede  
 Favor ao Rei , que logo lhe concede.

#### 4 AFFONSO AFRICANO.

A divisa , que traz na mão direita  
Por quem se manifesta , e se conhece ,  
6 He hum escudo de obra tão perfeita ,  
Que no Ceo fabricado bem parece ,  
As cinco fontes , que de sangue deita  
Aquelle , que na Cruz por nós padece ,  
Impressas traz , e como nasceo dellas ,  
C'o ellas vive , tambem morre por ellas.

Com menos apressadas azas voa  
A Giganta da Terra , e do Ceo filha ,  
E com voz menos alta nos pregoa  
Do Mundo a mais remota maravilha.  
Esta divide os ares , esta soa  
Onde o Sol se levanta , onde se humilha.  
Onde com raio obliquo a terra toca ,  
Passa do Norte , e do Sul quente a boca.

Os claros olhos de huma luz serena  
Como duas Estrellas resplandecem ,  
Mas a vista tão fraca , e tão pequena ,  
Que na Terra , e no Ceo nada conhecem  
Como quando o Leão ao somno ordena  
Os olhos entregar , e lhe obedecem ,  
Desperto o julga , quem o vê de perto ,  
Mas elle dorme , e não está desperto.

Mas a falta , que tem nestes sentidos ,  
Supre a viveza de outro que he mais nobre ,  
Os ouvidos traz promptos , e subidos  
Com quem quanto ha na Terra, e Ceo descobre.  
Não he como aspid furda , que os ouvidos  
Com a terra , e co' a cauda tapa , e cobre ,  
Antes desta virtude propria sua ,  
Vive como de Phebo vive a Lua.

Com

Com voz suave , qual com sopro brando  
Folga entre as ramas viração serena ,  
Quando Alva rompe , cae orvalho , quando  
Se veste o prado de verdura amena ,  
Desperta diz , ò Rei , que o Sceptro , e mando  
Não desculpa repouso , antes condena ,  
Ouve hum causa de honra tua , e minha ,  
Que em execução posta estar convinha.

Sou filha d'aquelle Alto , que governa  
A Terra , e Ceo com summa magestade  
Tenho duas Irmãs , hum a he eterna ,  
Que durará por toda Eternidade :  
Outra não chega à parte mais superna  
Do Ceo , como de menos dignidade ,  
Mortal como eu , hum a ama sem receio ,  
Outra espera , mas eu confio , e creio.

Eu sou a que sustento a Náo possante ,  
De quem primeiro Pedro o leme teve ,  
Commigo corre prospera , e boiante ,  
E contra o vento , e bravo mar se atreve :  
Commigo tem qualquer perigo instante  
De inimigo cruel , por brando , e leve ,  
Inda que todo Inferno se conjure ,  
Segura sempre vai , se eu a fegure.

Poderáó inimigos assaltalla ,  
E por a ferro , e sangue os esforçados ,  
Que a pezar seu pretendem collocalla  
Em praias chãas , e portos descansados :  
Mas nem c'ò esse destroço a Nao se aballa ,  
Que desse sangue de Christãos soldados ,  
Como Aguia , que no mar se banha , e lava ,  
Mais renovada torno , do que estava.

Sou



## 6 AFFONSO AFRICANO

Sou odiôsa a mór parte da Terra ,  
 Entre poucos querida , e venerada ,  
 Pregò paz , todos me fazem guerra ,  
 Sou por fermosa , e pura desprezada :  
 Sò ca neste recanto , que se encerra  
 Entre Europa , e seus fins meu nome agrada ,  
 E nas partes , por onde se derrama ,  
 He Portugal o coração , que me ama.

Deste tens o poder , e o senhorio ,  
 Que verás dillatado em successores ,  
 Como no Inverno , largo , e grande Rio  
 Sae da madre , e faz praias maiores :  
 E como em teu valor , e zelo pio ,  
 ( Se a meus rogos propicio , e brando fores )  
 Tenho o remedio desta causa posto ,  
 Mostra-me attento ouvido , e alegre rosto.

Bem vês como fui sempre perseguida  
 Dos descendentes de humba baixa escrava ,  
 Que quiz ser tão mimosa , e tão querida ,  
 Como a Senhora , que me affigurava.  
 Espanha o diga delles destruida  
 No tempo , que Rodrigo a dominava ,  
 Cujas ruinas eu acompanhara ,  
 Se Deos me não tivera , e resguardara.

Não trato já de outras injurias graves  
 De Reinos prevertidos , e assolados ,  
 Donde eu ( triste memoria ) tinha as chaves ,  
 Com que estavam seguros , e guardados.  
 Agora espero , que estas chagas laves  
 Que em fim magoão peitos lastimados ,  
 E vingando estas , que hoje choro , e gemo  
 Cerres tambem caminho as que inda teino.

Duas

Duas obrigações , se as não notaste ,  
Te apontarei , que entr'ambas me animaram ,  
Huma ser isto successão , que herdaste ,  
Que teus Antepassados te deixaram ;  
Outra , que estas empresas começaste ,  
Que tanto teu esforço acreditaram ,  
Quando de Alcacer o muro alto escallas ,  
Ameaças o Turco , o Mouro aballas.

Bem vejo que diràs que desterrado  
Anda já do teu Tejo , e Guadiana ,  
Onde já foi Senhor , e que encerrado  
Está na Costa Libyca Africana.  
Mas Rio , que à espriar he costumado ,  
Se não trabalha a forte industria humana  
Com marachões soberbos represallo ,  
Hum dia espriará que faça aballo.

E para que esse esforço , que te inclina  
Contra meus inimigos se avivente ,  
Olha estas chagás , onde Amor te ensina  
Excessos grandes pela humana gente.  
Quem , dize , as vee , que não se determina ?  
Quem não se abraza n'hum fervor ardente ,  
De sustentar sua gloria contra quantos  
Excessos no Mundo ha , no Inferno espantos ?

E porque outras razões às mais applique ,  
Mova-te , que são Armas proprias tuas ,  
Que à outro Affonso Deos no Campo Ourique  
Abrindo os Ceos , lhe deu por Armas suas.  
Para que em successão a mercê fique ,  
Como proprias as tenhas , e as possuas ,  
Attenta pois ò Rei quantos offendes ,  
Se causa , que he tão justa , não defendes.

## 8 AFFONSO AFRICANO.

Isto dizendo , como neve fria

Derretida co' a luz , desapparece ,  
Luz , que ja pelo Oriente o Mundo abria ,  
O Mundo , que a noite horrida escurece.  
Tambem de Affonso o somno se partia ,  
Que o lugar à cuidados offerece ,  
Elle suspenso , leva o pensamento  
A' figura , às palavras , ao intento.

Partindo o coração de lanço , em lanço ,  
Assi se altera , assi se sobressalta ,  
Qual mar em calma sossegado , e manso ,  
Se o vento pica , empolla , e às nuves salta :  
Já não repousa , já não quer descanso ,  
Dando mil voltas chama com voz alta ,  
E com pressa , que à todos muito espanta ,  
Sem real apparato se levanta.

Mas como vê do caso o grave peso ,  
Para que Deos o escolhe , à que o destina ,  
Desta imaginação fogeito , e preso ,  
Se he falso sonho , se visão divina :  
Em zelo , e amor da Fee de todo acceso ,  
Que em generosos peitos mais se affina ,  
Para hum retrete escuso se recolhe ,  
Onde à vezes do Ceo mil gostos colhe.

E c'os olhos pregados na figura ,  
Que foi nova invenção de amor perfeito ,  
Taes palavras com lagrimas mistura ,  
Saidas de hum Christão devoto peito :  
Divina Image , quem sem vos procura  
Fazer por vos algum subido feito ,  
Errado vai , vos sois caminho , e norte ,  
Vos as obras traçais , vosso he o córte.

Desejos grandes , que se accendem n'alma  
De exalçar voffo nome , e voffa gloria ,  
Se não lhe fpira voffo vento , em calma  
Ficarão fem effeito , e fem memoria.  
Em vão fem vos se pertende honra , e palma ,  
Vossos são os despojos , e a victoria ,  
Que eu não fou mais , que spada desse braço ,  
Nada fem elle posso , nada faço.

Pois agora me inflammo em zelo novo  
Contra o Mouro infiel , para que abrande  
O brio armado contra voffo povo ,  
Dai-me favor igual à empreza grande :  
Com elle confiado as armas movo ,  
Sem elle por maior poder , que mande ,  
Exercitos de Xerxes , de Dario ,  
Tudo me servirá de mór desvio.

Callou , e logo dentro n'alma sente  
Hum grande movimento , que o anima ,  
Hum calor novo , hum fogo differente ,  
Que bem mostra ser fogo lá de cima.  
Dalli fae tão forte , e tão valente ,  
Que o Mundo todo tem em pouca estima ,  
Qual ferro frio , que com vento , e agoa ,  
Abrazado faio da ardente fragoa.

E como para o bellico aparelho ,  
Que se arma contra o perfido inimigo ,  
He necessario aver geral Conselho ,  
De acautellados Reis custume antigo.  
Que varios pareceres são espelho ,  
Onde o acerto se vee , onde o perigo  
Suas difficuldades representa ,  
Onde o maior ardid se experimenta.

## IO AFFONSO AFRICANO.

Os Varões já para isso deputados  
Manda juntar n'hum alta rica falla ,  
Onde por seus lugares ordenados ,  
Cada qual a seus tempos ouve , e falla.  
Mas Affonso c'os olhos levantados ,  
E com voz , que costuma fazer calla  
Em qualquer peito , assi começa , attentos  
Todos parão co' a vista , e c'os intentos.

Nobres Vassallos , esta dignidade  
A que vos com razão chamaes suprema ,  
Se hum razão , que se ame , persuade ,  
Muitas nos persuadem , que se tema.  
Que outro de grande Imperio , e Magestade  
Exclamou , ô mais nobre Diadema ,  
Que feliz ! teus descontos se alcançara  
Quem te ama , nem do chão te levantara.

Que taes são os cuidados , que combatem  
Hum tras outro , como onda tras outr' onda  
E n'hum Rei como em rocha viva batem ,  
Sem que , pois alto esta , delles se esconda.  
Que do Sceptro Real o lustre abatem ,  
Nem ha gloria , que igual lhes corresponda.  
E como Aves , que o ninho alheio infestão ,  
Os gostos dentro n'alma nos molestão.

Esles desvellão hum seguro sprito ,  
E fazem variar mil pensamentos ,  
Tira-lhe o somno o publico delito ,  
Despertam n'os communs merecimentos.  
Em meio deste pelago infinito  
Como batida Náo de varios ventos  
Hum Rei anda , que não foge o mar largo  
Dó governo , e se acolhe ao Ceo como Argo.

E se qualquer , que tem Sceptro , e Coroa ,  
 Nestes embates taes a vida passa ,  
 Hum proprio de meu Reino , e da pessoa  
 Com ponta aguda o peito me trespassa :  
 Que se da insigne , e celebre Lisboa ,  
 ( Alta mercê da mão jamais escassa )  
 O leme tenho , foi com pensão dada ,  
 Que inda paga não he , mas começada.

Devo à Deos pelo Reino , que governo ,  
 Sangue , e vidas de meus leaes vassallos ,  
 E por seu nome Sancto , e sempre eterno ,  
 Com me sacrificar , sacrificiallos.  
 Tributo asás antigo , e não moderno ,  
 Que não mudão do tempo os intervallos ,  
 A outro Affonso posto , e Rei primeiro ,  
 Que elle me trespassou c'o Reino inteiro.

Este districto , e natural terreno ,  
 Que ao nome Portugues em sorte coube ,  
 Tam estreito no sitio , e tam pequeno ,  
 Que dillatar com tanto esforço soube :  
 Teve roubado o perfido Agareno ,  
 Que não ha gloria , que à Christãos não roube,  
 Mas c'o sangue , que os nossos derramaram ,  
 Para Deos , que o perdera , o recobram.

O' Reino illustre , mais feliz , que todos ,  
 Que em Martyres de Christo estàs fundado ,  
 Despois , que por castigo dos Reis Godos ,  
 Foste por largo tempo sepultado :  
 Não vees as artes , os estranhos modos ,  
 Pelos quaes oje estàs resuscitado !  
 Rasgaram-se os primeiros Lusitanos ,  
 E dão-te vida , como Pelicanos.



## 12 AFFONSO AFRICANO.

Não foi herdado , mas ganhado Imperio  
 A Barbaros , que a Lei de Christo affrontão ,  
 E fo para seu damno , e vituperio ,  
 Campos na terra , Armadas no mar contão :  
 Estes , que agora estão n'outro Hemispherio  
 Encerrados por nós , se inda lá montão ,  
 Todos temos a culpa , que os deixamos ,  
 E com nosso descuido os ajudamos.

Não jaz seu mar do nosso tam remoto ,  
 Para que muitas Costas rodeemos ,  
 Nem tam pouco por nós aberto , e roto ,  
 Que tenhamos passallo à vela , e remos :  
 De sua celebrada arvore Loto ,  
 O doce fruto singular provemos ,  
 Que se de cá perdemos a lembrança ,  
 Pode ser , que lhes peze co' a mudança.

E já que tanta gloria nos resulta  
 ( Allem da obrigação ) desta conquista ,  
 Contra o Mouro infiel , que bravo insulta ,  
 Portugal todo com valor assista.  
 Sò quizera saber nesta consulta ,  
 Em que parage nossa Armada invista ,  
 Onde sem resistencia , o effeito seja ,  
 Semelhante à tenção de quem pelleja.

Isto diz , e parou como que escuta  
 Se alguém à seus intentos da resposta ,  
 Que a determinação já resoluta  
 Se não for approvada em fim desgosta.  
 Comfigo cada qual digna reputa  
 Aquella empreza , que por obra posta  
 Resultará n'hum celebre proveito ,  
 Universal do Ceo , do Mundo aceito.



E como a caula posta he tal , que atrae  
A todo coração , que gloria enleva ,  
Logo d'entre elles hum susurro fae ,  
Que em pareceres seus se cria , e ceva.  
Qual brando murmurar d'agua , que cae ,  
Que a corrente por entre pedras leva ,  
E à cada qual , que encontra se retira ,  
Como que torna àtràs donde caira.

Tras deste murmurar , que lhes dilata  
A resposta , que Affonso espera , e pede ,  
Hum Mello ancião , que as armas já não trata ,  
Mas em Conselho à todos longe excede :  
Levantando-se , a lingua assi desfata ,  
Que a longa idade de annos , não lhe impede ,  
Huma doce corrente , quando falla ,  
Com que de Nèstor a eloquencia igualla.

A larga idade de experiencia chêa ,  
Gastada em varios ceos de vario clima ,  
Por quantas partes oje o Sol rodêa ,  
A tomar este pezo , ò Rei , me anima :  
Que o vigor d'alma , á quem já mais refrêa  
A velhice , por mais que o corpo opprima ,  
Esse zelo , e valor tanto o provoca ,  
Que pelos olhos brota , e pela boca.

Que o Rei contente so c'ò nome altivo ,  
Que em delicias , e descanso a vida gasta ,  
A seu Reino he Tyranno mais esquivo ,  
Que o Tyranno sabido , que o contrasta :  
O exercicio de armas sempre vivo  
O molle ocio destrue , e o vicio afasta ,  
Que à descuidada paz sempre por terra  
Mais Monarchias poz , que a dura guerra.

Não

## 14 AFFONSO AFRICANO.

Não vedes , que caíu d'aquella altura ,  
 A que já não chegava humana vista  
 Roma ! como ficou livre , e segura ,  
 E não teve Carthago à quem resista !  
 A dura guerra he fragoa , onde se appura  
 O valor , quanto mais o imigo insista ,  
 E tanto que se perde este costume ,  
 Como ferro se gasta , e se consume.

Este sò bem que ouvesse era bastante ,  
 Para se perseguir a gente inica ,  
 Quanto mais , q̃ de Christo a Lei Triumphante  
 Deste modo se estende , e se amplifica.  
 A parte principal mais importante ,  
 Segundo per razões se verifica ,  
 Arzilla , ou Tanger , onde està clamando  
 Vingança a-voz do Sancto Dom Fernando.

D'aqui tereis a conjunção disposta ,  
 Para que em tempo breve abrais caminho ,  
 Com que fiquéis Senhor d'aquella Costa ,  
 E de todo contorno alli vizinho :  
 Esta esperança que tambem composta  
 Tenho em favor de meu paterno ninho ,  
 Eu fico , que crescerá , e sombra dera ,  
 Se vos lhe dais o arrimo , como à Hera.

Este discurso singular relata  
 Com tal fervor , que os animos suspende ,  
 E qual primeiro mobil , que arrebatá  
 Os Ceos , de cujo moto a terra pende :  
 E nenhum de seu curso disbarata  
 Aquella ordem primeira , à que se rende ,  
 Tal o velho eloquente os afeiçoa ,  
 Aquelle parecer , que tambem soa.

Banhado em ledo riso Affonso o rosto ,  
O coração pullando de alegria ,  
Encarecendo vai aquelle gosto ,  
Com palavras , à nobre companhia :  
E por que não confunda o presuposto  
A tardança , que todo bem desvia ,  
Despedem-se correios , como raios ,  
Que denuncião bellicos ensaios.

Por outra parte , de estrangeira manda ,  
E natural madeira , armar Navios ,  
Com que possa passar-se da outra banda ,  
A ver do Mouro infido os senhórios :  
Que antiga mata , e Sylva veneranda  
Das agudas bipennes foje os fios !  
Soa o bosque , c'ò golpe geme a planta ,  
Geme a terra c'ò pezo , que a quebranta. ]

Já no luco sombrio o Sol estranho  
Entra com raio livre , pela falta  
Que à sombra opaca já faz o Castanho ,  
Co' a coma descaída , e menos alta :  
Do ar vazio lugar deixa tainanho  
O robusto Carvalho , e sobressalta  
C'os braços detruncados a vizinha  
Arvore , que outros golpes adevinha.

Cae o fresco Ulmo da maior altura ,  
Nem tanto seu desastre geme , e chora ,  
Quanto sente o da vide , que pendura  
Nelle os cachos , que alli madura , e cora :  
Bem quizerá furtar-se à queda dura ,  
Para parte , que livre a vide fora ,  
Mas como della está todo abraçado ,  
Trilhar a chara amiga lhe he forçado.

Tam-

## 16 AFFONSO AFRICANO.

Tambem cae cortada a ombrosa faia ,  
 Em cujo tronco ao tempo do estio , e cio ,  
 A cornigera fronte o Touro enfaia ,  
 Para melhor sair ao desafio :  
 Ameaçando está para onde caia  
 C'os verdes ramos o Alamo sombrio ,  
 Tambem se algum descuido o ferro ordene ,  
 Chorão seu tronco as filhas de Clymene.

Cae a planta , que à Jove he consagrada ,  
 Conhecida no Mundo antigamente ,  
 Quando , todo manjar , que agora agrada ,  
 Em glande commutava aquella gente :  
 Cae tambem a planta , celebrada  
 Pelo famoso Achilles , eminente  
 No militar officio , cuja lança  
 Ser de freixo , alcançamos por lembrança.

Cae o Pinheiro , Symbulo da Morte ,  
 Que cortado , outra vês nunca arrebenta ,  
 E sente pesarosa aquelle corte  
 A Mãi dos Deoses , que esta planta augmenta :  
 Cae à partes tambem a Palma forte ,  
 Que triumpho , e victoria representa ,  
 E nunca se acovarda , ao pezo grande ,  
 Que para resistencia se arca , e brande.

Co' a ruina tambem tormento deste  
 Famoso Louro , dos Poetas gloria  
 A Daphne , que em teu tronco recebeste ,  
 De que Apollo se adorna por memoria :  
 A mesma pena funeral Cypreste  
 Causaste à Cyparisso , cuja Historia ,  
 Já esquecida , co' este mortal contraste ,  
 A seu querido amante renovaste.

Pelo ar se ouvem sentidas , e queixosas  
As Aves , renovadas de mil cores ,  
Humas , só pelos ninhós pesarosas ,  
Outras , por esperanças já maiores :  
Outras , já feitas Mães andão chorosas ,  
Vendo desbaratados seus penhores ,  
Sem que os ajude a pluma inda recente ,  
Sogeitos aos affaltos da Serpente.

E para que o successo , que pertende  
Caia melhor , com mais seguro effeito ,  
Em obrigar à Deos primeiro entende ,  
Com todo sacrificio delle aceito :  
Abrem-se os Templos Sanctos , onde rende  
Ao Ceo mil graças hum devoto peito ,  
E o penhor alto , que oje gosa a Terra ,  
Donde encerrado está , se desencerra.

Novo lume se accende nos altares ,  
Em final d'outro mais perfeito lume ,  
Vai frequentando a gente estes lugares ,  
Com maior devação , do que he costume :  
Com rogos , e plegarias rompe os ares ,  
Que de cá vão parar no Empyreo cume ,  
E como as vozes d'alma se arrancaram ,  
Os ouvidos divinos penetraram.

Poz Deos os olhos no fervor ardente  
De hum Christão zelo , em lagrimas desfeito ,  
E de ser Deos de tam devota gente ,  
Ficou comfigo alegre , e satisfeito.  
E por se lhe mostrar brando , e clemente ,  
E agradecer-lhe hum zelo tam perfeito ,  
Ao charo Antonio , deste Reino gloria ,  
Do gozo , que recebe , faz memoria.

Suave cheiro de alto sacrificio

Recebi do teu Reino , e Patria agora ,  
 Não de tostada rez , antigo officio ,  
 Mas d'almas , onde amor , e zelo mora ,  
 Lagrimas , e suspiros , claro indicio  
 De hum coração contrito , que me adora ,  
 Bem fundada tenção , e pio rogo ,  
 Ardem por sacrificio em sancto fogo.

Eu te asseguro Antonio , que este seja  
 O Povo meu , e que eu seu Deos me chame ,  
 Em quanto neste puro estado o veja ,  
 Que por mi se honre , e que por mi se affame ,  
 A empreza , que acabar tanto dezeja ,  
 Porà no fim , por mais que o Inferno brame ,  
 Que eu porei nelle os olhos , nisto orvalha  
 De nova graca , o Reino , que agasalha.

Quando no tenebroso Reino escuro ,  
 Habitação , e apposento eterno ,  
 De maior vida , e seculo futuro ,  
 Que não muda Veram , nem troca Inverno :  
 Deputado para huns , que em mal seguro ,  
 A vida acabão , sem pezar interno ,  
 Se ajuntão as Tartareas Potestades ,  
 Contra Affonso de unanimes vontades.

Jaz no centro do mais grave Elemento  
 Dos quatro , que influiram ser ao Mundo ,  
 Neste batido do furor do vento ,  
 E cercado das agoas do Profundo ,  
 Neste , que no seu proprio fundamento  
 Sustenta o pezo gravido rotundo ,  
 Huma cova profunda mais , que larga ,  
 Do alto mais dillatada , que da ilharga.

Lugar de penas , e tormento esquivo ,  
Onde jamais se vio contentamento ,  
Tudo he pranto , sem peito compassivo ,  
Que se doa do alheio sentimento.  
Não entra aqui jamais humano vivo ,  
Caza he sò de funesto enterramento ,  
Sò fez Aquelle escalla neste porto ,  
Que morrendo deu vida ao Mundo morto.

Aqui compete com a Morte a Vida ,  
Se o nome he vida , ou morte , não se sabe ,  
Se he vida o nome , como esta perdida ?  
Se he morte , quem lhe tolhe que se acabe ?  
Mas sei , que vida morta se appellida ,  
E morte viva he nome , que lhe cabe ,  
Que são de vida os horridos effeitos ,  
E são de morte os infernaes soggeitos.

Sò recebe castigo , e pena crua  
Neste lugar , huma alma miseranda ,  
Que dando redeas à vontade sua ,  
Sinalla o fim da vida em culpa infanda ,  
Que o corpo deixa à terra , que o possua ,  
Thè que o mover dos Ceos , q̃ em circulo anda  
Esteja quedo , e então seu corpo informe ,  
Para tambem na pena ser conforme.

Por todos os Sentidos corre , e cursa  
A pena igual à seus gosos maiores ,  
Visão horrenda aos olhos sempre occurra ,  
O gosto botão lividos sabores :  
Punge o Bicho a Razão , quando discursa  
Atroão-se os ouvidos com clamores ,  
Odor fetido intupe o leve olfato ,  
A palpa chamma o lascivo tato.

Que



Que monte de Cicilia , que vapora  
 Sulphureas ondas em fumoso rolo ,  
 Que Vesuvo de Italia , se algum hora  
 Nuvens de fogo exhala do alto collo !  
 Que incendios grandes , q̃ inda o Mundo agora  
 Celebra , vio na terra o claro Apollo !  
 Venha o de Phaethonte por lembrança ,  
 Que co' este incendio tenhamos semelhança.

He de tanto vigor o fogo horrendo ,  
 De tal braveza , e condição tam fera ,  
 Que pintado nos fica parecendo ,  
 O que arde em sua natural Esphera :  
 Desfe , que está perpetuamente ardendo ,  
 Que algum hora afracar jámais se espera ,  
 São ministros aquellas creaturas ,  
 Que caíram c'o pezo das alturas.

Ai vida cega em tanta culpa envolta ,  
 Por hum só gosto vão de tempo breve ,  
 Olha onde vas coitada , volta , volta ,  
 Antes que a liberdade a morte leve :  
 Destes laços subtiis essa alma solta ,  
 Que eu fico , que os descuidos te releve ,  
 Aquella piedade immensa , e summa ,  
 Que á todo tempo perdoar custuma.

Logo mais alto desta escura cova ,  
 Onde não chega fogo , pranto , ou choro ,  
 Outra morada jaz de gente nova ,  
 Que alli se ajunta em miserando coro.  
 Nestes não faz a pena mortal prova ,  
 Mas pagão de huma culpa antiga o foro ,  
 N'huma cumprida ausencia em noite eterna ,  
 Da vista do que a Terra , e o Ceo governa.

**Huns** dizem, que despois, que o Mundo enfermo,  
Render o ultimo arranco, e despidida,  
Sendo em cínzas por derradeiro termo  
Seu rico ornato, e gloria consumida:  
Neste deserto entaõ de vidas ermo,  
Haõ de vir à passar coitada vida,  
Sem mais gloria, e prazer, que o que tomarem  
Da vista destes campos, que habitarem.

**Estes**, são as crianças de recente  
Parto nascidas, por desdita sua,  
Que dos braços da Mãi, do peito quente,  
Por enveja roubou a morte crua:  
Ou já no ventre timido accidente,  
Ou delmaio da Mãi, que se affrigua,  
Os condemnou à desventura tanta,  
Antes de se banharem n'agoa Santa.

**Là** mais à cima desta casa triste,  
Outra està de tormento, e de esperança,  
Que dura em quanto o Mundo assi consiste,  
E com elle terá tambem mudança:  
Aqui fomento huma alma boa assiste,  
Que sem culpa mortal, ou sem lembrança  
Della, com verdadeiro sentimento  
Saio livre do terreo apposento.

**E** como desta culpa commetida  
Satisfação se deva, que igual seja,  
O que resta, da que tomou na vida,  
Aqui se purga, athè que pura esteja:  
Qual barra de ouro inda não bem polida,  
Para que seu valor claro se veja,  
Na fragoa ardente deixa toda escoria,  
E seus quilates mostra, e sua gloria.

Hum mesmo fogo as Almas atormenta ,  
 Mas com menos vigor este se inflamma ,  
 Que huma desesperação o outro aviventa ,  
 E deste , huma esperança abate a chamma :  
 Huma certa esperança , que as sustenta ,  
 E n'aquelles tormentos brada , e clama  
 Pela Gloria , que está já promettida ,  
 A pena , e dor lhes faz menos crescida.

Tambem lhes faltaõ temerosos medos  
 De visões , e figuras , que se ensaião  
 Com mil transformações , e mil enredos ,  
 C'os quaes as Almas miseras desmaião :  
 Antes aqui de Deos ministros ledos ,  
 Porque de todo com a dor não caião ,  
 Bem esperar n'aquelle estado as fazem ,  
 E mil consolações do Ceo lhes trazem.

Qual lhes pinta do Ceo a fermosura ,  
 Os prados frescos , que não murcha Estio ,  
 Os cristalinos Rios de agoa pura ,  
 Do ar a clemencia sem calor , nem frio :  
 Qual do manjar lhes diz , que sempre dura ,  
 Manjar , que abasta sem causar fastio ,  
 Que abastança faminta tem por nome ,  
 Por seus effeitos , e abastada fome.

Sofrei Almas ditosas vossa pena ,  
 Que hê justa , pois que foi a culpa injusta ,  
 E para tanta gloria , inda he pequena ,  
 Por mais que padeçais , pouco vos custa :  
 Amor , e não cruel odio a ordena ,  
 Que aquella Magestade recta , e justa ,  
 Ab eterno ordenou por Lei direita ,  
 Que não entre no Ceo cousa imperfeita.

Nesse pois mais profundo , e mais sombrio  
Lugar de penas , e de graves mortes ,  
Lá n'hum recanto de horrido desvio ,  
A hum poste atado com cadeas fortes :  
Agora ardendo em fogo , ora de frio  
Tremendo o falso Hamet , igual nas sortes  
Da pena , e do lugar áquelle ingrato ,  
Que o alto penhor do Ceo deu tam barato.

Bramando , como fera immite , e brava ,  
Naquelle odio de Deos sempre obstinado ,  
Do Christão zelo blasphemando estava .  
Que inda alli o inquieta este cuidado :  
E sabendo , que Affonso caminhava  
Contra Africa , gemeo de peito irado ,  
E com licença do Monarcha , horrendo ,  
Diante se apresenta assim dizendo.

Supremo Rey deste infernal Imperio ,  
Senhor de sombras , e de vãos espiritos ,  
Que os Monarchas aqui d'outro Hemispherio  
Ferrolhas em prisões de eternos gritos :  
Como soffres agora hum vituperio ,  
Que ficará , por annos infinitos ,  
Para deshonra tua , na memoria  
Dos que abater procuram tua gloria ?

Obrigaçãõ te cabe de amparares  
Sob teu favor essa Africana parte ,  
Pois seus habitantes singulares  
Trabalhão , no que podem , contentarte :  
Não ves como recebes á milhares  
Tributo de almas , que ella te reparte ?  
E com ser inda de teu Sceptro isenta ,  
Lá te celebra , e teu poder augmenta ?

Cedo cuberto o mar de Armada grossa  
Verás , em seu destroso conjurada ,  
Só para ver se destruirte possa  
Toda jurisdição , que tens ganhada :  
Não he a injuria d' Africa , mas nossa ,  
Pois ella á nossa conta está tomada ,  
Que se o imigo Christão quer offendella ,  
He por lantar teu nome fora della.

Dilatar pelo Mundo a Lei pretende ,  
Que nas almas deixou Aquelle escrita ,  
A cujo aceno só tudo se rende ,  
Contra quem tudo em vão se arma ; e milita.  
Aquelle , que do Ceo teu fogo accende ,  
E deste abisino as penas exercita ,  
E sem guardar decoro à tal nobreza ,  
Te abateo deste modo a natureza.

Puderas estar oje no celeste  
Apposento , gosando eterna Gloria ,  
A vista de mil bens , que conheceste ;  
Mas para que te avivo esta memoria ?  
Que he magoa renovarte o que perdeste ,  
Sendo a perda tam grande , e tam notoria ,  
Inda que será parte esta lembrança ,  
Que te mova a tomar delle vingança.

E pois he poderoso , e tudo treme  
De seu braço , dos seus , dos seus te vinga ,  
Isto te lembro ( aqui suspira , e geme )  
Para que minha Seita não se extinga :  
Que o grão , que semei , de quem se teme  
Como de maa zizania , cresce , e vinga ,  
Acude , qu' este imigo triumphante ,  
He praga em sementeira semelhante.

Aqui

Aqui Plutão , que já perdera o nome  
Que tinha de Lucifero , e feroso ,  
Co' aquella sede interna , e eterna fome ,  
Que d'almas tem no coração fogoso :  
Os dentes quebra , a lingua morde , e come ,  
Os olhos vibra com furor raivoso ,  
Os braços torse , o supercilio abate ,  
E co' os pés no soberbo folio bate.

E levantando logo a atróz carranca ,  
Soprando pelas ventas fogo , e vento ,  
Arroja huma grossissima alavanca ,  
( Sceptro ardente ) final de sentimento :  
Ella , que achou pelo ar passage franca ,  
Na Styge paludosa fez assento ,  
E revolvendo as agoas que soaram ,  
Os damnados ministros se ajuntaram.

E com voz temerosa , que desbrocha ,  
Do concavo do peito , que se affronta ,  
Como Touro passado da garrocha ,  
Que o corro côm bramidos amedronta :  
Ou qual sonoro ronco , que na rocha  
O mar furioso forma , onde confronta.  
Assi lhes diz com tom pesado , e horrêdo ,  
E elles de horror á vista estão tremendo.

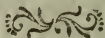
He possivel , que soffra hum levantado  
Pensamento , que tudo tem sogeito ,  
Que outro humano na terra seja ousado ,  
A lhe encontrar às claras seu direito !  
Que esteja meu Imperio , e summo Estado ,  
A ponto de se ver quasi desfeito ,  
Por hum Crucificado , e morto à dores ,  
Que acha tam valerosos defensores ?



Sus ministros fieis , executores  
 De minha furia , armai vossos enganos ,  
 De que sois tam subidos inventores ,  
 Tecei destrosos , mortes , e outros danos :  
 Vós sois os esforçados proteçtores  
 De minha honra, e meu ser contra os humanos,  
 Qual de vós com vontade está mais pronta ,  
 Que a nova empresa tome á sua conta ?

Todos em continente se offerecem ,  
 Que á todos igualmente o caso toca ,  
 Pela honra de seu Rei tanto estremecem ,  
 Todos fallão tambem por huma boca ;  
 Mas de quantos Demonios apparecem ,  
 C'o negocio á Megera só provoca ,  
 Em subtiis invenções engenho antigo ,  
 A quem na traça instrue do perigo.

Ella , que aceita a empresa contra vivos .  
 Por mais se inviperar em sanha nova ,  
 Nestes , da culpa Spiritos cativos ,  
 De castigos crueis faz dura prova.  
 Ferve o abismo em tormentos excessivos ,  
 Miseravel tragedia se renova.  
 Gemidos tristes , lastimoso pranto ,  
 Blasphemias se ouvem, ella embravece em tanto





# AFFONSO

## A F R I C A N O.

### C A N T O II.

**A** Via dado o Sol voltando a linha  
 Mil cursos de anno , e quatro vezes cento ,  
 Com mais septenta , e hum , e ardendo tinha  
 No meio do Leaõ , feito apposento :  
 Despois que a luz , que tarde ao Mundo vinha  
 Por dezejada , trouxe o nascimento  
 Do Infante , que deu fim à nossos dannos.  
 E principio feliz à novos annos.

Quando no Ulisseo porto o mar fervia  
 Com plantas mortas , que parecem vivas ,  
 C'o refluxo , e c'o fluxo , que crescia  
 Das ondas , ora humildes , ora altivas :  
 Dos conveses a gente , que partia  
 Suspiros dando às auras fugitivas ,  
 Do mais charo penhor , que lhe ficava ,  
 Por outro maior zelo se apartava.

Os instrumentos musicos firiram ,  
 Com som diverso os mais sublimes ares ,  
 E das Nereidas candidas se ouviram ,  
 Lá no profundo dos mais altos mares :  
 Mas as tristes amantes , que suspiram ,  
 Derramando mil lagrimas à pares ,  
 Outro som fazem magoado , e triste ,  
 Que mal à saudades se resiste.

Detem-te Alvaro illustre de Monsanto  
 Conde famoso, que esmorece aquella,  
 Que o Ceo te deu em Matrimonio santo,  
 Não sejas causa tú da morte della:  
 Não sei, que temor ha, não sei que espanto  
 A cobre, como nuve à clara Estrella,  
 Que ver-te desconfia, e tem por certo,  
 Que he deste mal o coração experto.

Quantas vezes trabalha consolar-se,  
 Tantas mais se entristece, e vê, que aperta  
 Alma dentro, como que quer cerrar-se  
 As razões, que ella por seu bem concerta:  
 Se aquietar-se quer, sente alterar-se,  
 Assi, que em tanto aperto estando incerta,  
 Deixa levar-se da maior corrente,  
 E no que mais vigor tiver, consente.

Como no mar Jonio o mestre experto,  
 Que o leme tem do Calabrès Navio,  
 Antigo n'arte, nas carreiras certo,  
 Se os Polos inclinou sobejo Orio:  
 Tomara dar co' a Nào em porto aberto,  
 Mas o cego temor, e desvario,  
 Que o governo lhe traz, e arte vencida,  
 Lha faz deixar à sorte offerecida.

Já c'os olhos n'Armada, que lhe foje,  
 Mil confusões na mente representa,  
 Na praia vendo està como se arroje  
 A Nào, que passa tão cruel, e isenta:  
 Mas quam pouco lhe dá, que ella se enoje,  
 Duro madeiro, então à nada attenta,  
 Mais que às agoas, porque he levado dellas,  
 Mais que ao vento, q' sopra, e lhe enche as vèllas.

Mas

Mas ella se arremessa impaciente ,  
E com ambas as mãos do leme aferra ,  
Já tem a Náo no meio da corrente ,  
Já triumphá do mar , do vento , e guerra :  
Já satisfeita está , já está contente ,  
Já procura trazella para a terra.  
Que Remora se vio na aguda quilha ,  
Que fizesse tam ardua maravilha !

Agora diz , ingrata Náo , agora  
De ti procurarei larga vingança ,  
A parte me levavas , onde mora  
O todo de minha alma , e da esperanza :  
Hum bem de tantos annos n'hum só hora ,  
Assi mo levas co' essa confiança ?  
Não temes , que te abraze , nada curas ?  
Mas ai , c'o bem que levas te asseguras.

Se estar parada soffres gravemente ,  
Se das outras o ledo curso envejas ,  
Esse penhor me solta livremente ,  
Livre te deixarei , como dezejas.  
Quando não , te farei com força urgente ,  
Que na Costa quebrada , e aberta sejas ,  
Mas ai , que ei de salvarte do perigo ,  
Pois periga meu bem junto contigo.

Ai , e não sejas à meu rogo furda ,  
Porque sabes , que se algum damno traço ,  
Não vou tam salva , que tambem não s'urda ,  
Contra esse bem , por cuja causa o faço.  
Mas doa-te meu mal , e não discorda  
Teu lenho minha voz , que se ameço  
Naufragios teus , são lanfos de hum amante  
Peito , que para nada está constante.

Nesta

Nesta imaginação toda embebida  
 Quando se julga já por triumphante,  
 Sem que aja cousa, que seu bem lhe impida,  
 Só magoas, e pezares vê diante:  
 Ai leve fantasia, e mal régida,  
 Louco devanear de hum triste amante,  
 Quanto finges, quanto armas tudo em vento,  
 E tudo em fim para maior tormento?

Nem deste temor frio se acha salva  
 De Dom João a charíssima consorte,  
 Digno Conde, e Senhor de Marialva,  
 Sem aver esperança, que a conforte:  
 Que ao romper triste da escuríssima Alva,  
 Em que lhe rouba o deshumano Norte,  
 O deposito rico de sua alma,  
 Seus prazeres deixando sempre em calma.

Em mesto sonho se lhe representa  
 Do reciproco amor a prenda chara,  
 Que della triste despedir se intenta,  
 Com pallido semblante, e côr amara:  
 Os braços seus abertos lhe appresenta,  
 De querer abraçalla mostra clara,  
 E tornão-lhe à cair desfallecidos,  
 Como que d'algun mal estão sentidos.

Dizendo com voz fraca, e amortecida,  
 Recebei estes ultimos abraços,  
 Por esta derradeira despedida,  
 E levantai-me, que eu não posso, os braços:  
 Gofai por este pouco minha vida,  
 Pois que tam curtos foram seus espaços,  
 Vou, mas não tornarei, e c'hum trespasso  
 Nòs braços lhe caio languido, e lasso.

Do somno , e triste sonho a triste acorda ,  
Mil voltas dá , e corre todo leito ,  
No meio apalpa , n'húa , e n'outra borda ,  
Não acha de sua alma o doce objecto :  
O ser partido co' a visão concorda ,  
E posta n'um estremo tam estreito ,  
Socorre-se à hum papel , e assi escrevia ,  
Mas o vento lhe leva o que dizia.

Estas regras afflicta vos escrevo  
Conde amado , porque com ponta aguda  
Me stimulou amor , com que me atrevo ,  
A desatar desta arte a lingua muda :  
Quisera persuadirvos , o que devo  
Ao que vos quero , e vejo , que me ajuda  
A condemnar a petição mesquinha ,  
Vosso nome ganhado á custa minha.

Ai se pudesseis ! mas não sei que digo ,  
Se pudesseis deixar esta jornada ,  
Que não sei , que pezar sinto commigo ,  
Que difficulta affás vossa tornada.  
Será pejo de amor , que traz comfigo ,  
Porem traz-me in quieta , e perturbada .  
E temo vir-me o mal , que me adevinha ,  
Só , porque sois bom Conde , cousa minha.

Sonhava nesta madrugada esquivá ,  
Que via vossa natural figura ,  
Co' a cor quasi mudada , e menos viva ,  
Como quem perto está da sepultura :  
Dizeis , que o sonho he sombra fugitiva ,  
Só verdadeiro em quanto a image dura ,  
Mas inda , que por falso se publique ,  
Fazei Senhor com que mais falso fique.

Bem me lembra , que ouvi , que a noite escura ,  
 Que foi à Julio Cezar derradeira ,  
 Sonhou Calphurnia triste a desventura ,  
 Que o dia lhe mostrou ser verdadeira .  
 E suadillo com lagrimas procura ,  
 Que sair ao Senado então não queira ,  
 Que inda , que o rogo fosse desvario ,  
 Erro era desprezar rogo tam pio .

Nem este , que me forsa hum desatino  
 Amoroso , que mais do que diz , callo ,  
 Vos faça imaginar o que imagino ,  
 Que não ha para que vos faça aballo :  
 Mas ai que tal me vejo , que me fino ,  
 Em meio do que escrevo , escorjo , e stallo ,  
 Será possível verdes-me primeiro ?  
 Que vai , Senhor , em serdes derradeiro . ?

Tam apressado estais para deixarme ,  
 Que antecipais o tempo á minha gloria ?  
 Por hum pouco pudereis enganarme ,  
 Não temais , que sem vós se aja a victoria :  
 Quereis honra ganhar ? podeis ganharme  
 Primeiro , não queirais que esta memoria ,  
 Que vos fiz de meu mal , me fique em pena ,  
 Que me condena à mi , e à vos condena .

A mi , porque tam pouco acabar pude ,  
 A vós , porque tam pouco por mi destes ,  
 E se não ha piedade , que vos mude ,  
 E tendes a vontade ao partir prestes :  
 Permitti , que de hum só gosto me ajude ,  
 Direi , que este só gosto me fezeistes ,  
 Mas ai , que temo meu destino , e forte  
 Sois Dom Joaõ , Coutinho , Conde , e forte .  
 Não

Não sejais o primeiro , que na praia  
Mostreis , ou nos affaltos valentia ,  
Que de Prothesilao a sorte caia ,  
Em vós , e a sorte em mi de Laodomia :  
Mas já o alento falta , e a mão desfmaia ,  
Que atalha o que dizer-vos mais queria ,  
Mas julgai de quem teme , e desespéra ,  
Quanto diria mais , se mais pudera.

Firmou , e pela pressa com que estava ,  
Por ver se inda ir à tempo a carta possa ,  
Da firma descuidou , que sempre usava ,  
E pondo o nome , lhe faltou o vossa :  
Mas que monta , que ao tempo , que chegava  
O nuncio , já no mar a Armada grossa  
Se engolfava , e das Náos apparecia  
Só de longe hum sombra que se via.

Sentio lá no profundo , e vitreo estrado ,  
Onde com Thetys passa alegre festa  
Oceano , este aballo desusado  
Da fabricada subita floresta.  
E com tal novidade perturbado ,  
Deixa de parte o rigozijo , e festa ,  
E por Tritão os Déoses convocando ,  
As agoas para cima foi cortando.

Nerco Pai das Nimphas , mais ligeiro  
Do que a comprida idade consentia ,  
( Se o tempo entra no mar ) foi o primeiro ,  
Que os passos d'Oceano alli seguia :  
Ao lado esquerdo Glauco he companheiro ,  
Pelo direito Protheo apparecia ,  
Protheo , que os Neptuninos aconselha ,  
Huma com outra Thetys emparelha.

En-



Entre todas a bella Cymnoria  
 Corre velòz co' a linda Cimothôe ,  
 Logo tras ella a candida Amathia ,  
 Com Dinamêne , Apseudis , e Amphitôe :  
 Cymodoce , Dexamene , Oritia ,  
 Amphinome , Melite , Glauce , Thôe ,  
 Galatêa fermosa por estremo ,  
 E Leucothôe vem c'o seu Palemo.

Já se mostra Pherusa , e avante passa  
 Climêne , porque já perto a sentira ,  
 Descobre-se Nisêa , e Callianassa ,  
 Spio , Aêtêe , Nimêtris , e Janira :  
 De mais longe vem Dôris , e Janassa ,  
 A quem acompanhou Callianira ,  
 Thalia , Panopêa , Jêra , Proto ,  
 Æthêra ; Agâve , Idothoa , Mêra , Dôto ;

Em calma neste tempo o mar estava ,  
 E como Rio manso parecia ,  
 O vento em seu descanso repousava ,  
 Nenhuma taboa concava surdia :  
 Oceano , que a Frota divisava ,  
 De Lusitanos ser reconhecia ,  
 E por se lhes mostrar ledo , e contente ,  
 Co' esta voz faz attenta a humida gente.

O' bellissimas Nimphas , ó marinhos  
 Habitadores do cristal salgado ,  
 A esta Armada agora abri caminhos ,  
 Que em calma a tem o vento sossegado :  
 He justo festejemos taes vizinhos ,  
 Que tanto tem meu nome acreditado ,  
 Por elles sou famoso , e todo humano  
 A grandeza celebra do Oceano.

Cesse já do Erithreo a gloria antiga ,  
E seus tropheos magnificos suspenda ,  
Nem do Pontico mar louvor se diga ,  
Que meu direito , e preeminencia offenda.  
Outras crescentes , outros Estos siga  
Esse Mediterraneo , se pretenda  
Iguallar-se cominigo , enfree o brio  
O Mauritano , o Caspio , o Euxino frio.

Nenhum ceruleo Reino se navega ,  
De gente em paz , e em guerra tam famosa ,  
Nenhum com tal corrente cerca , e rega ,  
Costa em viagens tam maravilhosa :  
Nenhum seus braços tam ufano entrega  
A Cidade tam nobre , e populosa ,  
Que se Ulisses lhe deu o fundamento ,  
He já gloria de Ulisses , e ornamento.

Isto dizendo os braços vai lansando  
Com seu compaço igual , pela agoa fria ,  
E a Nao Real c'os hombros inclinando ,  
Escumas levantava , e dividia :  
Logo vai cada qual outra afferrando ,  
Por não ficar de trás sem companhia ,  
O curso era tam destro , e diligente ,  
Que hiaõ furdindo todos igualmente.

O Navio do Principe tirava ,  
Com graça estranha a linda Galatea ,  
Que por descuido a vezes se mostrava  
Mais alva , que o cristal da propria vea ;  
Os olhos apos si todos levava ,  
E corações trás elles senhorea ,  
Quantos a culpão de ligeira , e leve ,  
Pois tal vista lhes faz assi mais breve.

Bernardo , gentil moço , apaixonado  
 Dos achaques que Amor grangea , e cria ,  
 De aquelle doce obgeito penhorado ,  
 Que ser de Galatea conhecia :  
 Hum pouco sobre a popa debruçado ,  
 Por gosar de mais perto o bem que via ,  
 De seu passado amor , morta esperança ;  
 Por lhe lembrar amor lhe fez lembrança.

Como he certo , lhe diz , ó Nimpha bella ,  
 Que a vista nos furtais pela agoa clara ,  
 Que muito liberal serieis della ,  
 Se Acis daqui vos viva , e vos fallara :  
 Mas ninguem mereceo ter sua Estrella ,  
 Que se não fora tal inda durara ,  
 Mas isso já passou , nem vos offenda ,  
 Se agora em vosso amor outrem se accenda.

E se de minha voz tendes receio ,  
 Porque andais do Gigante inda affombrada ,  
 Olhai-me bella , que não sou tam feio ,  
 Que meu gesto vos torne perturbada :  
 Nem quero gosto meu com damno alheio ,  
 Que se outrem vos contenta , e vos agrada ,  
 Não sou tam cruel , não , que volo enveja ,  
 Só permitti vos ame , e vos dezeje.

De musicas Sereas nisto soa  
 Hum coro , que diante as Náos seguia ,  
 A todos logo as almas affeiçoa  
 Com deleitosa , e doce melodia ,  
 Deixa a popa Bernardo , e busca a proa ,  
 Que mais se paga das Canções , que ouvia ,  
 Que a musica suspende o pensamento ,  
 A belleza distrahe , e dà tormento.

Louvores são do Reino Lusitano,  
Os que o Coro celebra, e alegre canta,  
Como de seus principios o Romano  
Imperio, c'o feroz Viriato espanta:  
Como no Rio Tejo o Mauritano,  
E despois no Salado, em fim quebranta,  
Quando as velas com vento esperto incharam  
E as Nymphas, e Sereas se apartaram.

Conta-me agora ó Musa, em quanto abrindo  
Affonso vai o liquido Elemento,  
Que desvios se vão contra elle urdindo,  
Que possão perturbarlhe o santo intento:  
Que tempestades o ar vão confundindo,  
Quem move os ares, quem conjura o vento,  
E que magico Sprito engenhos usa,  
Que Archimèdes não forma em Syracusa.

N'hum monte cavernoso, que alça o collo  
De Arzilla pouco transito distante,  
N'huma alta cova onde não chega Apollo,  
Por mais que avive o raio rutilante:  
Em clausura vivia o Mago Eudollo  
Antigo successor do velho Athlante  
De maravilhas cheio, que alcançara  
Parte por arte sua, e parte herdara.

Este era n'arte igual ao Grego raro,  
Que previo o destroso dos Troianos  
Das aves, que roubou do ninho claro  
O Dragaõ fero, computando os annos:  
Nem era nos augurios menos claro,  
Que o que na guerra dos Irmãos Thebanos,  
Abrindose-lhe a terra, co' a ruina,  
O Reino amedrentou de Proserpina.

Iste

Este das azas do plumoso bando ,  
 Ou corteem leves o ar , ou trepidantes ,  
 Varios successos vai conjecturando ,  
 Que a Mauritania prognostica instantes :  
 Este com olho attento está notando  
 As entranhas das reses palpitantes ,  
 Como , que o que Deos tem determinado ,  
 N'hum animal esteja figurado.

Este observa as Estrellas radiantes ,  
 No mais alto silencio , e mais profundo ,  
 Notando os movimentos das errantes ,  
 E das fixas o scintillar jocundo :  
 Dos Signos , dos Planetas tam distantes ,  
 ( Que tanto podem no pequeno Mundo )  
 Virtudes , e secretas qualidades ,  
 Que inclinar podem , não forsar vontades.

Este das pedras candidas , e bellas ,  
 A propriedade , e natureza alcança ,  
 E desvellado em conjunções de Estrellas ,  
 A cujos nascimentos conta lança.  
 Figuras espantosas abre nellas ,  
 Com que as sombras do lago Averno amansa ,  
 Qual em Berillo , qual em Calcedonio ,  
 Qual em Saphyro está , qual em Sardonio.

Qual se mostra em purissimo Adamante ,  
 Per arte aberto , e não por natureza ,  
 Que este resiste ao golpe mais possante ;  
 E só comsigo lavra esta dureza :  
 O mais prezado d'elle , e mais prestante ,  
 O Indico he , mas de menor grandeza ,  
 O ferro a pedra de cevar desvia ,  
 E o nautico instrumento ao Norte guia.

Qual

Qual em verde Elímeralda transparente ,  
Que produz mais prezada a Scythia fria ,  
Esta virginaes quebras não consente ,  
E mostra a dôr na quebra da valia :  
Mui celebrada foi por excellente ,  
E grande aquellas na qual Nero via  
Os Theatros melhor representados ,  
Do que se fossem delle proprio olhados.

Qual na fermosa Acate , que se arrea  
De varias cores , em Sicilia achada  
Do celebrado Alpheo na branca area ,  
Depois na India , no Egypto , em Persia amada ,  
Nesta co' as linhas de huma , e de outra vea ,  
Ora se vee huma arvore estampada ,  
Ora outras flores , ora huma coroa ,  
Qual na de Pyrrho a fama nos pregoa.

Qual vive no Carbunculo encendido ,  
Que o Troglodito d'Africa acha , e goza ,  
Cujo vigor não he d'outro offendido ,  
Mas c'o seu toda pedra está fermosa.  
No macho , como mais ennobrecido ,  
Scyntilla alguma Estrella luminosa ,  
Alguns querem dizer , que o verdadeiro ,  
Na frente de Animal se achou primeiro.

Qual em Topazio , que a cor verde inclina  
A cerulea do mar , splendente , e nobre ,  
Que primeiro por gente peregrina  
Em Chyte Ilha de Arabia se descobre :  
Ou n'outra , que c'o mar roxo confina  
Longe achada da praia , o nobre cobre ,  
Lançado n'agoa , quando mais ardente ,  
Tepida , e fria a torna em continente.



Qual figura se vee na Dragonita  
 Lucida negra , achada no Oriente ,  
 Do Dragaõ , que a produz na fronte dita ,  
 Que com cautella alcança aquella gente :  
 Herva de confeição , que o sono incita ,  
 Lhe poem na cova , estando a fera auiente ,  
 E como entrando nella se adormeça ,  
 Segura deixa aos golpes a cabeça.

Qual na pedra Cristal de extrema alvura ,  
 Dos Alpes de Ethyopia acreditada ,  
 A , que muitos chamaram neve pura ,  
 Alli por largos annos congellada :  
 Mas outros a diceram pedra dura ,  
 Com muita parte aquosa conformada ,  
 Por na parte se ver do meio dia ,  
 Onde jamais caira neve fria.

Qual na verde Elytropo , ou Elytropia ,  
 A' fermosa Esmeralda parecida ,  
 Vista em Africa , em Cyprio , em Ethyopia ,  
 De sanguinosas gotas esparcida :  
 Esta untada c'o succo da herua propria  
 De seu nome , do Sol n'agoa ferida ,  
 Vermelha torna , elle de cor sanguina ,  
 Como que eclipsa a face alabastrina.

Nestas , e n'outras pedras transparentes  
 Mostrava Eudollo sua sciencia , e arte ,  
 E segundo os effeitos differentes ,  
 Assi dellas se ajuda , assi as reparte :  
 E vendo pelos varios accidentes  
 Do tempo , e rostros de Saturno , e Marte ,  
 E pelas tradições de Athlante herdadas ,  
 E figuras , que alli deixou pintadas.



Que algum grave infortunio se aparelha  
A Mauritania per occulto caso ,  
Aproveitarle quer da usança velha ,  
( Para ver se vem perto , ou tarda o praso )  
Das sombras tristes com que se aconselha :  
E para isso tirou de hum eneo vaso ,  
Hum lucido Diadoco , onde tinha  
Figura aberta , que á tenção convinha.

Hum homem , tem na esquerda huma Serpente ,  
E hum pequeno dinheiro na direita ,  
De alta statura , e o Sol resplandescente  
Por cima da cabeça os raios deita :  
C'os pées calca hum Leão feroz , e ardente ,  
Em plumbeo anel a pedra o Mago affeita ,  
E debaixo da pedra fez emprego  
De hum pouco de Artemisia , e feno Grego.

Já nos braços de Thetys repousava  
O flamivomo Pai de Phaetonte ,  
E a bella Irmaã por elle alumeava  
O mais sombrio valle , e erguido monte :  
Mas c'hum resplendor triste , que mostrava  
Por entre hum negro veo , que tem defronte ,  
Que parte ferrugineo apparecia ,  
Parte à vezes de todo se encobria.

Noite , custodia de qualquer segredo ,  
Para qualquer encanto aparelhada.  
Caminha o Mago sem temor , e medo ,  
Que aquelle horror pesado mais lhe agrada :  
O poderoso anel leva no dedo ,  
E por huma carreira desviada  
A' hum valle desce , d'arvores sombrio ,  
Por onde caminhava hum triste rio.

## 42 AFFONSO AFRICANO.

E primeiro da noite as reverentes  
 Trevas, com voz humilde saudando,  
 Noite alta, diz, que aos animaes, e gentes  
 Repouso das, e refrigerio brando:  
 Suspendendo o pezar aos descontentes,  
 O prazer aos alegres conservando,  
 Pois lhe impedes caminho a nova pena,  
 Que facilmente o dia traz, e ordena.

Noite, que o cháos horrído, e confuso  
 Naquelle cego horror por filha cria,  
 Primeiro, que este globo tam diffuso  
 Mânifestasse o resplendor do dia:  
 Chamaõ-te sombra triste, e manto escuso,  
 Pois se encobre contigo, e se desvia  
 O mundo, e fealdade da luz pura,  
 Sendo tu graça sua, por escura.

Que a sombra do fresquíssimo arvoredó,  
 Que o terreno florido, e verde cobre,  
 Sempre o torna mais deleitoso, e ledó,  
 Que quando ao Sol sem toldo se descobre.  
 Noite demonstradora do legredo  
 Das Estrellas, que a luz avara encobre,  
 Belleza, e fermosura extraordinaria,  
 Do Ceo, quando arde em tanta luminaria.

Sè-me benigna neste temerario  
 Feito, se te mereço beneficio,  
 Hum grande favor teu me he necessario,  
 Augurio algum me da fausto, e propicio;  
 Que eu te fico que pelo curso vario  
 Do tempo, negra rez em sacrificio  
 Te dê, cujo intestino coma logo,  
 Com novo leite borrifado fogo.

E callando co' à vista à parte , donde  
 Tremulo vem o raio da triforme  
 Deosa , que ora apparece , ora s'esconde ,  
 Ora se mostra bella , ora deforme :  
 Com reverencia externa , que responde  
 A d'alma , que elle sempre traz conforme  
 Nestas superstições , onde não falha ,  
 Dest'arte rogo humilde ao ar espalha.

O' clara Deosa , assi no Reino fundo ,  
 Onde estás venerada por Senhora ,  
 Sempre vejas Plutão ledó , e jocundo ,  
 Qual o viste no monte a primeir'hora :  
 Assi , quando enfadada o nosso mundo  
 Pisas , na caça sejas vencedora ,  
 Nem Javali furioso te relista ,  
 Nem Cervo algum já mais percas da vista.

Assi , quando no Ceo bella , e composta  
 Affinando a belleza , com que accendes  
 O moço Endymião , aches disposta  
 Conjuncção de gosar o que pretendes :  
 Assi nunca de enveja a terra opposta  
 Te eclipse a fermosura que defendes ,  
 Que novas artes , novo engenho inspire ,  
 E benevola à meu intento aspire.

E posto sobre a ripa alli pendente ,  
 Qs olhos n'agoa , cujo tom se ouvia  
 Correr tam carregada , e tristemente ,  
 Que outra cousa , e não agoa parecia :  
 Que a profundeza grande da corrente  
 O murmurar de modo confundia ,  
 Que claramente não se divisava ,  
 De que era aquelle tom , que alli soava.

Affli soltou a voz de lá do sprito  
 Que aballou o circuito em redondo ,  
 Eternos moradores de Cocyto ,  
 Lugar de espanto , e temeroso estrondo :  
 Se bem vossos mandados exercito ,  
 Vossa vontade à todas antepondo ,  
 Se tenho a minha à todo mal disposta ,  
 Ouvi-me agora , e dai-me aqui resposta.

Ex que subito os ares perturbados  
 C'hũa sombra medonha carregaram ,  
 E com rumor horrendo trastornados  
 Os ramos huns com outros s'encontraram :  
 Cresce o furor , e muitos são quebrados ,  
 Outros c'os mesmos troncos se arrancaram ,  
 O Rio se alterou , e cresceo tanto ,  
 Que a novidade às ripas faz espanto.

E nisto sobre as agoas apparece  
 Hum monstro horrendo de mortal figura ,  
 Que inda , que alguma forma ter parece ,  
 Nem parece animal , nem creatura :  
 De cem Cerastras a guirnalda tece ,  
 Por remate de estranha fermosura ,  
 Turba menor de huma cabeça enorme ,  
 Ornato em tudo igual ao mais conforme.

A ferrea luz dos olhos , que se encovão  
 N'hum centro obscuro , sobe a cima tarde ,  
 As mãos de insignias tristes se renovão ,  
 Qual de Hydro , qual com fogo rogal arde :  
 A boca de odor fero , onde desovão  
 As pestes , de que o Mundo se resguarde ,  
 Infirmidades , fome , sede , e morte ,  
 Rompendo a voz pesada desta sorte.

Eu sou a triste , e desleal Megera ,  
Universal castigo dos humanos ,  
De seu doce repouso Harpia fera ,  
Perturbadora dos melhores annos :  
No Mundo todo mal por mi se gera ,  
Eu sou causa de mortes , e de danos ,  
Fnganos traço , mil discordias rejo ,  
Toda gloria do Ceo turbada envejo.

Não venho aqui de teu poder forçada ,  
Por virtude de teus encantamentos ,  
Antes do Rei Tartareo sou mandada ,  
Para te descobrir seus pensamentos :  
Que sabe , que sem ti não pode nada ,  
Pois dàs melhor effeito à seus intentos ,  
Que mais acaba hum só ministro experto ,  
Que todo Inferno para mal aberto.

O que me queres preguntar te digo ,  
E da parte de Pluto te amoesto ,  
Arma-se contra nós hum grande imigo ,  
Que só pretende nosso fim supesto.  
He geral de toda Africa o perigo ,  
E se lhe não resiste , aqui protesto ,  
Que se apparelha a lei que adora , e segue ,  
Quebra total por este , que a persegue.

Não vem buscar metal fino , e luzente ,  
Nem das riquezas segue a vil cubiça ,  
Mas hum desejo fervido , e ardente ,  
De credito immortal , o accende , e atiza :  
A gloria de hum Propheta , à que esta gente  
( Julgando outra por vã , falsa , e postiza )  
Attribue celeste divindade ,  
Pertende consagrar à Eternidade.

Por

Por tanto Eudollo mal tamanho atalha ,  
 Por não vir ao mortal , que se adevinha ,  
 Em quanto pela terra não se espalha ,  
 E pelo bravo mar inda caminha :  
 Impedir-lhe a passage alli trabalha ,  
 Com teus encantos magicos azinha ,  
 Que quem não cura no principio a chaga ,  
 A tardança despois co' a morte paga.

E porque co' esta gente semelhante ,  
 Terão poder dous sóos impedimentos ,  
 Poem lhe grandes contrastes por davante  
 De bravos mares , e de soltos ventos :  
 E , quando inda contra isto for constante ,  
 Sabe fingir-lhe alguns contentamentos ,  
 Que eu te fico , que aquella , ou esta forsa ,  
 Lhe faça , que o caminho deixe , e torça.

E porque nada teu intento acanhe ,  
 E saias bem com quanto pretendes ,  
 Aqui me tens , para que te acompanhe ,  
 Que trago de Plutão grandes poderes:  
 Primeiro , que este inimigo o ferro banhe  
 Em teus Alumnos , parem seus prazeres  
 Fantasiados n'hum desgosto puro ,  
 Para exemplo , e memoria do futuro :

Dice , e como se as agoas da lagoa  
 Styge bebera , assi se affanha o Mago ,  
 Subindo n'hum nuve obscura voa  
 Dando por feito o imaginado estrago ;  
 Trás elle strepidando a furia soa ,  
 Que o quer acompanhar n'aquelle trago ,  
 E forjando comfigo mil enganços ,  
 Aquella noite gasta em tecer danos.

A noite , antes que o Sol o raio estenda ,  
E seus enlaços horridos descubra ,  
Que para que o trabalho a salvo emprenda ,  
A negra noite busca , que lho encubra :  
Quem há que se no mal tempo dispenda ,  
Lhe não busque remedio com que o cubra  
Mas com lhe parecer medonho , e feio ,  
O segue como bello , e sem receio ?

Pelas escuras nuves já rompendo  
A bella Aurora vinha , dando à terra  
A desejada luz , e desfazendo  
O carregado horror , que a noite encerra :  
Hião-se as cousas pouco à pouco vendo ,  
O mar menos medonho , o valle , a serra ,  
Despois de quatro Auroras , quando entrada  
Abria pelo Estreito a Frota armada.

Como de somno grave despertando  
Affonso , para o longe a vista estende ,  
N'humas sombras escuras , e altas dando ,  
Que ser vizinha terra logo entende :  
E quanto mais se vai nisto affirmando ,  
Para reconhecer o que pretende ,  
Das Columnas a dentro acha que estava ,  
Que Alcides por memoria levantava.

Alcacere Ceguer dalli divisa  
A seu valor rendida , sempre inteiro ,  
Os altos muros logo , onde aballisa  
Seu sprito singular Dom João primeiro :  
A todos com voz alta logo avisa ,  
Todos saem , nenhum ser derradeiro  
Sofre , que pelo risco em que se viram  
Saudades sem conto descobriam.



Não se fartão de ver os montes altos ,  
 Que de mais graça então lhes parecião ,  
 Como que de vigor , e animo faltos  
 De hum a larga viage então saião :  
 Porem hum a hora sò de sobressaltos  
 Dos mares , e dos ventos , que affovião ,  
 Quebranta mais do porto a esperança ,  
 Que jornadas compridas em bonança.

Affonso que pretende confirmallos  
 No proposito sancto , que levavão ,  
 Indá que á força de infernaes aballos ,  
 De o perderem tam proximo , e achavão :  
 Que o grande zelo de leaes Vassallos  
 Os horridos perigos o atalhavão ,  
 Assi diz vendo exemplo semelhante  
 Nesta empreza do Avò , que tem diante.

O' companheiros meus , que estreitamente  
 Nos trabalhos achei sempre commigo ,  
 Affombre-se com elles outra gente ,  
 Que não serve á quem salva do perigo :  
 Mas nós , que hum Deos seguimos eminente  
 Sobre tudo , o que traça o humano imigo ,  
 Confiança , e grande animo tenhamos ,  
 Nem do primeiro intento desistamos.

Ponde os olhos em Seyta , que assaltada  
 Foi pelos troncos , donde procedemos ,  
 Quantos encontros houve á ser entrada ,  
 Quantas difficuldades recebemos :  
 Em que parte do Mundo divulgada ,  
 Não foi a grande peste , e seus estremos ,  
 Primeiro encontro á prosseguida empreza ,  
 Que inda lembrada aballa a natureza !

Ai quantos ais n'hum só suspiro envoltos ,  
Que d'alma saem , vão pelo ar rompendo ,  
Que na mais alta região resoltos ,  
Vão juntamente as vidas resolvendo :  
Como de exalações ardores soltos ,  
Ou de errantes Estrellas discorrendo ,  
Que no ponto , que acabão , não deixaram  
Sinal , donde primeiro se inflammaram.

Neste tempo João , que determina  
Contrastar contra males desusados ,  
Que quando o coração c'o pezo inclina ,  
Tem spiritos então mais levantados :  
Quer entregar à furia Neptunina ,  
Antes as vidas de Varões provados ,  
Que vellos ir perdendo a luz escassa  
C'hum a setta invisivel , que os trespassa.

Mas não falta , quem tal dezenho corte ,  
Com razões bastantissimas , que obrigo ,  
Dizendo , que he melhor no Reino a morte ,  
Pois lá Christãos nos corpos se castigão :  
Mas que à vista do Mouro , de tal sorte ,  
O mesmo Christo , e seus Fieis perigão ,  
Ficando sua gloria em menos conta ,  
Entre quem do successo as cousas monta.

Nisto do contagioso mal passada ,  
Sogeita à morte a celebre Rainha ,  
Do trabalhado Reino foi chorada ,  
E mais do Rei , que tanto amor lhe tinha :  
Quem não dicera agora , que encontrada  
A sancta pretensão do Ceo lhe vinha ,  
E para o divertir della lhe ordena  
Tam subitas razões de nojo e pena.

Mas

Mas elle anteferindo à todas ellas

A dor , que n'alma traz de longe escrita  
Nascida das affrontas , e cautellas ,  
Que contra Christo o Barbaro exercita :  
Manda estender ao vento logo as velas ,  
E com palavras animos incita ,  
De successo melhor desconfiados ,  
E com taes infortunios quebrantados.

Mas o Ceo , que nas pressas favorece ,

E caidos espiritos anima ,  
Por nova , que por certa se conhece ,  
Faz a jornada de maior estima :  
A hum Varão sancto em sonhos apparece  
A Virgem , que à João esforce , e anima ,  
E hum espada gentil em Dom lhe mostra ,  
Elle a recebe ufano , e aos pees se prostra.

Já com tempo sereno , e fazoado

As velas infunadas affombravão  
As praias deste Porto celebrado ,  
E os defensores d'elle se alteravão :  
Entre todos hum improbo cuidado  
Fervia , que huns saltar determinavão  
Na terra inimiga , e as vidas aventurão ,  
Outros o passo defender procurão.

Ex quando de improviso se levanta

Tam horrida , e desfeita tempestade ,  
Que esperanças forjadas lhes quebranta  
Do mar a desigual ferocidade :  
Há nos que em terra estão confusão tanta ,  
Que se recolhem com difficuldade ,  
Amarras cortão , dando a popa ao vento ,  
E à caso vão buscando salvamento.

Em

Em diversas colheitas se ampararam ,  
Que a ventura primeiro offerecia ,  
E então de todo alli desconfiaram  
De tam mal acertada , evãa profia :  
Todos ao forte Rei difficultaram  
Bens de outro , co' a desgraça deste dia ,  
Mas elle , como està sempre mais alto  
Que os males , não lhe chega sobrefalto.

E tanto que aplacou do vento irado  
A soberba , e desfez o Norte os ares ,  
Torna outra vez com animo inflâmado  
A cortar para Seyta os mesmos mares :  
Succede-lhes o fim tam dezejado ,  
Que de tantos temores , e pezares  
Livra Hespanha , à quem foi com tanto estrago  
Mais emula , que à Roma foi Carthago.

Co' este successo singular respira  
A Christandade , hum Porto à João fogeito ,  
Donde por tantas vezes já faira  
O Barbaro , que a poz em tanto estreito :  
Reino que à seu serviço sempre aspira ,  
He justo , que à Deos seja sempre aceito ,  
Para elle se guardou por tanta idade ,  
O seguro de nossa liberdade.

Pezai agora o bem , que se empedia ,  
Donde tantos ao Mundo resultaram ,  
Se inclinava João , nem resistia  
A contrastes , que em pouco , ou nada param :  
Nisto de todo a terra o Sol abria ,  
E perto as Atalaias divisaram  
Das altas torres as inchadas vèllas ,  
E conta ao Capitão dão logo dellas.

## 52 AFFONSO AFRICANO.

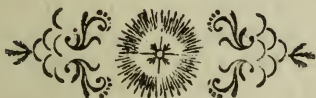
Menos então foi grata a face pura  
Do Sol à Affonso, que da noite envolta  
A tenerosa, e horrida figura,  
Para tal magoa, e dor desfeita, e solta:  
Que encuberto naquella sombra escura,  
Dando à melhores pensamentos volta,  
Promettia bonança à seus enganões,  
Mas a luz lhe mostrou da noite os danos.

Aquella de su, alma justa parte  
Menos achou, aquelle filho charo,  
A quem deu a Natura engenho, e arte,  
Para entre todos ser unico, e raro:  
Que quando os Capitães, e Naos reparte  
O fez de grande Esquadra firme amparo,  
Esta com elle falta, e a tempestade  
Passada, ser perdido persuade.

A repentino mal não ha defesa,  
E assi triste rompeo neste queixume,  
Oje se acaba minha gloria immensa,  
Oje meu ser de todo se consume:  
Eu Filho grangeei tam grave offensa  
Do paternal amor roto o costume,  
Pois de mi te apartei, que ou te salvaras,  
Ou no mesmo rigor tambem me acharas.

Mas que te choro, pois tens já cumprido  
C'o que debes ao nome acreditado  
De Portugues, e à Principe subido,  
Filho de hum Rei, que em nada tem faltado?  
Se assi foi desta morte o Ceo servido,  
He da terra, e do mar hum mesmo estado,  
Pois a mesma vontade em tal contraste,  
Não menos que no fim, sacrificaste.

E sobre si caindo mais fogueito  
A' paixao se julgou do que justo era ,  
Dando à tamanho mal credulo peitô ,  
Que impedir facilmente o Ceo pudera :  
E com animo intrepido , e perfeito  
N'hum grande constancia persevera ,  
E proprio se consola , que a dor grande  
Não tem causa maior com que se abrande.



# AFFONSO

## AFRICANO.

### CANTO III.

**N**A Costa , que do Sul corre à Levante  
 Rompendo as bravas ondas , que encapella  
 O celebrado mar do Monte Athlante ,  
 Que muita parte lava de Castella  
 Ergue Sevta a cabeça triumphante ,  
 E affoma Gibraltar defronte della ,  
 Que inda soberba pela antiga gloria ,  
 Parece lhe ameaça outra victoria.

Esta famosa fez o infame feito  
 Do falso Julião , de eterna nota ,  
 Que lô por seu particular respeito ,  
 Quiz metter a cutello Hespanha toda :  
 He força principal daquelle Esteito ,  
 Que se coroa d'alto muro em roda ,  
 E vencedora fora eternamente ,  
 Se a não rendera a Lusitana gente.

Deste alto Alcaçar vinha ao mar baxando ,  
 ( Que já reconhecida a Armada tinha , )  
 O Capitão , e mostras de amor dando ,  
 Prostrando-se ante os pès d'Affonso vinha :  
 Elle tambem o foi logo abraçando ,  
 Bem devido favor à quem sostinha  
 Hum pezo tal , mandando-lhe que siga  
 Os caminhos diante , e os passos diga.



No valor desta empreza vai tratando  
Affonso, é os Cavalleiros mais antigos,  
Os principaes lugares finalando,  
Onde forão maiores os perigos:  
Aqui foi visto o Infante Dom Fernando,  
Envolto Anrique alli c'os inimigos,  
E assi contando obras de eterna fama,  
Chegou onde o repouso o espera, e chama.

Era teinpo, que a fraca Natureza  
Pede sustentação à vida humana,  
Quando o manjar suave mais se preza,  
Com que do Mundo o diffabor s'engana:  
Arma-se sumptuosa, e rica Meza,  
Bem conforme à policia Lusitana,  
Em refrigerio de animos cansados,  
De contrastes do mar tam desusados.

Appoem-se os dões de Ceres trabalhada,  
Com frutas odoríferas suaves,  
Corre a diversidade custumada  
De mil domadas, e silvestres aves:  
No bachico liquor grande ouro nada,  
Onde estão figurados feitos graves  
Dos Reis antepassados, e no meio  
Se alça o famoso Anrique, como esteio.

Os corpos satisfeitos, levantadas  
As Mezas, abre em pratica o primeiro  
Mais curioso Historias já passadas,  
Do Reino natural, ou de estrangeiro:  
Logo outras semelhantes são tratadas,  
Com fabuloso stillo, ou verdadeiro,  
E o Capitão de Seita só dezeja,  
Contada a nova expedição lhe seja.

A causa pede de que vee sentido  
 Seu Rei , que pois se alcança julga urgente ;  
 Para onde o intento leva dirigido ,  
 Quantos Navios arma , e quanta gente :  
 Mas Dom Affonso então , que no appellido  
 De Vasconcellos he tido excellente ,  
 Primeiro de Penella illustre Conde ,  
 Por lhe satisfazer , assi responde.

Determinando Affonso , soberano  
 Senhor , e Rei do Lusitano assento ,  
 Fazer expedição contra o Tiranno ,  
 Que d'Africa possue o Imperio isento :  
 Para alcançar com certo desengano ,  
 Quanto possa o Senhor do Firmamento ,  
 Quando por seu serviço hum santo zello ,  
 Arrisca a vida , e quer favorecello.

Ex todo Portugal em armas posto ,  
 Pifaros se ouvem , ouvem se atambores ,  
 Que c'hum sonoro tom , que enfia o rosto :  
 Os animos levanta , e faz maiores :  
 Bem como no eneo vaso , que composto  
 Está com agoa fria , e sem rumores ,  
 Se o fogo se appodera , agoa se accende ,  
 E fóra em borbulhões saltar pretende.

Em armas arde , e forte gente manda  
 Aquella , que do Douro as agoas bebe ,  
 Que em campo largo d'huma , e d'outra banda ,  
 Por insignia huma Torre alta recebe :  
 E dentro n'hum caixilho entr'ambas anda  
 Aquella Virgem , que do Ceo concebe ,  
 Que entre os braços o lindo Filho anima ,  
 Que mais , que a propria vida , a nossa eslima.

Ex

Ex do apposento da Braccata gente ,  
Cadeira principal de nossa Hespanha ,  
Inda que outra Cidade o não consente ,  
Que nas agoas do Tejo a sombra banha :  
Que a Torre alta , e a Image preeminente  
Com Mitra Episcopal por Armas ganha ,  
Decem mil valerosos Peitos logo ,  
Não soffrendo faltar no Marcio jogo.

Dece aquella Egytania succellora  
De Egyditania , e della já chamada ,  
Que hum a Torre soberba defensora ,  
Com mais tres Balluartes levantada :  
Com as Armas da Coroa vencedora  
De Portugal , no Escudo traz pintada ,  
E confiada diz , que tudo aguarda ,  
E tudo della com temor se guarda.

Nem vos faltais ò fortes moradores ,  
Da celebrada , e antiga Lacobriga ,  
Que com tres Balluartes Protectores  
Guarda hum a Torre por insignia antiga :  
Que toldada do Ceo de varias cores ,  
De Estrellas , Lua , e Sol a vista obriga ,  
E d'outra parte hum a Arvore se applica ,  
De varios pomos , carregada , e rica.

Daquella , que segundo a Fama canta ,  
Deu à Rodrigo sepultura indina ,  
Que hum a Torre por Armas alevanta ,  
Que com tres Balluartes predomina :  
De hum a parte de Cybeles a planta ,  
De outra hum Homem , que húa corneta affina ,  
Saem para vingar com peito forte  
De Hespanha o choro , e de Rodrigo a morte.

Já lá no meio se arma aquelle assento ,  
 Que lustre , e ser tem dado à tanto sprito ,  
 A quem Hercules poz o fundamento ,  
 Filho do grande Osiris Rei de Egyto :  
 Que a Torre , que alça ao ar o collo isento ,  
 Que a Fama nos pregoa em alto grito  
 De seu nome , por gloria da Cidade ,  
 Dà testemunho desta antiguidade.

Já não pede socorro ao Ceo , que obriga  
 C'os olhos levantados a Donzella ,  
 C'o temor grande da Serpente imiga ,  
 Que a boca horrenda aberta tem par' ella :  
 Nem teme , que o Leão bravo a persiga ,  
 Antes c'hum a Coroa rica , e bella  
 Adornando à cabeça triumphante ,  
 Para esta empreza fãe militante.

E porque se apparelha alegre Historia  
 Do Leão , da Donzella , e da Serpente ,  
 Pretendo fazer della aqui memoria ,  
 Que a conjunção disposta mo consente.  
 No tempo , que mostrou seu raio a gloria  
 Dos Alanos , altiva , e forte gente ,  
 Que as armas dos Romanos desprezando ,  
 Os vão de Hespanha à seu pezar lansando.

Attaces orgulhoso , que entendia  
 Em reparar Coimbra , e reformalla  
 D'algumas quebras grandes , que alli via ,  
 Que a guerra, e o tempo fez , que tudo escalla :  
 Por novas apressadas soube hum dia ,  
 Que Hermenerico Rei , contra elle aballa  
 De Galliza , onde tinha Sceptro , e mando ,  
 De barbaros Suevos grande bando.

Elle ,

Elle , que descuidado em paz estava ,  
( Mas erra , quem descuida do inimigo )  
Sua gente com tudo apparelhava  
Co' a pressa , que convinha à tal perigo :  
E marchando à jornadas encontrava  
O Suevo , à quem deu logo o castigo ;  
Mas elle , que se vio desbaratado ,  
Pazes lhe pede , como acautellado.

Promette de lhe dar em casamento  
Huma Filha de tal belleza , e graça ,  
Que tenha singular contentamento ,  
Com que largos dezejos satisfaça :  
Solemniza-se a Paz com juramento ,  
Para que nenhum delles a desfaça ,  
Nascendo daquelle odio huma aliança ,  
Em que nunca já mais ouve mudança.

Já por Coimbra entrava a nobre Esposa ,  
Qual entra em Troia a celebrada Helèna ,  
Com tanta graça , e brio , e tam fermosa ;  
Que o proprio vento amansa , e o ar serena :  
Attaces , que co' a vista a vista gosa ,  
Bastante à dar allivio à qualquer pena ,  
Julga por felicissima huma guerra ,  
Que o maior bem lhe trouxe , que ha na terra.

E como ella abrandou a feridade  
Do Dragão , que nas Armas do Pai vinha ,  
Fazendo novas pazes , e amisade  
C'o Leão , que por armas elle tinha :  
Por Gloria , e por Memoria da Cidade ,  
Que por seu gosto celebrar convinha ,  
Lhe deu por Armas esta Insignia ufana ,  
Que oje alça contra a furia Mauritana.

E tu pequena em fitio , e grande em fama ,  
 Entre as Cidades desta nossa Hesperia ,  
 Que o nome , que corrupto o vulgo chama ,  
 Herdasse n'outro tempo de Laberia :  
 Tambem à brava empreza , que se inflamma  
 Como fogo , que atea , dás materia  
 C'o teu alto Pinheiro , que matifa  
 De verde esmalte a celebre divisa.

Nem aquella com gente illustre falta ,  
 Que se vê no cristal do Tejo frio ,  
 E com tres Balluartes a Torre alta  
 Traz por divisa de seu lustre , e brio :  
 Cujos pée rega , e d'agoa clara esmalta  
 Com saudosa corrente hum nobre Rio ,  
 E là no frontispicio estão da Torre ,  
 As Armas, que ao Rei deu quem por nós morre.

Tambem aquella à nobre empreza corre ,  
 Que traz no Escudo por Insignia ufana ,  
 Altos muros , que illustra varia Torre ,  
 A modo de Cidade soberana :  
 A' quem de Touro huma cabeça occorre ,  
 Que as Armas da Coroa Lusitana  
 Traz estampadas na cornuta fronte ,  
 E huma Aguia à cada lado tem defronte.

E vos os que habitais o Monte Arminho ,  
 A' quem jámais temor frio acovardia  
 Appressados medis logo a caminho ,  
 Que em taes conflictos nunca o valor tarda :  
 Deixastes o materno , e doce ninho  
 Daquella , que por Armas proprias guarda  
 Huma Torre , ou Castello levantado ,  
 De Ameas , e Cubellos adornado.

Vem



Vem daquella Cidade antiga , e nobre ,  
Emula hum tempo da soberba Roma ,  
Que do grande Sertorio as cinzas cobre ,  
Que nella affento contra a Patria toma :  
Por divisa das Armas , que descobre ,  
Hum Cavalleiro armado em branco affoma ,  
Que huma cabeça arrastra , que cortada  
Foi dos fios crueis da sua Espada.

Saem da inclita Villa os moradores  
Em armas , e em delicias sempre estranha ,  
Cujos muros de jaspe de mil cores ,  
Ja cruel , ja benigna Thetys banha :  
Porto segundo opiniões melhores ,  
O primeiro , que teve nossa Hespanha  
Para estrangeira Nao , despois que o Mundo  
Foi do Ceo alagado , e do Profundo.

A esta se deve algum conhecimento ,  
Daquella Magestade immensa , e summa ,  
Que contrastando de hum em outro vento ,  
E do mar dividindo a branca escuma :  
Tubal com seu Hebreo ajuntamento ,  
Porque o lume do Ceo não se consumma ,  
Nesta parte primeiro a Lei ensina ,  
Que de Sêm , e Tubal se denomina.

Esta he famosa assi pela enseada ,  
Que recolhe mil Naos d'outro Orizonte ,  
Como pela Cidade arruinada ,  
Que tem n'huma Península de frente :  
E de todos se diz Troia affollada ,  
Que inda que falsamente o vulgo aponte  
Ser a de Phrygia , por violentos casos  
Promettem muito os fundamentos rasos.



O que diz a memoria , e conta a Fama  
 Deste nome de Troia , e da ruina.  
 He , que fugindo alguns da Grega flamma ;  
 O vento , e bravo mar , aqui os inclina :  
 Onde a parte que Troia inda se chama  
 Fizeram natural de peregrina ,  
 Temperando as saudades da primeira ,  
 C'o nome , que lhe poem desta maneira.

Correndo os tempos , como tudo chega  
 A' ter seu fim , por mais que se renove ,  
 Ou c'o curso do mar , que a cerca , e rega ,  
 Correrem montes de area alta approve :  
 Ou creia , que de nuve obscura , e cega  
 Envolta em mil castigos , agoa chove ,  
 Ella foi affolada , e destruida ,  
 E n'area a memoria subvertida.

Mas o que oje se tem por mais conforme ,  
 He , que despois daquelle infando estrago  
 D'Hespanha resistindo ao povo enorme ,  
 Do Troiano valor teve esta o pago :  
 Dest'arte de Numancia a gloria dorme ,  
 Esepultada em cinza jaz carthago ,  
 Por odio , e crueldade dos Romanos ,  
 Dest'arte sentiria Troia os danos.

E aquelles , que dos fios escaparam  
 ( Por sorte boa ) da Agarena espada ,  
 Para o gracioso sitio se passaram ,  
 Onde Setubal oje está fundada :  
 Alli segunda vez se propagaram  
 Com gente , que acompanha esta jornada ,  
 Que brio , que valor será de gente ,  
 Que do Sangue Troiano he descendente !

E vos famosos , e soberbos Rios ,  
 Que appressados correndo , e vagarosos ,  
 Ora sem voltas , ora por desvios ,  
 Fazeis os campos fertiles viçosos :  
 Tejo , que d'estrangeiros Senhorios ,  
 Por caminhos patentes , e fragosos ,  
 Auríferas areas , e agoas puras ,  
 Co' as salgadas do mar longe misturas.

Tu Minho alegre , que com vea opima  
 Vestes o sitio teu de esmalte verde ,  
 Tu já de longe celebrado Lima ,  
 Sem temeres , que a gloria o tempo te herde :  
 Tu Leça , à quem toldando vai por cima  
 Sombra , que com nenhum calor se perde ,  
 Das partes que ijs regando brandamente ,  
 Mandais para esta empreza armada gente.

Vem mais os que Mondego vai lavando  
 Por campos , que honra Ceres com seu fruto ,  
 Mondego , no Veram sereno , e brando ,  
 Turvo no Inverno , bravo , e dissoluto :  
 Tè là onde na foz , que vai buscando ,  
 Paga de suas agoas o tributo ,  
 Suas Nymphas na praia e branca area ,  
 Recebendo com Doris Galatea.

Tu Maritimo Reino , custumado  
 A' domar a cerviz do bravo Mouro ,  
 Que foste ao Bolonhes Affonso dado  
 Em dote por riquissimo thesouro :  
 E co' as sagradas Quinas figurado  
 Estàs pela orla dos Castellos d'ouro ,  
 Com animo alterado as armas prontas ,  
 Determinas vingar nossas afrontas.

Toda esta gente , que de partes varias  
 Correndo por caminhos differentes ,  
 Vem contra as partes d'Africa adversarias ,  
 Cobrindo os largos campos , e patentes ,  
 Como Rios , que trazem de contrarias  
 Fontes , de longe as liquidas correntes ,  
 Por vias desiguaes fazendo estrago ,  
 E se vem ajuntar no immenso Lago.

Assi se ajunta nessa triumphadora  
 Cidade do larguissimo Oceano ,  
 Nessa , em cujo Occidente mais que Aurora ,  
 Clara scintilla a luz do Soberano :  
 Nessa do Mundo principal Senhora ,  
 Que ao Ceo levanta o nome Lusitano ,  
 Por Armas suas , hum a Nao pregoa ,  
 Que dous Corvos discorrem popa á proa.

Esta fundou aquelle Grego astuto  
 Depois que em cinzas vãs Troia desfeita ,  
 Os muros de Iliõ deram tributo  
 A' mudança , à que tudo se fogeita :  
 Depois de desprezar o doce fruto ,  
 De assaltos mil de Amor , que não respeita  
 Depois de tantos navegados mares ,  
 O lansão nesta praia adversos ares.

E tanto ao sitio alegre se afeiçoa ,  
 Cujo clima suave experimenta ,  
 Que aqui dera colheita à lassa proa  
 De perigração mais larga isenta :  
 Se Amor , que em larga ausencia aperfeiçoa  
 Seus quilates , e alli lhe representa  
 Penelope chorosa , o não moveffe  
 A' que outra vez o masto , e a vela ergueffe.

Davão final os cumes do alto Monte ,  
Ledos co' as embaxadas matutinas ,  
Sair já pelo lucido Orizonte  
Do leito aureo , que esmaltão pedras finas :  
A' Sposa de Tythono , ornando a fronte  
De rosas , de jasinins , e mais boninas ,  
E orvalhando das flores gota e gota  
A cor nativa , que o calor desbota.

E porque já com sopro vivo , e brando  
Vinha o Amador da candida Orithia ;  
As Neptuninas agoas encreipando ,  
Que a fazem dezejada offerecia :  
As anchoras das Naos , que vão orfando  
Co' as proas lá par' onde nasce o dia ,  
Levando os Nautas , que estes cargos usam ,  
As vélas dão ao vento , e as vergas cruzam.

Ficão pelos lugares levantados  
As Matronas sem cor quasi defuntas ,  
Seguindo as Naos c'os olhos alongados ,  
E tras elles mandando as almas juntas :  
Fantasião successos variados ,  
Entre si renovando mil perguntas ,  
Se he facil a jornada , se comprida ;  
Se perigosa , se virão com vida.

Entre temor , sospeitas , e esperança ,  
Alterna cadaqual o pensamento ,  
Em semelhante estremo antiga usança ,  
D'hum peito , que de amor não vive isento :  
Amor n'hum peito cria confiança ,  
Que adivinhar lhe nega seu tormento ,  
N'outro cria mil timidas sospeitas ,  
De cousas tristes , que já dá por feitas.

Qual

Qual de Amor seja mais intenso effeito ,  
 Não sei quem facilmente o determina ,  
 Que o amante , que a temor está fogeito ,  
 O mesmo amor à reccar o inclina :  
 Que o bem que por amor foi d'elle aceito ,  
 Por bem seguro nunca o imagina ,  
 E o julga por de vidro transparente ,  
 Que d'hum sopro se quebra levemente.

E se confia , por amor confia ,  
 Que se não teme avesso ao bem que adora ;  
 He , porque se cuidasse que o teria ,  
 Esmorecera o coração nels' hora :  
 Estes são os martyrios deste dia ,  
 Que aquella gente alli lamenta , e chora ;  
 Que entrega por penhor ao mar undoso ,  
 Qual o Pai , qual o Filho , qual o Sposo.

Qual diz , ó Filho amado verdadeira  
 Image do Pai morto , em que me via ,  
 Que consolação deixas derradeira ,  
 A' quem de todo a perde neste dia ?  
 Qual , ó querido Pai , desta maneira  
 Orphãa me deixas só sem companhia ?  
 Qual do cruel Esposo em vão se queixa ,  
 Que cortados em flor seus gostos deixa.

A' vista do mar alto se apartavão  
 Daquella felicissima enseada ,  
 E c'os primeiros baxos emproavão ,  
 Que fazem perigosa aquella entrada :  
 Quando os olhos levando , onde quebravão  
 As ondas , d'entre a escuma levantada ,  
 Apparece hum confuso , e cego vulto ,  
 Inda na forma verdadeira occulto.

Ora de Javali recebe a forma ,  
 E com furor indomito embravece ,  
 Ora de Tigre fera o gesto informa ,  
 Já Leão ferocissimo parece :  
 Ora mais temeroso se reforma ,  
 E já Dragão squammoso se offerece ,  
 Agora se converte em fogo ardente ,  
 E já na mesma cerula corrente.

Thè , que tomando a natural figura ,  
 Como quando o Tritão , e a grande Phoca  
 Pelos salgados campos guarda , e cura ,  
 Estas palavras diz da fatal boca :  
 A sciencia , que já tenho da futura  
 Gloria vossa , me forsa , e me provoca ,  
 Ditosos navegantes , à annuncie ,  
 Para que mór esforço em vos se crie.

Cortai ousadamente os largos mares ,  
 Sem recear tormentas procellosas ,  
 Contra carrancas de confusos ares ,  
 E medos de figuras espantosas :  
 Contra doces caricias , que em lugares  
 De prazer , e branduras deleitosas ,  
 Vos ha de offerecer o Inferno astuto ,  
 Para vos impedir da empreza o fruto.

Mas não vos entregueis à vãos affagos ,  
 Nem à medos , que o Ceo tereis benino ;  
 Que por trabalhos , e amargosos tragos ,  
 Se alcança o nome celebre divino :  
 Deste feito fereis ao longe pagos  
 Com premio igual de vossas obras dino ,  
 Crescendo thè a famosa Oriental Goa ,  
 A gloria desta Occidental Lisboa.



## 68 AFFONSO AFRICANO.

Esta do Mundo mais famoso Emporio ,  
 Facilitando os trabalhosos medos ,  
 O mais estranho Mar fará notorio  
 Co' a gloria de riquissimos segredos :  
 Que Cabo aqueanta o Sul , que Promontorio ?  
 Que Ilha , por mais instabil , que os enredos  
 De Delos , antes do penhor incerta ,  
 Que por esta não seja descoberta ?

Arvorará na mais extrema meta  
 De vossa redempção o Lenho santo ,  
 E destruindo a Lei do Mahometa ,  
 Mil almas livrará de Rhadamanto :  
 C'o nome do sanctissimo Propheta ,  
 A Spritos Infernaes porá espanto ,  
 Que em temerosas formas e figuras ,  
 Fingirão ser de luz , sombras escuras.

E tu Rei soberano , cujo intento  
 He dilatar a Lei , que professaram  
 Maiores , que de estreito nascimento ,  
 Com tanto risco seu amplificaram :  
 Ai quanta gloria no Africano assento  
 Tè espera , que victorias se declaram ,  
 Que eu vejo , se a corrente destes feitos  
 Cubiça não mudar d'outros Direitos.

Isto dizendo , no humido Tridente  
 De Nereo , vai acompanhar as Filhas ,  
 Em confusão deixando aquella gente ,  
 De que tratou tam arduas maravilhas :  
 Aparecia já de Sam-Vicente  
 O Cabo por davante , e as leves quilhas  
 Das Naos , que as falsas agoas vão cortando ,  
 Se chegam cada vez com vento brando.

Das



Das altas Gaveas salva o Marinheiro  
Com devação , que em todos logo atea ,  
Aquelle lugar sancto , onde primeiro  
Affonso o Corpo achou entre alta area :  
Preguntei à hum devoto Cavalleiro  
A causa , donde o Cabo se nomea ,  
Elle que sabe a celebrada Historia ,  
Desta maneira fez della Memoria.

Despois , que Abderramen cruel Tyranno ,  
Espalhou pelos terminos de Hespanha  
Veneno de seu animo inhumano  
Com tanto damno , e destruição tamanha :  
Muitos Christãos do Reino Valenciano ,  
Determinão buscar ventura estranha ,  
Desterrados então dos Patrios Lares ,  
A' diversas Regiões , à varios ares.

Huns , que mais caso fazem da riqueza ,  
Que tem nome no Ceo , preço , e valia ,  
O Corpo de Vicente , que a crueza  
De Daciano rendera à morte fria :  
Com devação em sancto Zelo aceza ,  
Que inflamma qualquer fervida ousadia ,  
A' terra vão ronbar em noite escura ,  
Para amparo de sua desventura ,

E c'o maior segredo , que puderam ,  
Aquelle alto penhor depositando  
No escuso d'hum Navio , as velas deram  
Incertos pelo Mar acaso errando :  
E com prospero tempo , que tiveram  
Colheita neste Promontorio achando ,  
Que à segurança placida os convida ,  
Escolhem nelle solitaria vida.

E para seu abrigo levantando  
 Pobres paredes d'edificio leve ,  
 Conforme ao tempo o Corpo venerando ;  
 Inda com mais primor sepulchro teve :  
 Este repouso forão propagando ,  
 Mas o Ceo permittio , que fosse breve ,  
 Que inda neste desterro solitario ,  
 Não viveram seguros de Adversario.

Hum Mouro Haliboacem , acaaso hum dia  
 Seguindo trás hum Cervo fugitivo ,  
 Que firido buscava a fronte fria  
 Para remedio de seu mal esquivo :  
 Deu no Povo , que alegre alli vivia ,  
 Que logo de repente foi cativo ,  
 As colheitas humildes affoladas ,  
 Para não serem d'outros habitadas.

Não sente tanto a peregrina gente  
 Desgraças suas , como a perda rica  
 Do penhor , e deposito excellente ,  
 Que alli sem devação dos Christãos fica :  
 Isto lamenta só , só chora , e sente ,  
 Là dentro n'alma , porque o não publica :  
 Mas Deos , que do alto vio tamanha pena ,  
 Remedio para honrar seu Servo ordena.

As idades correram , mas succede  
 Aquella famosissima Batalha ,  
 Onde d'Affonso hum santo zelo excede ,  
 A tanta multidão , que Africa espalha ;  
 Onde à Christo socorro , e favor pede ,  
 E d'elle por Escudo , que lhe valha ,  
 Em doação recebe as Chagas bellas ,  
 Do novo Reino , que lhe deu com ellas.

Cinquo Reis valerosos disbarata ,  
E mil despojos da victoria colhe ,  
Mil Christãos juntamente alli resgata ,  
Que para doce liberdade escolhe :  
Com elles de seu patrio assento trata ,  
Que Senhor os constrange , e viver tolhe ;  
E nisto os Successores responderam ,  
Daquelles , que no Cabo já viveram.

Dão conta , como seus Progenitores ,  
C'o Corpo de Vicente alli chegaram ,  
Que elles eram já novos Successores ,  
Que sós as tradições disto alcançaram :  
E daõ , para se achar , sinaes melhores  
Dos Còrvos , que o lugar não desamparam ,  
Quando arde Affonso n'hum dezejo ardente  
De cobrar as Reliquias de Vicente.

Arma hum Navio , que não teve effeito ,  
Que o Corpo sancto por então se isenta ,  
Mas não se aquietou o Christão peito ,  
E cobrallo segunda vèz intenta :  
Elle de fervor tanto satisfeito ,  
A' seus descobridores se apresenta ,  
Que o lugar venturoso , que cavaram ,  
As aves apontando assinalaram.

Foi com applauso estranho recolhido  
Na Nao , e com devoto acatamento  
A Reino tam fiel restituído ,  
Conforme paga à seu merecimento :  
Em Lisboa d'Affonso recebido  
Com lagrimas , e alegre sentimento ,  
E no Templo maior desta Cidade ,  
Tido por Defensor em toda idade.

O Carro ao Mar Hesperio o Sol levará ,  
 A' cada Tirador foltando a roda ,  
 E a Lampada furtando ardente , e clara ,  
 Das cousas confundirá a forma toda :  
 A' noite o largo circulo abraçará ,  
 Com sombra escura , e tenebrosa nodá ,  
 Desterrando as affrontas do Tyranno  
 Trabalho , e dando vèz ao somno humano.

Porem nunca do Norte o sopro leve  
 Affi desfez as nuves deste Clima ,  
 Nunca o Ceo mais sereno , e puro esteve ,  
 Debuxando no Mar raios de cima :  
 Que Estrella antigamente nome teve ,  
 Que se não visse ? o resplendor anima  
 Das preciosas pedras a Coroa ,  
 Da que foi à Theseo piedosa , e boa.

Veese o cavallo Pegaço , e o caminho  
 Lacteo por seu candor já manifesto ,  
 Veese a que Perseo livra do Marinho  
 Monstro trocando em gloria o fim funesto :  
 Veese Perseo tambem alli vizinho ,  
 Veese Oriente ao navegante infesto ,  
 Veese dos Argonautas a primeira  
 Nao , que rompeo a cerula carreira.

Veese Hercules , o collo o Cisne açlara ,  
 Veese Aguia , veese a Lebre , e o Serpentario ,  
 Veese Cassiopéa , e a celeste Ara  
 No Signo scintillar do Sagittario :  
 Veese o Marinho Cetto , e o curso para  
 O ligeiro Delphim no Signo Aquario .  
 Mostra-se a Hydra , que com bocas sette ,  
 Sette mortes no lago em vão promette.

Veese

Veese a grande Urfa , amada antigamente  
De Jupiter , em nome de Calisto ,  
Com a menor envolta na Serpente ,  
E d'outra parte o Filho he tambem visto :  
Que indo para matalla incautamente ,  
Jupiter com paixão , e inagoa disto ,  
O fez do Plaustro immoto Carreteiro ,  
O Cão na Libra , Cepheo no Carneiro.

Mas o Piloto Mor , que à cargo leva  
A grande Armada , nunca já seguro  
Na mòr quietação , que então releva  
Mais cautella quando o ar està mais puro :  
N'arte do mar tam primo , que s'enleva  
Em mais gloria , que Típhi , ou Palinuro ,  
Olhando a Terra , o Mar , e o Firmamento ,  
Vio sinaes manifestos d'agoa , e vento.

Dizendo , recolhei as velas cedo ,  
Que receio gravissima tormenta ,  
Como notado tenho do segredo ,  
Que em cousas naturaes s'experimenta :  
Destes proximos Montes no arvoredor  
Hum murmurar , que cada vez se alenta  
Sinto , as ondas no mar largo empolladas ,  
E soar longe as praias quebrantadas.

Alcyones ao Sol , que quente veio ,  
Vi nesta tarde as pennas estendendo ,  
Notei do Esaco as Aves , que do meio  
Do mar , foram clamor à praia erguendo :  
As Fuliças em secco , c'hum rodeio  
Ledo na branca areia andar fervendo ,  
Deixa o Paul , e a humida Lagoa  
A Garça , e sobre as nuves grita , e voa.

Notei o discorrer de errante Estrella  
 ( Deixando atrás caminhos inflamados )  
 Na escura noite , e a Luminaria della  
 Mostrar ao Mundo os cornos offuscados :  
 E notei ao nascer da Aurora bella ,  
 Os Cabellos de negro maculados ,  
 E o Sol envolto em nuve , isto dizia ,  
 E toda Frota já se apercebia.

Quando sentem no Abismo mais profundo  
 Ferver em rolos altos as areás ,  
 E logo com bramido furibundo  
 Roncar as ondas horridas , e seas :  
 Estreinecer confusamente o Mundo ,  
 Per causas da ordem natural alheas ,  
 Suspense a todos hum temor incerto ,  
 Que perigo rebente , e se vem perto.

He mais medonha a sombra do perigo ,  
 Em quanto a forma temerosa encobre ,  
 Que mal pode affentar ninguem comfigo ,  
 Que acertado remedio nelle cobre :  
 Tam fora já de seu affento antigo  
 Sae o Mar , que se teme as Naos socobre ,  
 Que d'hum balanço n'outro sacodidas ,  
 Em giros sem governo andão perdidas.

Rompe nisto o furor dos bravos ventos ,  
 Para total destorso conjurados ,  
 E bramando com sopros turbulentos ,  
 Se appoderam dos ares cartegados :  
 Desceim dalli sem resistencia isentos ,  
 E com furioso atrevimento ousados ,  
 Quebrão nos fracos lenhos , guarda santa ,  
 Quem fugira sem vós a furia tanta ?



Gemeram de improviso , c'hum estrondo  
Nunca já visto , as taboas abaladas ,  
Como se d'algum Monte alto , e redondo  
Fossem por terremoto soçobradas :  
Graças aos mares , que correram , pondo  
Estrado franco às quilhas arrojadas ,  
Que inda que Montes altos igualavão ,  
C'o pezo arrebatado se arrasavão ,

Arma-se logo hum nebuloso manto ,  
Sinal medonho de horridos ensaios ,  
Começa arremeçar com novo espanto ,  
O Ceo lança de fogo , e d'agoa raios :  
D'aqui nasce o mortal duro quebranto ,  
Vozes perdidas , languidos desmaios ,  
Desordem , confusão , que tudo estranha ,  
A' quem a perdição certa acompanha.

Tres dias sem governo , e arte erramos  
Do indomito furor arrebatados ,  
Sempre em noite , que nunca divisamos  
Outra luz , que a dos ares inflamados :  
Esta passada triste , que deixamos ,  
Cauia de mais solícitos cuidados ,  
Como foi nos perigos derradeira ,  
Assi foi nos temores a primeira.

Nunca jámais nas Syrtes arenosas ,  
Para Africa do Egypto passo estreito ,  
Ondas se encapellaram tam furiosas ,  
Trastornando o mais forte , e ousado peito :  
Nunca em Scylla , e Carybdes perigosas ,  
Tempo se armou tam bravo , e tam desfeito ,  
Quando sorbem mais agoas , e as vomitão ,  
É a Taurominitania praia excitão.

Nun-



Nunca o mal affamado Promontorio  
 De Malga , que sempre ronca , e brada ,  
 Nunca o Caphareo Monte , tam notorio  
 C'o naufragio cruel da Grega Armada :  
 Em pena justa do abrazado Emporio ,  
 Morte de Palaniedes tam chorada ,  
 Tempestades se lee , que levantassẽ ,  
 Que co' esta , que passamos , se igualassẽ ?

Mas não foi este o mais estranho medo ,  
 Que outro maior o sangue nos congella ,  
 Rebentar por davante alto rochedo  
 Vimos ao longe , e já não val cautella :  
 Mais perto pareceo maior segredo ,  
 Movendo-se qual sombra , ou forma della ,  
 Humia machina em fim de horror notamos ,  
 A' quem membros mortaes affiguramos.

Vulto era tam deformẽ , que segundo  
 Mostrou despois a Estrella , que scintilla  
 Tocando co' a cabeça o Ceo rotundo ,  
 Em Calpe tinha hum pee , outro em Abylla :  
 Tal quando contra a machina do Mundo  
 Orion se conjura , e destruiilla  
 Intenta , he visto sempre que offereça  
 Os pées ao Mar , às nuves a cabeça.

+ E dando hum temeroso , e forte brado ,  
 Qual nunca já Stentor do peito arranca ,  
 O' diz , gente attrevida , ò povo ouçado ,  
 Que assi cuidas achar passage franca ;  
 Deveras à meu nome celebrado ,  
 A' minha catadura , e atrás carranca  
 Guardar respeito , de quem treme o Mundo ,  
 Que aballo a terra , altero o Mar profundo.

Sou o temido Antheo , mais arrogante  
Dos Filhos , que a fecunda Terra teve ,  
Este Imperio de Lybia tam possante  
Debaxo de meu jugo sempre esteve :  
Fui vencedor de tudo , e triumphante ,  
Que tudo por Nobreza se me deve ,  
E do Mundo Senhor eterno fora ,  
Se outra mão não tivera por Senhora.

Alcides me privou do Reino , e vida ,  
Dôrador de mil feras espantosas ,  
A Sepultura tenho conhecida  
N'humas destas Cidades populosas :  
Se o desejo da gloria vos convida  
A conquistar as terras abundosas ,  
A que eu perdi , e tenho inda oje à vista ;  
Me forsa vos encontre , e vos resista.

Já que contra à tormenta resististes  
Em Naos tam fracas , e tam bem regidas ,  
Aqui , donde as columnas altas vistes ,  
Por honra de meu bravo imigo erguidas :  
Aqui vereis agora casos tristes ,  
Com naufragios crueis de vossas vidas ,  
E veremos se alguém contra mi pode ,  
Ou se em tamanho aperto vos acode.

Affonso nisto os olhos levantando  
Para onde o assento está da Eterna Essencia ,  
O supremo favor está chamando  
Com voz turbada , e digna de clemencia :  
Divino Sol , que estais alumeando  
Immoto os Ceos , sem que aja nisto ausencia ,  
Mostrai-me hum raio vosso aqui vizinho ,  
Que estas trevas desfaça , e abra caminho.

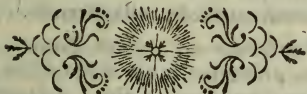
Se tam liberal fois da luz ardente  
 Dessa resplandescenre face vossa ,  
 Para os que estão gosando eternamente  
 Bens , que não cabem na memoria nossa :  
 Nòs miseravel trabalhada gente ,  
 Em Mundo triste , sempre em noite grossa  
 A' cegas caminhando , mereçamos ,  
 Que vossa luz entr' este horror vejamos.

O' quanta forsa tem piedoso rogo  
 De hum alma aflicta , entre oppressões penosa,  
 A nuve de huma parte se abriu logo ,  
 E o Ceo mostrou a Estrella luminosa :  
 Em cuja luz , e rutilante fogo  
 De Alcides a figura milagrosa  
 Se transformou , lansando hum raio vivo ,  
 Com que se perturbou o Monstro esquivo.

E bramando rompeo , fero inimigo  
 Inda de là me encontras , e me offendes ?  
 Bastava o mal , que usaste já commigo ,  
 Quando me disbaratas , e me rendes :  
 Mas não paras aqui , que no perigo  
 Meus contrarios ajudas , e os defendes ,  
 Porque longe essa luz de mi não levas ,  
 Que não podem sostella minhas trevas ?

E tendo o resplandor por mais odioso ,  
 Que a nocturna Ave o Sol resplandescenre ,  
 De coraje frenetico , e furioso ,  
 Desfazendo se foi pelo ar patente :  
 Fica o caminho menos perigoso ,  
 E pelo Estreito entramos facilmente ,  
 Que inda que destruidos nos achamos ,  
 Para nos reformar isto estimamos.

Mas tanto , que espalhou a Aurora os fios  
D'ouro , e o Sol apontou ferofo , e puro ,  
Com fubito terror ficamos frios  
A' vista de fpectaculo tam duro :  
Então vimos a perda dos Navios ,  
Que o Ceo tinha amparados em feuro ,  
E do Principe a falta , jufta caufa  
Do sentimento noſſo : aqui fez pauſa.



# AFFONSO

## AFRICANO.

### CANTO IV.

**V**Endo Eudollo , quam pouco tinha feito ,  
 Do muito a que o furor Tartareo o move ,  
 O bravo Monstro em sombra já desfeito ,  
 Que mil damnos da boca horrenda chove ;  
 A tempestade solta sem effeito ,  
 Para que males sobre mal renove ,  
 A' Plutão fervor novo offerecendo ,  
 Assi , como queixoso , està dizendo.

Como , Rei soberano , a quem adoro  
 De meus primeiros annos à esta idade ,  
 Permittes , que meu credito , e decoro  
 Perca agora de sua autoridade ?  
 Co' este successo tal com razão choro  
 Desconfianças grandes , da verdade  
 De meus serviços , pois no que pretendo  
 Vejo , que o favor teu vou já perdendo.

Poem toda Africa os olhos na privança ,  
 A' que me tens de longe custumado ,  
 Tendo em mi certa , e firme confiança ,  
 Que os liberte do bellico cuidado :  
 Vejo agora por terra esta esperança ,  
 E vejo meu trabalho em vão tomado ,  
 E não sei à que causa isto attribua ,  
 Se algum Deos não defende a causa sua

E se aplacar tua ira he necessario ,  
Contra nós de algum modo concebida ,  
Com algum sacrificio extraordinario  
De sangue puro , ou de innocente vida :  
Sê-nos propicio , brando , e não contrario ,  
Que aqui tens a vontade offerecida ,  
E se pedires grande sacrificio ,  
Trabalho não será , mas beneficio.

Abre-se de improviso alli na Terra  
Huma alta fenda , e vai caindo tanto ,  
Que acaba lá par' onde se desterra ,  
A gente condemnada à eterno pranto :  
Descobrese-lhe tudo , quanto encerra  
Este Abismo de magoas , e d'espanto ,  
Elle parando com a vista intenſa ,  
Bebe furor , vingança , odio , offensa.

E em quanto as tristes sombras contemplava ,  
E figuras , que alli lhe apparecião ,  
Hum Ministro notou , que degollava  
Cabeças , que à Plutão se offerecião :  
O sangue em negros vasos se lançava ,  
E delle os Monstros Infernaes bebião ,  
E vendo o que denota , de improviso.  
Parte à dar à seu Rei de tudo aviso.

Da parte em tanto do celeste assento ,  
Donde o Deos , e Senhor da gente humana ,  
Está do Mundo o mais occulto intento  
Penetrando co' a mente soberana :  
Os olhos poz naquelle atrevimento  
Do Inferno horrendo , e na ousadia infana  
Do Mago infame , e confortar pretende ,  
Quem sua causa à seu pezar defende ,

Hum

## 82 AFFONSO AFRICANO.

Hum repouso geral tinha occupado  
 O Mundo, que o trabalho, e a noite empresta;  
 Sò não repousa Affonso, que o cuidado  
 Da celebrada empreza, que lhe resta,  
 Tam pensativo o traz, tam perturbado,  
 Que nem quietação val, nem somno presta,  
 E d'hum lanço do muro n'outro lanço,  
 Anda a noite enganando em vão descanso.

Ora os olhos ao longe attentos lança,  
 Por ver se as esperadas Naos descobre,  
 Mas por mais que abre os olhos, nada alcança  
 Mais que huma sombra então, que tudo cobre:  
 Ora para no mar, por ver se amansa  
 As ondas, ora no ar, se inda se encobre,  
 Ora o perdido o Filho se lhe antolha,  
 E nisto os olhos de humor largo molha.

Ora está confirmando esta fortuna,  
 Com a de muitos Principes do Mundo,  
 Que ella em successos prosperos infuna,  
 Assi por terra, como em mar profundo:  
 Ora consigo atrás, quando importuna  
 Neste mesmo lugar o povo immundo,  
 E vendo, quam de pressa o tempo troca  
 Seus rostros, assi diz, e o Ceo provoca.

Se pretendi sem vós ganhar memoria,  
 Se interesse de Fama, ou de Honra figo,  
 Encontraí-me, Senhor, dai a victoria  
 A' quem de vós blasphema em meu castigo:  
 Mas se só para vós grangeo gloria,  
 Como tanto de fora andais commigo?  
 Olhai, que temo, e o peito mo adevinha,  
 Diga o Mouro, que he vossa a falta minha.



E nisto pondo os olhos nas Estrellas ,  
 Que rompendo entre as nuves scintillavão ,  
 Ficando o resplendor mais puro dellas ,  
 Quando à partes , e à tempos se offuscavão :  
 Vio , que entre as mais fermosas , e mais bellas ,  
 Que os purissimos raios avivavão ,  
 Huma se foi nos ares inflammando ,  
 E veio por aquella parte errando.

Como raio passou , e no Oriente  
 Logo hum trovão , como de longe soa ,  
 E tráz elle esta voz pelo ar patente ,  
 Mais que de accento de mortal pessoa :  
 O' Rei defanimado , e descontente ,  
 Que tam de pressa defacoroçoa ,  
 Cuidas , que dorme Deos quando vigias !  
 Mais conta tem de ti , do que confias.

Se o tempo , que contrario , e adverso corre ,  
 Te perturba , te altera , e te dá pena ,  
 Não temas , que a seu tempo Deos soccorre ,  
 Elle os ares abtãda , elle os serena.  
 Se a Armada , que te falta , se te occorre  
 O Filho na memoria , Deos ordena ,  
 Que a salvo muito cedo , e sem perigo  
 Vejas a Armada , e o Filho inda contigo.

Elle prostrado com devoto pejo ,  
 Os braços para o Ceo todos abertos ,  
 Divino nuncio , diz , de quem só vejo  
 Os longes , que alcançar não posso os pertos :  
 Agradecer vos a mercè dezejo ,  
 Mas já vos ijs de mi , sejam tam certos  
 Esses favores , quanto he verdadeiro  
 O que diz hum divino Mensageiro.

Rompe a luz , chega Eudollo aos altos Paços  
 Daquelle , que de Lybia rege o leme ,  
 Que livre de cuidados , e embaraços ,  
 Por temido de muitos nada teme :  
 Abrem-lhe as portas os Ministros baços ,  
 Dando-lhe entrada franca , porque treme  
 Qualquer , que no serviço do Rei anda ,  
 Daquella autoridade veneranda.

E com seguro aspeito , e gesto estranho  
 Assim lhe diz com voz severa , e alta :  
 O' indigno Pastor de tal rebanho ,  
 Se teu curral faminto Lobo assalta ,  
 Como estás com descuido assim tamanho ,  
 Pois para resistir nada te falta ?  
 Não vem furtado , não , em noite escura ,  
 Antes à claras offender procura.

Das altas fragas vem de Lusitania ,  
 Por estreitas julgando aquellas Brenhas ,  
 As Campinas buscar de Mauritania ,  
 Para que nellas por vizinho o tenhas :  
 Acude à seu furor , e brava insania  
 Com Molossos crueis , não te detenhas ,  
 Que he Lobo rapacissimo , e quebranta ,  
 Se huma vez ferra o gado na garganta.

E segundo alcansei por final certo ,  
 Confirmado por Lei do Reino escuro ,  
 Seu sangue deixará neste deserto ,  
 Já que à buscar o teu vem tam seguro :  
 Mas sabe , que Plutão , e o Inferno aberto  
 Quantos Christãos em cativeiro duro  
 Guardas agora , em sacrificio pede ,  
 Que com seu sangue quer matar a sede.

Das horridas Masinorras manda logo  
Tirar a todos n'humã larga praça :  
E de Cyprestes funeraes humfogo ,  
Que em grandes chammãs arda , alli se faça :  
Onde com devação , e humilde rogo ,  
Que declare o trabalho , que ameaça ,  
O sangue destes tristes se derrame ,  
Que em vão contra os Ministros brade, e clame.

Não te divirta deste encargo imposto ,  
Piedade , conselho , nem respeito ,  
Que aqui não tem lugar o proprio gosto ,  
Quando he tam poderoso o meu preceito :  
E se alguém te mudar deste supposto ,  
A' mesma pena ha de ficar fugeito ,  
Suprindo com seu sangue o sacrificio ,  
Que o Reino fundo ha de tornar propicio.

No que tocar a mi , tem confiança ,  
Que de meu nome , e fama o ser me inclina ,  
Já turbei , mas em vão , do ar a bonança ,  
Melhor successo o Fado oje destina :  
Isto diz , e com grave segurança  
Se parte , para o mais que determina ,  
Fica o Rei temeroso , e perturbado  
Abrindo novas portas a hum cuidado.

Como quando da tenebrosa furna ,  
Donde só sae pela obscura sombra ,  
Se acaso appareceo Ave nocturna ,  
Quando o Mundo c'o Sol se desasombra :  
Espanta-se qualquer Ave diurna ,  
E como com prodigio algum se assombra ,  
E por mais que ser Ave lhe parece ,  
Aquella novidade desconhece.

E revolvendo pela fantasia  
 As palavras do Mago , e a muita instancia ,  
 Que para co' elle tem pezo , e valia ,  
 Que fazem logo a cousa de importancia :  
 Marulhos de discursos à profia  
 O coração lhe batem de substancia ,  
 Que arde em furor colerico , e no leito  
 Se sollevanta com turbado peito.

Qual Serpente na ripa d'algum Rio  
 Se ergue a tomar do Sol o raio ardente ,  
 Depois de já passado o tempo frio ,  
 C'os annos verdes a velhice ausente :  
 Entre as hervas está com novo brio ,  
 E como ellas verdeja , e não se sente ,  
 Ah triste do que passa aventureiro ,  
 E do veneno a despejar primeiro.

A mente infida , e pensamento em roda  
 No perigo , que vee diante volve ,  
 E quanto à guerra armar Africa toda ,  
 E convocar auxilios se resolve :  
 Mas quanto ao sacrificio eterna noda  
 De cruel teme , e a todos quasi absolve ,  
 Mas outro pensamento , que mais pode ,  
 Contra este parecer armado acode.

O zelo , e reverencia de huma Seita ,  
 Que guarda a cegos olhos o constrange ,  
 Com que os Christãos tam longe d'alma deita ,  
 Que nem lá piedoso affeito abrange :  
 A condição , que poz o Mago , aceita ,  
 E verdugo quer ser , e agudo alfange  
 Das vidas , que o juizo de Deos justo ,  
 Quiz sommetter a seu poder injusto.

Abrem-

Abrem-se as covas horridas, e feas ,  
Tirão-se á luz aquelles innocentes ,  
Que á rojo dos grilhões , e das cadeas ,  
Se levão , como infames delinquentes :  
Parão na praça , e nas mais altas veas  
Se enfria o sangue , vendo os deligentes  
Ministros , e os cutellos affiados ,  
Fogos ardendo , e vasos preparados.

Mas despois deste aballo temeroso  
Da fraca natureza , logo acode  
A' sustentar o spirito forçoso  
O pezo , que hum mortal sufter não pode :  
Respira cada qual , torna animoso ,  
E da morte o temor longe sacode ,  
Offerecendo a vida amada , e chara ,  
A' Deos , que só para isso lha emprestara.

Qual diz , a vida que o Tiranno cego  
Me tira em sacrificio immundo , e feio ,  
Tomai Senhor em vosso , eu vo-la entrego ,  
Nada temo por vòs , nada receio.  
Qual diz , Senhor , este meu sangue emprego  
Por vosso nome , pois o vosso veio  
Pelo resgate meu , pouco offereço ,  
Seja a vontade o preço desse preço.

Quando entra Zara n'hum Ginete ardente ,  
Que mastigando o freio em branca escuma ,  
Tanto que o pezo reconhece , e sente ,  
Se embrida , e altera mais do que custuma !  
Dobrando as mãos a passo continente ,  
Pelas ventas abertas sopra , e fuma ,  
Todos se alteram logo , e na estranheza  
Os olhos poem do traje , e da belleza.

Não usa os atavios vãos do Paço ,  
 Despreza as ricas joias tam prezadas ,  
 A manga recolhida a meio braço ,  
 As tranças d'ouro ao vento derramadas :  
 As roffagantes roupas , que embaraço  
 Fazem , n'hum breve nô todas tomadas ,  
 Lanfado aos hombros o arco , e a rica aljava ,  
 Com que das feras doma a furia brava.

Tal de Harpalice o traje , quando canfa  
 Os ardentes cavallos na carreira ,  
 Que ao longo do Hebro furioso lanfa ,  
 Cujá corrente inda he menos ligeira :  
 Despois que de seu Pai favor alcanfa  
 A que nasceo do mar , desta maneira  
 Apparece a seu Filho na espessura ,  
 Que errando vai a voltas co' a ventura.

Era Zara o retrato mais perfeito ,  
 Que com mão destra fez a Natureza ,  
 Se as condições se veem do altivo peito ,  
 E juntamente as partes da belleza :  
 O Mundo com seu nome teem sogeito ,  
 Que inda he maior , que toda Redondeza ,  
 E se de Christo a Fee lhe não faltara ,  
 Pode ser que seu nome ao Ceo chegara.

De mil Procos ao Pai era pedida  
 Sem outro premio igual , em casamento  
 Mas tudo desprezava , que na vida  
 Não ha cousa , que lhe encha o pensamento ,  
 E dizem , que se tinha offerecida  
 A' vida singular , e casto intento  
 De Diana , e das mais Nymphas da terra  
 Que pisão tras a caça o valle , e a serra.



Nesse exercicio alegre , em que se esnpera ,  
O mais do tempo nas montanhas passa ,  
Seguindo os passos d'huima , e d'outra fera ,  
Té que a tiro lhe chega , e alli a traspassa :  
Ora emboscada entre altó matto espera ,  
Tendo só para a setta a vista escassa ,  
Que do arco despedida o Cervo prega  
Incauto , que c'o sangue o Campo rega.

Tambem à coço toma o leve Gamo ,  
Tam ligeira trás elle se arremessa ,  
Despois que o engano c'o vão reclamo ,  
A' quem acode com ligeira pressa :  
Agora apponta ao passaro no ramo ,  
E antes de ser sentida o atravessa ,  
Ensaio breve , com que a mão se affouta ,  
Para o Pòrco , que fez dentro na mouta.

A's vezes enfadada na Floresta ,  
Quando arde a calma , quando o Sol s'empina ,  
No regaço florido passa a sesta ,  
E na mão de alabastro a face inclina :  
Ora os olhos à fonte clara empresta ,  
E brincando co' agoa cristalina ,  
A vea se perturba , e se mistura ,  
Porque ella se não turbe co' a figura.

Que a' ver a image bella n'agoa clara ,  
O lindo afeito , e gracioso riso ,  
( Se por ventura risse ) perigara ,  
Perdendo-se por si como Narciso :  
Mas ella he desta gloria tanto avara ,  
Que por se não mostrar , turba de aviso  
A fonte , que da mesma agoa se cia ,  
Lhe fuja co' a figura , pois corria.



A's vezes co' as Donzellas escolhidas ,  
 Que a seguem nesta deleitosa pena ,  
 Debaxo do tecido das floridas  
 Arvores , danças mil airosa ordena :  
 Espantão-se das Sylvas as fingidas  
 Deidades , e tocando a doce avena ,  
 Os passos com som rustico acompanhão ,  
 Porém de longe , que chegar estranhão.

Ai Zara , e que vida esta tam segura  
 Em bosque fresco de pezares salto ,  
 Onde o maior tumulto he d'agoa pura ,  
 Das Aves do ar o murmurar mais alto !  
 Agora , que te apartas da espessura ,  
 Logo encontras com pena , e sobressalto ,  
 Que n'alma suspiraste , quando viste  
 Tam severo spectaculo , e tam triste.

E sendo então alli certificada  
 Dos termos , que seu Pai c'os Christãos usa ,  
 Ficou c'o sacrificio perturbada ,  
 E pela causa d'elle affás confusa :  
 E manda , que não seja executada  
 A sentença cruel , em quanto escusa  
 A' piedade , e compaixão movida ,  
 C'o Pai huma miseria tam crescida.

Pararam d'improviso os Homicidas  
 A' Lei , que lhes puuera , obedecendo ,  
 E a seu mal grado as innocentes vidas  
 O castigo inventado suspendendo :  
 Que as palavras de Zara encarecidas  
 Comsigo sempre imperio vem trazendo ,  
 Com que o mais fero , e deshumano peito ,  
 Em brandura converte , e faz sogeito.

Os condemnados miseros ergueram  
Os olhos tristes para aquella banda ,  
E a causa de seu bẽm reconheceram ,  
Causa em si grande , e grande no que manda :  
Foram para fallar , emmudeceram ,  
Ella os olhou , e seu tormento abranda ,  
E como já remedio lhes dezeja ,  
Parte a buscallo , porque cedo o veja.

E como o caso compaixão lhe inspira ,  
Sobr' outra natural , que nella mora ,  
Ao Pai , e Rei , que os braços já lhe abraira ,  
Estas palavras diz , e entr'ellas chora :  
Se mimosa de vòs me não sentira ,  
Não ousara tentar se o sou agora ,  
Alcançando , Senhor , por magoada ,  
Perdão para esta gente condemnada.

Porque se castigar quereis seu erro ,  
Affás castigo tem sendo cattiva ,  
Que vida em triste , e misero desterro ,  
Está tam longe de se chamar viva.  
Que antes vida lhe dà o esquivo ferro ,  
Quando da luz vital , e alento a priva ,  
Alem de ser tam desusado feito ,  
Que de nenhum no Mundo seja aceito.

Quanto mais que n'hum tempo que ameaça  
Pelos mesmos Christãos , guerra tam crua ,  
He perigo , que a todos embaraça ,  
Terdes contra os de paz a espada nua :  
Que se a Fortuna prospera os abraça ,  
A vossa crueldade aviva a sua ,  
E dais a inimigo vencedor mottivo ,  
Para a ferro metter quanto achar vivo.

Por tanto se algum mimo vos mereço  
 Com esta petição a salvo saia ,  
 E se ha difficuldade , que eu conheço ,  
 A culpa sobre mi de tudo caia :  
 O Pai , que inda que fora de mór preço ,  
 ( Segundo de afeição todo desmaia )  
 Lhe concedera a cousa , que lhe pede ,  
 Para todos perdão logo concede.

Já nas covas de Eolia cavernosas  
 Os ventos enfreados repousavão ,  
 E desfeitas as nuves tenebrosas ,  
 Os ares descubertos se mostravão :  
 Já do Carro Phebeo as luminosas  
 Rodas à vista humana o Ceo cortavão ,  
 Quando Affonso dar vela determina ,  
 Que o tempo o chama , e o dezejo o inclina.

Mas o Magico Eudolo , que pretende  
 Daquella insigne empreza desviallo ,  
 Em novas subtilezas logo entende ,  
 Como quem tinha na maldade callo :  
 E para melhor traça inflamma , e accende  
 A furia , que custuma acompanhallo ,  
 A' quem no engano por extenso instrue ,  
 Crendo , que seu cuidado aqui conclue.

Ella rompendo os ares vai direita ,  
 Para onde Affonso a Frota arma , e reforma ,  
 Mas primeiro que chegue à forte Seyta ,  
 Hum fantastico corpo do ar informa :  
 A cuja composiura contrafeita  
 Responde em tudo a semelhança , e forma  
 D'hum velho Marinheiro conhecido ,  
 Mestre da Nao do Principe perdido.

Os Membros , a Statura , a voz iunita ,  
Os meneos , o traje representa ,  
Triste o gesto , que à compaixão incita ,  
Os pees descalços , que com pena affenta :  
E sobr'isto huns desmaios exercita ,  
Como quem do mar fae , e da tormenta ,  
E subito dest' arte se offerece ,  
A' multidão da gente , que o conhece.

Quando concorre aquella gente toda ,  
Alvoroçada affás co' a novidade ,  
E o cerca d'huma parte , e d'outra em roda ;  
E lhe mostra sinaes de humanidade :  
Mas elle c'huma escura , e cega noda  
De tristeza no rosto , persuade  
Com palavras de dor , e sentimento ,  
Que quer dar conta ao Rei de feu tormento.

Não de outra sorte o levão , que os Troianos  
Tam pouco por seu mal acautellados ,  
Ao falso Sinon , para ouvir enganos  
Tam tristemente em Troia executados.  
E diante do Rei dos Lusitanos ,  
Os giolhos na terra ambos pregados ,  
Assi lhe diz , e a cada vãa palavra ,  
A lagrima que cae , o rosto lava.

Passarei em silencio a triste historia  
Que eu vij , e de que fui parte tamanha ?  
Ou farei antes della aqui memoria ,  
Inda que o animo foge , e a lingua estranha ?  
Quem lembrado da perda de tal gloria  
Em pranto se não vai ? nem desentranha  
Suspiros mil ? para que fui deixado ,  
E me não soçobrou o mar irado ?

Eu só de toda Portuguesa Armada  
 Escapei do furor , do mar , e vento ,  
 N'huma pequena taboa , que arrojada  
 Das agoas me foi pòr em salvamento.  
 Mas a força tam fraca , e tam quebrada ,  
 Já tam perdido o spirito , e alento ,  
 Que estive a noite toda da maneira ,  
 Que me lansou na praia a onda primeira.

Mas tanto que apontou a luz serena ,  
 Entre as nuves com tudo inda escondida ,  
 Tornando mais em mi daquella pena ,  
 Para tornar commigo mais crescida :  
 Logo novo vigor o corpo ordena ,  
 Infundindo nos membros fer , e vida ,  
 Os olhos , e a cabeça ao Ceo levanto ,  
 E de mi mesino , e do que vij me espanto.

Feliz se nunca vira , e alli n'area  
 As ondas me cavaram sepultura ,  
 Vij ( mas não sei se o conte , que recea  
 Representar o spirito esta figura : )  
 Em quanto a vista a Costa , e Mar rodea ,  
 Hum spectaculo triste de amargura ,  
 Hum naufragio tam grande , que não cabe  
 Na memoria do misero que o sabe.

Pedaços de Navios vão sem vèllas ,  
 Vèllas por outra parte sem Navio ,  
 Mil taboas acolà , e os mastos dellas  
 C'os varios mares d'hum n'outro desviô :  
 Aqui suspiros vão sobre as Estrellas ,  
 Dos que tiveram mais esforço , e brio ,  
 Que de cabos , e taboas afferraram ,  
 Mas ai que os Mares nisto os soçobraram.

O que mais sobre tudo me desmaia ,  
 Foi a vista dos corpos arrojados ,  
 Que as ondas espalharam pela praia ,  
 Onde serão sem pranto sepultados :  
 Quando a sorte que contra mi s'ensaia ,  
 O' tristes olhos mal affortunados !  
 Me poz diante o corpo verdadeiro  
 De vosso amado Filho , unico herdeiro.

Neste estremo parei com sobressalto ,  
 Por espaço de mi quasi esquecido ,  
 Inda agora me espanto , e nisto salto.  
 Trás o corpo , inda assi de vós querido :  
 Mas como de vigor estava falto ,  
 Não cheguei tam de pressa , que escondido  
 O não visse , de huma onda que recrece ,  
 E co' elle ao mais profundo pego dece.

Eu que me achei sem elle à borda d'agoa ,  
 Fiquei chamando ao mar cruel , e esquivo ;  
 Porque de mi não teve , e de vós magoa ,  
 Dando-me morto , pois mo não deu vivo :  
 Por tanto se de amor inda arde a fragoa ,  
 Exequias celebrai em Throno altivo ,  
 E deixai por agora guerra dura ,  
 Pois o Ceo contra vós se arma , e conjura.

Hum sobressalto , e triste movimento  
 A' todos occupou , e hum temor frio  
 Envolto n'hum pezado sentimento ,  
 Os membros entorpece , o sprito , e brio :  
 Mas alterado logo o sufrimento ,  
 Como com qualquer vento manso Rio ,  
 Dos olhos faz sair lagrimas fora ,  
 Que cada qual hum mal tam commum chora.

Qual



Qual sente a morte , e perdição do amigo ,  
 Qual do Irmão , qual do Pai , qual do parente ,  
 E não ser companheiro no perigo ,  
 Isto o magôa mais , isto mais sente :  
 Outros , que o maior mal pezão consigo ,  
 Do Principe proseguem tristemente  
 O caso amargo , a desfezada morte ,  
 Rompendo em tristes queixas desta sorte.

Estas Principe amado são aquellas  
 Esperanças felices , que nos davas ,  
 De subires em cima das Estrellas  
 O Reino Lusitano se reinavas ?  
 Se aviamos de ter tal fruto dellas ,  
 Para que tam crescidas as mostravas ?  
 Mas ai que tanta flor , logo dizia ,  
 Que vingar ante tempo não podia.

Não perturbou tamanho sobressalto  
 Affonso , antes se anima , e se consola ,  
 E como rocha , a quem dão bravo assalto  
 As ondas desiguaes , que o vento empolla :  
 Está com tudo firme , e do mais alto  
 Cume , zomba do mar quando se enrolla ,  
 Assim resiste à nova tam pezada ,  
 E levar manda ferro à toda Armada.

As armas entretanto o Rei prepara ,  
 E trabalha prover os adjacentes  
 Lugares , à corrente d'agoa amara ,  
 De bastante socorro , e varias gentes :  
 Já manda fazer vallos , já repara  
 Quebras subtijs dos muros eminentes ,  
 Já grande multidão de Armados dece ,  
 Que por varios caminhos se ergue , e crece.

Bem

Bem como no ar grosso esquadrão se ajunta  
De Abuitres feros , à quem trouxe o vento  
Da gente na campal guerra defunta ,  
O faro funeral , e peçonhento ;  
Grafnando cada qual alli pergunta  
As horas do nefando enterramento ,  
E tanto que hum caminho abriu voando ,  
Levantão grita , e os ares vão calhando.

Porém desconfiado o Rei se fente ,  
E quasi seu total destorço espera ,  
Por quanto foi remisso , e inobediente  
Ao Mago no perdão , que à Zara dera :  
Inquieto se mostra , e descontente ,  
Ficando ella fogueita à morte fera ,  
E porque em sonhos já fora advertido ,  
Manda chamar o seu penhor querido.

Obedece ao chamado a humilde Filha ,  
E diante do Rei logo apparece ,  
Qual da Phenix a nova maravilha  
Da terra espanto , e do ar , que a não conhece :  
E c'huma inclinação branda se humilha ,  
Triste do velho Pai , que s'enternece ,  
E quísera mudar alli sentença ,  
Tanto o move a bellissima presença.

Em semelhante aperto Perseo anda ,  
E quasi a empreza servida recusa ;  
Trazendo à voltas d'huma , e d'outra banda  
O coração , que accusa , e logo escusa :  
Já se aplaca o furor , já se lhe abrandá ,  
Vendo o gesto fermoso de Medusa ,  
Que pouco a pouco lhe converte o peito ,  
Em pedra não , mas em piedoso affeito.

Mas forçado lhe diz , o que retinha  
N'alma , que à seu pezar à boca veio ,  
O' doce allivio da velhice minha ,  
O' de minha esperança firme Esteio :  
Arrimo , em que minha hera se sostinha  
C'hum amoroso nunca visto enleio ,  
Fonte perenne no maior Estio ,  
Donde agôa vinha à meu cansado Rio.

Os poderosos Thalamos , as Tedas  
De Principes , que altiva , e ufana engeitas ;  
Os doces Hymeneos , as Vodas ledas ,  
A' cuja gloria em fim te não fogeitas :  
Em tempo estàs , que he jusfo, que as concedas ,  
Se daquelle , que as pede , o ser respeitas ,  
Que autor he deste singular successo ,  
Aquelle , cuja Lei figo , e professo.

Mas inda que prazeres semelhantes  
Na morte acabão , começando em vida ,  
Elle quer , que comecem na morte antes ;  
Para que nunca tenham despedida ;  
Em sacrificio quer esses prestantes  
Olhos , e essa cabeça offerecida ,  
Para à luz , que ha de vir do novo dia ,  
Das joias mais preciosas te atávia.

Ella c'o sobressalto temerosa ,  
Que a sombra ló da morte nos trastorna ,  
Hum pouco a cor perdeo , qual bella rosa ,  
Que o matutino orvalho affeita , e adorna :  
Se à mão vento , e à mão Sol foi odiosa ,  
Languida logo , e descorada torna ,  
Ou qual purpura fina que desbota ,  
Se d'agoa lhe caio pequena gota.

Mas logo em si tornando , qual respira  
A mesma rosa , qual de novo cora ,  
Se alguma viração branda lhe spira ,  
Assi lhe diz , e seu destino adora :  
Esta morte Senhor , e Pai sentira ,  
Se menos gloriosa , e nobre fora ,  
Mas pois de mi-se lembra quem na ordena ,  
Bem he , que me esqueça eu della , e da pena.

Tudo repousa , e vela a Mãi de Zara ,  
Que d'hum trespasso em outro anda inquieta ,  
E com estremos , e sinaes declara  
A dor , que já não pode ter secreta :  
E qual ligeira Cerva à quem passara  
O Pastor de Ida com aguda feta ,  
Os montes salta , os valles atravessa ,  
Buscando o salutar Dictamo à pressa.

Tal discorrendo vai c'o pensamento  
Tràs o remedio desta pena esquivã ,  
Como possa enganar o fero intento  
De hum Tyranno , que assi de amor se priva :  
Que cuida conservar o Reino isento ,  
Se em sacrificio der a Filha viva ,  
E não vee meio que isto melhor cure ,  
Nem parte de segredo onde a segure.

Em tal pena , e solícito cuidado  
A grande Thetys no alto mar se sente ,  
Tanto que o Pastor Phrygio ouve roubado  
As incautas Amyclas brandamente :  
Em que lugar esconda o Filho amado  
De Ulisses volve na inquieta mente ,  
Já leva à Delo , e à Myco no sentido ,  
Já de Seripho cura , já de Abydo.

Mas

## 100 AFFONSO AFRICANO.

Mas em fim se resolve , e determina  
 Mandalla para longe , e desterralla ,  
 Onde possa escapar da morte indina ,  
 E com ella este caso trata , e falla :  
 Que a vontade do Rei , que não declina ;  
 Desta sorte procura desvialla ,  
 Esperando , que o tempo por ventura  
 Cure esta chaga , pois que tudo cura.

E porque o caso pede confiança ,  
 A' Chaot , e a Luzel Eunuchos chama ,  
 A' que era Zara entregue por usança ,  
 E que ella como Pais reverente ama :  
 Estes a confirmaram de criança  
 Na Lei , que segue , e tem conforme a fama  
 A' mestres taes , que sempre a doutrinavão ,  
 E nunca de seu lado se apartavão.

Não trazem tam continuo movimento  
 As tres Estrellas em perpetua guarda ,  
 Daquelle Norte , cujo fixo assento  
 No mar undoso as cegas Naos resguarda :  
 Que em quanto o natural , e o violento  
 Curso dos leves Ceos immoto aguarda ,  
 Sempre lhe affigurando irão pelo anno ,  
 As partes principaes d'hum corpo humano.

Estes do gram deposito encarrega ,  
 Tambem lhes diz a parte , e lha finalla ,  
 Onde quer que lhe fação della entrega ,  
 E com dôr quasi , e sentimento estalla :  
 Mil vezes lha offerece , e mil lha nega ,  
 Como quem mal de si pode apartalla ,  
 Em fim lha dà , mas ai quanto encommenda ;  
 Que nada lha moleste , nem lha offenda.

Qual

Qual aquatica Alcion no ar incerta  
( A' quem negou a terra o doce amparo  
Chegando de seu parto a fazão certa )  
Anda , s'entregue ao Mar o ninho charo :  
Agora teme a Região deserta ,  
Onde não se acha ao vento algum reparo ,  
Ora o balanço da onda que recrece ,  
Mas em fim se aventura , e a caza tece.

E porque a conjunção do tempo , e guerra ,  
Que por todas aquellas partes ferve ,  
Com armas affombrando o valle , e a ferra ,  
Para qualquer disfarce de armas serve :  
Que mais segura vai por mar , e terra ,  
Para que o garbo feminil conserve ,  
Se armas veste , de hum Elmo radiante  
Orna a cabeça , e de aço o mais restante.

Tal quando a vã soberba conjurada  
Foi dos Gigantes contra o soberano  
Jupiter , que com mão de raio armada  
Fabricado na forje de Vulcano :  
Ajudado da lança , e ardente espada  
De Marte , em damno vem do Centimano ,  
Em favor do querido Pai te aballas ,  
De todas peças guarneçada Pallas.

Já se alongavão da Cidade , e muros ,  
Entremettidos valles , Serras varias ,  
Onde já pòr distancia dos escuros  
Ares , nem calla luz de luminarias ,  
Nem tom de vozes , vão porém seguros  
Mil somnos perturbando de Alimarias ,  
E mil repouso de quietas Aves ,  
C'o trepidante som das unhas graves.



As luzentes Estrellas mais de meio  
 Curso da noite já passado tinhão ,  
 Quebrando o resplendor no escuro , e feio  
 Véo de nuves , que o ar cerrando vinhão :  
 Quando deram n'hum arduo , e cego enleio  
 De caminhos , em cujo error detinhão  
 Os ligeiros cavallos , e parando ,  
 Qual delles se ha d'entrar estão cuidando.

Era hum spaçoso , largo , alegre , e plano ,  
 Sem meandro , sem volta , affas direito ,  
 Donde se não podia temer dano ,  
 Salvo fosse para isso contrafeito :  
 Outro de pedregulho deshumano ,  
 De abrolhos duros , sobre tudo estreito ,  
 Carregado , e medonho , d'alto mato ,  
 Que romper não podia humano trato.

Deste foge Chaot , que a dura entrada  
 Todo feliz successo difficulta ,  
 Que da aspereza alli representada ,  
 Não pode presumir bondade occulta :  
 E chama Zara para à larga estrada ,  
 Que à ponta estava da vereda inculta  
 Que Luzel diz caminho verdadeiro ,  
 E quer-se aventurar à ser primeiro.

Nisto se affirma tanto , porque ouvira  
 Deste passo enganoso à caminhanes ,  
 E porque alli tambem notara , e vira  
 De humanos pees pisadas circumstantes :  
 Mas Chaot para o largo se retira ,  
 Inda que de Animaes quadrupedantes  
 Sò pegadas enxerga , e com profia  
 Quasi forçada leva a companhia.

Era de verde esmalte tapizada  
 A bella marge de huma , e de outra parte ,  
 E de varias boninas matizada ,  
 Que com prodiga mão Flora reparte :  
 Que inda que a vista gose pouco , ou nada  
 Desta frescura , thé que o Sol aparte  
 As trévas , a suavissima flagrancia  
 Lhes descobre das flores a substancia.

Assi vão caminhando espaço largo  
 Enlevados naquella suavidade ,  
 Não sabendo , que tem successo amargo  
 Doces principios de felicidade :  
 Commum tributo , e trabalhoso encargo  
 Desta gostosa , e cega vaidade ,  
 Quando dão n'hum barranco , e precipicio ,  
 Do error que levão manifesto indicio.

Deram n'huma rocha ingreme , e talhada  
 Que despois para fóra vai saindo  
 Com ponta carcomida , e tam quebrada ,  
 Que parece , que está quasi caindo :  
 Fora Zara daqui precipitada ,  
 Se Luzel , que lhe foi logo acodindo ,  
 Lhe não bradara em alta voz , dizendo ,  
 Atrás , que por aqui te vás perdendo.

Logo em cima soou do fundo lago  
 Grande rumor de Feras differentes ,  
 Passa a triste de Zara aquelle trago  
 Entre embates de varios accidentes :  
 Do Basalisco , e peçonhento Drago ,  
 De Aspide venenosa , e mais Serpentes  
 Os sylvos se ouvem , de Leões bramidos  
 Enchem de espanto os timidos sentidos.

Luzel foi o primeiro que deu volta  
 Tras si levando a perturbada Zara,  
 Em temores, e medos toda envolta,  
 Tremendo como verde branda vara:  
 Os olhos para trás mil vezes volta,  
 Como que as sombras vêe de que escapara,  
 A vezes grita, e quasi as unhas sente  
 Da fera, que o temor lhe faz presente.

Assi chegão de novo áquella antiga  
 Vereda, que deixaram por estreita,  
 E vendo ser forçado, que se siga,  
 O primeiro he Luzel, que o risco aceita.  
 Quando de errante Estrella a luz amiga  
 Do ar baxando para elles vem direita,  
 E correndo outra vez ao longo abria,  
 Por entre aquelle horror a occulta via.

Cobram juntos então de novo alento,  
 Tomando por auspicio aquella Estrella,  
 E proseguem com mais atrevimento  
 C'hum pouco reíplandor, que ficou della:  
 Quanto mais dentro vão, mais solto, e isento,  
 Cada qual os caminhos atropella,  
 Menos fragòsos se achão, que na entrada,  
 E já por elles caminhar ágrada.

Thè, que foram sair n'hum valle ameno,  
 A' quem fazião muro erguidos Montes,  
 Donde para o fresquissimo terreno,  
 Manavão de cristal limpidas Fontes,  
 Que divididas pelo verde feno  
 Em Rios naturales, que escusão pontes,  
 Hum prado formão deleitoso, e lindo,  
 Onde esta sempre a Primavera rindo.

Alli veem gente de armas que jazia  
 Pelo florente abrigo derramada,  
 E no meio alterosa apparecia  
 A' quatro cantos huma Tenda armada :  
 Nesta o valente Homar se recolhia ,  
 Capitão he geral desta jornada ,  
 N'outra com sette Filhos Tenebronte ,  
 Abdalla forte n'outra alli defronte.

Este com leda , e facil cortezia  
 Vendo gente de guerra autorizada ,  
 Recebe à Zara em sua companhia ,  
 C'os outros de que vem acompanhada :  
 Quanto lhe he necessario offerencia ,  
 Para sem falta ser agasalhada ,  
 E trás practica , e practica que ajunta ,  
 Da jornada lhe faz Zara pergunta.

O Capitão discreto lhe responde ,  
 Que aos lugares maritimos acode ,  
 Que a fama diz , à quem nada se esconde ,  
 Que à vista já o Imigo o mar sacode :  
 Ella torna , folgara saber donde  
 Sae esse Imigo , e quanto em armas pode ,  
 Abdalla satisfaz , e em quanto conta ,  
 A noite passa , e a bella Aurora aponta.

Já com prospero vento navegava  
 A forte Armada , e os mares dividia ,  
 Já Seyta por detrás longe ficava ,  
 Alcacer já de todo se escondia :  
 Já Tanger por davante se mostrava ,  
 E os levantados muros descobria ,  
 Quando em voz alta , os que a vigia excitão ,  
 Tanger affoma , affoma Tanger , gritão.

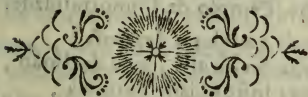
A esta voz Affonso os olhos lança  
 Là para onde o Theatro insigne aponta ,  
 E com elles hum pouco assi descança ,  
 Mais do commum a vista esperta , e pronta ;  
 E como que de ver se afflige , e cança ,  
 Os olhos furta , e logo alli desconta  
 Com lagrimas , quem ha que a dor resista ?  
 O pensamento , que bebeo co' a vista.

A todos alterou a novidade ,  
 Que em corações leaes fez grande aballo ,  
 E nenhum com razão se persuade ,  
 Que lembrança pudesse perturballo :  
 Alguns querem saber esta verdade ,  
 E Rui de Mello só tenta provallo ,  
 Dizendo , Senhor , pena , e magoa temos :  
 Da tristeza , que em em vòs agora vemos.

E como esta tristeza he tanto nossa ,  
 Em todos vai obrando o mesmo effeito ,  
 Dizei , Senhor , como curar se possa ,  
 Que à todo risco temos prompto o peito :  
 Elle torna , agradeço a tenção vossa ,  
 De que sempre me sinto satisfeito ,  
 A memoria do Sancto Dom Fernando  
 Este excesso causou , e foi andando.

Todos ficão tratando então comsigo  
 Deste caso do Infante alli passado ,  
 E dezejando estão c'hum zelo amigo  
 Por algum delles fosse recontado :  
 Quando este mesmo Cavalleiro antigo  
 No cognome de Mellos celebrado ,  
 Tomando a mão , desta famosa historia  
 ( Sollevando-se ) diz , farei memoria.

Direi da insigne empreza o fundamento ,  
Direi do tempo mil calamidades ,  
Que do zelo Christão , do sancto intento ,  
Não mudaram firmíssimas vontades :  
Do cattiveiro , e duro tratamento  
Do Sancto-Infante , e mais adversidades ,  
Em tanto preparai à tanta magoa ,  
Pezar nos corações , nos olhos agoa.





# AFFONSO AFRICANO.

## CANTO V.

**C** Alaram todos , e n'hum mesmo instante  
Nova attenção nos olhos vão mostrando ,  
C'os seus correndo quantos tem diante ,  
Assi foi Rui de Mello a voz soltando :  
Deípois , que João Primeiro entrou triúphante  
Em Portugal a Seyta libertando  
Com tal victoria , que por toda idade  
Vive no Templo da Immortalidade.

**A** morte de grandezas dezejosa ,  
Ajudada dos annos , que declinão ,  
Lhe gera infirmitade perigosa ,  
Que nem medicas artes determinão :  
Vendo-se perto já da temerosa  
Hora , em que humanos bens o collo inclinão ,  
Chama dos Filhos a progenie toda ,  
Que lhe cercaram logo a cama em roda.

**J**untos assi , lhes diz o Pai benino  
Com voz tremante co' a mortal fadiga ;  
Amados filhos , já que o Ser divino  
Meu ser acaba , para que outro siga :  
Se o ser que tendes meu , como imagino ,  
A reverente affeito vos obriga ,  
Hum só preceito quero se me guarde ,  
Que eu comecei guardar , mas foi já tarde.

A maior carga que minh' alma sente ,  
 Que quasi faz pendor , e me inquieta ,  
 He sangue derramado em guerra à gente ,  
 Que no curral de Christo se aquieta :  
 O damno que lhe fiz incautamente ,  
 Alma me corta c'huma dór secreta ,  
 E se a morte mais tarde me impidira ,  
 C'o sangue infido o que verti suprira.

Mas pois esta vontade suspendida  
 Fica por este mal , que oje me atalha ,  
 Que trasplantada deixo em vossa vida ,  
 Se não pode de mi , de vòs se valha :  
 Contra os Mouros a conjunção perdida  
 ( Pois seu favor o Ceo , e graça orvalha )  
 Vos encomendo restaureis agora ,  
 Aqui lhe falta a voz co' a ultim'hora.

Esta lembrança teve força tanta ,  
 Por ser tam justa , e em tal estado feita ,  
 Que lançou mil raizes , como a planta  
 No terreno mimoso d'agoa deita :  
 Cada qual delles esta empreza santa  
 Na mais segura parte d'alma aceita ,  
 Para que abrindo o tempo conjuntura ,  
 Se entenda na conquista aspera , e dura.

Em tanto o famosissimo Duarte  
 Em forças corporaes , e em partes d'alma ,  
 Que ao nosso grande Affonso o Ceo reparte  
 Por venerando Pai , em grande palma :  
 Subio do Reino à mais sublime parte ,  
 Cuja soberba gloria , inda que acalma  
 No Rei defuncto , co' este Rei presente  
 Se espera que de novo se avivente.

## **IIO AFFONSO AFRICANO.**

**Mas** ou fosse castigo do sublime  
Senhor, por quebrantar o Rei ufano,  
Ou fosse enveja grande, que lastime  
O bravo Inigo do lignage humano:  
Huma contagiosa peste opprime  
De tal sorte o terreno Lusitano,  
Que o peſce d'agoa, da montanha o Bruto  
Para o ar corruto, fuge do ar corruto.

**Em** aperto, e trabalho ſemelhante  
Eſtá, qual o Paſtor, que ao Sceptro veio,  
E com paſtoral funda do Gygante  
Proſtrou por terra o corpo horrendo, e ſeio.  
Que de tres males; que lhe poz diante  
O Ceo, rompeo da peste o vão receio,  
E vendo triſte, quantas vidas colha,  
Duvida ſe acertou naquella eſcolha.

**Principio** foi do grande mal, que veio,  
E ſinal certo de ſucceſſo amargo,  
Spirarem lá do venenoso ſeio  
Do Sul, tepidos Auſtros tempo largo:  
Quatro vezes inteiro, e quatro meio  
Roſtro moſtrou a Deoſa, que tem cargo  
Da noite, e ſempre os ventos do regaço  
Do Sul, envolvem do ar o immenſo eſpaço.

**Naquelle** tempo o Sol reſplandefcente  
C'o negro veo, que ſempre ſe lhe oppunha,  
Negava a cristalina face à gente,  
Por mais que à recebella ſe diſpunha:  
E lá na tarde, quando no Occidente  
Carregado, outra vez triſte ſe punha,  
Dando lugar às lucidas Eſtrellas,  
Já mais ſe vio no Mar a forma dellas.

Das tenebrosas nuves nevoa fae  
 Espessa, e grossa, de cor negra, e baça,  
 Que pelos montes levantados cae,  
 E logo o mais profundo valle abraça:  
 Se à caso se consume, e se distrae,  
 Sem aver Sol, ou vento, que a desfaça,  
 Humida a terra deixa, e faz, que acuda  
 Por mais a humedecer, chuva meuda.

Com isto se inficiona, e se corrompe  
 Do ar a clemencia pura, e temperada,  
 Contagiação se gera, que interrompe  
 A faude da terra dezejada:  
 Pelas agoas do mar primeiro rompe,  
 E na profunda cerula morada,  
 As turmas damna, da esquammiosa gente,  
 Que corrupção no seu remedio sente.

Ex que começão ver os pescadores  
 A' cima vir os peſces em cardume,  
 Buscando estranhos ares por melhores,  
 Do ſeu clima fugindo, que os consume:  
 Com as bocas abertas já co' as dores,  
 Como que vem fazendo alli queixume  
 A's redes, que os tem vivos, eſtendidas,  
 E já mortos os levão recolhidas.

Quantos o Mar lanſou ſem tempeſtade,  
 Calhando as praias d'huma, e d'outra môrte,  
 Importa admiração a novidade  
 De Peſcados d'eſtranha, e varia ſorte:  
 Que nunca conheceo antiga idade  
 No Mar, que aqueenta o Sul, e enfria o Norte,  
 Mas quicã ſe o que encerra o Mar moſtraſſe,  
 Que a Terra ſe correſſe, e envergonhaſſe:

## 112 AFFONSO AFRICANO.

Os sentidos Delphins antigamente  
 Enlevados na musica de Ario ,  
 Que aos Nautas prognosticão a eminente  
 Tormenta , que resolve o aquoso Orio :  
 Que festejão no mar a ousada gente ,  
 Acompanhando em giros o Navio ,  
 Era tam triste vellos pela area ,  
 Quanto vellos pela agoa nos recrea.

As Alcioneas Aves , que nos braços  
 De Thetys a tessida caza tinhão ,  
 Porque então dava à Zephiro os abraços ,  
 Que os mais ventos no carcer se detinhão :  
 Não temendo do tempo os ameaços ,  
 Se à seus penhores co' a comida vinhão ,  
 Co' a morte lhes caia o que lhes davão ,  
 Elles tambem co' a morte o não tomavão.

Mas outra em que foi Esaco mudado ,  
 Não soffrendo ficar na vida ausente  
 Da Nympha , cujo amor no mar irado  
 Do monte o despenhou incautamente :  
 Surgindo com mergulho accelerado ,  
 Como que Esperie sobre as agoas lente ,  
 Quando outra vez o collo ao mar recolhe ,  
 A morte lho suspende , e dobrar tolhe.

Neste tempo na costa da piscosa  
 Cizimbra , onde rebenta o mar vizinho ,  
 N'huma lapa sombria , e cavernosa ,  
 Para onde abria o mesmo mar caminho :  
 Hum Monstro de figura temerosa  
 Se vio , qual era Glauco Deos Marinho ,  
 Qual da Serèa mistica indistinta ,  
 De Pesce a forma , e de mulher se pinta.

Visto

Visto de hum pescador , que à leve remo  
 Por esta parte a curva taboa enfaia ,  
 Que encheo logo o lugar d'aquelle estremo ,  
 Qual vai pela agoa à ver , qual pela praia :  
 Sendo muitos à vista c'hum supremo  
 Gemido , là do sprito , que desmaia ,  
 Como que estava já vizinho à morte ,  
 Desfata a debil lingua desta forte.

Fujo do mar de hum mal , que me persegue ,  
 Por ver se acho remedio cà na terra ,  
 Mas c'o veneno seu tanto me segue ,  
 Que nesta escusa lapa me faz guerra :  
 Nas mãos da morte vejo a vida entregue  
 Que quasi a luz dos olhos me desterra ;  
 Mas já que nesta conjunção me vistes ,  
 Ovi de vosso Reino annuncios tristes.

O mal , que lavra , e seu furor incita ,  
 Contra os habitantes do Oceano ,  
 Que de Tritões , e Pesces deshabita  
 As covas de cristal com tanto dano :  
 Já contra à Terra se arma , já se excita ,  
 Cedo se ha de cevar em sangue humano ,  
 Nem de vulgo sem nome , ou plebe cura ,  
 Que à Coroas , e à Sceptros se aventura.

Ai que estrago , e destorso represento ,  
 Que mortes , que sem terra a Terra deixa !  
 Pasto de Feras , de Aves mantimento ,  
 Que a mesma Natureza alli se queixa :  
 Qual descomposta Ceres de ornamento  
 Em molhos jaz , que o segador enfeixa ,  
 Quando da tarde ao derradeiro atalho ,  
 Interpoz o descanto a seu trabalho.



## II4 AFFONSO AFRICANO.

Já nesta fazão cheia de pezares

As Aves sentem venenosa offensa ,

Das nuves altas vão caindo a pares.

Que nem lá para o mal achão defensão :

Qual indo dividindo os leves ares

C'os remos naturaes , ficou suspenso ,

Qual d'entre as folhas d'arvore sombria ,

Co' as leves pennas toca a terra fria.

Dos ares desce , e vai desta maneira

O mal entrando os Animaes do monte ,

Parado fica o Cervo na carreira ,

Dando lugar , que o caçador lhe apponte :

Mas a setta , por mais que vai ligeira ,

Não acha vida , que no sangue affronte ,

Elle da mão , do tiro se gloria ,

Porque cair no mesmo ponto o via.

Entre os sulcos , que abrindo vai da terra

O pobre lavrador c'o arado agudo ,

Dos companheiros hum , que o jugo cerra ,

Lhe cae de repente lasso , e mudo :

Elle da parte falta o jugo afferra ,

E vai tirando com sobejo estudo ,

Quando no meio do imperfeito rego ,

No que fica , lhe faz a morte emprego.

Já se envergonha o mal de alevantado

Ser rustico , e dezeja ver-se Urbano ,

Deixa as herdades , entra o povoado ,

Executando a furia em todo humano :

Qual se vee das entranhas abrasado ,

Como que arda nas Fragoas de Vulcano ,

E dezeja matar aquelle fogo

Em Rios d'agoa , a que se arroja logo.

Qual

Qual pelo chão se lanfa , e o peito estende ,  
 Nem por isso recebe frio alento ,  
 Antes o próprio chão se não defende ,  
 Que he mais , q' o frio humor o ardor violento :  
 O rostro por final se inflamma , e accende ,  
 Ardendo o anhelito sae , e sempre ao vento  
 Aberta a boca traz , para que possa  
 Refrigerar a lingua secca , e grossa.

Qual no ventre marulho experimenta ,  
 Como de mar instabil , que se affanha ,  
 E sem forsa de mão todo arrebenta  
 Em vomitos crueis , com pena estranha ;  
 Algum neste trabalho , que atormenta ,  
 C'o vomito , e co' a vida a terra banha ,  
 A quem nas juntas horrida apostema  
 Faz , que affaltos da morte á vista tema.

Qual estando fallando de repente  
 Desfallece , por mais , que o sangue acode l.  
 A' ter o coração , e a cerviz sente  
 Carga em si mesma , nem consigo pode :  
 Sem vida pelas ruas cae a gente ,  
 Como maduros pomos , que sacode  
 Com teso avano a mão do pomareiro ,  
 Ou como glande o varejar ligeiro.

Nesta oppressão tamanha , que suspende  
 Os pensamentos a qualquer effeito ,  
 Aquelle que escapar do mal pretende ,  
 O mais precioso ornato em cinzas feito ;  
 As Sylvas longe busca , nem se offende  
 C'o bramido das Feras , que em proveito  
 Lhe fica aventurar-se à Natureza ,  
 Que pode ter clemencia na fereza.

## 116 AFFONSO AFRICANO.

Vendo o Rei perseguido , que lavrando  
Vai sempre o mal de Inverno a Primavera ,  
Nem com fazões gèraes de tempo brando ,  
Da primeira braveza degenera :  
Qual esquadrão de fogo , que atteando ,  
Na populosa Sylva persevera ,  
Sem que o furor remedio humano impida ,  
Salvo despois da Sylva consumida.

Assi dizem , que erguendo ao Ceo sereno  
Os olhos arrasados d'agoa , exclama :  
Alto Senhor , que só c'hum leve aceno  
O mar aquietais , quando mais brama :  
Que o secco campo nos tornais ameno ,  
Que desfazeis a nuve que derrama  
Pelo ar tempestuoso o manto escuro ,  
E logo se nos mostra claro , e puro.

Sobre huma viração do throno vosso ,  
Ja que esta natural tam pouca monta ,  
Que desbarate este ar envolto , e grosso ,  
Que as vidas , que nos dêstes , tanto affronta :  
He tempo já , Senhor , que em favor nosso  
Armeis outro arco , d'outra hervada ponta ,  
C'hum dictamo faudavel , de secreta  
Virtude , contra a venenosa seta.

E se com tudo culpas cominettidas  
Contra essa soberana Magestade  
Fazem tomar vingança em tantas vidas ,  
E por ventura de inculpada idade :  
Executai as penas merecidas  
Nesta só mal regida humanidade ,  
Que do máo regimento da cabeça ,  
Nasce , que o pee resvalle , e a mão se esqueça.

E se he forçado ser este castigo  
 Por todos geralmente executado ,  
 Livrai-nos , Senhor meu , deste perigo ,  
 Que noutro os provarei mais acertado :  
 Antes à mãos acabem do inimigo  
 Que do vicioso Arabio o rito errado  
 Defende , e ficará delles memoria ,  
 Morrendo por vossa honra , e vossa gloria.

Isto dizendo , logo determina  
 Aparelhar-se para à dura guerra ,  
 Invocando o favor da mão divina ,  
 Sem o qual muito pouco pode a terra :  
 Gente lugares dão , plantas inclina  
 Para reformas o valle , e a serra ,  
 Quando dizem , que a muitos manifesto ,  
 Hum Monstro appareceo d'estranho gesto.

A postura varia , o gesto humano ,  
 De barba ornado , mas cornuta testa ,  
 Da cinta para baixo deshumano ,  
 Que em pees de cabra acaba o que lhe resta :  
 Figura era de Satyro , ou Sylvano ,  
 Se algum no monte habita , e na floresta ,  
 Subitamente com terror fugindo ,  
 Pesada voz soltou , que se hia ouvindo.

Já que me perturbaís a liberdade  
 Neste escondido incognito arvoredo ,  
 A vossa por estranha adversidade ,  
 Nas terras que buscais , perdereis cedo :  
 Em vão vos prometteis felicidade  
 Em Africa , e passais o Mar sem medo  
 Nesses cortados lenhos , que se vivos  
 Tornais , ferà com nome de cattivos.

## II8 AFFONSO AFRICANO.

Divulga-se do Monstro logo a fama ,  
 E corre pelo Reino , como vento ,  
 Que alguns fracos espiritos acama ,  
 N'outros porém não causa movimento :  
 Este superstição damnosa chama ,  
 Trastornar-se com isto o pensamento ,  
 Outro diz , que já Deos nos deu avisos  
 Por brutos Animaes , de seus Juizos ,

Mas inda que este agouro se publique ,  
 O famoso Duarte não se altera ,  
 Antes estando a forte Armada a pique ,  
 Que só por vento , e por monção espera :  
 Encommendada ao valeroso Anrique ,  
 ( Que experimentado em taes perigos era )  
 E juntamente ao Sancto Dom Fernando ,  
 Mandão dar vela , e o Mar forão cortando

Sinquoenta e cinco vezes descobrira  
 Pallantias , a cortina do aureo leito ,  
 E tantas no mar largo se encobrira  
 Hespero já com menos ledos aspeito :  
 Despois , que do Ulisseo porto abrira  
 Caminho a tantos lenhos inda estreito .  
 ( Tempo bastante para ser entrada  
 A Cidade que busca ) a forte Armada.

Quando passando pela fantasia  
 O Rei de novas boas a tardança ,  
 Occupado de hum somno , em noite fria  
 Subito foi c'o pezo da lembrança :  
 Bem pudera cuidar , que não dormia ,  
 Segundo a image viva , e segurança  
 Das coutas , que alli vio representadas ,  
 E permittira Deos foram sonhadas.

Huma Cidade , que alto Muro , e Torre  
 Em torno cerca , alli se lhe affigura ,  
 Onde a corrente amara , quebra , e morre ,  
 Desfeita em spuma , se espraia procura :  
 Se com a vista vaga ao mar discorre ,  
 De arvores fabricadas a espessura  
 Enxerga pela praia , e da outra parte ,  
 Gente de guerra , que affervora Marte.

Bem conhece os Soldados Lusitanos ,  
 Que no espantoso assalto , que começam ,  
 Dão mostras , e sinaes de mais que humanos ,  
 Se os grandes feitos sem paixão se meçam :  
 Nem Briareo , nem Gygas Centimanos ,  
 Que montes sobre montes arremeçam ,  
 Tanto esforço , e valor manifestaram ,  
 Quando contra Inmortaes se conjuraram.

Sente o stridor das settas penetrantes  
 Despididas com forsa do arco , e braço ,  
 Quaes quebrão nas ameas circumstantes ,  
 Quaes vão parar nos duros corpos d' aço :  
 Qual dos que à defender estão constantes ,  
 Inda que seja por pequeno espaço ,  
 O fino Escudo trespassado leva ,  
 Como em duzentas partes o de Sceva.

Mas das settas temendo a sombra infanda  
 Cada qual foge , e menos apparece ,  
 Como de pombas innocente banda ,  
 Que a beber na corrente d' agoa dece :  
 Se alguma Ave de aduncas unhas anda  
 Lá no mais alto do ar , toda estremece  
 Co' a sombra , que vio n' agoa , e sem que molhe  
 O bico mais , furtada se recolhe.



Vee , como nosso Campo se gratula  
 Já da victoria do soberbo Mouro ,  
 A' quem copia de escravos instimula ,  
 A' quem só gloria , à quem cubica d'ouro :  
 Mas em vão seus dezejões accumula ,  
 Como quem sonha achar algum thesouro ,  
 Que enlevado n'aquelle gosto o conta ,  
 Mas a manhã lho rouba , e lho desconta.

Quando outro clamor logo se levanta  
 Lá para longe pelos altos muros ,  
 Com tanto rigozijo , que quebranta  
 Os animos alegres , e seguros :  
 Vai crescendo o rumor com festa tanta ,  
 Bem como , que depois de assaltos duros  
 Do navegado Mar , as Naos se veção ,  
 Que do mais alto monte se festejão.

Entende o campo ser aquillo vista  
 De socorro , e com pressa se arma , e valla ,  
 Qual lavrador na herdade , onde conquista  
 Rio , que se crescer pode alagalla :  
 Para que d'algum modo lhe resista  
 Vendo o ar , que envolto com trovões estalla ,  
 Com páa ferrada calla abaixo a terra ,  
 E faz reparos com que a herdade cerra.

Já com tropel aquelles Campos pisa  
 De Mouros comarcãos multidão varia ,  
 Já se mostra das Luas a divisa  
 Ao lume do divino Sol contraria :  
 Como Formigas à que o tempo avisa  
 Da boa conjunção , tam necessaria  
 Da loura Ceres , saem por carreiros ,  
 A' fazer para o Inverno seus celeiros.

E com impetu alçando estranha grita ,  
 Arremettendo àquelles fracos vallos ,  
 Cada qual suas forças exercita ,  
 Buscando meios como possa entrallos :  
 Mas tornão rebatidos , que milita  
 O valor que custuma conservallos ,  
 Tanto melhor em damno do Inimigo ,  
 Quanto mais conhecido era o perigo.

Poz a sombra da noite escura , e parda  
 Aos cuidados humanos intervallo ,  
 Co' as trevas em que o Mouro se resguarda ,  
 E pã ra o curso do fugaz cavallo :  
 Mas tanto que de luz os montes barda  
 Lucifero ; e no mundo faz aballo ,  
 Vê que outra vez com gente de socorro  
 Os nossos cercão no cerrado corro.

Mas elles , qual o Touro impaciente ,  
 Terror da Sylva , dos Rivaes espanto ,  
 Tanto que reprimido alli se sente  
 Dando bramidos de mortal quebranto ,  
 Rompe as tranqueiras com furor ardente ,  
 Desbaratando denodado quanto  
 Diante se lhe oppoem , gritão das ruas ,  
 Cada qual recolhendo as cousas suas.

Taes contra os inimigos se arremessão ,  
 Que temeròs logo as costas viram ,  
 Azas levão nos pees com que se appressão ;  
 Nem sentimento tem dos que suspiram :  
 Huns cattivando , a muitos atravessão ,  
 E por então o alcanse não seguiram  
 Longe os nossos , que o cego horror lhes tapa  
 Os caminhos , por onde o Mouro escapa.

Abrio a confusão da noite o dia

Terceiro, e descobrio a sepultura

Deserta, dos que ao ferro a morte fria

Entregou na passada sombra escura:

O Campo em sangue tinto alli se via,

E corada de purpura a verdura

Na parte, onde ficou acafo aberto,

Que de corpos está quasi cuberto.

Porém juntos n'hum corpo vee, que appontão

Mais de cem mil de pé, com mais quarenta

De a Cavallo, que o vallo erguido affrontão

Com representação de medo ilenta:

Mas seus commettimentos pouco montão,

Nem tanta multidão esforço augmenta,

E pôstos pelos nossos em fugida,

Deixando o Campo vão, e a doce vida.

O quanta maravilha está notando

Jámais ouvida, nunca imaginada,

Dos que no sangue enorme vão provando

Os fios, e o rigor da aguda espada:

Contempla do invencivel Dom Fernando,

A virtude em perigos estremada,

E como já pelo valor do braço,

Como dos golpes, tremem do ameaço.

O Mouro General de prazer falto

Vai chorando o successo lastimoso,

Qual o Pastor, a quem nocturno assalto

De Lobos, e choveiro tenebroso,

As Rezes espalhou, com sobressalto

O curral entra, e pasma do odioso

Silencio, e contar teme o desestrado

Caso ao Senhor, de hum frio horror tomado.

Re-

Recolhe Anrique os nossos cautamente ,  
 Por vias de sanguino humor vermelhas ,  
 De gloria cheios , quaes do Campo sente  
 Vir o Pastor as gravidas ovelhas :  
 Ou quaes do pasto de Hybla florescente ,  
 Se recolhem nos antros as Abelhas ,  
 A' fabricar nas bem formadas cellas  
 Do favo o doce mel , e as ceras bellas.

Trás tanta gloria vee confusamente  
 Huma nuve descer escura , e grossa ,  
 Que prenhe de Corisco , e Raio ardente  
 Arma desolação à gente nossa :  
 No sonho fica triste , e descontente ,  
 E já duvida alli , que a nuve possa  
 Denotar , quando vee que vai levando  
 Pelo ar envolto o Sancto Dom Fernando.

O' não mo leves , diz , que deixas triste  
 O Campo , e Portugal sem ornamento ,  
 Torna-mo escura nuve , que consiste  
 Nesses Irmão todo meu contentamento :  
 Mas do penhor , que leva , não desiste ,  
 E de alli voa c'o furor de hum vento ,  
 Elle acorda c'o nome de Fernando  
 Na boca , e fica hum pouco imaginando.

Já neste tempo longe as trevas deita  
 A Mãe de Memno , que arma a noite fria ,  
 E já no porto da famosa Seyta  
 O Infante Dom João co' as Naos surgia :  
 Que a gente que ficou no Reino feita  
 Por falta de Navios leva , e guia ,  
 E de Anrique do novo mal sentido ,  
 Foi com estas palavras recebido.

Não val esforço algum, quando a virtude  
 Da Maura multidão for opprimida,  
 Tam longe de socorro, sem que ajude  
 Huia esperança só, sendo rendida:  
 Fiz na sancta Conquista quanto pude,  
 Puz a barato minha propria vida,  
 E com tam pouca gente, e já cansada  
 Rompi mil esquadrões de gente armada.

Muitos dias n'hum vallo fraco, e breve  
 Sustentei cada dia seu combate,  
 A Cidade rendida quasi esteve,  
 Vendo de tanto Mouro o disbarate:  
 Thé, que d'elRei de Fez socorro teve  
 De seiscentos mil homees por remate,  
 De pee, que os que a cavallo nos oppunhão,  
 Noventa e seis mil são, que lança empunhão.

Quem vio pequeno Ilheo no Mar profundo,  
 Que de todas as partes combatido  
 Das ondas, que c'o vento furibundo  
 Quebrão nas altas praias com bramido,  
 Que nos eixos gemer parece o Mundo,  
 Esta com tudo immoto, e não vencido:  
 Inda que o não divisão navegantes,  
 Que vão mais alto os Rolos espumantes.

Taes nos vira affaltados n'hum pequeno  
 Vallo d'aquella multidão proterva,  
 Já caíra tres vezes do ar sereno  
 O matutino orvalho na verd'herva.  
 E outras tantas batera o fero Peno  
 Os muros, que immortal valor conserva,  
 Sem que esperança tenham já d'entrar-nos,  
 Nem que a tenhamos nós de restaurar-nos.

E por não consumirem fede , e fome  
Tres mil , que alli se achavão de pelleja ,  
Ao Mouro commetti , que a Seita tome  
Por contrato , e que livre o campo seja ,  
Vendo , que não tem gente que nos dome  
Sem perda igual , aceita o que dezeja ,  
E leva em Arrefens o Infante claro ,  
Que desampara a si por nosso amparo.

Mas porque como perfido inimigo  
Do contrato quebrou a Lei escrita ,  
Nenhuma obrigação fica commigo  
De a Fee guardar , que menos exercita :  
Já que nos dà lugar o tempo amigo ,  
Que à vingança parece nos incita ,  
Dai vela logo contra Arzilla , donde  
O Infante venha , ou tudo a ferro ponde.

Sulcando o Campo amaro com galerno  
Vento , que as proas prospero encaminha ,  
Deixou a cana o Mestre do governo ,  
Que à vista já de Arzilla o porto tinha :  
Quando Phebe , a quem lume o Lume eterno  
Empresta , pelo Ceo correndo vinha ,  
E passa a noite João desta maneira ,  
Por esperar do dia a luz primeira.

Quando as luzes , que agora apparecião ,  
Subitamente aos olhos se furtaram ,  
Os ventos que nos mastos affovião ,  
Os mares sobre as Gaveas levantaram :  
Os Pòlos com trovões estremecião ,  
Os ares com mil raios se inflammaram ,  
Concertão tristemente c'os atrozes  
Bramidos , da confusa gente as vozes.



Arvore secca correm co' a tormenta ,  
 Picando cada qual a forte amarra ,  
 Qual na Costa naufragio experimenta ,  
 Qual pelas ondas à traves desgarra :  
 A Nao do Infante , que melhor sustenta  
 Os balanços , tomou do Algarve a barra ,  
 Onde o lansou primeiro o vento esquivo ,  
 E deixa sem remedio o Irmão cattivo.

Ah quem me dera as lagrimas agora ,  
 Que Niobe de Sypilo distilla ,  
 E Symonides triste tristes chora  
 Com voz tam branda , que enternece ouvilla :  
 Para que aqui contada a Hyfloria fora  
 Tam tristemente , como sei sentilla ,  
 Inda que mal se sente aquella pena ,  
 Que para tanta gloria em fim se ordena.

Porém chora-se aquelle apartamento ,  
 Aquella ausencia , aquella faudade ,  
 Que fogeita o mais livre pensamento ,  
 E como effeito traz a humanidade :  
 A morta vida , o vivo enterramento  
 N'hum cova d'estranha escuridade ,  
 Que inda que o Sancto Nome isto lhe importa ,  
 Chegar à tello por aqui , nos corta.

Sendo c'os seus entregue o claro Infante  
 A' hum Mouro principal Calabengalla ,  
 Para Tanger , d'alli pouco distante ,  
 Para passar a noite o passo aballa :  
 Hia escondendo o Sol a rutilante  
 Grenha de Thetys na profunda Salla ,  
 Que mais cedo com magoa s'escondera ,  
 Se aquella eterna Lei quebrar pudera.

N'hu- ]

N'huma Torre , que o muro levantava  
 Desta infiel Cidade , o Infante encerra ,  
 Que d'alli por diante começava  
 Provar os mimos da inimiga terra :  
 Em mil partes a mente variava ,  
 Hum pensamento agora lhe desterra  
 De se ver livre longe as esperanças ,  
 Outro perto lhe traz mil confianças.

Que se o animo lhe abate , e lhe derriba  
 O triste estado , em que se vee presente ,  
 Na bondade de Anrique logo esriba ,  
 Por todas vias seu remedio intente :  
 Ora os cansados olhos volve à riba ,  
 Com suspiros , que d'alma sair sente ,  
 E como que só lá o remedio tenha ,  
 Hum pouco pára , e espera , que lhe venha.

Mas logo de seus males esquecido ,  
 ( Que nelle os cômuns tem mais larga prova )  
 Ao Campo , que deixou , passa o sentido ,  
 De que não soube mais segura nova :  
 Ora comfigo julga ser perdido ,  
 Ora o contrario per razões approva ,  
 Agora Anrique morto representa ,  
 E entr'estas magoas taes , assi lamenta.

Senhor , por cujo amor , e fêe cattivo  
 Me fiz , por ganhar outra liberdade  
 D'alma , que será vossa , em quanto vivo  
 O sprito conhecer esta verdade :  
 Nesta prizão , e cattiveiro esquivo  
 Entre gente , sem còr de humanidade ,  
 Fazei que alcance o pretendido effeito  
 Salvos os meus , pois he por seu respeito.

Calabencala , que do illustre preso  
 O cargo sobre si tomado tinha ,  
 ( Abrindo o dia ) com maior desprezo ,  
 Do que com tal pessoa usar convinha :  
 Correndo-se da Torre o ferreo peso ,  
 Manda tirar o Infante : que detinha  
 Entre as portas ao pee d'aquella Torre ,  
 Porescarneo da gente , que concorre.

Està feito espectáculo entre aquella  
 Turba infiel , que alli se ajunta em roda :  
 E por ver o milagre se desvella ,  
 Que em gloria resultou d'Africa toda :  
 Qual lhe cospe no rosto , qual lhe pella  
 Os cabellos da barba , qual poem noda  
 Em sua Lei , e vida , com molestas  
 Palavras , juntamente deshonestas.

Elle c'os olhos baxos consumindo  
 Mil soluços , e lagrimas , que apontão ,  
 Co' a consideração , que confirindo  
 Està seu ser , co' aquelles que o affrontão :  
 Dentro sente , defóra se està rindo ,  
 E as cores já perdidas , que confrontão  
 C'o sentimento d'alma , e se trastornão ,  
 Com segurança faz , que ao rosto tornão.

Qual nocturna Ave , quando à caso fica  
 No telhado Sol fóra , e dia claro ,  
 Tanto que pelas outras se publica ,  
 Em turmas descem vendo o desamparo :  
 Exercitão seu odio , qual a pica ,  
 Qual a rasga co' as unhas , sem reparo  
 A triste està , com paciencia muda ,  
 Pela noite esperando , que lhe acuda.

Tal o Infante se vee sem esperança  
De aver , quem desta affronta o desfallive ,  
Que para toda parte , que mudança  
Os olhos fazem , vee quem della o prive :  
Não ha piedade alli , tudo he vingança ,  
Hum desamor em todos , e odio vive ,  
Quem poderia crer tam cego engano ,  
Que em tantos homees hum não fosse humano !

E volto para os seus , que em companhia  
Para consolação , e allivio leva ,  
Animo companheiros , lhes dizia ,  
Que agora mais que nunca nos releva :  
A luz mais aproveita na sombria  
Noite , serve o calor , quando mais neva ,  
Nos perigos se espera a fortaleza ,  
E seu amor entr'estes Christo preza.

As injurias que vedes são mais bellas ,  
Do que podeis cuidar , e mais fermosas ,  
Que no Ceo nos estão tessendo dellas ,  
Os Anjos mil guirnaldas gloriosas ,  
As pedras , que nos lansão , nas Capellas  
Hão de servir de cravos , e de rosas ,  
O cuspir , que nos causa pena , e magoa ,  
De suave borrifo , e cheirosa agoa.

Calabencalla aqui lhe corta o fio ,  
E com elle caminha para Arzilla ,  
Que despois , que perdera o senhorio  
Da forte Seyta , o tinha desta Villa :  
Co' a gente que concorre vai sombrio  
Todo Campo , nem podem dividilla ,  
Que antes , que para sua terra parta ,  
Quer ver o Infante , nem de o ver se farta.

Qual

Qual o bravo Leão , que devastava  
 Os Campos de Massilia das maiores  
 Rezes , despois que em ala o debellava  
 A numerosa industria de Pastores :  
 Respira o Campo , e o Gado se alegrava ,  
 Saem com clamor grande os lavradores ,  
 E com a novidade estranha ufanos ,  
 Estão juntos , contando à vista os danos.

Primeiro a Fama , como mais ligeira  
 Deste successo já certificada ,  
 Sobre a Villa soou desta maneira ,  
 Que inda està de temor acovardada :  
 Recebei gente a nova verdadeira  
 Da mais alta victoria , e sinallada ,  
 Que quantas teve a vossa Mauritania ,  
 Pois a pode alcançar de Lusitania.

Co' aquelle brado , e fortunado grito  
 Torna a cobrar o alento já perdido ,  
 Qual da Leão , como se acha escrito ,  
 Recente parto sem vigor nascido :  
 Que no terceiro dia cobra sprito ,  
 E desperta do somno à feu bramido ,  
 Então conhece os pais , então começa  
 Abrir os olhos , levantar cabeça.

Tudo se alegra , tudo se alvoroça ,  
 Tudo em prazer , e festa se converte ,  
 Que humna nova alegria o amargo adoça  
 Da mór tristeza , quando se diverte :  
 Não ha de idade juvenil , e moça ,  
 Quem se não atavie , e se concerte ,  
 Abrem-se as portas da soberba Villa ,  
 E parece outra a renovada Arzilla.

Como despois da larga tempastade  
 De choveiros , e vento sibilante ,  
 Se hum dia trouxe ao Ceo serenidade  
 O Norte , que desfez a nuve obstante :  
 Abre logo as janellas a Cidade  
 E receber o Sol , que vee diante ,  
 E cada qual aos raios , que elle espalha ,  
 As joias , e vestidos affoalha.

Já pelos altos muros apparece  
 Do sexo feminil multidão junta ,  
 Que mais segura o Campo reconhece ,  
 E por Filhos , e Pais alli pergunta:  
 No meio deste goso inda estremece ,  
 Inda se cobre d'huma cor defunta ,  
 Que tem mais forsa a sombra da passada  
 Guerra , que a vista da victoria amada :

Como aquelle que embarca , vendo manso  
 O mar a vez primeira , e monção boa ,  
 Se algum vento perturba este descanso ,  
 Marulho se levanta arfando a proa :  
 Começa à trastornarse c'o balanço ,  
 Não lhe rege a cabeça , tanto enjoa ,  
 E já fóra do mar posto na praia ,  
 Inda a terra lhe foge , inda desmaia.

Qual os olhos estende inda medrosa  
 Aos largos ares para à parte , donde  
 Soava na contenda perigosa  
 Dos golpes o Echo , que inda alli responde :  
 Qual das ameas lança a temerosa  
 Cabeça , hum pouco fóra , e logo a esconde ,  
 Que inda teme das hervas se levante  
 A gente Lusã , que outra vez a espante.

Quan-



Quando vir por hum alto alli vizinho  
 Calabengallã estão co' a preza vendo ,  
 Quaes ô vem receber logo ao caminho ,  
 Quaes lançados do muro estão pendendo :  
 Como pequenos passaros no ninho  
 Quando a comida a Mãi lhes vem trazendo ,  
 Que huns estendendo longe o bico alcansão ,  
 Outros que vigor tem , fóra se lanção.

Com varios instrumentos , que acompanha  
 Diffona voz , o Capitão festejão ,  
 E com summo louvor , gloria tamanha  
 A's nuves sobem , porque d'alto a veção :  
 He para todos a victoria estranha ,  
 Que inda aquelle valor vencido enveção ,  
 No qual mil pragas , e blasphemias quebrão ,  
 E logo o seu com mór furor celebrão.

Dest' arte as Filhas da Cidade santa  
 Opprimidas pelo horrido Gygante ,  
 Cuja soberba catadura espanta ,  
 Quantos a resistir se oppoem diante :  
 Depois que a funda o brio lhe quebranta ,  
 E jaz sem vida menos arrogante ,  
 Por festa ornadas vão de varias cores ,  
 A' receber David com mil louvores.

Mas hum Mouro ancião , que a idade larga  
 Descer do muro a baxo não deixava ,  
 Confirindo comsigo a dura carga  
 De victoria , que tanto lhe custava :  
 Dando a cabeça d'huma a outra ilharga ,  
 Desta maneira a grave voz soltava ,  
 Aos primeiros accentos , que soaram  
 Por novidade , muitos escutaram.

O' louco delvario , ò cega gente  
 Leda' com tantas causas de ser triste ,  
 C'hum pequeno prazer estàs contente ,  
 Depois que tantos disprazeres viste :  
 Em forte desigual , e differente  
 Quero saber onde esse bem consiste ?  
 Que huma prisão de hum só te alegre, e anime ?  
 E de tantos o fim te não lastime ?

Vaz co' essa festa , e canto deleitoso  
 Como Cysne no fim suave , e brando ,  
 Do amado Pai , do Filho , e charo Esposo  
 As funeraes exequias celebrando ;  
 Elle da propria morte dezejoso  
 As suas docemente modulando ,  
 Tu nescia aquellas , que sentir devias  
 Mais , que se exequias foram de teus dias.

E se com tudo cantas tanta morte  
 Dos que contra Christãos sangue offerecem ,  
 Que a vida pondo alli com peito forte ,  
 Louvores , e não lagrimas merecem :  
 Justamente festejás essa sorte ,  
 Que por vivos por gloria se conhecem ,  
 Mas se victorias cantas , vee que as pintas  
 Com tanto sangue , que estão todas tintas.

Que inda que antigamente se pintava  
 A victoria com roupa branca , e fina ,  
 Que à lugares sanguina cor manchava ,  
 Manchada seja , e não toda sanguina ,  
 Que Campo , e Monte d'Africa não lava  
 Sangue dos teus ? que caza oje se affina ,  
 Que não ficasse solitaria , e muda ,  
 Sem que voz de homem soe , ou della acuda ?

De tantos mil , que á socorrer vieram ,  
 Chega à Tânger verás os que tornaram ;  
 Cobrem-se os ares de aves , que desceram ,  
 E menos são que os corpos , que afferraram :  
 As ribeiras de Inverno , que cresceram ,  
 Pasirão como em verão se anteciparam  
 Com tal crescente , que por maravilha  
 Dos vallos dos Christãos fizeram Ilha.

O valeroso Reino , que à louvar te  
 Forçado sou , inda que em Lei contrario ,  
 Ninguém pretenda desacreditarte  
 Por causa de hum successo adverso , e vario :  
 Se puzer a paixão , e odio à parte ,  
 Julgará teu valor por temerario ,  
 Que nos trances de guerra , que exprimentas ,  
 Do Deos , que adoras , a Bondade tentas.

Porque sendo de fraca natureza  
 Homees mortaes , e não de bronze duro ,  
 E tam poucos em numero , despreza  
 Vosso animo os perigos tam seguro :  
 Que sem milagre da suprema Alteza  
 Poderdes escapar , nos fica escuro ,  
 E fique em livros de immortal memoria ,  
 Que acommetter vos basta por victoria.

Já menos se ouve o som dos instrumentos ,  
 E das vozes suspensas roto o fio ,  
 Imperfeitos os ultimos accents ,  
 Desfallecendo vão pelo ar vazio :  
 Como quando adevinhão chuva , e ventos  
 As Raãs no lago , e marge d'algun Rio ,  
 Que grande confusão juntas ergueram ,  
 Se hum brado alli soou , em mudeceram.

Punha tregoa a noite à guerra esquiva ,  
 Que o trabalho traz sempre c'ò descanso ,  
 Apparelhando à toda cousa viva  
 Em seu regaço , o somno leve , e manso :  
 Quando na Villa entrou com pompa altiva  
 Calabença , que de lanço em lanço  
 Mostrando a preza nobre que levava ,  
 Grandezas da victoria appregoava.

Aqui posto em prisão pesada , e dura  
 Muito tempo passou o claro Infante ,  
 Em esperanças vãs , de que pendura  
 O pensamento à todo mal constante :  
 Mas foge o dia , e torna a noite escura ,  
 As horas correm sem parar instante ,  
 E não vee liberdade , nem se trata ,  
 Que por difficultosa se dilata.

Que he de tanto perigo , por ser chave  
 Seyta de Hespanha , à Mouros entregar-se ,  
 Que posta em Tribunal a causa grave ,  
 Saio ser necessario sustentar-se :  
 E para que o Infante não se aggrave ,  
 Pretenda por dinheiro resgatar-se ,  
 Que ficar Portugal pobre , he mais justo ,  
 Que rico , à troco de tamanho custo.

Pesai agora em singular balança  
 Do Lusitano Reino o illustre feito ,  
 Com tudo nelle custumada usança ,  
 Quando Deos lhe appresenta seu direito :  
 Corta o sublime Rei por aliança  
 De affeito fraternal , e amor estreito ,  
 Nem faz de gastos excessivos conta ,  
 Quando a gloria de Deos padece affronta.

Já neste tempo o Ceo determinava  
 Fazer no Infante larga experiencia ,  
 Por ver quam valeroso se mostrava ,  
 Na fragoa , e no rigor da paciencia :  
 Hum dia em Oração , que absorto estava ,  
 Com mil favores da divina Essencia ,  
 Ouvio na prizão triste onde jazia ,  
 Huma suave voz , que assi dizia :

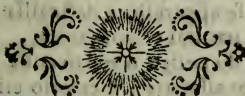
Esforça Infante , nem c'o pezo inclina  
 Dos males , que te eflão aparelhados ,  
 E quando os estranhares imagina ,  
 Que elles por Deos te foram grangeados :  
 Tempo virá , que cedo determina  
 A suprema Bondade , que lembrados  
 Te sirvirão de gozo , e gloria tanta ,  
 Quanta he agora a dor , que te quebranta.

Em tempo breve te verás entregue  
 Ao peito mais cruel , que Africa cria ,  
 Que athè tratar c'os teus te impida , e negue ,  
 ( Unico allivio , unica alegria : )  
 E se algum hora em ti piedade empregue ,  
 Será para que os vejas noite , e dia  
 Em perpetuo trabalho , e os acompanhes ,  
 Sem que em nada te isentes , nada estranhes.

Por Camera adornada de aureo teito  
 Huma cova terás pesada , e escura ,  
 Apposento medonho , horrido , estreito ,  
 Qué mais parecer tem de sepultura :  
 Huma pelle terás por brando leito ,  
 Onde na noite temerosa , e dura ,  
 Com pena os grilhões asperos tocando ,  
 Te irás do somno breve despertando.

Mas terão termo em fim males tamanhos ,  
Que alma te soltarei da prisão triste ,  
Para que vãs gozar commigo os ganhos ,  
Que por tantos trabalhos adquiriste :  
O corpo hum tempo entre Infieis estranhos ,  
( Cuja grande crueza não desiste )  
Por vituperio ficará retido ,  
Thè que seja despois restituído.

Não se alterou Fernando , antes com ledo  
Aspeito , a voz aceita , e d'alma approva ,  
Guardando nella este intimo segredo ,  
Para tempo , que menos doa a nova :  
O' grande magoa ! lá o espera cedo  
Em Fez , hum peito cruel , que fará prova  
Em sua paciência , thè que a morte  
( Aqui calou ) a vida , e os males corte.





# AFFONSO

## AFRICANO.

### CANTO VI.

**O**S roxos Orizotes do Occidente  
 Tocava o Sol, em nuve d'ouro envolto,  
 E no longe maior deixava ausente  
 Hum veio confuso, pelos ares solto:  
 Quando começa o Cerulo Tridente  
 C'huma alta sombra ennegrecer revolto,  
 E quanto a vista mais penetra, e nota,  
 Reconhecendo vai armada Fròta,

Qual logo à cima sae à descobrilla,  
 Qual às armas ligeiro logo acode,  
 Que como já defronte estão de Arzilla,  
 Ser sombra de inimiga Armada pode:  
 Quadaqual se apparelha à destruiilla,  
 E d'alma o natural temor sacode,  
 Que a vista do perigo o rosto enfia,  
 Mas o animo assegura, e esforço cria.

Já nesta indiferença divisavão  
 Seus temores os olhos de mais perto,  
 E com vento quieto as Naos chegavão,  
 A' darem de seu trato pregão certo:  
 Quando os que mais ao vivo se affirmavão,  
 Levantando clamor ao ar aberto,  
 Com alvoroço exclamão, que tememos,  
 Se nossa Armada dezejada vemos?

Esta nova opinião lhes assegura  
A divisa, que ao longe conheceram,  
Que humas insignias fôz, huma figura  
Juntamente as bandeiras receberam:  
Não he das Aves, a que em mòr altura  
Nidifica, que tanto engrandeceram  
Os Romanos, despois que o illustre Mario  
A prefirio, por simbolo ordinario.

Nem he a Insignia o Animal faminto,  
Que aos assaltos na noite alta procede,  
Que, sendo já o Imperio quasi extinto,  
As Aguias ferocissimas succede:  
Nem he o habitador do Laberinto,  
Que à Theseu por seu mal a vinda impede;  
Cavallo, Javalli, Drago inhumano,  
Tam celebrado já por Claudiano.

Nem meños he a Insignia Cynthia varia,  
De cujo vario aspecto a gente inica,  
Casos de forte misera, e contraria,  
Ou de alegre, e feliz se prognostica:  
Como pelo de grande Luminaria  
Nossos damnos, ou gloria verifica,  
Se não fosse mais certa a conjectura  
Do aspecto do Creador, que da Creatura.

Mas he a Insignia aquelle Lenho estreito  
Que à todo humano arrimo deu seguro,  
Cuja figura já tinha no peito,  
Como em Mysterio d'algun bem futuro,  
Serapis dos do Egypto Idolo aceito,  
E por costume antigo, e rito escuro,  
Aquelles que innocentes parecião,  
Com semelhante letra se absolvião.

Com este esperam temperar dos mares  
 O soberbo furor, quando se alteram,  
 E desfazer dos tenebrosos ares  
 Os volumes envoltos, que glomeram:  
 Co' este esperam tornar aos patrios Laros,  
 E com razão com este tudo esperam,  
 Pois entre a Terra, e o Ceo servio de ponte,  
 Sobre o profundo Rio de Acheronte.

Comsigo Affonso o bem certificando,  
 Assentando já delle a segurança,  
 Ah Senhor, diz, quam bem nos ijs mostrando,  
 Quam certa em vòs està boa esperança;  
 Andou por me enganar o Infernal bando,  
 Mas vòs tinheis-me dado confiança,  
 Eu não lhe cri, porque mentir professa,  
 A vòs cri, verdadeiro na promessa.

Ex quando humas com outras emproaram  
 As Naos, que o vento brando o consentia,  
 Com alvoroço todos logo entraram,  
 Grandes sinaes mostrando de alegria:  
 Com'nós muito apertados se abraçaram,  
 E mil saudades, cada qual dizia,  
 Que como por Deos vão d'huma vontade,  
 Mais arde, e se affervora a charidade.

O Principe atrojado aos pees do charo,  
 E lastimado Pai autencias chora,  
 Que o duro Inferno de bem tanto avaro  
 Traçava, para sempre o ter de fora:  
 Descuidos, que com sentimento amaro  
 Culpa, e comó erros graves sente agora,  
 Desculpa o Pai com voz branda, e benina,  
 E à levantallo donde està se inclina.

Em

Em tanto o Sol nas agoas do Oceano  
De todo os raios bellos escondia ,  
Chamando os corpos à repouso humano ,  
Que o trato sõe quebrantar do dia ,  
Mas saber do successo o desengano  
Affonso dezejando , lhe dizia ,  
Charo Filho , que iniga tempestade  
Me poz em tanta ausencia , e saudade ?

Elle , que já de longe larga conta  
D'hum successo tam novo , dar dezeja ,  
Assi começa em voz formada , e pronta ,  
Para que alli notorio à todos seja :  
Despois que da tormenta a brava affronta  
Passamos, quando já falta quem reja ,  
Que vence a tempestade a sciencia , e arte ,  
Demos à caso n'huma estranha parte.

Sentimos , que inda a vista estes estremos  
Não julga , as Naos romperem pela area ,  
E nosso ultimo fim quasi tememos ,  
Fingindo alguma praia aspera , e fea :  
Quando a cerração cega abrisse vemos ,  
E o vento bravo o sopro irado enfrea ,  
Descobre-se huma praia fresca , e leda ,  
E nella toda Armada emproada , e queda :

Eu , que não conheci a estranha Terra ,  
Dos mais praticos Mestres informado  
Preguntei , que parage o sitio encerra ,  
E de que gente pode ser pisado :  
E nisto cada qual se engana , e erra  
O que se tem por mais exprimentado ,  
E porque a praia alegre nos convida ,  
Nella desembarcar ninguem duvida.

Pedro , que o mal de nossas almas cura ,  
 A' quem o mór segredo descobrimos ,  
 Ou seja acaso , ou elle assi o procura ,  
 Na Popa em alto somno ficar vimos ;  
 Nòs entre tanto ao longe d'agoa pura ,  
 Pisando a branca areia alegres imos :  
 Buscando hum prado , que afluava perto ,  
 Pela cor , e flagrancia delcuberto.

Artificio parece da Natura

A cerca , que o resguarda em tudo airosa ,  
 Onde pendendo a branca rosa pura ,  
 Está co' a bella pudibunda rosa :  
 Outra inda no botão cerrada dura ,  
 Para sair a tempo mais fermosa ,  
 No qual a falta supra da vizinha  
 Que murcha cai , entre a pungente espinha.

Aqui nos detevêmos por espaço ,  
 Colhendo cada qual a que lhe agrada ,  
 A' custo da melhor parte do braço ,  
 Que do furto saia lastimada :  
 Logo saltamos dentro , e no regaço  
 Da floresta de verde tapizada ,  
 Diversidade vimos de mil flores ,  
 No fino olor estranhas , e nas cores.

Em flor se mostra alli , por si perdido  
 O fermoso Narciso incautamente ,  
 E por ter o castigo merecido  
 Junto nasce da liquida corrente :  
 Em flor tambem Hyacinto convertido ,  
 Sua Historia nas folhas tem presente ,  
 Amaranto em bellissima bonina ,  
 E Adonis pena eterna da Erycina.

Dispostos per canteiros ordenados  
 Os bellos cravos a flagrancia spiram ,  
 Todos vermelhos huns , outros mesclados ,  
 Quaes encarnados , quaes brancos se viram :  
 As violas da cor de enamorados  
 Quando por seu amor d'alma suspiram ,  
 A franceza Ortelãa , a Salva verde ,  
 A Cecem , que tocada o cheiro perde.

Esta fermosa , e linda praderia ,  
 A' quem já mais nenhuma se igualava ,  
 Das que celebra Affiria , e a India cria ,  
 E o Rio Hydaspes brandamente lava :  
 Por dilatado espaço se estendia ,  
 Que n'outra gentil cerca se acabava ,  
 De raios buxos à nivel nascidos ,  
 Com mil enredos de invenção teffidos.

D'outra parte outro lanso està de murta ,  
 Em diversas figuras transformada ,  
 A fermosa Orithia Boreas furta ,  
 Sobre as ventosas azas vem guardada :  
 Acolà Paris tem a Armada furta ,  
 E a mal regida Helèna traz roubada ,  
 Do gostoso principio ha aqui memoria ,  
 Mas não do desfeitrado fim da gloria.

Lembra-me , que parei nesta figura ,  
 E logo fiz discurso alli commigo ,  
 Cegos , dice , de nós , quam pouco dura  
 Hum gosto vão , quamanho he seu perigo !  
 Nós tristes enlevados na doçura ,  
 Que quando vem o gosto traz consigo ,  
 Não vemos , que nos deixa o triste encargo.  
 De eterna pena , e não sufrido amargo.

Este



Este conceito meu fez evidente

Hero , que alli para seu bem se ensaia ,  
 Já d'alta Torre espera o amigo ausente ,  
 Já tambem dece a recebello à praia :  
 Estreitamente o abraça , inda presente  
 Duvida tello , e em seus braços delinaia ,  
 Elle morto , do mar bravo arrojado ,  
 E ella sobr'elle , isto não vij pintado.

Mais por diante em Touro se mostrava

Jupiter , de capellas coroadó ,  
 Sobr'elle pelo mar se assegurava  
 Europa com solícito cuidado :  
 Ella os pees recolhia , e levantava ,  
 Temendo o impetu d'agoa occasionado ,  
 Que o collo c'o temor lhe aperta , e abraça ,  
 Elle ufano se rij c'o pezo , e traça.

Já d'Agua generosa a forma toma ,

Porém das unhas o rigor tempera :  
 E da fermosa Asterie os brios doma ,  
 Que antes se lhe mostrou dura , e severa :  
 Já brancas plumas cobre , e Cygne affoma ,  
 Não se perturba Leda , nem se altera ,  
 Afopida alli goza em fogo ardente ,  
 Alli Deioda em celebre Serpente.

Defronte hum Laberintho se tecia

Curioso na vista , e mais na Historia ,  
 Em braços de Dione alli se via ,  
 Marte soberbo affás pela victoria :  
 Sobre elles logo a rede , que estendia  
 O zeloso marido , tam notoria ,  
 Os Deoses falsos , d'huma , e d'outra parte  
 Tocam palmas , e rindo estão do Marte.

Por entre tam gostosa novidade  
 Fomos chegando à hum deleitoso posto ,  
 Onde plantas de muita variedade  
 Pomos estão offerecendo ao gosto:  
 O cheiro he tal , de tanta suavidade ,  
 O pomo de tal forma , e tez composto ,  
 Que não se atreve a mão , que vai colhella ,  
 E torna envergonhada de offendello.

Affi fomos caindo à hum valle ameno ,  
 Por onde huma Ribeira cristalina ,  
 Regando vai o florido terreno ,  
 E alvas areas brandamente inclina :  
 Tam manso leva o curso , e tam sereno ,  
 Que mal para onde vai se determina ,  
 E o tom saudoso d'agoa , que corria  
 Motivo era de amor , e de alegria.

Nella quasi inclinada se està vendo  
 De huma parte a viçosa verde cana ,  
 Frescos Salgueiros d'outra estão pendendo ;  
 Não ha ripa de Rio mais ufana :  
 Rouxinões melodia estão fazendo ,  
 Com que a pena maior hum triste engana ,  
 Ave triste não vij , nem casta Rola  
 Alli gemendo seu pezar consola.

Pelo florido esmalte mil nativas  
 Fontes saudosamente estão fervendo ,  
 Estas de branca area brotão vivas ,  
 Aquellas viva pedra vem rompendo :  
 Quaes de pequenos montes fugitivas  
 Com ligeira corrente vão descendo ,  
 Quaes vem por canos de artificio vario  
 Em figuras de Jaspe , ou Marmor Pario.

Em Jaspe se levanta humma figura ,  
 A' semelhança d'arvore crescida ,  
 A cortiça por cima aspera , e dura ,  
 Direita em tronco , em ramos estendida :  
 No ventre se lhe mostra humma abertura ,  
 Por ella sae humma criança à vida ,  
 Bem conhecera logo o que advirtira ,  
 Ser a Pellice , e Filha de Cynira.

Em marmor Pario figurado estava  
 O moço Hermaphrodito , em cabo lindo ,  
 Que por seu mal na fonte se banhava ,  
 Quanto a Nympha appetee descobrindo :  
 Elle seguramente se mostrava ,  
 Ella do doce furto se está rindo ,  
 E já mettida n'agoa , e desprezada ,  
 Com elle n'hum só corpo he transformada.

N'outro lanço igualmente parecia  
 Amor em varias formas retratado ,  
 N'humma c'hum véo os olhos encobria  
 Minino , e Velho já representado :  
 N'outra tambem dous rostros dividia ,  
 Hum alegre , outro em lagrimas banhado ,  
 Hum braço curto tem , outro estendido ,  
 Por manjar gossa hum coração partido.

Eu pensando commigo estremo tanto ,  
 De que nunca noticia , e fama tive ,  
 Os passos suspendi parado , e em quanto  
 Todos à mi chegavão , me detive :  
 Foi caula principal de meu espanto ,  
 Ver como em tal lugar gente não vive ,  
 E como estão as coulas tanto ao vivo ,  
 Que com ellas não possa o tempo esquivo.

Não sei, dice, que cuide, e que imagine  
 De cousa para mi tam nova, e rara,  
 Tendo tantas razões, à que me incline  
 Para as difficuldades, que declara:  
 Se ser natural Ilha determine,  
 Quem goza esta estranheza? quem prepara  
 Estas figuras, e o Jardim cultiva?  
 Estas fontes appura, e agoa deriva?

Se fantastica, e vãa, para que intento,  
 Que ou hà de ser do Inferno, ou do Ceo traça?  
 O Ceo não faz igual contentamento,  
 Com este o Inferno só pouco embaraça:  
 Não falta quem me solte o pensamento,  
 E facilmente a duvida desfaça,  
 Que sitio pode ser sempre encuberto,  
 E a gente que o habita estará perto.

Ex que subitamente se levantão  
 Das sombras deleitosas Nymphas bellas,  
 Que tanto de repente nos espantão,  
 Que ficamos pendendo à vista dellas:  
 Os corações nos peitos se quebrantão,  
 Tornão-se ao rostro as cores amarellas,  
 Os corpos trêmem, tanto obriga, e agrada  
 Huma belleza tal posta em fillada.

Quaes se nos mostrão sem alheio ornato,  
 N'aquelle natural adorno, e graça;  
 Que fez a Natureza, por mais grato,  
 Que quanto a industria humana inventa, e traça:  
 Naquelle primo, e singular retrato,  
 Que para que nas cores satisfaça,  
 A' purpura as roubou, e à branca neve,  
 Do fino anil as linhas azuis teve,

Quaes

Quaes com mais artificio se appresentão ,  
 Por se accender de amor mais o cuidado ,  
 E hum fino veo de branca seda inventão ,  
 Sobre o cristal quasi ao desdem lançado :  
 Em cima do hombro esquerdo o alli assentão ;  
 Por baixo do direito vem tomado ,  
 Porque tenham que ver quando dezejáõ ,  
 Que dezejar os olhos , quando vejão.

Quaes por garbo melhor, e honesto afeito ,  
 ( Que he nisto grande embuste a differença )  
 Solto das nuves d'ouro o grato enleio ,  
 Cair as deixão sem remate , e trença :  
 Abertas vão à partes pelo meio ,  
 Co' a viração , que as trata sem offensa ,  
 Descobrando , e cobrindo juntamente ,  
 Hum bem presente agora , agora ausente.

Parece cada qual huma pequena  
 Montanheta de neve coroadã ,  
 Que do Sol bello na manhã serena ,  
 Foi para maior graça visitada :  
 Ella está branca , e pura , e o Sol lhe ordena  
 Por cima outra côr d'ouro acrescentada ,  
 Mas esta dura pouco , inda que bella ,  
 Que a neve acaba , dura sempre aquella.

Logo em varios deleites occuparam ,  
 Assim os passos como o pensamento ,  
 Estas alegres jogos começaram  
 D'invenção nova , e d'amoroso intento :  
 Humas passeão , outras se assentaram ,  
 Em practicas iguaes ao sentimento ,  
 Outras param suspensas , e cuidosas  
 Co' a mão na face , mas em tudo airosas.

Outras , no rigozijo peregrinas ,  
 Que ardia então a calurosa festa ,  
 Se vão banhar nas agoas cristalinas ,  
 Com ledo movimento , e alegre festa :  
 Outras das Rôças , Flores , e Boninas  
 Tecem mil ramilhetes na Floresta ,  
 Quaes para serem bellas sobre bellas ,  
 As cabeças adornão de Capellas.

Isto bastava à encher-lhe as esperanças  
 De lhes rendermos alma em sacrificio ,  
 Mas outras sobre a fresca relva , em danças  
 Curiosas , entendem no arteficio ,  
 Assi de braços , como de mudanças ,  
 Quebros de corpo , fervido exercicio ,  
 Quaes igualmente coros dividindo ,  
 Os passos vão com musica seguindo.

Louvores excellentes canta hum Coro ,  
 Do moço cego juntamente alado ,  
 Que à tantos causa foi de amargo choro ,  
 Nas mãos com arco , e com aljava ao lado :  
 Outro o poder da Mãi , e antigo foro ,  
 Que nos peitos humanos tem ganhado ,  
 E como celebrada em tempos era ,  
 De Cyprio , Idalio , Paphos , e Cythera.

O primeiro que a vista incauto empresta ,  
 Logo tráz ella o coração perdido ,  
 Foi Bernardo , e os affeitos manifesta  
 C'hum grito , que de todos foi ouvido :  
 Ah , diz , quam deleitosa parte lie esta ,  
 Que terreno entre todos escolhido ,  
 Que aventuras , que gozo aqui se ordena ,  
 A' quem sente de amor a doce pena !



Feliz seja mil vezes a tormenta ,  
 Causa de hum bem já mais imaginado ,  
 Bem dizem , que quem males exprimenta ,  
 Lhe espera hum fim ditoso , e alegre estado :  
 Bem se enganava , o que consigo assenta ,  
 Contra nós ter-se o Inferno conjurado ,  
 Pois aqui nos guiou , e quando seja  
 Mais presto a paga vio do que dezeja.

Igual empreza he esta , igual fortuna ,  
 Que a que vamos buscando incertamente ,  
 Por humta leve gloria , que importuna  
 Espritos vãos à louca , e cega gente :  
 E pois em parte estamos opportuna  
 Para doce repouso , e differente  
 De quantos hà por outras , descansemos ,  
 E do intento de Arzilla não curemos.

Isto dizia o nescio , e não sabia  
 Cego já c'os deleites , e offuscado ,  
 Que estes o Inferno astuto offerencia ,  
 Inda por mòr perigo , que o passado :  
 E quem nelles emprego aqui fazia  
 De outros maiores ha de ser privado ,  
 Com que Deos ab eterno só convida  
 A' quem desprezar soube estes da vida.

Nisto arrimada à hum tronco de viçosa  
 Hera enlaçado , vimos , que tocava  
 Hum Laud, huma Nympha tam fermosa ,  
 Que entre todas as mais se avantajava :  
 E c'humta voz tam branda , e amorosa ,  
 Que os ares parecia que inflammava ,  
 Interrompendo à vezes a armonia  
 Do saudoso instrumento , assi dizia.

Se a vida he breve , e o tempo avaro foje ,  
 Nada se leva , tudo cá nos fica ,  
 Quem ha tam descuidado , que se enoje  
 Estando a Terra de prazeres rica :  
 O fiso he lanſar mão dos goſtos oje ,  
 Que a manhã vem a morte , e as mãos applica  
 A' quanto não goſou a idade verde ,  
 E sò entaõ se conhece o que se perde.

Em quanto ferve o ſangue , e o vigor dura ,  
 As paixões , e appetites tem viveza ,  
 Goſemos o melhor da fermofura ,  
 Que deu para ſe dar a Natureza :  
 Que peito hà tam iſento de brandura ,  
 Que não conheça o dom de huma belleza ?  
 Quem pode reſiſtir à hum doce , e brando  
 Quebrar de olhos , que as almas vai roubando?

Entre tudo o que cá no Mundo agrada ,  
 Eſta ſorte sò coube à fermofura ,  
 Ser couſa mais querida , e mais amada ,  
 Por quem tudo ſe arrisca , e ſe aventura :  
 Venus de apaixonados celebrada ,  
 Seu nome , e fama eternizar procura ,  
 E com ração ſe fez tal conta della ,  
 Que tudo merecia por ſer bella.

Bem ouvistes o caſo dos Troianpa ,  
 (Inda oje entre nós vive eſta memoria )  
 O porfiado cerco de dez annos ,  
 Que deu motivo à celebrada Hiſtoria :  
 Os deſtorſos , incendios , mortes , danos ,  
 Em que em fim ſe deſfez aquella gloria ,  
 Todo mundo revolto , e tudo ordena  
 Huma amorofa pretençaõ de Helena.

A Corintho levai o pensamento,  
 Onde o nome de Lais bem se conhece;  
 Cuidado singular, commum tormento,  
 De quem tanta belleza olhar merece:  
 O mais altivo, e nobre entendimento  
 A liberdade d'alma lhe offerece,  
 Demosthenes o diga, em letras claro,  
 Não de desejos, mas do preço avaro.

Que forte foi no mundo conhecido,  
 Que foro à fermosura não pagasse?  
 Tendo, que por covarde fosse tido,  
 Se contra ella valente se mostrasse:  
 Vede Marte feròs enbravescido,  
 Quantos combates amorosos passe,  
 E já co' furto deleitoso ufano,  
 Não faz caso das redes de Vulcano.

Vede Hercules famoso, cujos braços,  
 Que a Leões ferocissimos domaram,  
 E tiveram por riso os ameaços  
 Das Serpentes Lernèas, que mataram:  
 De forte nos suavissimos abraços  
 Da bellissima Omphale s'enredaram,  
 Que domador de Feras não parece,  
 Mas como branda cera s'enternece.

E vòs à quem ventura trouxe à parte,  
 Onde os deleites hà, que se desejão,  
 Bens à olho escolhei, que não repartè  
 Avara mão, mas todos vos sobejão:  
 Eu fico, que daqui vos não aparte,  
 Lembrança d'outros, que maiores sejam;  
 Se hum vez os gostais, que vos detendes,  
 Se quanto amar se pode à vista tendes?

Isto dizendo com passeio airoso ,  
Pelo sombrio bosque se escondia ,  
C'hum fingimento , e furto cauteloso ,  
Como que em parte cara se vendia :  
Jà representa hum pejo vergonhoso ,  
Jà se facilitava , e promettia ,  
Se a não seguem se para , e vai detendo ,  
E se a seguem se apressa , e vai correndo.

Jà no pée de Alabastro , e bella planta ,  
Se magda de industria , e se confrange ,  
Ora meio caida se levanta ,  
E finge , que o temor cego a constrange :  
Jà se trespassa toda , já se espanta ,  
Como que alguém co' a mão a toca , e abrange ,  
Que invenções , e melindres semelhantes  
São feitiços d's almas inconstantes.

Nisto já perto della hia Bernardo ,  
Custumado à que nesta empresa insista ,  
O peito me passou pungente dardo  
De exêmplo perigoso tanto à vista :  
Hum pensamento cego diz , que tardo.  
Outro me diz , me vença , e lhe resista ,  
N'hum mesmo instante fujo , e logo figo ,  
Reprovo , e approvo logo meu perigo.

Lembroume a confusão , que alli teria ,  
Se fizera discurso o Pai primeiro ,  
Quando o pomo a mulher lhe offerecia ,  
E lhe lembra o preceito verdadeiro :  
Desagrada à mulher se não comia ,  
A' Deos se come , antes estava inteiro ,  
Jà partido se vê , facillitando ,  
O que comfigo vai difficultando ,

Em quanto assi me vejo indifferente ,  
 Nestes embates , e balanços varios ,  
 Olhei , como se avia a minha gente ,  
 Nova em conflictos tanto extraordinarios .  
 Vejo em todos hum pallido accidente ,  
 A paixão mesma , effeitos não contrarios ,  
 E notei , que respeito me guardavaõ ,  
 E meu primeiro transito esperavaõ .

Estavamos assi quasi rendidos  
 Da vista , e voz suave da Serea ,  
 Que à todos trastornou logo os sentidos ,  
 Que o mais forte de nós mal se refrea :  
 Quando träs huns suspiros , e gemidos ,  
 D'alma soltos de sentimento chea ,  
 Grandes brados alli perto soaram ,  
 Que de novo outra vès nos alteraram .

Os olhós para àquella parte dèmos ,  
 Donde para nós vinha o tom pesado ,  
 Por pouco espaço assi nos detevèmos ,  
 Quando chegou a nós Pedro apressado :  
 Devida reverencia lhe fezèmos ,  
 Mas elle co' a paixão de seu cuidado ,  
 O coração de zelo ardente fragoa ,  
 Rompeo nestas razões d'espanto , e magoa .

Filhos , como de mi vos apartastes  
 Tanto sem tino para tantos danos ?  
 Que logo em minha ausencia exprimentastes ,  
 Deixando-vos levar de taes enganós ?  
 Sentistèis-me adormido , e me deixastes ,  
 O somno hê pezo de cansados annos ,  
 E nelle cõe , o que melhor vigia ,  
 Mas quem de mi se aparta mal se guia .

Podereis trabalhar por despertarme ,  
 Estas filladas eu as descobrira ,  
 Mas inda à tempo o Ceo quiz ajudar-me ,  
 Que sem favores seus inda dormira :  
 Huma luz nova veio alumear-me  
 Do Arco celeste , que vigor me inspira ,  
 Vede , que sorte , vede que ventura ,  
 Hum pequeno mar em mim outro affigura ?

Despertei logo , e vendo as Naos sem gente ,  
 Os males receei , que vejo agora ,  
 Tornai Filhos em vòs , que não consente  
 Em taes dezejões , quem à CHRISTO adora :  
 Se a vida hê breve , se ligeiramente  
 Corre o tempo , nem sempre cá se mora ,  
 Por hum gosto tam breve não se impida ,  
 Hum gosto eterno de huma eterna vida.

E se tanto a belleza vos fogeita ,  
 Que sempre estraga a idade fugitiva ,  
 Cujo fogeito o mais curioso engeita ,  
 Qual flor , que enxovallou a mão esquivia :  
 D'outra mais estreitada , e mais perfeita ,  
 Tornai a liberdade , e alma cattiva ,  
 Amor , amor d'aquella fermosura ,  
 Que nunca o tempo acaba , e sempre dura.

Esta , como principio nunca teve ,  
 E fim por natureza desconhece ,  
 Tambem nunca tributo ao tempo deve ,  
 Por ser hum ser , que sempre permanece :  
 Esta sò debuxando ao vivo esteve ,  
 Tudo o que bello , e grato nos parece ,  
 E se por ella sò nos não perdemos ,  
 Hê porque menos cremos , do que vemos.

Hum



Hum conselho tomai muito acertado ,  
 Que em semelhantes casos aproveita ,  
 Nunca seja de vos considerado ,  
 O gosto na figura em que se aceita :  
 Mas naquella , que leva já gosado ,  
 E julgareis , quam pouco vos deleita ;  
 Que por isso se pintão as Sereas ,  
 Nô rostro bellas , e na cauda feas.

Nem tenhais por ventura , e sorte boa  
 Chegar onde vos guia o humano imigo ,  
 Que onde alma indignamente se afeiçoa ,  
 Lugar he de temor , e de perigo :  
 E bens dados de balde , ou a pessoa  
 Hè suspeita , e cautella traz consigo ,  
 Ou elles são tam vijs de qualidade ,  
 Que na venda haverà difficuldade.

Nem de exemplos useis vituperados  
 Em lei de qualquer livre entendimento ,  
 Sò para doce fabula inventados ,  
 Que à sensuaes enleve o pensamento :  
 E se aquelles por fortes são julgados ,  
 Não tiveram porem conhecimento ,  
 X Que era de hum forte a mais famosa empreza ,  
 Executar consigo a fortaleza.

Em quanto ferve o sangue , e a verde idade  
 Acha paixões , com quem ande em batalha ,  
 Sabei vencer , e usar desta verdade ,  
 Que a manhã vem a morte , e tudo atalha :  
 Ninguem pode alcançar felicidade  
 Se contra os appetites não trabalha ,  
 E pois sem mi viesdes ao perigo ,  
 Delle agora sabeí fugir commigo.

Isto dizendo , logo as costas vira ,  
 Nòs apòs elle quasi envergonhados ,  
 O proprio pejo , e asco nos retira ,  
 Dos gostos vãos alli representados :  
 Qual das Nymphas tràs nòs chora , e suspira ,  
 Qual mil queixumes diz enamorados ,  
 Mas voz , que já soara docemente ,  
 Silvo agora parece de Serpente.

Sò Bernardo enlevado em seu deleite ,  
 Inda que à Pedro lastimar-se ouvia ,  
 Por hum vão parecer , e falso affeite ,  
 Deixava o que melhor lhe parecia :  
 Esteve duvidoso se regeíte ,  
 Se vâ seguindo nossa companhia ,  
 Mas affagos , e mimos lisongeiros ,  
 Enganão defenganos verdadeiros.

Eu vij quasi voltar , estando attento ,  
 O triste moço já deliberação  
 A dar de mão à seu contentamento ,  
 Para perpetuo amargo alli provado :  
 E logo , como quem segue outro intento ,  
 C'os olhos para tràs ficar parado ,  
 Que a Maga Cyrce , que seu damno traça ,  
 Com magoas amorosas o embaraça.

Mas nòs com pressa tal nos embarcamos ,  
 Como quem de Leões bravos fugia ,  
 As velas sobre os mastos levantamos ,  
 Com branda viração , que então corria :  
 Não longe do lugar nos apartamos ,  
 ( E por longe nenhum se julgaria )  
 Quando o Echo ouvimos de mortaes estremos ,  
 E Bernardo na praia conhecemos.

Amigos , diz , e as vozes acompanha  
 C'os braços , e continuo movimento ,  
 Como assi me deixais em terra estranha ,  
 Sem mostrardes hum leve sentimento ?  
 Que pois minha cegueira foi tamanha ,  
 Que me deixei levar de hum pensamento  
 Causado de hum a vista , à vòs convinha  
 Delatardes o nò , que me retinha.

Confesso , que o conselho vivo , ardente,  
 Com que Pedro vos torna ao proprio centro ,  
 A's portas me bateo forçosamente  
 Dest'alma triste , que cerrei por dentro :  
 Mas agora , que já vejo presente  
 Meu damno , em mi de novo outra vez entro ,  
 Agora reconheço arrependido ,  
 Porque apparencias vâas andei perdido.

Bem vejo , quam custosa à quem vai fora  
 De tal perigo a volta lhe seria ,  
 Porem julgai se em vòs piedade mora  
 Quanto esse não voltar me custaria :  
 Quiz mandar socorrello sem demora ,  
 Quando tudo o que agora apparecia  
 Tanto ao vivo , cuberto d'agoa vimos ,  
 E com temor , e espanto nos partimos.



# AFFONSO

## A F R I C A N O.

### C A N T O VII.

**P** Oz o Principe fim à nova Historia ,  
 Enchendo à todos de sobejo espanto ,  
 E aquella julgão por maior victoria ,  
 Que esta de Arzilla , que lhes custa tanto :  
 Que inda fazendo alli da Ilha memoria ,  
 Dos deliquios de amor , lascivo canto  
 Das Nymphas , só com ser imaginado ,  
 Lhes fere os corações hum vão cuidado.

Já das profundas ondas a luz nova ,  
 Vinha alegrando o Mundo escuro , e triste ,  
 O Mar de còr cerulea se renova ,  
 Com tudo a noite negra inda resiste :  
 Quando Affonso começa à fazer prova  
 Do esforço , que nos seus inteiro assiste ,  
 Tocam arma , e com animo , e constancia  
 Cada qual vai bulcando sua estancia ,

Este das ricas peças de aço fino  
 Armado todo ao risco se apresenta ,  
 Qual nos hombros o pezo Zazerino ,  
 Qual fortissimas laminas assenta :  
 Aquelle cobre o couro peregrino  
 De Ante fera ao mais duro golpe isenta ,  
 Tambem ferve nas Nãos bellico trato ,  
 Para terror do Imigo , e proprio ornato.

Pelas mais altas vergas tremolando  
 Estão mil Estandartes , e Bandeiras ,  
 Nas cores diferentes declarando  
 As tenções dos Senhores verdadeiras :  
 Humas esforço , e brio estão mostrando ,  
 Outras também d'amor são mensageiras ,  
 Que magoas d'alma , que d'amor suspira ,  
 Pois também suspirou , nem Marte as tira.

Qual toda está da còr candida , e pura ,  
 Que o animal , que pasce do ar despreza ,  
 Que quem de formas varias se affigura ,  
 Mal pode ser amante da pureza :  
 Denotando na còr o que a procura  
 A sobeja alegria desta empreza ,  
 Que à Deosa Ceres ( por alegre auspicio )  
 Nesta cor lhe fazião sacrificio.

Qual vai da linda cor , que Perseo gaba ,  
 Na fermosa Ethyopisa , que o cattiva ,  
 Que a graça , e luz dos olhos não lhe appaga ,  
 De estado tam cruel , a forte esquivia :  
 E como he cor à quem nenhuma estraga  
 Sendo ella a que da sua à todas priva ,  
 Denota segurança nos perigos ,  
 E firmeza inmutavel contra inimigos.

Outros , que só para notar nasceram ,  
 Lhe chamão de infortunios nunciadora ,  
 Que esta cor , de que as velas mostra deram ,  
 Foi da morte de Minos causadora :  
 Outros cor de maldade lhe oppuseram ,  
 Porque della a monstrosa Sphynge fora ,  
 E das Harpyas o maior veneno ,  
 Desta cor se chamou , dira Celeno.

Qual

Qual vai da cor, de que se adorna, e cobre  
 O Ceo, quando sem véo se mostra ao Mundo,  
 Que nos olhos ceruleos se descobre  
 Do Rei, que teve em sorte o Mar profundo.  
 Esta denota hum pensamento nobre,  
 Levado à qualquer feito sem segundo,  
 Que sempre aspira à cousas soberanas,  
 Divinas communmente mais que humanas,

Entre os que bebem desse Egypcio Rio,  
 Rico ornamento desta cor usava  
 O Sacerdote de Isis, que foi Io,  
 Quando mudada n'outro ser andava:  
 Para que o coração devoto, e pio  
 Erguesse ao Ceo, que a côr o estimulava,  
 E porque teme, quem cousa alta emprende,  
 De sóspeita, e temor tambem s' entende.

Qual vai da bella côr, que a rosa empresta  
 A's faces da Donzella delicada,  
 Antes que ousado pee lhe entre a Floresta,  
 E de atrevida mão seja tocada:  
 Co' a muita semelhança, que tem esta  
 Co' a carne humana, chamão-lhe encarnada,  
 Cor he de amantes miseros, que moram  
 Transformados no ser do bem que adoram.

He côr daquelles, que a vontade propria  
 A' hum falso parecer fogeita, e rende,  
 Seguindo aquelle bem, qual Elytropia  
 Os caminhos do Sol seguir pretende:  
 Ou suba ardendo aos climas d' Ethiopia,  
 Ou desça, quando já menos se accende,  
 E como Salamandra se sustenta  
 Do mesmo fogo seu, que o atormenta.

Qual



Qual vai da cor, que a Purpura vomita  
 Primeiro dom de Alcides, presa à rogo  
 Da bella Nympa, que traz n'alma escrita,  
 Que rendido de amor satisfez logo:  
 Esta, porque a do sangue humano imita,  
 De vingança cruel accende o fogo,  
 Desta teme o Leão, que nada teme,  
 Co' esta se sobrealta o Touro, e geme.

Cutro cor de covardes a intrepresa,  
 Que tinha desta còr o estribo tinha  
 Diana, e a Deosa da amorosa seta,  
 Quando na alegre caça se entretinha:  
 Por se não descobrir a dor secreta  
 C'o sangue, se a picou pungente espinha,  
 E' co' elle desmaiada, e esmorecida,  
 De seguir deixa a caça, já seguida'

Qual vai da alegre còr de que tapisa  
 O Campo por Abril a Primavera,  
 De que as pennas o passaro matisa,  
 Que em imitar a humana voz se esmera:  
 He còr d'enamorados, que divisa  
 O dezejo do bem, que inda s'espera,  
 Que tanto que de verde as plantas vemos,  
 Esperança de flor, e fruto temos.

Outro a chama esperança já perdida,  
 O que pelos Antigos se provava,  
 Que a vela nos altares encendida,  
 N'hum verde ramo aberto posta estava:  
 Era sinal de estar já consumida  
 Tanto que àquelle verde a luz chegava,  
 E c'os mortos, que já nada esperavão,  
 Fermo-las Efineraldas sepultavão.

Rompia o Sol nos Orizontes altos  
 Co' a Lampada do mar inda orvalhada,  
 E sente Arzilla novos sobressaltos  
 Co' a vista horrenda da inimiga Armada:  
 Affonso custumado à taes assaltos,  
 A' quem a mór presteza sempre agrada,  
 Lançar em terra gente determina,  
 E co' esta voz os animos lhe inclina.

Jà companheiros meus à vista estamos  
 D'aquella tanto dezejada praia,  
 Que por perigos taes buscando andamos,  
 Quaes contra nós do Inferno a enveja ensaia:  
 O que resta do muito que acabamos  
 O mais he, mas se o espirito desmaia,  
 Anime-se, que tanto he já passado,  
 Que por menos o mais será julgado.

Contrastarnos thèqui o humano Imigo,  
 Podia conjurando o mar, e o vento,  
 Agora no presente, e mór perigo,  
 O mais que pode, he ter damnado intento.  
 O bom successo està no esforço antigo,  
 D'hum peito Portuguez de medo isento,  
 E no favor do braço soberano,  
 Que acode em seu serviço à todo humano.

Nisto ordem que por elle dada estava,  
 A' famosos Varões em paz, e em guerra;  
 Cada qual das Naos altas se lançava  
 Em leves Barcos, por tomarem terra:  
 Com forsa singular, com furia brava,  
 O que he mais Principal do remo afferra;  
 Que onde ha maior nobreza, ha mor cubica  
 De interesse immortal, com que se atica.

Sete legoas do Estreito pela Costa ,  
 Que o mar Herculeo para o Sul estende ,  
 Dentro n'hum seio de arrecife posta ,  
 Com alto muro Arzilla se defende :  
 Enseada à naufragios tam disposta ,  
 ( Por mil bancos de area com que offende , )  
 Que altos Navios nunca Porto cobram ,  
 E os pequenos à vezes se soçobram.

Correm tanto as areas , que levantão  
 As ondas desiguaes com qualquer vento ,  
 Que os que alli são mais practicos se espantão ,  
 Como podem chegar à salvamento :  
 Os Naturaes naufragios tristes cantão  
 De mil Armadas , de inimigo intento ,  
 E se estes baixos forem bem passados ,  
 Tradição tem que serão logo entrados.

Aqui c'os rolos horridos lutavão  
 Os pequenos bateis , com forsa , e manha ,  
 Mas quanto mais contra elles contrastavão ,  
 Tanto esta empresa achavão mais estranha :  
 Quanto mais para à terra se chegavão ,  
 Tanto mais furioso o mar se affanha ,  
 Que esta Fera onde a terra está mais alta ,  
 Alli se ensoberbece , e às nuves salta.

A confusão he tanta , que não sabe  
 Que via o mais experimentado siga ,  
 Que onde via não ha , nem forsa cabe ,  
 Nem nova industria val , nem arte antiga :  
 A qualquer onda temem , que se acabe  
 Com seu damno o temor de gente iniga ,  
 E agora julgão ser mór segurança ,  
 Tormenta em alto mar , que aqui bonança.

Affonso , que vigia da alta proa  
 O successo , que cãe à seus soldados ,  
 Ouvindo o clamor diffonso , que soa  
 Sinal ; que quasi estão defanimados :  
 Determina ajudallos em pessoa ,  
 Não consentindo vellos arriscados ,  
 E por suprir co' a pressa tanta falta ,  
 N'hum Vergantim pequeno da Nao falta.

O Principe trãs elle se arremessa ,  
 Que nãda com feu pai lhe faz espanto ,  
 Segue Dom João Coutinho a mesma pressa ,  
 C'o:filho charo o Conde de Monsanto :  
 Dom Affonso não fica , que professa  
 Não faltar em perigo , e rigor tanto ,  
 E porque Ondas no Escudo lhe notaram ,  
 Cavalleiro das Ondas lhe chamaram.

Salta logo o invencivel Dom Fernando ,  
 Lustre de Guimarães , e de Bragança  
 A' quem vai Ruy de Mello acompanhando  
 Com não menos presteza , e segurança :  
 Não vai o ardente orgulho dilatando ,  
 ( Que jãmais consentio breve tardança )  
 E succedendo vai nas mesmas vezes ,  
 Dom Anrique famoso de Menezes.

Mettem remos , e vela , e tam ligeiro  
 Abre caminho o concavo Navio ,  
 Que em breve , o que nos mais era primeiro ,  
 Alcançou do lugar o senhorio :  
 Muitos os remos são , elle rastreiro ,  
 As mãos , que o regem , de vergonha , e brió ,  
 O mesmo mar parece lhe abre a vea ,  
 E torna em valles a montuosa areia.

Quiz a ventura , ou isto o Ceo lhe tinha ,  
 Guardado , por remedio em tal perigo ,  
 Que alli por onde o leve lenho vinha ,  
 Foi dar n'hum calle de segredo antigo ;  
 Sonda Affonso a parage , mas da linha  
 De immensas braças , nada achou consigo ;  
 Lugar na profundeza he sem segundo ,  
 Onde a experiencia diz não se achar fundo.

Aqui corre agoa mansa , e o mar não brama.  
 Seguro o Barco vai , que aqui tem dado  
 Affonso então com brados altos clama ,  
 Dando novas d'hum bem pouco esperado :  
 A todos por seu nome d'aqui chama ,  
 Que obriga muito , quando he declarado ,  
 E porque de o seguirem desconfia ,  
 Estas razões formadas lhes dizia.

Seguime amigos nesta via estreita ,  
 Onde agoa corre mais humilde , e mansa ,  
 Esta he a mais segura , e mais direita ,  
 Por esta a praia , que buscais , se alcança ;  
 Aqui fica do mar logo desfeita  
 Essa soberba vã , aqui se amansa ,  
 E se temeis perigo ao fraco lenho ,  
 Bem vedes , que caminho aberto tenho.

Cada qual co' esta voz assi desperta ,  
 Que novo alento , e vigor novo cobra ,  
 De novo com mais forza o remo aperta ,  
 E para alli forçado o Barco dobra :  
 Dest'arte deram na Carreira certas ,  
 Que hum nobre exemplo maravilhas obra ,  
 E seguindo o de Affonso , que os ensaia ,  
 Lançaram todos anchora na praia.

Como quando o Pastor no Inverno frio  
 Buscar pretende pasto melhorado  
 Para outra parte, além d'hum grande Rio,  
 Para nas ripas delle triste o Gado:  
 Parece-lhe a outra terra n'hum desvio  
 Longe, está c'o temor d'agoa assombrado,  
 Mas se hum Touro fez vão, logo se abrande  
 O medo, e paissão todos d'outra banda.

Já neste tempo a terra se cobria  
 De gente, de impio zelo, e de odio aceza,  
 Que a defender a praia concorria,  
 Primeiro ensaio da famosa empreza:  
 Sufter-se o impetu grande não podia,  
 Que como agoas, que saem d'alta preza  
 Levando pedras, plantas arrancando,  
 Dest' arte se arremessa o negro Bando.

Nem tantos o Monte Hybla enxames cria  
 De abelhas, que de Flores o despoção,  
 Nem tantas caem com a entrada fria  
 Folhas no Outono, e as arvores enojão:  
 Nem tantos donde o Sol acaba o dia  
 Choveiros tristes Hyadas arrojão,  
 Nem tanta Ave do Strimon congelado  
 Pensa as neves c'o Nilo temperado.

A todos instimula hum odio imigo  
 De eterna dor, que nunca se consume,  
 Este leve lhes faz o mór perigo,  
 E os arma contra nós já por costume:  
 Lembrança tem daquelle tempo antigo,  
 Em que se viram no mais alto cume  
 De gloria, que jámais Africa ganha,  
 Gosando os Campos fertiles de Hespanha.



Lembrão-se , que Senhores já se viram  
 De bens , que para sempre tem perdidos ,  
 E como de esperança tal caíram ,  
 Não sofrem de nós serem possuidos :  
 Isto sentem , por isto sô suspiram ,  
 Nem se verão jamais arrependidos ,  
 Armando mil filladas , mil enganos ,  
 Por vingança dos seus , com nossos danos.

Que lingua poderá metter à conta  
 Os dardos , que das mãos arremessaram ,  
 E os muitos , que com fina aguda ponta  
 Sem resistencia alguma , atravessaram :  
 Com menos settas na travada affronta  
 A luz Phebéa os Parthos offuscaram ,  
 Ou fronte à fronte estejão resistindo ,  
 Ou com temor , e manha vão fugindo.

Com este affombramento ferreo , escuro ,  
 Perdendo a cor , o mais covarde enfia :  
 Porém o coração mais forte , e duro  
 Esta por vã julgando esta profia :  
 Que encontros taes n'hum animo seguro  
 Nunca são de vigor , nem de valia ,  
 Antes quanto maior vehemencia trazem ,  
 Com maior resistencia se desfazem.

Esta dos nossos no alto muro acharam ,  
 Que de seus peitos levantado tinhão ,  
 E rebatidos para trás tornaram  
 Com outro impetu igual ao com que vinhão :  
 Bem como no profundo mar se armaram  
 Ondas , que contra a rocha alta caminhão ,  
 E no ponto , que nella o encontro deram ,  
 Desfeitas outra vez ao mar vieram.

Mas

Mas o soberbo , e bravo Tenebronte  
Dos seus vendo de longe a covardia ,  
Com medonho terror posto defronte ,  
Estas palavras horridas dizia :  
He possível , que gente vos affronte  
Infame , e vil em minha companhia ?  
Que assim desanimeis à minha vista ?  
Que aja quem vos despreze , e vos resista ?

Não conheceis o temeroso brão  
Daquellle , que jámais teve segundo ?  
Não vedes quantos rendo ao senhorio  
Deste braço cruel , e furibundo ?  
Não sabeis , que tirei à desafia  
O mais forte Varão , que houve no Mundo ?  
Levanto o Mar ao Ceo , a Terra escallo ,  
Não poderei fazer na gente aballo ?

Cego , que ser mais forte não sabia ,  
Que o Mar , e Terra hum forte peito humano ,  
E que fazer mais facil lhe seria  
Dano nestes , que neste fazer dano :  
Mas da soberba antiga lhe nascia  
Ter confiança neste falso engano ,  
Soberbo foi , soberbo está presente ,  
E soberbo ha de ser eternamente.

Esse Vassallo foi de muita estima  
D'hum Senhor , lá das partes do Oriente ,  
Potente Rei do mais suave clima ,  
Que goza no universo humana gente :  
Nuve que offusca , vento que lastima ,  
Não corre aqui , só Zephyro clemente  
Encrespa as agoas , spira na Bonina ,  
Habitão Seres a região divina.

## 170 AFFONSO AFRICANO.

Aqui gozava este soberbo a vida  
 Em deleites de estranha suavidade,  
 Sendo a pessoa mais ennobrecida  
 Do Reino, e de maior autoridade:  
 A sciencia era tam alta, e tam subida,  
 Que facilmente alcança a magestade  
 Dos maiores segredos, na belleza  
 Não fez igual jámais a Natureza.

Mas pouco soube conservar o Estado  
 A' que tinha subido por ventura,  
 Que c'os muitos favores alterado  
 Contra o seu proprio Rei se arma, e conjura:  
 Assentar-se no Solio, e regio Estrado,  
 E ficar no governo igual procura,  
 Mas c'os sequazes teve-seu castigo,  
 Ficando de seu Rei eterno imigo.

Vio-se da gloria, que n'hum ponto ganha  
 Caído para sempre n'hum momento,  
 E desterrado para parte estranha,  
 Onde oje mostra seu furor violento:  
 Pelle traz d'hum Dragão, que na montanha  
 De Tartaria mattou, por ornamento,  
 Outro Animal enfreia, de figura  
 Estranha, e d'espantosa compostura.

Cobre de conchas este o corpo horrendo,  
 O collo inquieto traz sempre arrogante,  
 O stridor, que c'os dentes vai fazendo,  
 Causa temôr ao animo inconstante:  
 Pela boca lhe sãe fogo ardendo,  
 A cauda à hum gram Cypreste he semelhante;  
 Fumo das ventas fetido vomita,  
 A luz dos olhos a do Sol imita.

Ante

Ante elle a perdição , e estrago corre ,  
 Tudo por onde vai se lhe fomette ,  
 Mas o forte Fernando , que discorre  
 O Campo , e à todas partes acomette :  
 Vendo como no encontro este lhe occorre ,  
 Com furor desigual logo arremette ,  
 Dizendo à vozes altas , fero Imigo  
 Ufano estou , por me encontrar contigo.

Não sabes , que conheço essa arrogancia ,  
 Essas carrancas vãs , que em vento param ?  
 Que não tem mais vigor , nem mais sustancia ,  
 Que aquella , que covardes lhe causaram :  
 Se vens exprimentar minha constancia  
 Com temores , que à muitos assombraram ,  
 Espera , que es Leão para hum covarde ,  
 Mas vil formiga , para quem te aguarde.

O' quanto pode hum animo arriscado  
 Que nada teme , d'hum varão constante !  
 Ex Tenebronte fero amedrentado  
 Está tremendo , como fraco Infante :  
 As costas logo vira acelerado ,  
 E Fernando no Campo está triumphante ,  
 Os nossos animados co' esta gloria ,  
 Seguindo vão contr' elles a victoria.

Vendo Affonso , que deixa o fero Imigo  
 O campo à salvo sem maior aballo ,  
 E que em quanto não tem ordem comfigo ,  
 A gente reparada d'algum vallo :  
 Não he cautella boa , antes perigo  
 Ir outra vez tras elle à provocallo ,  
 Contra a gente no alcanse desmandada ,  
 Dest' arte persuadia a retirada.

Animosos soldados , não vos faça  
 Hum succêssô tanta confiança ,  
 Que à quem o campo vos desembaraça ,  
 Vades à provocar a espada , e lança :  
 Quando o perigo não vos ameaça ,  
 Nem vos o stimuleis com segurança ,  
 Que facilmente vos vereis vencidos ,  
 Se provocardes os que vão fugidos.

Em quanto estamos sem seguro abrigo ,  
 Tudo he temeridade , e desconcertô ,  
 E reparar primeiro acerto antigo ,  
 Para colheita de qualquer aperto :  
 Depois de fortes rompereis comigo  
 Com maior segurança , e mais concerto ,  
 Por meio destes inimigos bravos ,  
 Sogeitos à penosa Ley d'escravos.

Todos à voz primeira refrearam  
 Aquelle desigual commettimento ,  
 E por obedecer logo pararam ,  
 Que nisto trazem sempre o pensamento :  
 Como contra o Troyano conjuraram  
 Os mares c'o furor do irado vento ,  
 E da maior braveza descaíram ,  
 Tanto que os brados de Neptuno ouviram.

Estas razões porém pouco acabaram  
 Com dous mancebos na amizade antigos ,  
 Que mostrar entre si deliberaram ,  
 Quanto fossem de fama , e de honra amigos :  
 Termos de merecer novos traçaram ,  
 Que não se pagão dos communs perigos ,  
 E posto que arriscar-se a vida entendem ,  
 Nada lhes difficulta o que pretendem.

Hum

Hum se diz Azevedo , outro Soares ,  
 Ambos d'hum sangue , e d'hum mesma idade ,  
 Ambos d'hum mesmo clima , ambos d'huns ares ,  
 Ambos d'hum coração , d'hum vontade :  
 Ambos de mil virtudes singulares  
 Dotados , porque mais o feito agrade ,  
 E antes que a praia Affonso tomar queira ,  
 O Soares fallou desta maneira.

Amigo meu cá n'alma se me imprime  
 Hum dezejo de gloria tam sobejo ,  
 Que me move , à que pouco a vida effime ,  
 O que farei , se dura este dezejo :  
 Espero , que este intento me sublime ,  
 Se algum feliz successo oje lhe vejo ,  
 E quando for contraria nisto a sorte ,  
 Sò intentallo cabe ao Varão forte.

Pretendo , se puermos em fugida  
 Os inimigos , evidencias certas ,  
 Seguir no alcanse , e que ninguem me impida  
 Pelas Portas entrar , que vejo abertas :  
 E se for venturoso na saída ,  
 Celebrar se-hà meu nome , e mil offertas  
 Porei nos Templos , se ficar cattivo  
 A' Deos livre serei , se morto , vivo.

Que he contra os Infeis tam justa a guerra ,  
 Que inda que o Varão forte arrisque o feito ,  
 Se com zelo Christão o amor desterra  
 Da vida , à Deos será serviço aceito :  
 Mas desenho gentil que o peito encerra ,  
 Não pode ter sem vòs honrado effeito ,  
 E se trances , e mortes offereço ,  
 Estas com voſco tem valia , e preço.



Pullava o coração ao companheiro ;  
 E d'huma nobre enveja stimulado ;  
 Sentindo està , porque não foi primeiro  
 Naquelle pensamento tam louvado :  
 Mas pretende não ser o derradeiro  
 Na entrada , por ficar co' elle igualado ,  
 E sem dar mais razão o amigo abraça ,  
 Como que da mercè se satisfaça.

Agora , que a fazão viram presente ,  
 D'outros temida , delles dezejada ,  
 Recompensando à passo diligente  
 De todo Campo a certa retirada :  
 Vão proseguindo temerariamente  
 Os impetus da fúria começada ,  
 E sóes tamanha sombra aos Mouros fazem ,  
 Como que inda a primeira forma trazem.

Tal quando obedecendo ao senhorio  
 Da Lua varia , là do intimo seio ,  
 Pelo meio d'algun estreito Rio ,  
 O curso da marè subindo veio :  
 Se à descair começa de seu brio  
 No principio do curso ou já no meio ,  
 A corrente porém d'agoa primeira ,  
 Inda vai por diante na carreira.

Ao lado de Soares morto cãe  
 De Fatima Melique eterna pena ,  
 A' lhe vingar a morte ufano sãe  
 Albaiaidos , e à morte elle o condena :  
 Pouco o esforço lhe val , que não desinãe  
 Culmã aos golpes , que Azevedo ordena ,  
 O corpo sem cabeça à Tarfe deixa :  
 Por seu corpo a de Caide ao ar se queixa.

Como dous segadores na Seara,  
 Que fazoado tinha o ardente Estio,  
 Que de sua arte dando mostra clara,  
 A' reto cortão sem fazer desvio:  
 Cada qual se avantajava, nenhum para  
 Levando ao cabo o começado fio,  
 Os cabellos d'hum lado, e d'outro à molhos,  
 Ceres amortecida alegre os olhos.

Já tinham affombrado a grande Porta,  
 Que só para colheita aberta estava,  
 Quando a morte, que grandes brios corta,  
 Contra o forte Azevedo conjurava.  
 Que vendo Abdalla tanta gente morta,  
 Sendo a causa menor do que cuidava,  
 Por detrás lhe deu golpe tam pesado,  
 Que entre as portas caio atravessado.

Comfigo prohibio serem cerradas,  
 Inda que foi de muitos pretendido,  
 E do Soares foram logo entradas,  
 Que vingar quer o amigo amortecido:  
 Caem porèm sob' elle taes lanfadas,  
 E a ultima de Homar nunca vencido,  
 Que acompanhou na sorte o charo amigo,  
 Ficando a desventura sem castigo.

Não ficarão com tudo sem memoria  
 Desterrado da morte o sentimento,  
 Que o resonante grito de tal gloria,  
 Desperta o transportado esquecimento:  
 A pezar seu esta será notoria  
 Pelo Globo, que cobre o Firmamento,  
 E cantar-se-hão em tanto seus louvores,  
 Que o Mar der Pesces, der a Terra Flores.

Do Erebo tenebroso a noite escura  
 Saindo vinha , onde co' a luz s'encerra ,  
 A sombra dilatando , que mistura  
 O Ceo c'o Mar , c'o Ar confuso a Terra :  
 As Cidades tambem co' a espessura ,  
 C'o valle raso a levantada ferra ,  
 E c'o doce repouso , que trazia ,  
 Hum silencio geral em tudo avia.

Vendo fazem Eudollo , que traçava  
 Hum geral damno à toda Armada , e Gente ,  
 Os Capitães à Junta convocava ,  
 Para que modo certo alli se affente :  
 Cada qual o lugar logo buscava ,  
 Que primeiro se quer achar presente ,  
 E junros já com voz de imperio cheia ,  
 Da propria gloria trata , e affronta alheia.

Bem vejo , que os ardiis , que usei thegora  
 Dos gostos vãos na Ilha imaginados ,  
 D'algun Deos grande , que esta gente adora ,  
 Foram desfeitos , e desbaratados :  
 Mas s' algum Sprito em mí potente mora ,  
 Outros hei de intentar mais arriscados ,  
 Que a machina quiçá , que à dous faz guerra ,  
 C'o terceiro balanço irá por terra.

Pretendo nesta noite accomodada ,  
 Que pelos ares corre secco vento ,  
 Armar hum grande incendio à toda Armada ,  
 Com que seja assolada n'hum momento :  
 Haverá confusão desordenada ,  
 ( Que acodir ha de ser primeiro intento )  
 Vòs tende as armas promptas entretanto ,  
 Dareis sobr'elles , fugirão d'espanto.

Nisto

Nisto co' a Furia , que à seu lado assiste ,  
 Logo d'entre'elles desapparecia ,  
 E descendo ao Abismo escuro , e triste ,  
 Na Fragoa hum funeral ramo accendia :  
 D'alli torna outra vez , que não desiste  
 Thè pôr por obra o intento , que trazia ,  
 E hum vaso pelos ares derramando  
 Do Lethes , grande somno foi causando.

Cairam d'improviso suspendidos  
 Quantos n'aquelle quarto vigiavão ,  
 Sò ficaram nas Popas advertidos ,  
 Os Sanctos , de que as Naos se appellidavão :  
 Depois que vio Eudollo , que opprimidos  
 N'hum carrêgado esquecimento estavão ,  
 As Naos c'o ramo ardente foi tocando ,  
 E o fogo em vivas chammas atteando.

Da terra fulgurar viram primeiro  
 O rapido Vulcano , e no perigo  
 Cuidando , que seria o derradeiro ,  
 Começa Affonso à vacillar cômfigo :  
 Mas como sempre està d'animo inteiro ,  
 Rompe o segundo intento do Inimigo ,  
 Mandando , que ninguem na ordem s'altere ,  
 Antes em sua Stancia persevere.

Elle em tanto caminha com ligeira  
 Esquadra , e posto já na praia anima  
 Os Soldados valentes de maneira ,  
 Que cada qual o risco muito estima :  
 Não buscão pelo mar certa carreira ,  
 Nem curão de bateis , tanto os lastima  
 Sua Armada abraçar-se , à nado acodem  
 Por verem se apagar o incendio podem.

Porèm Affonso ufando d'outro meio  
 Mais poderoso , em terra debruçado ,  
 Os olhos ergue c'hum christão receio  
 Ao Ceo , que està d'estrellas matifado ;  
 Ah Seuhor , diz , neste apertado enleio  
 Usai do poder voffo costumado ,  
 Que mais exprimentei da parte minha ,  
 Quanto mais contra mim o Inferno tinha.

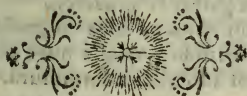
Jà n'huma cerração escura , e cega ,  
 Pedij ferenidade , e vòs ina destes ,  
 Pois voffa condição nada me nega ,  
 E nas misérias nòffas estais prestes :  
 Minha neceffidade o rogo emprega  
 Contrario da mercè , que me fizestes ,  
 Cerração peço agora , abirão-se os Ares ,  
 E chovão mares d'agoa , fobre Mares.

O' fé bastante à remover os Montes ,  
 Reter os Rios na maior corrente !  
 Já se vão engrossando os Orizontes ,  
 E já cerrar-se o Ceo c'o mar se sente :  
 Caem das nuves arrojadas fontes ,  
 Onde se affoga o bravo incendio ardente ,  
 Em pago de tam alta maravilha ,  
 Todo Campo arrojado à Deos se humilha.

Mas não se vio despois pequeno estrago ,  
 Que as mais das Naos com damno algũ ficaram ,  
 E a que passou primeiro o ardente trago ,  
 Perdida de seu numero choraram :  
 A gente se lansou no grande Lago ,  
 E à nado quasi todos se salvaram ,  
 E s' esta sem remedio em chammas arde ,  
 Pouco val o remedio , que vem tar de.

Que

Que com tanto furor foi atteando  
A salitrada area de repente ,  
Que já quando agoa veio carregando  
Pelos ares o fogo hia eminente :  
Antes para se ir mais apoderando  
Ella pasto lhe deu , Affonso sente  
A desgraça que tanto o lastimara ,  
Como se toda Armada perigara.





# AFFONSO

## AFRICANO.

### CANTO VIII.

**J**A' pelos altos muros s' estendia  
 A Maura gente , à resistir constante ,  
 E o novo Sol no fino aço fíria ,  
 Que o representa ao longe rutilante :  
 Entre todos galbarda apparecia  
 Zara , c'hum elmo os raios do prestante  
 Rosto encobrando , qual a nuve obscura  
 Do bello Sol affombra a fermosura.

E pondo os olhos no concerto airoso ,  
 Da Lusitana gente , afeiçoada  
 A's grandezas do Reino valeroso ,  
 ( Historia por Abdalla recontada : )  
 E mais entregue ao nome deleitoso  
 Do Principe Dom João , nome que agrada ,  
 Por ser de graça cheio , e n'hum fugeito ,  
 Que d'esperanças já lhe enchera o peito.

Mostra-me Abdalla , diz , o Rei sublime ,  
 Que por cattivo seu já conheceste ,  
 E para que esta vista mais estime ,  
 Mostra-me o Filho , que m'engrandeceste :  
 Que hum fogo n'alma , que se não reprime ,  
 De longe ardendo vem , tu mo accendeste ,  
 Para arriscar com elle em Campo a vida ,  
 E n'alma se sorrio da voz fingida.

Que

Que outra tenção a move , e d'outro Pharo  
 A luz seguindo vai , que a leva , e guia ,  
 Que a fama d'este Principe tam raro ,  
 Nas almas , como a vista effeitos cria :  
 Abdalla lhe responde , o firme amparo ,  
 Que este a Lusitana Monarchia ,  
 Aquelle he , porque à todos appareça ,  
 Que leva sobre todos a Cabeça.

O Principe , qual Choupo em vara verde ,  
 Se ajunta à mão do Pai , que mais s'estima ,  
 Digno fugeito , que as grandezas herde  
 Do tronco singular , à que se arrima :  
 O mais lugar , que o campo à vista perde ,  
 Cobrem fortes Varões , correndo à cima  
 Grandes Senhores vão , como primeiros ,  
 Depois Fidalgos , logo Cavalleiros.

Mas inda que a belleza convidava  
 Das arinas , das emprezas differentes  
 Dos guerreiros , que Abdalla lhe mostrava  
 A' fazer quaesquer olhos mais contentes :  
 Zara porém no Principe parava ,  
 Que nelle via cousas excellentes ,  
 A' que mais obrigada se rendia ,  
 Que à quantas pelo Campo estranhas via.

E em quanto nelle attenta com a vista  
 Toda embebe o cansado pensamento ,  
 Huma flamma invisibil a conquista ,  
 Com que Amor lhe abraçou o peito isento :  
 Quer divertir-se , para que resista  
 A' tam subita dor , e sentimento ,  
 Mas quanto isto procura mais comfigo ,  
 Tanto s'entrega mais à seu perigo.

Qual

Qual misera avezinha , à quem armado  
 No campo tinha o moço diligente ,  
 Que entre o ramo de industria levantado ,  
 A varinha inviscou occultamente :  
 Tanto que ella com vôo accelerado ,  
 Fazendo pouso presos os pees sente ,  
 Com as azas forseja , e em vão se cança ,  
 Que mais s'enrenda , e já de fraca amansa.

A vezes furta os olhos cautamente  
 Para outra parte , e logo nelle os prega ,  
 Torna a fazerse força , e já consente ,  
 Agora se retira , e já s'entrega :  
 Já se dezeja ausente , e já presente ,  
 Nestas indifferenças alma emprega ,  
 E se aquieta hum pouco , a sobressalta  
 Cuidar , que he villa sua pena , e falta.

E como a vista enamorada altera ,  
 Quando em meio se vê difficuldade ,  
 Fugir intenta à pena tam severa ,  
 Inda que a outra maior se persuade :  
 Para outra Stancia passa , e persevera  
 Nesta imaginação , e saudade ,  
 E quanto divertirse mais pretende ,  
 Amor a envolve , e seu cuidado accende.

De cinco grandes Portas rodeado  
 O muro Arzilla tem de que se ajuda ,  
 Na principal hum Lynce está pintado ,  
 Celebre em fama pela vista aguda :  
 N'outra se mostra hum Cervo retratado ,  
 Como que ao que sentio attentô acuda ,  
 Domestico animal sobr'outra affomã ,  
 Como que o faro costumado toma.

N'ou-

N'outra , que desce là para Occidente ,  
 Que a gente mais custuma ir frequentando ,  
 A forma tem d'hum Symio , que contente  
 Hum saboroso pomo està gostando :  
 Aquelle Animal n'outra , que presente  
 Comfigo sempre a caza vai levando ,  
 Cujá concha scabrosa , aspera , e dura ,  
 Da bella Venus pisa a planta pura.

N'humá parte do muro levantada  
 Humá Torre se mostra em grande altura ,  
 Que de tres Balluartes adornada  
 Forma humá apparatusa composura :  
 Là no meio a Mesquita celebrada ,  
 Fortaleza tambem forte , e segura ,  
 E com tanto artificio armada fica ,  
 Que com todas as ruas communica.

Inda fermosa a face està da guerra ,  
 Tudo em concerto vai de parte à parte ,  
 Inda o furor no bravo peito encerra ,  
 Nem sabe à que armas favoreça Marte :  
 Inda co' a gente estranha folga a terra ,  
 Em quanto por Varões insignes n'arte  
 Se repartem fileiras , e por conta ,  
 Forte esquadarão se forma , e se confronta.

Sentio Bellona là donde s'encerra  
 Este apparatuso , e a grave Tuba entoa ,  
 Cujó horrendo clangor , que a paz desterra ,  
 Os largos ares talha , e o mundo atroa :  
 Arma , arma , tudo soa , tudo guerra ,  
 Soa o mar guerra , guerra a terra soa ,  
 Dos valles repulsando nos outeiros ,  
 Respondem guerra os Echos derradeiros.

Aquelle , que nas redes de Vulcano  
 Preso se vio , armado de vingança ,  
 Os olhos fogo , o rosto deshumano ,  
 Atroa as nuves a sanguina lança :  
 Deixou final ( prognostico de dano )  
 Nos ares , que cortara , à semelhança  
 Do que escreve no mar a taboa leve ,  
 Mas aquelle he de sangue , este agoa escreve.

Esta influe no mais covarde peito  
 Fervor , sanha , furor , colera , e ira ,  
 E no coração forte à gloria feito ,  
 Maior esforço , e mór valor inspira :  
 Qual de Thelepho a lança , que fogueito  
 Já quasi à morte sem remedio espira ,  
 Pela chaga outra vez entrando aberta ,  
 O vigor lhe restaura , o alento esperta.

Quando lá pelas Portas cinco abertas  
 Sae ao Campo tropel de gente armada ,  
 Que com sobejo orgulho , e mostras certas  
 De valor , se arremessa arrebatada :  
 Bem como pelas bocas descubertas  
 Faz o Nilo no mar soberba entrada ,  
 Tam furioso , e bravo , que parece ,  
 Que o melino mar lhe deve , e lhe obedece.

Não quiz aquelle dia Tenebronte  
 Vir ao Campo por dar aos Filhos gloria ,  
 Sabendo , que à sua vista menos monte  
 Qualquer valor , que pretender memoria :  
 Dezeja cada qual o Campo affronte ,  
 E que por elles sós se aja a victoria ,  
 E depois que presentes os avisa ,  
 Para a Batalha , à todos da divisa.

Ao mais velho de duas appresenta  
Emprezas altas: hum famoso Escudo ,  
Aquella hum Basalisco representa ,  
De cujos filvos foje , e treme tudo :  
Outra hum Falcão soberbo , que affugenta  
As Aves , e o contorno deixa mudo ,  
Nem sofre , porque sò Senhor pareça ,  
Que alguma nãdifique , e a casa teça.

Este era de seu Pai o mais querido ,  
E o que nos olhos traz sempre diante ,  
Tam alto na statura , e tam crescido ,  
Que em toda Africa he tido por Gygante :  
Não ha Lei , que não tenha escarnecido ,  
Nem Ceo , nem Deos conhece de arrogante ;  
E s'algum Deos conhece , he sua espada ,  
Delle sò nos perigos adorada.

Menos soberbo foi o fulminado  
Encelado , que nas entranhas fundas ,  
Do Monte Etna , movendo cada lado  
Faz ondear as flammis furibundas :  
E menos Poliphemo desamado  
Da bella Galatêa , que as profundas  
Cavernas , discantando seu tormento ,  
Commovia c'o rustico instrumento.

Com a divisa logo o Pai incita  
O segundo intractavel triste Mourão ,  
Que a que leva no Escudo d' aço escrita ,  
He Grypho em cima d' huma barra d' ouro.  
Este , dizem , nas partes onde habita  
O guarda como seu proprio thesouro ,  
São muitos , e crueis , e avaramente  
O querem defender da pobre gente.



Ao terceiro conforme à Natureza

Infame, e condição, que lhe conhece,  
Por semelhante, e quasi igual empreza  
Huma torpe lbe deu, como merece:

Ao quarto sente natural braveza,  
E hum Javali spumoso lhe offerece,  
Que quando já firido se retira,  
Pelo matto parece a propria ira.

O quinto leva (por razão secreta)  
Hum glotão Avestruz, que tudo traga,  
O sexto a porfiada borboleta,  
Que a luz da vela por enveja appaga:  
E porquê aos mais seu brio não someta  
O menor sem divisa, n'alta fraga  
Hum Ufio, recoitado os pees lambendo,  
Por iua, se durara, ficou tendo.

Ai que destorfo, que espantoso estrago  
Estes fazendo vão com braço urgente!  
Deixando por detrás hum grande lago  
De sangue, da mais fraca, e inutil gente,  
Porém cedo terão seu justo pago,  
Inda que agora lhes pareça ausente,  
Mas em tanto, ai dos tristes, que lhes caem  
A' lanço, que jamais com vida saem!

Por todas partes discorrendo andava  
Hum Brito, valeroso, em sangue infido  
A lança tinta, quando s'encontrava  
C'hum Mourro d'armas brancas guarnecido:  
Abentaful Azarque se chamava,  
Por galhardo, e valente conhecido,  
Da Mãe unico filho se dizia,  
E de sua velhice amparo, e guia.

Esta na deleitosa Primavera  
 De seus gostos, na flor de sua idade,  
 Quando gozar no Matrimonio espera,  
 Compridos annos de felicidade :  
 Roubou-lhe o Companheiro a morte feroz,  
 Deixou-lhe para sempre a saudade,  
 E por allivio só huma esperança  
 De ver retrato seu, e semelhança.

Vio este Filho charo, que nascido  
 O Pai defuncto ao vivo representa,  
 Em cuja vista de seu bem perdido  
 Ella a memoria, e viva dor sustenta :  
 Mas cedo arrimo tal verá caído,  
 Que o forte Brito já se lhe appresenta,  
 A lança despedio, que à forte encarga,  
 E o Mouro atravessou por huma ilhargá.

Bem quiz com seu valor estranho, e vivo  
 Sustentar-se na sella, onde esmorece,  
 Que não val coração, nem brio altivo,  
 Quando a vida co' as forças desfallece :  
 O corpo desampara o fugitivo  
 Sprito, o lugar buscando, que merece,  
 E no aballo mortal, do esquerdo lado  
 Lhe falta o Stoque ricamente ornado.

Para o tomar o vencedor se inclina,  
 Que he peça de valor, e curiosa,  
 Mas foi cubiça de tal tempo indina,  
 Que pudera fairshe bem custosa :  
 Vio o do Grypho o caso, e determina  
 Vingar de Azarque a morte lastimosa,  
 E tendo conjunção tam fazoadá,  
 De repente lhe deu grande lançadá :

Não

## 188 AFFONSO AFRICANO.

Não foi mortal , porém foi perigosa  
 A firida , e curar-se logo intenta ,  
 Que justamente a vida dezejosa  
 De prestar , se conserva , e se accrescenta :  
 A cura , que vem tarde , he duvidosa ,  
 O mal , que se dilata , mäs se augmenta ,  
 E neste tempo , que foi dando volta ,  
 Hum Sousa vee , que a voz contr'elle solta.

Para diante vão os esforçados ,  
 Inda que estar defronte a morte vejão ,  
 E a magoa das firidas faz ousados  
 Os que a gloria gosar dellas dezejão :  
 Qualquer achaque volta os acanhados ,  
 Que ä seu salvo , e sem risco só pellejão ,  
 E se quereis exemplo o tendes perto ,  
 Que d'huma lança o peito leve aberto.

Demos nesta canalha , que se rende ,  
 Que os enchamos d'espanto , e temor frio ,  
 Que bem sei , que essa espada talha , e fende  
 Que em antigo valor tem dado o fio :  
 O rigor da Batalha não me offende ,  
 Responde o Brito , por me faltar brio ,  
 Mas chaga semelhante cura pede ,  
 Que he mortal , se o remedio se lhe impede.

Com que posso sair desfallecido ,  
 Falto de sangue , e de meu proprio alento ,  
 Se qualquer golpe meu será perdido ,  
 E em mi o do Inimigo mais violento :  
 Descobrirei meu mal , e guarecido  
 Tornarei logo ä meu honrado intento ,  
 E vereis as proezas , que então faço ,  
 Maiores , que as passadas de meu braço.

Nisto

Nisto hum para träs volta , outro apartado  
 Avante passa pelo Campo aberto ,  
 Hum logo com antidotos curado  
 Por hum docto Varão , e n'arte experto :  
 Outro de sua chaga descuidado ,  
 Tendo por tempo o mal dentro encuberto ,  
 E lavrando o veneno occultamente ,  
 Caio de mortal subito accidente.

Por outra parte , as armas exerceita  
 A' troco de mil mortes hum guerreiro ,  
 Que dos maiores seus o lustre imita ,  
 Fernando exemplo de armas verdadeiro :  
 A' Virtude , e valor todos incita  
 Com feitos , que o lugar terão primeiro ,  
 E n'hum quarto do Escudo que matifa ,  
 Quiz agora tomar nova divisa.

O passaro retrata solitario ,  
 Que nunca à raimo d'arvore se acolhe ,  
 E com humilde vôo de ordinario  
 Nos tetos de edificios se recolhe :  
 Já Dom Anrique Symbolo contrario  
 Ao Grypho , hum Cano d'agoa clara escolhe ,  
 Que liberal ao Campo communica ,  
 E nenhuma represa nem lhe fica.

A sequiosa lança em sangue ceva ,  
 Por onde à caso vai Dom João Coutinho ,  
 E no campo do fino Escudo leva  
 A Figura gentil d'hum puro Arminho :  
 Ninguem à Rui de Mello ha que se atreva ,  
 E por todos abrindo vai caminho ,  
 He da espadana a empreza peregrina ,  
 Que se vai co' a corrente , e toda inclina.

Dom

## 190 AFFONSO AFRICANO.

Dom Alvaro de Castro não s'escusa.

Do perigo maior , que sempre aceita ,  
A divisa do parco Animal usa ,  
Que pasce do ar , e outro manjar regeita :  
Dom João seu charo Filho não recusa  
Acharse na contenda mais estreita ,  
E por insignia leva o Pellicano ,  
Que abre por bem alheio o peito humano.

N'outro quarto o das ondas mostra , e pinta  
Contra o menor empreza differente ,  
E porque da presteza sinaes finta ,  
Hum Delphim lhe offerece diligente :  
Não receia , que o braço lhe desminta  
Os grandes golpes , que nenhum consente  
Dos inimigos , corta a fina Espada  
Pela gente infeliz , e desmaiada.

Sette Heçtores são estes , e bastantes

A' pòr a todo o Mundo açamo , e freio ,  
No trabalho das Armas tam constantes ,  
Que cuidão começar , se estão no meio :  
O' nobres Corações de gloria amantes ,  
Chegai ao cabo a empreza sem receio ,  
Que o bom principio em Armas pouco monta ,  
Se o brio antes do fim padece affronta !

Mas tempo he já , que claro o Mundo veja

O valor dos Guerreiros escolhidos ,  
E que a contenda averiguada seja  
Dos que são por divisas conhecidos :  
Muito ençontrar-se cada qual dezeja ,  
Que ímigos são por fama , e arrependidos  
Não serão deste odioso pensamento ,  
Thè que huns dos outros ajão vencimento.

Te-

Temos a conjunção tam dezejada  
 Presente , a hora chegou , e o tempo certo ,  
 Todos à vista estão , muito lhe agrada  
 Verem seus Inimigos já tam perto :  
 A forma das divisas variada  
 Lhes faz o odio mais vivo , e descoberto ,  
 Que cada qual tem grande sentimento ,  
 De ver contraria empreza a seu intento.

Não sofrem dilação , fangue procura ,  
 E morte cada qual de seu contrario ,  
 E despois que na sella se assegura ,  
 Se offerece ao successo d'armas vario :  
 Palavras gasta em vão quem dellas cura ,  
 Tratar de golpes he curso ordinario  
 Daquelles , que não tem conhecimento  
 Dòs segredos , que alcança o entendimento.

Baste saber , para que mais não trate ,  
 Que despois que altamente se provaram ,  
 E por espaço no aspero combate  
 Mil encontros crueis executaram :  
 Os nossos já por ultimo remate ,  
 ( Affalto do valor ) deliberaram  
 Romper contr'elles com dobrada furia ,  
 Por vingar c'hum encontro tanta injuria.

O forte Dom Fernando determina  
 Sair com novo sprito , e retirado  
 Hum pouco pelo Campo airoso ensina  
 O Cavallo bem destro , e custumado :  
 Logo para direito , e a vista inclina  
 Para seu inimigo declarado ,  
 E como já dos outros nada cura ,  
 Co' este ensaio contr'elle se aventura.



Como bravo Leão , que levantando  
 O primeiro furor na madrugada ,  
 Da boca está da cova speculando  
 O Touro , que anda fôra da manada :  
 E logo vai com impetu passando  
 Pelo meio da gente alborotada ,  
 Nem dos Pastores teme a grande grita ,  
 Na presa os olhos , que o vigor lhe incita.

Tal contra o do Falcão salta animoso ,  
 Que já sofrer tardança não podia ,  
 Quiz rebaterlhe o golpe temeroso ,  
 E o golpe em vão o Barbaro desvia :  
 A lança passa , e o coração fumoso  
 Rompendo as armas , mortalmente abria ,  
 Caio aquella machina , e em redondo  
 O Campo aballa c'o pesado estrondo.

Qual da rustica mão , e agudo corte  
 Carvalho , no Hemo getico offendido ,  
 Ou c'o furor do arrebatado Norte ,  
 Ou das raizes já desfallecido :  
 O Monte mesmo teme o peso forte ,  
 Fica o vizinho bosque estremeado ,  
 Que silvas leve , com que estrago saia  
 Quando affombrando vem par'onde caia.

Causou nos mais Irmãos morte tamanha  
 Terror grande , que os animos offende ,  
 E foi para os contrarios gloria estranha ,  
 Que em chaminas altas seu fervor accende :  
 Já do Grypho cruel victoria ganha  
 O forte Anrique , que à seus pees o rende ,  
 E d'hum golpe lhe corta a mão direita ,  
 Dando sob' elle thê que a morte aceita.

Contra a torpe immunda Ave o Arminho affoma ,  
 E pelos genitães a espada embebe ,  
 Do Javali vingança o Mello toma ,  
 E no peito a mortal chaga recebe :  
 E porque tanto não digira , e coma  
 O glotão Avestruz , já se apercebe  
 O de Cameleão , e por vingança ,  
 Pela boca-lhe passa , e corre a lança :

Treme o da Borboleta , vendo o dano ,  
 Que alli recebem seus Irmãos à vista ,  
 E contra elle se affanha o Pellicano ,  
 Que por entr'ambos olhos o conquista :  
 Depressa o Ufio verá seu defengano ,  
 Que o Delphim lhe fará , que não resista ,  
 E com liberal mão , e pouco escassa ,  
 Todo corpo o das Ondas lhe traspassa.

Que subito terror , como congella  
 O sangue à todos à que a vida agrada !  
 Tanto que pelo Campo corre aquella  
 Nova , para elles triste , e desfezada :  
 Cada qual na fugida se desvella ,  
 Pois sendo o forsa mór desbaratada ,  
 Não há quem resistir aos nossos possa ,  
 Que he grande , e vai triumphante a forsa nossa.

Affonso concebeo grande esperanza  
 Tamanho amparo já posto por terra ,  
 Donde pendia toda confiança ,  
 Que podia ser isca desta guerra :  
 As portas se abrirão com segurança  
 Alegre , diz , co' a Torre que se cerra  
 A Mesquita será por nós entrada ,  
 E em Sanctissimo Templo consagrada.

Nas mãos hum Arco o Principe excellente  
 Tinha , e levado de seu proprio brio ,  
 Huma setta lhe poz , que a corda sente  
 Despidirse ligeira sem desvio ;  
 Caminho abrindo vai pelo ar patente ,  
 E tomando o mais alto senhorio ,  
 De forte se inflammou d'hum raio a seta ,  
 Que à todos pareceo vivo Cometa.

Presagio gritão todos de victoria ,  
 Viva o Principe , viva , acrecentando ,  
 Dure c'os tempos a feliz memoria ,  
 D'hum spirito illustre , que nos vai honrando.  
 O Pai , todo enlevado nesta gloria ,  
 Mil abraços lhe esteve à vista dando ,  
 Colhendo c'hum successo novo , e raro ,  
 Mil esperanças de seu Filho charo.

Já neste tempo desaparecião  
 Do Campo os inimigos apertados ,  
 Que envoltos de tropel se recolhião ,  
 Por não serem nas costas affombrados :  
 Todos confusamente estremecião  
 Dos golpes nunca vistos , e estremados ,  
 Daquelle tam prezado Cavalleiro ,  
 Que na divisa humilde foi primeiro.

Não d'outra sorte fogem , que no immenso  
 Lago , que a Lua com marès governa ,  
 S'algun Delphim sob'agoa veem suspenso ,  
 Scrutando do profundo a parte interna :  
 Turbão-se os Pesces c'hum temor intenso ,  
 E fogem para a mais alta caverna ,  
 Nem sobem , sem que o vejão dobrar longe ,  
 E que em gyros à Nao , que vem lisonge.

Não menos animoso se mostrava ,  
O que firma das Ondas a mudança ,  
A cuja vista só se acovardava  
A mais avantajada confiança :  
Os olhos poz no Campo , e divisava  
Hum Mouro na apostura , e segurança  
Gentil em armas , e gentil na fama ,  
Pela empresa o conhece , Hali se chama.

O estímulo da gloria lhe esporea  
O coração de seu alevantado ,  
E como Aguia Real , que vendo a prea  
Esperta mais o vôo accelerado :  
E ou na Lebre fugaz de temor chea ,  
Ou empolga no Gamo amedrentado ,  
Sob' elle dá , que atravessado expira ,  
Co' alma na boca , e n'alma com Zaphyra.

E os olhos todo pallido pregando  
No vencedor , com voz amortecida,  
Lhe diz , hum só favor peço , e demando ,  
Em justo cambio desta triste vida :  
Este meu coração , que esta clamando  
Por ir ao centro seu nesta partida ,  
A' Zaphyra mandai , porque Zaphyra  
Por este coração chora , e suspira.

Mas o valente Herde , que já não cura  
Das tristes magoas , que elle em vão despende ,  
Morrei , lhe diz , embora , e foi ventura  
Acabardes às mãos de quem vos rende :  
Tem-me tirado as armas a brandura ,  
E nada me enternece , antes me offende  
Vossa amorosa teima , nem me obrigo  
Com petições tam frias de inimigo.

Caio a noite escura sobre o mundo  
 Confundindo o que acerta, e ordena o dia,  
 Calou c'os Pesces logo o mar profundo,  
 Calou tambem a terra, e quanto cria:  
 Scintillava comtudo com jocundo  
 Raio a fermosa Cynthia, e promettia  
 Feliz successo à toda nova empresa,  
 Que intentasse valor, e fortaleza.

Mas deu o tempo Marte sanguinoso,  
 A' quem por Venus bella o fez enfermo,  
 E tornea Zara à seu termo amoroso,  
 Por ver se em seu amor acha algum termo.  
 Vio em tudo hum silencio faudoso,  
 Sentio o Campo d'almas vivas ermo,  
 Que o cego Irmão da morte suspendidos  
 A' todos em geral tinha os sentidos.

Sair ao Campo affenta, e delibera,  
 E ver a Tenda de seu bem confia,  
 Communicar com elle alegre espera  
 Segredos, que alma à seu obgeito guia:  
 Não teme a foidade, nem se altera,  
 Que a mór difficuldade Amor desvia,  
 Nem teme avesso à sua honestidade,  
 Antes cre, que com ella mais lhe agrade.

A Luzel communica este segredo,  
 Que outros seus já de longe conhecia,  
 Sae com passo vagaroso, e quedo,  
 Por huma porta occulta que sabia:  
 Caminha resoluta, e perde o medo,  
 Que a deliberação, que a commovia,  
 Tanto o spirito mais lhe affegurava,  
 Quanto mais do perigo perto estava.

Mas Eudollo , que lanço não perdia ,  
 Para impedir hum bem , que fora grande ,  
 Com Megera em seus tratos entendia ,  
 Que já presente està para que a mande :  
 A forma de repente confundia ,  
 E faz imaginar que o Principe ande  
 Junto da Tenda passeando ácafo ,  
 Chegando já tam doce , e alegre prafo.

Sobresaltou-se Zara c' o successo ,  
 Nem sabe como o preze , e como o estime ,  
 Nas feições conheceo seu bem expresso ,  
 Que Amor lhas retratou pintor sublime :  
 Já se aventura á commetter excessso ,  
 Já chegando-se vai , já se reprime ,  
 As primeiras razões comfigo forma ,  
 Já deixa estas , naquellas já conforma.

Quando o vulto enganoso foi saindo ,  
 Para a banda do mar com passo lento ,  
 Tambem träs elle vai Zara seguindo  
 Mais apressada hum pouco em seu tormento :  
 Aquella novidade confirindo  
 Não pode imaginar-lhe fundamento ,  
 Quer pedir-lhe a razão , porque lhe foje ,  
 Mas emmudece , e teme que o enoje.

Tinhão chegado já perto da praia ,  
 Onde anchorado hum barco estava em nado ,  
 E o Principe fingido , que s' ensaia  
 Para este intento , nelle salta ousado :  
 Zara apös elle , e subito desmaia ,  
 Que attentando para hum , par' outro lado ,  
 Sò se achou , e com sua propria magoa ,  
 Sogeita às duras Leis do vento , e d' agoa.



Sentio correr ligeiro o barco leve ,  
 Sem se ajudar de remo , nem de vèlla ,  
 Sentio fugir-lhe a terra em tempo breve ,  
 E pasmou de se ver tam longe della :  
 Olha , busca , não acha quem releve  
 Taaanha dor , o sangue se congella ,  
 Pallida a cor se torna , os olhos fontes ,  
 De amantas graciosos Orizontes.

De quem se ha de valer em tanto aperto  
 A triste , em companhia d'altos mares ,  
 Que já com furioso delconcerto  
 Arremeçavão dentro ondas à pares ?  
 Valer-se ha do common seguro acerto  
 Das queixas , e abrandar espera os ares  
 Se lastimas dizer , mas ventos , e agoas ,  
 Sempre se mostrão surdas para magoas.

Rompeo nestas razões com voz amara ,  
 E co' ellas serenara o mar , e o vento ,  
 Se só naturalmente se affanhara ,  
 E não por infernal encantamento :  
 O' bravos conjurados , se me ampara  
 Minha miseria agora , e meu tormento ,  
 Tende piedade alguma destas magoas ,  
 Que he bem, que aja piedade em ventos e agoas.

Se altivos sois , não vos mostreis irosos  
 Contra dous fracos míseros fugeitos ,  
 Là vos cortão Navios poderosos ,  
 Sejão por vòs embora estes desfeitos :  
 Varões navegão nelles animosos ,  
 Que oppoem contra a braveza vossa os peitos ,  
 Mas sendo hum batel fraco , e huma Donzella,  
 Delle que honra tirais , que gloria della ?

Mas

Mas collijo de voffo brio altivo ,  
 E verdadeiro efpero achallo cedo ,  
 Que me affombraís com effe termo efquívó ,  
 Sô por me pordes como a fraca medo :  
 Mas não feja o furor tanto excessivo ,  
 Que dure muito em vós effe fegredo ,  
 Que fe affi por meu mal perfeverardes ,  
 A vida perderei fem ma tirardes.

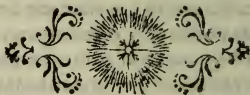
E vós fermofas Nymphas , lá nas covas  
 Onde viveis de cristalino affento ,  
 Ouvi deffta miseria as triftes novas ,  
 Que já defefperada vos prefento :  
 N'hum peito feminil , que duras provas  
 Faz a fortuna ! tende sentimento  
 De meus temores , e amargoso trago ,  
 E os ventos refreai c'hum brando affago.

Mas que engano foi effe ? foi engano  
 D'algunha vãa fantafma , que me cega ,  
 Que para me levar à eterno dano  
 A' braveza do vento , e mar me entrega :  
 Ou eu quiz confundir o defengano ,  
 Que effa imaginação d'amor me nega  
 As coufas conhecer , e fe contenta  
 Daquillo fô , que forma , e representa.

Não era defvario , e fantafia  
 Cuidar , que em alta noite , e folitaria ,  
 Fôra da Tenda o Principe eftaria ?  
 ( Succello , e novidade extraordinaria : )  
 Mas quem me diz à mi , que não faria  
 Effte milagre amor , e a forte varia  
 Me daria favor em meu cuidado ,  
 Por ver em que fugeito era empregado ?

Tudo podia ser , e ser podia ,  
 Que na entrada do barco eu o perdesse ,  
 E o Principe na praia ficaria ,  
 Para que meu intento conhecesse :  
 Mas tam cruel , tam aspero seria ,  
 Que vendo minha dor me não valesse !  
 Difficuldades mil sobr'isto vejo ,  
 Nem determinar posso o que dezejo.

Sò me vejo n'hum tumulto mettida ,  
 Onde mui cedo morte indigna espero ,  
 Indigna morte d'hum amor nascida ,  
 Brando no prometter , no dar severo :  
 Isto diz já com voz desfallecida ,  
 Porque o peso de seu tormento fero ,  
 Lhe opprimio com tal somno o pensamento ,  
 Que lhe fez menos foro seu tormento.



# AFFONSO

## AFRICANO.

### CANTO IX.

**T**anto que no alto Abisimo s'encerraram  
 As sombras , que envolveo a noite varia ,  
 E c'os raios do Sol se divulgaram  
 Os destorços da sorte temeraria :  
 Ah quantos gritos subito soaram ,  
 Do sexo feminil queixa ordinaria  
 Em semelhantes trances , tudo he pranto ,  
 Lágrimas , confusão , miseria , espanto.

Por cima das mais lagrimas nadavaõ  
 As que de Azarque a triste Mãi vertia ,  
 E entre todos os mais sobrepujavão ,  
 Os suspiros , que d'alma despedia :  
 Mil amigas razões a consolavão ,  
 Ella porém nenhuma admittia :  
 Que como a causa he grande, a dor , e aqueixa ,  
 Para consolações lugar não deixa.

Da companhia foge , e vai buscando  
 O Filho , que era sua companhia ,  
 Com louco delvario preguntando  
 Por seu Azarque , à quantas cousas via :  
 Ora à vozes por elle vai chamando ,  
 Mas longe estava , e não lhe respondia ,  
 Ora co' a força deste sentimento ,  
 Os sentidos trasporta , e o pensamento.

Tal a Ovelha à quem lá sóra em desvio  
 Ou Fera, ou seu Pastor por justo ganho  
 O Cordeiro mattou, agora ao Rio,  
 Agora forma queixas ao rebanho:  
 Ora o campo, que vee mudo, e vazio  
 Corre mil vezes, e tudo acha estranho,  
 O curial odioso lhe parece,  
 E o silvo do Pastor já desconhece.

Não menor sentimento concebia  
 Do feio Tenebronte o peito irado,  
 Pelo fim lastimoso, que sabia,  
 Fora nos Filhos seus executado:  
 A mente em mil discursos revolvía,  
 E todos parão n'hum mortal cuidado  
 De vingança cruel, ardendo augmenta  
 Hum Mongibelo, e em chaminas arreventa.

Agora como mar instabil brama,  
 Que c'o vento quebrou na brava roca,  
 Agora em seu favor o Inferno chama,  
 De Spritos desleaes enchendo a boca:  
 Agora contra o Ceo blasphema, e clama,  
 E c'os braços parece o alcança: e toca,  
 E com palavras horridas despreza  
 O poder alto da suprema Alteza.

Agora, diz, verei se o Deos, que adorão  
 Estes Christãos os livra de meu braco,  
 Que se no seu favor, e ajuda escorão,  
 Seu destorço verão em breve espaco:  
 Já tremem de meus brados, já descorão,  
 Já se me rendem só porque ameaco,  
 Mas Deos, que não soffreo soberba tanta,  
 Castigo lhe ordenou, com que o quebranta.

Subita nuve o levantado muro  
 Com defusado assombramento offende,  
 E de repente lá do centro escuro  
 Hum temeroso raio os ares fende:  
 Tenebronte se altera, que seguro  
 Zombava de temor, que nunca o rende,  
 Quando por terra cae já sem substancia,  
 Desfeita em cinza a perfida arrogancia.

E como para Mâys, para Donzellas,  
 Foi esta hora a desgraças grangeada,  
 A maior parte, e mais aspera dellas,  
 Foi na triste Zaphyra executada:  
 Esta Dama bellissima entre as bellas,  
 Por sua gentileza celebrada,  
 Lustre de Arzilla, desposada estava,  
 E o charo amante em partes a igualava.

Ao valeroso moço punha freio  
 Amor, que da batalha o retraja,  
 Mas a lembrança de honra com receio  
 De ficar infamado lhe acudia:  
 Neste amoroso, neste honrado enleio  
 Os affaltos passou do triste dia,  
 Thè que por si cortou, chora, e suspira,  
 E parte alegre em nome de Zaphyra.

Mil esperanças vâas finge comfigo,  
 Como todo o que finge hum cego amante,  
 Já cuida que vem fóra do perigo,  
 E que apparece á seu Amor diante:  
 Já, que vem com despojos do inimigo,  
 E sera mais gentil, se triumphante,  
 Mas desvarios são, e fantasias  
 As que forma de suas alegrias.



Huma attrevida mão , lança homicida ,  
 O' morte indigna , ò magoa , que lastima !  
 Sem piedade lhe tirou a vida ,  
 Que outra , que nella vive tanto estima :  
 Chega à Zaphyra a nova entristecida ,  
 Suspende-se , não crê , porque reprima  
 A dor primeira , para que se ensaia ,  
 Mas logo se trespassia , e se desfmaia.

Torna em si para logo sair fóra  
 De si , tanto que nunca mais se veja ,  
 Não se lastima , não suspira , e chora ,  
 Sò suspirar , e sò chorar dezeja :  
 A lembrança no bem , que morto adora ,  
 Inda tem para si , que vivo seja ,  
 Nestas tristes Ideas jaz confusa  
 Aquella alina , que a causa , e Amor escusa.

Mas despois que a dor já a esforça , e alenta ,  
 Que alenta a dor , e esforça , o rosto abraza  
 D'hum vivo ardente fogo , e representa  
 Huma tragedia muda pela caza :  
 Logo hum não esperado feito intenta ,  
 Despois , que da cabeça o ornato arraza ,  
 Descompoem os cabellos d'ouro , e deixa  
 O effeito para a noite , e segue a queixa.

Já quebrantada a gente Mauritana ,  
 Dentro dos muros se defende , e guarda ,  
 Não accommette já soberba , ufana ,  
 Antes toda encerrada o assalto aguarda :  
 Que tendo exprimentada a Lusitana  
 Virtude , d'outro encontro se resguarda ,  
 E co' as artes de Eudollo conhecidas  
 Pretende conservar o estado , e vidas.

Os Capitães mais nobres de consulta  
 O' vão buscar à sua antiga cova ,  
 E como o temor grande difficulta  
 O risco , trastornados lhe dão nova :  
 Dizem , que o Portuguez ufano insulta ,  
 E faz de seu valor singular prova ,  
 E que esperam naquelle dia affalto ,  
 E lhes valha em tamanho sobrefalto.

São Eudollo da cova acompanhado ,  
 E brevemente se metteo na Torre ,  
 Em sua industria tanto confiado ,  
 Que cuida , que os liberta , se os socorre :  
 Nisto Homar entre todos affamado ,  
 Por quem alli governo , e mando corre ,  
 Olhando o Mago com seguro assento ,  
 Estas razões lhe diz , e o faz attento.

Ilustre Eudollo , cuja insigne fama  
 Sobre as Estrellas já vò a ligeira ,  
 Este he o tempo agora , que te chama  
 Com tal empreza a gloria verdadeira :  
 A tuas obras huma immortal cama  
 Armando vai o tempo de maneira ,  
 Que ficarás eterno , e esta só falta  
 Por remate do muito , que te exalta.

Tu fazes para tráz tornar o Rio ,  
 Por mais solto , e feròz , que se desinande ,  
 Tu do soberbo vento o irado brio ,  
 Quando brama , farás que em circulo ande :  
 Tu do espantoso incendio em secco Estio  
 A braveza farás com que se abrande ,  
 Tudo te he plano , e sem difficultade ,  
 Tanto que se afeiço a essa vontade.

## 206 AFFONSO AFRICANO.

Faze agora c'hum fraco, e leve aceno,  
 Que hum subito terror, e grave espanto,  
 Perturbe aquelle espirito sereno  
 Destes Christãos, que nos opprimem tanto:  
 E deixem com infamia este terreno,  
 Trocado o gozo seu em triste pranto,  
 E os que vemos agora andar tam bravos,  
 Vejamos feitos de repente escravos.

Eudollo hum pouco grave, e carregado,  
 O credito accêtando lhe responde,  
 S'outra cousa não tem determinado  
 A Providencia, que humas nos esconde:  
 Tanto trabalharei neste cuidado,  
 Que os veja aqui desbaratados, onde  
 Estão triumphando já de vossas vidas,  
 Como que lhas tenhaes offerecidas.

E nisto sóbe à mais suprema parte,  
 Da Torre, donde o Mar, e o Ceo divisa,  
 E logo a vista pelo Ceo reparte,  
 Os Horizontes nota, os rumos gisa:  
 Mostrar quer a grandeza de sua arte,  
 E de tudo o que vee aos mais avisa,  
 Dizendo, os sinaes certos, que no ar saem,  
 Em nosso favor prosperos não caem.

Ave não posso ver, que no Oriente  
 Com ledo, e fausto curso azas estenda,  
 Não falta funeral para Occidente,  
 Que ora o vôo desate, ora o suspenda:  
 Mas que Corvos são estes de repente,  
 Que vem fugindo, porque os não offenda  
 Aquelle esquadrão forte, e guarnecido  
 De brancos Cysnes, que os tem já rendido?

Os

Os Corvos opprimidos, que se rendem,  
 Image nossa são segundo alcanço,  
 Os brancos Cyfnes os Christãos s'entendem,  
 Que acharão na victoria seu descanso:  
 Mas já que occultamente se defendem  
 Com favor d'algun Deos, e em vão me canço,  
 Taes maldições direi, que revogados  
 Serão à puro encanto os proprios Fados.

E querendo romper com voz isenta  
 Contra nós, com razões no Inferno achadas,  
 Nestas formaes palavras arrebenta,  
 D'outro mais forte Spirito forçadas:  
 Que fermoso arraial se me appresenta!  
 Que fileiras tam justas, e ordenadas!  
 Que ordem tão bem achada, que concerto!  
 Seguir tal ordem verdadeiro acerto.

Dito os todos quantos dentro encerra  
 Este acabado círculo, que vejo,  
 Quam enganada, e cega vive a Terra,  
 Que para vos lograr não busca ensejo!  
 Marchai, e o fim vereis da justa guerra,  
 E eu cumprido verei este dezejo:  
 Não temais, que não ha quem vos resista,  
 Com valor entrareis à escalla vista.

Cobrio hum frio espanto os circunstantes,  
 Que por tempo os suspende, e os emudece,  
 Mas logo n'huma mesma ira constantes,  
 O Castigo lhe dizem, que merece,  
 Desculpa-se elle com razões bastantes,  
 Que forsa foi do Ceo, que não conhece,  
 E perturbado assenta alli comfigo,  
 C'o Baptismo fugir de seu perigo.

Os Capitães com tanta novidade  
 Entregues ao temor descendo foram ,  
 E com razões , e sua autoridade  
 O tempo , que passou d'ausencia coram :  
 E logo de seu cargo , e dignidade  
 Exercitando as Leis , contra os que adoram  
 A' CHRISTO , em defensão tudo aparelhão ,  
 Dão ordem , mandão , forsão , e aconselhão.

Homar despois que à todos como forte  
 Com larga narração esforça , e anima ,  
 Trazendo-lhe à memoria o damno , e morte ,  
 Da Mulher , Filha , Mãe , que mais lastima :  
 Do cativeiro a desfezrada sorte ,  
 Perda da Patria , que he de tanta estima ,  
 Acode à hum pensamento , que o altera ,  
 Por ver se a dor d'hum mal outro tempera.

Xarifa bella Mouroa , espelho claro ,  
 Em que se vee , já nunca descontente ,  
 De firmeza , e d'Amor exemplo raro ,  
 Não soffreo do perigo acharse ausente :  
 Elle , que mais receia ao penhor claro  
 Aveſſo algum , do que o seu proprio sente ,  
 Vendo de certo damno os ameaços , —  
 Assim lhe diz c'os ultimos abraços.

Xarifa minha , nome , que mais quero ,  
 Que se o mundo por meu se me offereça ,  
 Vejo das Armas o rigor tam fero ,  
 E minha sorte em tudo tanto aveça ,  
 Que como nenhum bem , nem gosto espero ,  
 Temo que algum desastre me aconteça ,  
 Em vos , meu doce amor , meu só cuidado ,  
 Por me vir o tormento assim dobrado.

Nem

Nem por vão me tacheis este receio ,  
 Que me desculpa , como d'amor nasce ,  
 Que hum leve argueiro , que dos arês veio ,  
 Lastima os olhos , se não morde a face ;  
 Qualquer morte que virdes , será meio ,  
 Que vos torne inquieta , e me embarace ,  
 Porvos por tanto em salvo determino ,  
 Por me salvar à mi do que imagino.

Ella , como fogeito semelhante  
 De igual amor , responde perturbada ,  
 Duvida faz na fee d'hum firme amante ,  
 Apartarse da vista , que lhe agrada :  
 O bem que se ama , està melhor diante ,  
 E a segurança , que he mais acertada ,  
 Nos olhos seus a tem , outro respeito  
 Delle sempre ha de ser menos aceito.

Nunca corre perigo minha vida ,  
 Salvo o correr co' a vossa juntamente ,  
 Nem de mi pode a morte ser temida ,  
 Em quanto à vista vos tiver presente :  
 Se temeis , que desinaie esmorecida  
 Se mortes veja , que ha de ser ausente ?  
 Ouvindo mortes , sem saber qual seja ?  
 Pois a vossa ha de ser a que não veja.

Isto diz , e de Homar triste se aparta ,  
 Lagrimas para magoa derramando ,  
 Qual nuve , que depois que d'agoa farta  
 A terra , que à estava dezejando :  
 Dà lugar à bella Iris , que se parta ,  
 Que nella o Sol esteve affigurando ,  
 E se o liquido humor alli perece ,  
 A bella Iris tambem desapparece.



## 210 AFFONSO AFRICANO.

D'outra parte o famoso Affonso ordena ,  
 Dar hum só , que lhe escuse outros assaltos ;  
 Que a tardança seu animo a condena ,  
 Os Mouros vendo já d'animo faltos :  
 Aballa-se o Arraial , e com serena  
 Ordenança se chega aos muros altos ,  
 O quanta maravilha , que promete !  
 Tudo porà por terra , se acominette.

Mas tanto que ficou à vista posto ,  
 Do posto singular d'altas proezas ,  
 Inda que convertido estava em gosto  
 O temor , que acompanha estas emprezas :  
 Affonso com seguro , e alegre rosto ,  
 ( Que desconhece em tal fazão tristezas , )  
 A vontade em perigos sempre inteira  
 Dos seus quiz avivar desta maneira.

Amigos meus , que sempre in'alma trago ,  
 Grangeando vos bens de eterna fama ,  
 Em tempo estamos , que tereis o pago ,  
 D'aquelle , que a esta empreza vos inflama :  
 Vereis à vossas mãs estranho esirago ,  
 Vereis o sangue vil , que se derrama  
 Destes ; em cujo cativoiro injusto ,  
 Mil almas caem d'hum Senhor tam justo.

Ponde os olhos naquelles altos muros ,  
 Que alli suprema gloria vos espera ,  
 Rompêreis por crueis assaltos duros ,  
 Mas durão pouco , a gloria persevera ;  
 Bm pouco espaço vos vereis seguitos ,  
 Julgando quanto ganhâos que s'esmera  
 Em semelhantes casos d'honra tanta ,  
 Que he vento o vil temor , que nos espanta.

Con-

Confesso , que o perigo he grande à vista ,  
 Mas tudo facilita hum forte peito ,  
 Se accommetteis não ha quem vós resista ,  
 Em breve tudo tornareis fogeito :  
 Esforço , e forsa pede esta conquista ,  
 Sò nella os esforçados tem direito ,  
 O Campo de batalha tendes perto ,  
 E' o vencimento della tambem certo.

Inda dicera mais , mas não sufria  
 O furor , que pullava nos soldados ,  
 As compridas razões , que lhes dizia ,  
 Nas quaes estavão bem certificados :  
 Mas tanto que o final , que se pedia ,  
 Os deixou de obediencia libertados ,  
 Como se azas aos pees se lhes poseram ,  
 Com ligeireza tal o encontro deram.

Qual sobe já pela tendida lança ,  
 Para esse effeito com industria posta ,  
 Qual com mais ligeireza , e confiança ,  
 Vai por escada , que a muralha encosta :  
 Qual pelo muro vai com segurança ,  
 Como verde hera , que c'os noos disposta ,  
 De quebra em quebra , e pedra em pedra trepa ,  
 Mas não melhor a mão se lhe decepa.

Porém não foi dos Mouros a presteza  
 Menos solta , pois era mais segura ,  
 Com furor bravo igual à fortaleza ,  
 Cada qual rebater o seu procura :  
 Não val aos nossos natural firmeza ,  
 Que no risco maior immota dura ,  
 Por tres vezes subir accommetteram ,  
 Por tantas outra vez se recolheram.

Tal foi subindo a rapida corrente ,  
 C'o fluxo da marè no Ulisseo Estreito ,  
 Das Nãos deixando as proas à Occidente ,  
 Thè chegar à seu proprio , e certo leito :  
 E d'alli vem descendo de repente  
 C'o natural refluxo , e o mesmo effeito  
 Executa caindo , as Naos virando ,  
 Que estão co' as proas à Oriente arfando.

Vendo Fernando , que era necessario  
 Ser elle o que primeiro o muro entrasse ,  
 ( Inda que o feito julgue temerario )  
 E facil o subir aos mais ficasse :  
 He possivel , que hum fraco , e vil contrario ,  
 Diz em voz alta , tanto se animasse  
 Contra vós , sendo eu vosso companheiro !  
 Segui-me todos , que eu serei primeiro.

E cuberto do Escudo vai subindo ,  
 Como quem por hum campo chão passeia ,  
 Mil choveiros sob'elle vem caindo ,  
 Com nada se perturba , nem se enlea :  
 A tudo sem temor vai resistindo ,  
 Alguma sancta guarda o remedeia ,  
 Mas tanto que seguro acima chega ,  
 Que vidas de repente à morte entrega !

Beim como Hyrcana Tygre , que da cama  
 Ouvindo o murmurar dos caçadores ,  
 Para o conflicto se desperta , e chama ,  
 A pelle variando de mil cores :  
 Tempera as unhas , abre a boca , e brama ,  
 E c'os olhos no amor de seus penhores ,  
 Hum salto deu , e deste unico salto  
 Algum ficou de vida , e sangue salto.

Com

Com isto deixa livre d'embaraço  
 Aquella parte d'armas tam pejada ,  
 E o movimento d'hum , e d'outro braço ,  
 A' muitos poz na meta dezejada :  
 Hja já por davante largo espaço ,  
 O guerreiro feròz , sem curar nada  
 D'algun favor alheio , quando sente  
 Vir por hum lado a vencedora gente.

Mas elle tal caminho vai abrindo  
 Por entre aquella espessa sylva armada ,  
 Que os que no seu alcanse vão seguindo ,  
 Não achão , que cortar co' a fina espada :  
 Aqui matando vai , alli firindo ,  
 Aqui destorfa malha , alli sellada ,  
 E tantos corpos já com morte abate ,  
 Que para , sem achar vida que mate.

Como Leão , que deu nocturno affalto  
 No rebanho de Ovelhas desgarradas ,  
 Que humas fugindo vão c'ò sobresalto .  
 Outras ficão por pasto condemnadas :  
 Depois que em muito fangue se vio falto  
 Já da fome , e co' as jubas carregadas ,  
 Vencido do sobejo mantimento  
 Ficou co' a boca erguida à tomar vento.

Já clamor se levanta defusado ,  
 E reboição de femineo pranto ,  
 Que adevinha successo defestrado ,  
 E fere as nuves altas entretanto :  
 Como bicho domestico encovado  
 Do terremoto instante o duro espanto  
 Conhece , e co' a caterva , que se excita ,  
 Pelos forros da Caza corre , e grita.

Que

## 214 AFFONSO AFRICANO.

E desta ira levado dentro salta  
 Fernando, a toda Arzilla amedrentando,  
 Nem outro encontro lhe fezera falta,  
 Se alli mais gente o fora acompanhando:  
 Que Homar, p'a quem mais isto sobressalta,  
 De toda parte as forças ajuntando,  
 Deu sob' elle de forte, que forçado  
 Lhe foi tornar aos muros retirado.

Qual o Lobo na noite escura, e varia,  
 No medroso curral entra faminto,  
 Deixando a parte muda, e solitaria,  
 Ond' ficou do sangue humilde tinto,  
 Depois que vio a empreza temeraria,  
 Por causa do terror, e Laberinto  
 Dos cães, e dos Pastores, vai furtando  
 O corpo, a vezes para trás olhando.

Que voz bastante, que subido canto  
 Poderá celebrar os grandes feitos,  
 Que aqui causa serão de eterno pranto,  
 E fama eterna a valerosos peitos?  
 Por huma parte Abdalla faz espanto  
 Aos que nunca o temor tornou fogeitos,  
 D'outra parte Fernando se affinalla,  
 Em feitos, que nenhum Antigo igualla.

E sentindo o destorço estranho, e raro,  
 Que Abdalla deixa na ordinaria gente,  
 Acode a tempo dezejado amparo,  
 Como raio, que cae de repente:  
 Não lhe val de aço fino algum reparo,  
 Que ja desfallecer o alento sente,  
 E s'outro golpe desse, não duvida,  
 Que só co'a sombra o espirito despida.

Mas deteve , com voz interrompida ,  
A mão , que o vencedor armado tinha ,  
Dizendo , oh não me acabes huma vida ,  
Que o menos, porq̃ a quero, he porq̃ he minha :  
Mas como já de longe era devida  
A certa fermosura , e me convinha  
Guardalla como sua , oh não ma offendas ,  
Se he justo , que d'amor o preço entendas.

E porque julgues se he bem empregada ,  
E se com razão fujo o trance esquivo ,  
Olha que neste Escudo retratada  
Veràs a imagem bella , de que vivo ;  
E só porque a não deixes lastimada ,  
Deves usar de teu animo altivo ,  
Que aquelle , que ao rendido tira a vida ,  
Não he vencedor , não , mas homicida.

Aqui parou Fernando , e lá no sprito  
Encendido , tirou do intimo seio  
O retrato da Mãi , e do infinito  
Filho , que a nos salvar ao mundo veio :  
Por esta , diz , piedades exercito ,  
Esta só pode ser , por cujo meio  
A vida te darei , se nella creres ,  
Enveja de Anjos , gloria das molheres.

Abdalla , como já sendo cattivo ,  
Grande noticia do Myflerio teve ,  
Senhora , diz , ardendo em fogo vivo ,  
A vós gloria , louvor , e honra se deve :  
Se vosso amor me val sempre excessivo ,  
Esta pena terei por branda , e leve ,  
Que vosso Filho adoro , e a morte fria  
Outra vida lhe deu , que não pedia.



Hia inclinando o Sol no mar salgado  
 O carro ardente , e quasi s'encobria ,  
 Mas o peito d'Affonso perturbado ,  
 Hum cuidado de novo revolvía ;  
 Andar via o conflicto inda alterado ,  
 Via acabar-se pouco á pouco o dia ,  
 Os olhos poz no Ceo , e bem quísera  
 Ser então Josué , se ser pudera.

Mas nisto , d'alta Torre onde assistia  
 Megera , já d'Eudollo desprezada ,  
 Vendo ao triste successo , que temia ,  
 A conjunção , e a hora já chegada ,  
 No cavernoso Abisino s'escondia ,  
 Quasi corrida , quasi envergonhada ;  
 As Furias de repente se ajuntaram ,  
 E como em mal common a visitaram.

E logo a noite do aposento escuro  
 Saio , as negras azas estendendo ,  
 E breves treguas poz no assalto duro ,  
 Que todos forão logo recebendo ;  
 Huns deixão parte do ganhado muro ,  
 E livremente ao Campo vem descendo ,  
 Outros em tão geral desconfiança ,  
 Inda não crem á tímida esperança.

Bem como Idalias aves , que escondidas  
 Por medo do Dragão , que no ar sentiram ,  
 ( Que anda esperando as innocentes vidas )  
 Se já cair para outra parte o viram :  
 Inda temem contudo as homicidas  
 Unhas , inda de todo não respiram ,  
 E se á sair do abrigo se aventuram ,  
 Inda olhão para trás , nem se asseguram.

Esperava Zaphyra , que cubrisse ,  
( Triste esperança ) a sombra grande a Terra ,  
Para que ella remedio descubrisse  
A' grande dor , que dentro n'alma encerra :  
Que tanto que do amante a morte visse ,  
Pazes faria logo à tanta guerra  
Co' a morte sua , e vendo a noite chama  
Zayda , sempre à seus gostos util Ama.

E diz-lhe , que quer ver a sepultura  
De seu Esposo , e logo o determina ,  
A' furto sae , e ao Campo se aventura ,  
Na feição , traje , modo , peregrina :  
Com a mesma miseria se assegura ,  
Qu' esta a vezes melhor o animo affina ,  
E como tem o maior bem perdido ,  
Que perda hà , na qual possa ter sentido.

Despois que là se vio co' a morta gente ,  
Huma tocha accendeo , de que se ajuda ,  
Começa à revolvella diligente ,  
E d'hum lado par'outro a vira , e muda :  
Inda à muitos doer-se , e gemer sente ,  
Algun diz , que lhe valha , e que lhe acuda ;  
Mas ella passa avante , thè que a sorte  
A poz junto da sua amada morte.

Não conheceo , mas ao passar diante ,  
Parece que por ella alguem puxava ,  
Logo se perturbou no mesmo instante ,  
Sem mais poder mudar-se donde estava :  
Fez volta , e acha passado o charo amante  
Por hum troço de lança , que appontava ,  
Sobr'elle se lançou , e muda abraça  
Este tronco , par'ella inda com graça.

E logo em tenras lagrimas banhada ,  
 C'hum suspiro , que d'alma arrancou triste ,  
 Nestes queixumes solta a voz cansada ,  
 Que cansado à seu mal o sprito assiste :  
 Esta era , Hali , esta era a dezejada  
 Hora , em que tam entregue consentisse ,  
 Quando ser meu Esposo promettias ?  
 Estas eram as vodas , e alegrias ?

Nisto parou aquelle amor perfeito ?  
 Nisto aquellâ esperança , que me davas ?  
 Tudo vejo por terra já desfeito ,  
 Salvo à fee , à que vivo me obrigavas :  
 Morto te guardarei este direito ,  
 E com zelo maior do que esperavas ,  
 Mas se estais vivo amor ? ai que respira ,  
 Despertar quer do somno , em que caíra.

Somno he isto meu bem , não morte crua ,  
 Que ser tam atrevida não podia ,  
 Possível he , que tal vida possuia !  
 Não he , porque eu já viva não seria :  
 Vive corpo sem alma ? não , da sua  
 Esta vida , que tenho , dependia :  
 Ah consequencia vã , todo está frio ,  
 Eu sou à que me engano , e desvario.

De ti posso queixarme , doce amigo ,  
 Pela vida , que incauto aventureaste ,  
 Pois imaginar posso , que o perigo ,  
 Pelo em que me deixavas , só buscaste :  
 Em balança puseste amor comigo ,  
 E d'outra parte a gloria , mas achaste  
 De mór preço , e valor a gloria leve ,  
 Que quanto sempre amor com todos teve.

Não

Não fei quem te moveo , a forte minha ,  
 Seguir as Leis do rigoroso Marte ,  
 Pois á brandura , e partes não convinha ,  
 Que a natureza em ti larga reparte :  
 Se militar querias , tambem tinha  
 O glorioso Amor seu Estandarte ,  
 Já te dice eu , e esta memoria encerra  
 O peito figne Amor , outros a guerra.

Entre todos c'o dedo era notado  
 Lindos moços de Arzilla em galhardia ,  
 Polido em traje , cortezão , dotado  
 De aviso , de primor , e cortezia :  
 Gentil , de Damas unico cuidado ,  
 O sangue do melhor , que Africa cria ,  
 A verde idade a graça acrescentava ,  
 Que indignamente em armas s' empregava.

E se tanto porèm pode comtigo  
 O dezejo , que só na morte para ,  
 Ao Campo me levaras do Inimigo ,  
 Eu armado Varão representara :  
 Ao lado tè seguira , e no perigo  
 Os golpes com feivor te desviara ,  
 E quando desviallos não pudera ,  
 Eu proprio á recebello me oppusera.

E se comtudo , achando-me presente  
 Ao triste , e lastimoso sacrificio ,  
 Cairas morto ( como estando ausente )  
 De Sposa , e amante fiel fizera officio :  
 Hum leito nestes braços differente  
 Teveras , amoroso beneficio  
 Te fizera na chaga , eu ta apertara ,  
 E com lagrimas minhas a lavara.

X Ao menos effes olhos , que eram lume  
 Destes cansados meus , em mi pregaras ,  
 Faltando a voz , que a vezes se consume  
 Co' a pena , e por acenos me fallaras :  
 Podendo , ultimas mandas por costume  
 Deras , e as minhas ultimas levaras ,  
 Ultimas mandas minhas , não da vida ,  
 Porém da morte , à meu amor devida.

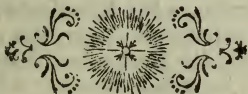
Esta , inda que a Fortuna , e forte inimiga ,  
 Por me não dar allivio então me nega ,  
 Sazão terá , que he bem na morte siga ,  
 A quem da vida fiz total entrega :  
 Nem quero , que ser divida se diga ,  
 Em que me estàs , à quem seu gosto emprega ,  
 Nada se deve , he para mi subida  
 Gloria a morte seguir , fugir a vida.

Vivi contente em quanto vida teve ,  
 Em quanto , digo , amor , vida tevestes ,  
 Vivi contente , que este tempo breve ,  
 Para tratar com vosco vòs mo destes :  
 Mas agora he razão , que a morte leve  
 Os despojos d'huma alma , onde fezeistes  
 Vosso thesouro , pois levou deffa alma  
 Os despojos a morte , em grande palma.

Nestes queixumes para , e por vingança ,  
 De seus cabellos corta o rico vèllo ,  
 E à Zayda diz , co' as Damas , certa uzança ,  
 Desse ornato parti , que já foi bello :  
 Direis à cada qual , que a esperança  
 Maior he vãa , e pende de hum cabello.  
 Mas descuidado andei , que me detenho ?  
 Se acompanhar meu bem na morte venho.

pode ser , que com meu proprio alento ,  
Lhe torne a infundir alma se he saida !  
Bello acerto , ditoso pensamento ,  
Que me canso , se em mi lhe tenho a vida ?  
Mas quero seguir antes outro intento ,  
Est' alma por aqui anda perdida ,  
Irei no alcanse della , espera , espera ,  
Não sejas tam cruel , e tam severa.

Mas erro no que sigo , que aproveita  
Dar vozes por huma alma ? desconhece ,  
Minha alma ha de ir buscalla , então respeita  
A companhia , e facil lhe obedece :  
Mas como ha de sair ? aqui me aceita  
Este ferro de lança , que apparece.  
Mais dicera , mas já no peito abria  
Franco lugar , por onde alma saia.





# AFFONSO

## AFRICANO.

### CANTO X.

**F** Ugião do Ceo roscido as menores  
Luzes , co' a luz maior escurecidas ,  
De novo recebendo as proprias cores ,  
A' seu estado as cousas reduzidas :  
Abaixavão-se os valles , e os maiores  
Montes se levantavão , guarnecidas  
As humidas cabeças d'alva neve ,  
Que descalva o calor em tempo breve.

**Q**uando subitamente os temperados  
Atambores , tocando despertaram  
Os animos , na noite inda alterados ,  
Que o somno , e seu descanso desprezaram :  
Os Pyfaros por cima concertados ,  
Em consonancia igual pelo ar soaram ,  
Por suprir do passado encontro a falta ,  
Os muros de repente o Campo assalta.

**F**oi para os Mouros este affombramento  
Tam sobejo , que alguns determinaram  
Com algum pacto bom , e firme assento  
Entregar-se , e hum final branco arvoraram :  
Por se reconhecer aquelle intento ,  
Nesta furia maior todos pararam ,  
Quando hum Mouro galhardo , e grave fâe ,  
E prostrado ante os pees d'Affonso cae.

E logo com voz clara , e tom formado ,  
 Estas palavras , e razões profere ,  
 Alto Rei , cujo Imperio o Sol dourado  
 Deixa , quando no mar os raios fere :  
 E cedo o verà longe dilatado ,  
 Como do valor voffo he bem se espere ,  
 Cujas obras o Reino Mauritano  
 Experimenta com tamanho damno.

Homar Principe insigne , e valeroso ,  
 A' quem da guerra o pezo he commettido ,  
 Do successo das armas receoso  
 Nunca de Capitães bem conhecido :  
 Quer dar à vossa empresa hum córte honroso ,  
 Com que fique sem damno seu partido ,  
 E com vosco , ditosa sorte , a gloria  
 De huma segura , certa , e sãa victoria.

Permitti , que despeje livremente ,  
 ( O que fará sem nisso aver detensa )  
 De munições a Villa , é armada gente ,  
 Segura , e sem temor d'alguuma offensa :  
 E que a de paz , e natural se isente  
 Do rigor , que da guerra às Leis pertensa ,  
 A' fazenda não chegue adversidade ,  
 Fique sem detrimento a liberdade.

E se tam liberal , e honrosa offerta  
 Não aceitais , vos lembra como amigo ,  
 Que a fortuna da guerra he sempre incerta ,  
 E pôde ser d'entrambos o perigo :  
 E pois a conjunção vedes aberta ,  
 Que dezejara voffo brio altivo ,  
 Acerto he não perdella , que passada ,  
 Tanto lastima , como agora agrada.

Elle

Elle entre muros altos não se altera ,  
 Delles rebate vossa confiança ,  
 Vós no Campo ao rigor , e Lei severa  
 Dos ares , sem reparo , e segurança :  
 Elle socorro cada dia espera ,  
 E vós tam longe ainda da esperança ,  
 Por Gloria hum , pela Patria outro pelleja ,  
 Vede pois qual razão mais forte seja.

E se quereis ainda vos conceda ,  
 Seja certa a victoria duvidosa ,  
 Não negareis , por mais que bem succeda ,  
 Que vos ha de ficar affás custosa :  
 E quando outro maior respeito exceda  
 Esta verdade pouco cautellosa ,  
 Consolação será de seu tormento ,  
 O certo termo de arrependimento.

Affonso conhecendo a conta , e preço ,  
 Em que podia ter tal embaixada ,  
 De vosso Capitão , diz , agradeço  
 A vontade por vós denunciada :  
 O conselho , que dá , por bom conheço ,  
 Que a guerra nos successos foi julgada  
 Por varia sempre , mas inculca , e prova ,  
 Causa , que para mi nunca foi nova.

E com razão recea adversa sorte ,  
 E com razão remedio achar dezeja ,  
 Que o Capitão que se prezar de forte ,  
 Necessario he tambem , que sabio seja :  
 Se pretende dar nisto honroso còrte ,  
 Temo nos seus meu còrte agudo veja ,  
 Que toda Africa dentro achar tomara ,  
 Para que de hum só golpe a degollara ,

Bem sei do cauto Rei ser justo intento ,  
Não arriscar se possa huma só vida ,  
Que só de huma só morte o sentimento  
Parece a gloria da victoria impida :  
Mas quando o Rei tiver conhecimento ,  
Que a gloria tem na morte conhecida  
Seus Vassallos , o impedir-lha monta ,  
Para elles gloria não , mas grave affronta.

E s'entre muros altos senhorea  
Dos meus o brio , e singular braveza :  
Cedo lhe mostrarei , que experto crea ,  
Estar meu Campo igual co' a Fortaleza :  
E se quem sóra está , damno recea ,  
E quer abrigo à fraca Natureza ,  
Como Arzilla d'aqui tenha mais perto ,  
Recolher nella os meus será mais certo.

Jaſta-se a razão fer , que o forſa , e move ,  
Mais forte , que a que tem forſa comigo ,  
Prova he certa , quam pouco hum Mouro prove  
O deleite da gloria de hum perigo :  
Inda que outra maior minh'alma approve ,  
Gloria de hum Deos, que adoro, Deos que ſigo,  
E como nella só tenho o ſentido ,  
Já mais poderei verme arrependido.

Com iſto ſe despede o Mouro triſte ,  
Os infortunios n'alma adivinhando ,  
A' quem nunca jámais arte reſiſte ,  
Nem forſa , quando o Ceo os vem traçando :  
Affonſo , que animoſo à tudo aſſiſte ,  
Todo Campo c'os olhos alegrando ,  
Olhos ſenhores , com alento dera  
A' gente , que menor fervor tivera.

## 226 AFFONSO AFRICANO.

He tempo , diz , soldados animosos ,  
 Que de vosso valor deixeis memoria ,  
 Já que nestes perigos duvidosos ,  
 Cortei pelos desvios desta gloria :  
 Não são os inimigos poderosos  
 A' por impedimento na victoria ,  
 Nem meçais estes muros pela altura ,  
 Mais alto he quem subillos se aventura.

Nem esta empreza he nova , começada  
 O dia foi , que encontra a sorte imiga ,  
 E pois então não foi nelle acabada ,  
 Divida pagareis , que vos obriga :  
 Verdade he , que por vós não ficou nada ,  
 Faltou dia , em que o effeito se consiga ,  
 Mas quiçá se mais pressa alguém se dera ,  
 Que com menos ao mar o Sol viera.

Elles , que refreados estiveram ,  
 Do coração os saltos reprimindo ,  
 Em subito furor se desfizeram ,  
 Como de si com impetu saindo :  
 E tam pouco em chegar se detiveram ,  
 Que já pelas escadas vão subindo ,  
 E os olhos cadaqual no imigo duro ,  
 Trabalha por ficar senhor do muro.

Como na grande Herdade de Inglaterra ,  
 Junta de bravos Touros a manada ,  
 Onde ver a gostosa , e nobre guerra  
 De seus Allões aos Cortezãos agrada :  
 Em quanto o açaimo as fortes presas cerra ,  
 A furia teem consigo represada ,  
 Mas tanto que o senhor os larga , e affulla ,  
 Cadaqual em seu Touro salta , e pulla.

Já sobre os muros andão vencedores ,  
A' vista os valerosos Lusitanos ,  
Fazendo aos inimigos mil temores ,  
Dando comtudo , e recebendo danos :  
Aqui tremer , aqui perder as cores ,  
Aqui gemer são proprios defenganos ,  
A morte , que as misérias acrecenta ,  
Defestradas tragedias representa.

Não se isentou do Imperio riguroso ,  
Com que tudo fogeita a morte fria ,  
Aquelle Homar valente , e tam famoso ,  
A' cujo Imperio tudo obedecia ;  
Corre por todas partes animoso ,  
Onde menos esforço , e alento via ,  
Animando com voz , e braço forte  
A' quantos defanima o agudo còrte.

Mas os Fados , que já determinavão ,  
Somettello ao rigor do foro humano ,  
Para aquella parage o desviavão ,  
Onde assiste o mais forte Lusitano :  
Com reforçados golpes se provavão ,  
Mas da mão poderosa fente o damno ,  
Que o forte Dom Fernando não descança ,  
Thè que a seus pees rendido , e morto o lança.

As portas neste tempo se arrombaram ,  
Com artificios mil de ferro , e fogo ,  
E logo de tropel todos entraram ,  
Por avivarem mais o marcio jogo :  
Os imigos com isto desmaiaram ,  
E não bastando lagrimas , nem rogo ,  
Mettendo à fio vão da espada esquiva ,  
Os vencedores toda cousa viva.



A forsa da mais brava , e forte gente  
 Se recolhe na Torre , e na Mesquita ,  
 Onde se defendia ousadamente ,  
 Que a desesperação o animo incita :  
 Mas o valor dos nossos excellente ,  
 Que nos mōres perigos s'exercita ,  
 Acommetteo com tanta Fortaleza ,  
 Que poz no cabo esta arriscada empreza :

Mas ai , que se aparelha grande morte ,  
 Digna de ser chorada eternamente ,  
 He magoa ver o fio , que se cōrte ,  
 E de tal corpo huma tal vida ausente :  
 Quem dirà , que se chega a ultima sorte  
 A' Dom João Coutinho ? quem não sente  
 Huma perda gèral ? insigne vida ,  
 Tam depressa cortada , por temida.

O primeiro , que fez famosa entrada ,  
 C'hum Montante nas mãos que volta , e gira ,  
 Foi este illustre Herde , aberta estrada  
 Deixa por onde vai , nem se retira :  
 Quanta alma de seus golpes destorçada !  
 Quanta alma triste suspirando espira !  
 Mas ai ! que de hum recanto se arremessa ,  
 Huma lança mortal , que o atravessa.

Sobe à gofar ò invencivel alma ,  
 Huma coroa , com que o Ceo te espera ,  
 Não de temporal Louro , nem de Palma ,  
 Mas de gloria , que sempre persevera :  
 Nós com nossa esperança , em tanto em calma  
 Andamos , thè da morte a Lei severa  
 Da vida nos quebrar as liberdades ,  
 Tu já segura estàs de adversidades.

Mas já soa o terror das rigorosas  
 Armas dos que a cerrada Torre escalam ,  
 E soa o das façanhas espantosas  
 Dos inimigos , que quasi se lhes igualão :  
 Rompem-se malhas , antas poderosas ,  
 Encontros bravos o contorno abalão ,  
 A' pujança dos nossos triumphante ,  
 He quasi a resistencia semelhante.

Mas todos pouco à pouco desfallecem ,  
 Que o sangue derramado as desfengana ,  
 Alguns por honra as vidas offerecem ,  
 Encargo duro desta sorte humana :  
 Outros , que seu destorço reconhecem ,  
 A' quem a perda da honra menos dana ,  
 Que interesse da vida amada , e chara ,  
 Sogeião-se , e o perdão logo os ampara.

Mas como se igualou a desventura ,  
 Das mortes d'huma , e d'outra Fortaleza ,  
 Quem representar póde esta figura ,  
 Que he grande a dor , difficilosa empreza ?  
 Mas hum gentil Espírito pouco dura ,  
 Nunca a fortuna uzou de singeleza  
 Com grandes almas , acertado espanto !  
 Aqui morreo o Conde de Monsanto.

Não vos sofreo esse animo valente ,  
 A' ficar fóra do maior perigo ,  
 E tanto que vos vio nelle presente ,  
 Quebrando foi as forças o inimigo :  
 Sem vós o Mundo fica descontente ,  
 Que perde hum lustre grande, e hum ser antigo ;  
 Mas fica vossa fama , e esta só basta ,  
 Que he retrato , que nunca o tempo gasta.

Hu-

Huma consolação de vossa morte  
 Podeis levar , se morte se allivia ,  
 Que vosso imigo pelo fino còrte  
 O Principe passou , que apos vós hia ;  
 Do lado de seu Pai , buscando a sorte  
 De seus Vassallos , cauto se desvia ,  
 E sem lhe lembrar Sceptro , e Magestade ,  
 Julga por varonil a vérde idade.

Como Leão pequeno , à quem sustenta  
 Com manjares cruentos a Mãy fera ,  
 Como as jubas descer experimenta ,  
 As unhas apontar logo se altera :  
 Já brioso da Mãy o trato isenta ,  
 Nem como fraco pela caça espera ,  
 Os Campos longe busca , a cova deixa ,  
 E já d'elle os Pastores formão queixa.

Já nas armas havia algum descanso ,  
 Tudo era cattiveiro miserando ,  
 Quando da Torre n'hum escuso lanço  
 Vio o Principe hum velho venerando :  
 E chegando-se vai benigno , e manso ,  
 Para ver o que espera , elle a guardando ,  
 Que estava a conjunção , por terra posto ,  
 Mostra o gosto de o ver , no alegre rosto.

E desatando a voz , todo embebido  
 No Principe , assi diz , elle ouve attento ,  
 Eudollo sou no mundo conhecido  
 Por meu alevantado entendimento :  
 Mas da minh'arte estou arrependido ,  
 Trocou-me vosso Deos o pensamento  
 Por hum estranho caso , e na Lei sua  
 Tanto ei de trabalhar , que o Ceo possua.

E pois chegais à verme neste estado ,  
Quero mostrarvos mil cousas futuras  
De toda vossa vida , e Reino herdado ,  
Manifestas , e vistas por figuras :  
Pelos vossos o que ha de ser ganhado  
Em Africa , successos , e aventuras ,  
Casos por toda idade engrandescidos ,  
Que vos farão famosos , e temidos.

Acompanhai-me , que a morada he perto ,  
Là vereis os segredos , que vos digo ,  
Sereis levado por caminho certo ,  
Seguro , e sem receio de perigo :  
O Principe ficou comsigo incerto  
Hum pouco , mas formou logo comsigo  
Hum desejo de ver , e de ouvir quanto  
Lhe prometteo , e segue Eudollo em tanto.

Já na spaçosa fonte do Oceano  
Os seus cabellos d'ouro o Sol banhava ,  
A' quem o Pai Nerèo com rosto humano ,  
Alegre recebia , e visitava :  
Vinha tambem o coro soberano  
Das Maritimas Nymphas , que o cercava ,  
C'os cavallos Tritões se determinão ,  
Huns lansão feno , outros o carro empinão.

Co' a noite recolhida a gente lassa  
A' descansar de tam terrivel hora ,  
Affonso hum temor subito trespassa ,  
Com a falta do Principe , que chora :  
Esta nova por todos corre , e passa ,  
Huns dos muros à dentro , outros à fora ,  
Buscão com diligência ; mas que monta ,  
Que cada qual em vão se cansa , e affronta ?

Vai enganando a dor co' a esperança  
 Do dia o Pai , que nunca desconfia ,  
 Que já tem concebido confiança ,  
 Para dia melhor d'hum triste dia :  
 No Ceo postos os olhos , e a lembrança ,  
 Delle , diz , que o penhor perdido fia ,  
 E pois lho tem tam livremente entregue ,  
 Que assi lho restitua , e não lho negue.

Nisto c'o grande companheiro entrava  
 Na cova Eudollo , que o engrandecia ,  
 Cuja boca entre dous montes estava ,  
 Por cem degraos à falla se descia :  
 Huma tocha no meio alumeava ,  
 Com artificio tal , que sempre ardia ,  
 E a luz , que dava , era tam clara , e pura ,  
 Que se via figura , por figura.

Que aqui com gratas cores , e excellentes ,  
 Nas paredes , em quadro fabricadas ,  
 Estão Cidades , Villas , Campos , Gentes ,  
 Casos , e Historias d'Africa pintadas :  
 E tanto ao vivo , e natural presentes ,  
 Como se fossem oje retratadas ,  
 Sendo a primeira mão para que espante ,  
 Não menos , que do antigo , e velho Atlante.

Então tomando o Principe do braço  
 Eudollo , e passeando pela falla ,  
 Callando-se primeiro pouco espaço ,  
 Olha para elle , e deste modo falla :  
 Esta memoria Principe vos faço ,  
 Porque acho , que nenhum se vos igualla ,  
 Em partes d'alma , altivo pensamento ,  
 Brandura , animo , ser , entendimento.

Tudo o que pode dar a Natureza ,  
Em vos com larga mão lança , e despeja ,  
E se oje em flor se mostra esta belleza ,  
Virá fazão , e tempo em que se veja :  
Já virá nos trabalhos a firmeza ,  
Virá prudencia , que governe , e reja ,  
Magnanimo fereis , e generoso ,  
Liberal sobre tudo , e grandioso.

A vida será varia , e trabalhosa ,  
De grandes sobressaltos sempre cheia ;  
Que a maldade de muitos envejosa  
Intentar vossa morte não receia :  
Usareis da virtude cautelosa ,  
Que a segurança a vezes muito enleia ;  
Mas dos perigos publicos , e certos  
Vos asseguro , e não dos encubertos.

Tambem fereis nas armas venturoso ,  
Pelo Reino Estrangeiro entrando ufano ,  
Que estando vosso Pai pouco gostoso ,  
Dareis de vo ffo esforço o desengano :  
Tres dias ficareis victorioso  
No Campo , sem que alli recebais dano ,  
Tornando à Portugal com fama , e gloria ,  
Por tam illustre , e celebre victoria.

Mostrareis a grandeza desse peito ,  
Que nem com Sceptros se ennevoa , e cega ,  
Guardando à vosso Pai o seu direito ,  
Do Reino , que vos deixa , e vos entrega :  
Não ficando da empreza satisfeito ,  
Là dos Campos de Touro , o intento emprega ,  
Em se passar à França , mas tornando ,  
Largareis livremente Sceptro , e mando.



Tambem ao sancto Matrimonio atado  
 Sereis com noòs , que Amor aperta , e liga ,  
 Colhereis delle fruto fazoado ,  
 Tal que do Reino a successão confira :  
 Mas ai , como me sinto perturbado !  
 Não sei como este caso conte , e diga ,  
 Apparelhaivos para triste Historia ,  
 E já d'oje fazei della memoria.

Encheo-vos esperanças , e dezejo ,  
 C'hum Filho o Ceo , que vossa gloria arrea ,  
 Mas na Villa ã quem cerca , e rega o Tejo ,  
 Hum dia alegre por seu mal passeia :  
 Arremeffa o cavallo , vendo ensejo ,  
 O' spectaculo duro , quem te crea !  
 Debaxo fica , e todo se desfmaia  
 Amortecido na infelice praia.

O' cega confusão de quem se fia  
 Em bens caducos , que não teem firmeza !  
 Aquelle que em belleza , e galhardia ,  
 ( Modelo singular da Natureza )  
 Dos mais bellos a fama escurecia ,  
 Já tem perdida a còr , e a gentileza ,  
 Este a quem era Portugal estreito ,  
 D'hum pobre Pescador aceita o leito.

Vejo cobrirse Portugal de luto ,  
 Reinar hum a gèral tristeza escura ,  
 Não se vee neste tempo rosto enxuto ,  
 Nem coração alheio de amargura :  
 D'aqui começareis pagar tributo ,  
 A' mil paixões , que he dor , que sempre dura ,  
 Cuidar hum Rei por termo derradeiro ,  
 Que todo acaba sem deixar herdeiro.

Ficou suspenso o Principe com tanto  
 Pezo , como foi nelle carregando ,  
 Mas para o divertir deste quebranto ,  
 As pinturas Eudollo vai mostrando :  
 Não vos causem , lhe diz , estas espanto ,  
 Estoutras cousas ide confidrando :  
 Que aqui vereis ao vivo retratados ,  
 De nossa Africa os Campos dilatados.

Vereis mais as Cidades , e Lugares ,  
 Rendidos ao poder dos Lusitanos ,  
 E quantos o hão de ser , com singulares  
 Proezas , e successos soberanos :  
 Alli levanta os muros Seita aos ares ,  
 Não por ardijs entrada , ou por enganoso ,  
 Mas à forsa de braço do primeiro ,  
 Inviçto João , e celebre guerreiro.

Logo Alcacer Ceguer , que rota sente  
 De vosso Pai o peregrino córte ,  
 Arzilla agora , e c'ò temor presente ,  
 Fugir Tanger intenta a mesma sorte :  
 'Tempo , que vossas glorias accrecente ,  
 Virà despois de vós , que Azamor forte  
 As ameas , que vedes levantadas ,  
 As offereça aos vossos inclinadas.

Ex acolà Saphi tam populosa ,  
 Deste contorno comarcão Senhora ,  
 Tambem vee nos seus muros a famosa  
 Insignia , que do Mundo he vencedora :  
 Esta fará covarde , e temerosa  
 Toda parte , onde a fama triumphadora  
 Batendo as leves azas appellide ,  
 O gram Nuno Fernandes de Ataide.

Este com forte venturoso braço ,  
 Os lugares fogeita , e disbarata ,  
 Que assentados se mostrão no regaço ,  
 Que o Campo fertilíssimo dilata :  
 Tributo pagarão , por largo espaço ,  
 Os moradores com quem pazes trata ,  
 E de sorte os enfreia , e os avassalla ,  
 Que só teem d'Africanos traje , e falla.

Este emulando co' a Cidade nova ,  
 A gloria de Marrocos tam temida ,  
 Hum pensamento temerario approva ,  
 Com que de muitos poz em risco a vida :  
 Mas com tal vigilancia encobre a nova ,  
 Que podia chegarlhe da partida ,  
 Que amanhece sobr'ella de repente ,  
 Dando espanto , e temor à tanta gente.

E pregando nas Portas da Cidade  
 Cada qual por memoria a dura lança ,  
 Satisfeitos de tal felicidade ,  
 Deram volta com muita segurança .  
 Parece-lhes alguma tempestade ,  
 Repentina aos de dentro , e na bonança  
 Acudindo ao perigo já passado ,  
 O feitio perderam do cuidado.

Que com tanto concerto se recolhe  
 O Capitão tam destro , como astuto ,  
 Que inda que a sombra dos imigos olhe  
 Vir caindo caminha resoluto :  
 Não ha Mouro , que em sangue a lança molhe ,  
 E brama por levar o ferro enxuto ,  
 E d'huma parte , e d'outra vigiando ,  
 De todo Nu no os vai desconfiando.

Mas esta gloria em fim caduca , e breve ,  
Vejo acabada , e desaparecida ,  
Chega tempo em que a morte avara leve ,  
Quantos despojos Nuno alcança em vida :  
Jacte-se embora o Mundo , e vão se enleve  
Em grandezas , que nunca a sorte impida ,  
Que eternizar com seu desejo queira ,  
Que lá terão sua hora derradeira.

Vinha triumphante com rendosa preza ,  
De gados , e de gente , que cattiva ,  
Confiado na sua Fortaleza ,  
Sem temer astres da Fortuna esquiva :  
Ioto Dama de unica belleza ,  
Como em concha scabrosa perla altiva ,  
No meio desta gente , que caminha ,  
Em lugar mais decente airosa vinha.

As lagrimas , que os olhos seus vertião ,  
Sobre as faces coradas , e fermosas ,  
O matutino orvalho parecião ,  
Que vem caindo nas purpureas rosas :  
Os suspiros , que d'alma lhe saião ,  
Envoltos em palavras lastimosas ,  
Eram causa de tenro sentimento ,  
A' todo coração , que lhe hia attento.

De quando em quando , em voz baixa , e perdida ,  
Entre os beijos de purpura , culpava  
O descuido , e tardança conhecida  
Do amante , que a servia e regalava :  
Porém tornava logo enternecida ,  
E comfigo outra vez o desculpava :  
Quando o Mouro com gente lhe apparece ,  
Que como Capitão arma , e guarnece.

Não se atreve a romper , que não podia  
 Iguàlar-se ao poder , que vee diante ,  
 Mas com manha , e cautella atrás seguia ,  
 Que he officio seguir , de hum triste amante :  
 Sustentando esperanças vai c'o dia ,  
 E nellas já tam firme , e tam constante ,  
 Que vendo à Ioto , diz , tem confiança ,  
 Que o dia he grande , e a sorte faz mudança.

Queimava o Sol os campos de maneira ,  
 Que não soffrendo Nuno a calma ardente ,  
 As armas desaperta , e da viseira  
 O rostro desafronta , que arder sente :  
 Por se não descomporem da fileira ,  
 Sofria o alcanse a Lusitana gente ,  
 Quando se chega o Mouro , e c'hum suspiro ,  
 Que Ioto aceita , fez unico tiro.

O' mão aveça , para mal tam certa ,  
 Melhor entorpeceras no arremeço ,  
 Pois que rompendo a parte descuberta ,  
 Avias de causar tamanho aveço :  
 Corre a lança cruel , e deixa aberta  
 Chaga mortal , e tira o lustre , e preço ,  
 A' grande vida , cõe de improvisó  
 Nuno , e o spirito voa ao Paraíso.

Desta forte acabou aquelle raro  
 Popo Barriga , cujo illustre nome  
 He justo à Portugal seja tam charo ,  
 Que no lugar mais alto sempre affome :  
 Foi dos que rege , e guia firme amparo ,  
 Obras fez de que o Mundo exemplo tome ,  
 Olha , e vee , como vai livre , e seguro ,  
 Por meio dos inimigos pelo muro.

Algubel forte Villa se defende ,  
 ( De affaltos , que lhe dà ) com valor tanto ,  
 Que entralla por espaço em vão pretende ,  
 Subir ao muro à todos causa espanto :  
 Mas elle , que o temor dos seus entende ,  
 Sò vai subindo , só peleja , em quanto  
 Co' a vergonha de exemplo tam subido  
 Os vai em si tornando , e he foccorrido.

Acolà preso o levão , que de ousado ,  
 Aos perigos maiores se aventura ,  
 De vinte e cinco Mouros vai cercado ,  
 Bastantes à ir a presa bem segura :  
 Mas d'hum , que hia mais perto , e descuidado ;  
 ( Lanço de seu esforço , e da ventura )  
 A lança toma , huns poz logo em fugida ,  
 Outros lhe vão nas mãos deixando a vida.

Mas n'outra parte o vejo estar cattivo ,  
 Vituperios , e affrontas padecendo ,  
 E d'hum Senhor cruel ao jugo esquivo ,  
 Ao tirannico Imperio obedecendo :  
 Mas quem o pode alli julgar por vivo ,  
 Que o sangue em fio vejo estar correndo ,  
 E já purpura a branca vestidura  
 He divisa de sua desventura?

Esta manda à seu Rei , para que veja  
 Seu triste estado , e tenha sentimento ,  
 Para que resgatado à tempo seja ,  
 Que possa ter algum pequeno alento :  
 He possível que hum Sprito insigne esteja ,  
 Por seu Rei em tam aspero tormento ,  
 E que por tanto tempo se dilate ,  
 ( O' galardão do Mundo ! ) seu resgate ?



Ex Mazagão theatro soberano ,  
 Onde as mōres proezas representa  
 Bellona fera' , e Marte deshumano ,  
 Que quantos pelo mundo a fama augmenta :  
 Aqui cercado o esforço Lusitano ,  
 Contra o bravo Xarife se sustenta ,  
 Que com todo poder , que Africa encerra ,  
 Promette affollar tudo , e pôr por terra.

Já se igualão c'os muros levantados  
 Os Montes altos , que de longe trazem ,  
 Imitando os Gygantes conjurados ,  
 Que escada para o Ceo de montes fazem :  
 Mas se là forão raios fabricados ,  
 Que esta soberba vãa descendo abracem ,  
 Tambem raios na terra se forjaram ,  
 Que subindo esta machina arrasaram.

O' quanto Heroe affinallar-se vejo ,  
 Neste espantoso , e singular conflito ?  
 A' todos celebrar co' a voz dezejo ,  
 Mas não posso , que he numero infinito ;  
 Porém comigo cá me corro , e pejo ,  
 Se passar em silencio hum grande Sprito ,  
 Almeida , que por arte em que se affina ,  
 O segredo desfaz da occulta mina.

Nem à vòs ( grande stimulo me obriga )  
 Bartholomeu de Vasconcellos callo ,  
 Que inda que outro diverso intento siga ,  
 Vosso esforço , e valor me faz aballo :  
 Aquelle antigo lustre , aquella antiga  
 Gloria , que não mudou largo intervallo  
 De tempo , na virtude peregrina  
 De vossas obras oje bem se affina.

E tanta confiança em vos se tinha ,  
 Que o cerco do inimigo levantado ,  
 Per carta sua a célebre Rainha  
 Vos entrega de novo esse cuidado :  
 Que tal amparo , e arrimo ter convinha ,  
 Se d'esse volta o Barbaro indignado ,  
 Enchendo-vos o peito d'esperanças ,  
 Com mil promessas de honras , e bonanças.

Mas nunca Reis com premio verdadeiro  
 Remuneram serviços de esforçados ,  
 E tam tarde lhes chega , que primeiro ,  
 Para os lograr , os annos são passados :  
 Vejo a Força do Rio de Janeiro  
 Entrada , e mil despojos alcançados ,  
 Insigne feito , e celebre victoria ,  
 De premios digna , e de immortal memoria.

Era tempo , que o Mundo já possue ,  
 Do Sol mil giros vossa Era contando ,  
 E quinhentos no circulo conclue ,  
 Outros cinquenta e cinco acrescentando :  
 Quando em Lisboa vosso Rei instrue ,  
 Bastante armada , e Capitães formando ,  
 A' vos o pezo entrega desta empreza ,  
 Como de maior brio , e fortaleza.

Não se atreve à mandar , que o mór perigo  
 Tenteis , que vos receia adversa sorte ,  
 Porque hum forte lugar tem já consigo ,  
 A resistencia , à todo assalto forte :  
 Mas que exploreis o sitio do inimigo ,  
 E que aviseis de quanto ao caso importe ,  
 Para vos socorrer com tanta gente ,  
 Que o risco com partido igual se intente.

Mas

Mas vosso valor grande acompanhado  
 Da ventura, que nisto o favorece,  
 Não consente lhe seja dilatado  
 Aquelle bem, que a vista lhe offerece:  
 Sente o governo em Seitas alterado,  
 E que hum só cabeça desconhece,  
 Não perde conjunção, oufado aballa,  
 Navios, Armas, Entra, Rende, Escalla.

Causou espanto à França esta excellente  
 Proeza, à Portugal espanto, e gloria,  
 Nem esta ao mundo só vos fez presente,  
 Que em muitas vossa fama era notoria:  
 De tres dias chegado do Oriente,  
 Ireis no alcanse do Pyrata Soria,  
 O' quanto mar contemplo navegado!  
 Quanto sangue em conflictos derramado!

Cabo de Guè contempla destruido,  
 Sendo assaltado de infinita gente,  
 Mas animosamente defendido,  
 Na memoria andarà sempre presente:  
 Por vezes foi com rogos commettido,  
 Entregue à Força o Capitão valente,  
 Mas inda que o movia hum só bem que ama,  
 O credito à morrer o força, e chama.

Em fim nas duras mãos da esquiva morte,  
 Depois de grande estrago, entrega a vida,  
 E deixa à vista a misera Conforte  
 Cattiva, e quasi em ponto de perdida:  
 O' triste condição da humana sorte,  
 A' que males estàs offerecida!  
 Que tragedias inventas desusadas,  
 Que nem puderam ser imaginadas!

Que

Que estò gozando a triste docemente ,  
Do conjugal amor o penhor charo ,  
E que roubado o veja de repente  
Com lastimoso fim , e trance amaro :  
O' dura obrigação de honra inclmente ,  
Quanto bem deixas d'alma ao desamparo ,  
Por hum breve gloria , que procuras !  
Quanta gloria d'amor cega aventuras !

Olha , e veràs muros arrasados ,  
A melhor defensão posta por terra ,  
Os defensores mortos , e acabados ,  
Fim lastimoso da infamada guerra :  
Mas se caíes ouviste celebrados ,  
Onde o maior valor a fama encerra ,  
Spectaculo serà neste trabalho  
Alvaro sempre insigne de Carvalho.

Este só c'hum montante n'hum praça ,  
A porta derradeira assi defende ,  
Como que tanto damno só refaça ,  
E possa conseguir o que pretende :  
A qualquer inimigo , que ameaça ,  
Sò co' a sombra , e temor fogeita , e rende ,  
Nenhum delles chegar se atreve perto ,  
Por não ficar aos golpes descuberto.

Aquelle mais ousado , e que se affanha ,  
Com furor mais crescido , longe pára ,  
D'alli faz lança de arremesso estranha ,  
Que elle ou rebate à tempos , ou repara :  
Menos de astes cercado , e o corro banha ,  
Com menos sangue o Touro , que assaltara  
A turba ufana , elle porèm bramando ,  
Co' as mãos irado a terra està cavando.

D'huma Torre a bellissima Mecia ,  
 Se bella esta sem còr , que he grande a magoa ,  
 Co' espanto do successo , que alli via ,  
 Avivava d'amor a ardente fragoa :  
 Na cansada memoria conferia .  
 A perda grande , e os olhos cheios d'agoa ,  
 A voz fraca , razões lhe persuade ,  
 Que pudera aceitar outra vontade .

Ah Senhor , diz , não vos mostreis valente ,  
 Contra mi só , só contra mi sois forte ,  
 Menor fica , vós vivo , o mal presente ,  
 Nada remedeais com vossa morte :  
 E se tratais partido co' esta gente ,  
 Salvais minha honra , cousa demais porte ,  
 E se acabais , ficando eu triste viva ,  
 Olhai que o menor mal he ser cattiva .

Mas ai que quando cuida , que lhe agrada ,  
 E finge recolher-se o amante acima ,  
 Passado o vio cair d'huma lansada ,  
 Que se abre hum coração , outro lastima :  
 Desce à voltas confusa , e perturbada ,  
 E sobre o corpo amado defanima ,  
 Tudo o Principe attento vai notando ,  
 E n'alma para sempre conservando .



# A F F O N S O

## A F R I C A N O.

### C A N T O XI.

**P** Or largo espaço hum Campo dilatava  
 Estendida planicie , e aberto seio ,  
 E pelo meio hum Rio caminhava  
 D'agoa emprestada já vazio , e cheio :  
 Aqui co' a vista o Principe ficava ,  
 Queria perguntar , mas hum receio  
 Temeroso o detinha , em fim rebenta  
 Nas palavras , que a dor lhe representa.

O' não me passes em silencio agora  
 Eudollo as maravilhas , e altos feitos ,  
 Que vejo neste Campo , que orna , e cora  
 Sangue gentil de Lusitanos peitos :  
 Bem imagino alguma infelice hora ,  
 Rota vai a batalha , vão desfeitos  
 Os fortes esquadrões , mas no perigo  
 Vejo grandezas do valor antigo.

Eudollo então , como sentido , e triste ,  
 Assim começa carregando a frente ,  
 Já que tanto destorço , e estrago viste ,  
 E mal s'esconde o que se tem defronte :  
 Prepara hum coração grande , que abriste  
 Caminho à grandes casos , quando os conte ,  
 Que a representação da amarga Historia  
 Me suspende os sentidos , e a memoria.

Es-



Eflende os olhos , e veràs pregado ,  
 N'hum alta Cruz hum corpo sem figura ,  
 Por mil partes aberto , e mil chagado ,  
 Para Christãos de estranha fermosura :  
 Hum Sacerdote o mostra levantado ,  
 E com palavras cheias de amargura ,  
 A' todos animando à dar a vida ,  
 Já por elle morrer nenhum duvida.

E prostrados por terra n'hum momento  
 Os corações , e as almas inclinando :  
 C'hum christão , e devoto sentimento  
 Por seu favor , e ajuda estão chamando.  
 Qual lhe entrega samente o pensamento ,  
 E co' esse muito mais lhe está fallando ,  
 Quando da parte da inimiga gente ,  
 Hum grande clamor se ouve de repente.

Tal levanta alguma hora o mar Tirieno ,  
 De fera tempestade sacudido ,  
 Tal pelo cume rompe do terreno ,  
 Que aballa , e move Encelado opprimido :  
 Não faz porèm aballo no sereno  
 Animo d'esforçados , que batido  
 D'aquelle estrondo , os corpos , que arrojava  
 A devação , com vigor novo ampara.

Mas quem sustentará valor , e brio ,  
 Contra trovões de bronze , que forjaram  
 Polvora , e fogo , à cujo senhorio  
 As foras os mais bravos fogeitaram ?  
 Solta-se a furia , contra quem desvio ,  
 Nem resistencia val , quantos deixaram.  
 A luz vital em noite eterna escura ,  
 Dando aos corpos o vento sepultura ?

Como primicia em sacrificio dada ,  
 He Gregorio , apellido de Noronha ,  
 Que à furôr tam soberbo não lhe agrada ,  
 Outrem primeiro , que elle o peito ponha :  
 Na sorte o segue João Brandão d'Almada ,  
 Que he justo à muitos nisto s'anteponha ,  
 Pois no mundo foi sempre merecida ,  
 Honrosa morte , d'huma honrada vida.

Mas não lhes faltará justa vingança ,  
 Que em seu favor espiritos altos vejo ,  
 A' quem vai dando certa confiança ,  
 C'o gèral damno o fervido dezejo :  
 Olha , e veràs com quanta segurança  
 Se aballa , e sabrindo vai honroso ensejo ,  
 Aquelle esquadrão forte de guerreiros ,  
 Que tomaram por nome aventureiros.

Se como esforço os leva , e o nome os guia ,  
 Benevola lhes for nisto aventura ,  
 Bastão soos à pôr freio à Berberia ,  
 Que avantajar-se cada qual procura :  
 Rompem com ligeiro impetu à profia ,  
 Nem inimigo algum no encontro dura ,  
 Que ou lugar deixão , postos em fugida ,  
 Ou no mesmo lugar o sangue , e a vida.

Como soberbo Rio , que affapharam  
 As vizinhas correntes do alto Monte ,  
 Co' as agoas , que o furor lhe accrecentaram ,  
 Vai combatendo a levantada Ponte :  
 Já lhe deu hum bálança , já quebraram  
 Valentes traves , já não tem defronte  
 Impedimento , e por caminho certo ,  
 Respira vencedor , em campo aberto.

## 248 AFFONSO AFRICANO.

Tal vai triumphando esse esquadrão famoso ;  
 Fazendo estrago , em quanto acha diante ,  
 C'o perigo maior mais animoso ,  
 Na maior resistencia mais constante ;  
 Hum grito se levanta generoso ,  
 Que victoria pregoa , e neste instante  
 Desmaia o inimigo , elle se anima ,  
 E vai no alcanse , porque mais o opprima :

Se attentas bem verás , que vai ficando ,  
 Por onde passa hum sitio atrás vazio ,  
 Por falta dos que vai desbaratando ,  
 E o cobre de recente sangue hum Rio :  
 Bem como silva espessa , onde ateando ,  
 Engano do Pastor no ardente Estio ,  
 O fogo bravo descuberta deixa a floresta  
 A terra , que do fogo ao Sol se queixa :

Não se atreve a esperar o encontro duro ,  
 Mulei Hamet , ainda que bravo , e forte ,  
 Que depois do destorfo Rei seguro  
 Ficou sendo o Moluco entregue à morte :  
 He tamanho o temor , que rompe o muro  
 Da vergonha Real , e o fino còrte  
 Bota da espada , na quem gente a companhia ,  
 Que do Portuguez braço o golpe estranha :

Nem panico terror , incauto , e bego ,  
 Que nacesse d'alguna fantasia  
 Foi este , que fez nelles tanto emprego ,  
 Antes do alheio esforço , e valentia :  
 Tanto foi penetrando o dissiégio ,  
 Pouco a pouco gerando coyardia ,  
 Que como n'outra stancia não , pararam  
 Sò nos muros de Fz se asseguraram :

Outros inda passaram mais avante ,  
Julgando por vizinho alli o perigo ,  
Que estar no Campo o Portuguez triumphante ,  
Bem assentado o tem todos comsigo :  
Por todo este contorno circunstante ,  
A nova da victoria do inimigo  
Correo ligeira ; e já certificados ,  
Inda ficão porêm desconfiados.

Como , quando affombrou com tempestade ,  
O Mundo , o vento Sul , e já cansado ,  
Tornou o Ceo mostrar serenidade ,  
Inda com tudo o mar fica alterado :  
Inda a bonança pouco persuade ,  
A paz se mostra n'hum soberbo estado ,  
E as agoas acoutadas , que inda trazem  
As Naos em giros , mil espantos fazem.

Com este sobressalto extraordinario ,  
Vendo o Moluco a perdição à vista ,  
Assentou ser conselho necessario ,  
O exercito animar à que resista :  
E com atrevimento temerario ,  
( Quem cuidará , que enfermo , e fraco assista  
Ao pezo da batalha perigoso , )  
N'hum cavallo feroz salta animoso.

E levantando a voz com mais espirito ,  
Que o furor communmente aviva , e esperta ,  
Se offereceo ao numero infinito  
De Vassallós , que o medo desconcerta :  
Com este autorisado illustre grito ,  
Alguns mais esforçado a espada aberta ;  
Mas como o temor já vencido avia ,  
Tudo se perturbava , e confundia.

Fez este no Moluco tanto aballo ,  
 ( Spectaculo covarde , ) que opprimido  
 Da paixão caio morto do cavallo ,  
 Co' a nova causa o mal favorecido :  
 E sem conhecer nisto intervallo ,  
 Foi logo na liteira recolhido ,  
 Por Mançorico hum Elche seu privado ,  
 E com muito segredo alli guardado .

Não se ouvirão suspiros , nem lamento ,  
 Nem a tristeza d'alma ao rosto veio ,  
 Que se guardou lá dentro o sentimento ,  
 Por não redundar fora em gozo alheio :  
 Por quam pequeno , e fraco fundamento  
 Cessaram grandes obras , cego enleio  
 De causas escondidas , que huma morte  
 Não conhecida tantas vidas corte .

Jà neste tempo os olhos lança , e nota ,  
 O squadrão valeroso entrava ousado ,  
 Não valendo contra elle malha , ou cota ,  
 Nem fortaleza de aço bem forjado :  
 Que a espada Portuguesa não se bota ,  
 No poderoso Escudo , e Arnês provado ,  
 E como resistencia não se achava ,  
 A liteira do Rei morto affombrava .

Cinco Estandartes , que de verde coram ,  
 Em final de victoria , e d'esperança  
 Animosos Alferezes arvoram  
 Com galhardia , brio , e confiança :  
 Olha , e verás como os que Christo adoram  
 A' força do rigor da espada , e lança ,  
 Dous delles tem rendidos , e a victoria  
 Se vai manifestando co' esta gloria .

Que

Que falta mais ? hum breve , e curto espaço ,  
 Que facilita a venturosa sorte ,  
 Para que nelle hum valeroso braço ,  
 Do Moluco a cabeça innutil corte :  
 E aquelle terror d'Africa ameço  
 De Portugal , com tam ditosa morte ,  
 N'huma arte levantada se publique ,  
 E a dezejada nova verifique.

Mas o Inferno d'enveja stimulado ,  
 Como com tanta gloria se alterasse ,  
 Ou desse a alguma furia este cuidado ,  
 Ou na lingua d'alguuma voz formasse ;  
 Ter , ter , seou no Campo hum grande brado ,  
 Para que este esquadrão se retirasse ,  
 Elle parou n'aquella estranha furia ,  
 Sentindo a obediencia , como injuria.

Como quando despois , que o grande Imperio  
 Soltou d'Eolo os ventos , e passaram  
 Da cavernosa cova , a este Hemispherio ,  
 Se por elle outra vez s'encarceraram :  
 Este mandado tem por vituperio  
 Sentindo o pouco damno , que acabaram ,  
 E da Porta ferozes indignando  
 O pezo , inda là dentro estão bramando.

Tanto que este furor , que hia fervendo ,  
 C'o sangue quente suspendeo seu brio ,  
 Logo ouve confusão , cadaqual tendo  
 C'o damno recebido o animo frio :  
 Os firidos desmaião conhecendo  
 Ser desvatio não fazer desvio ,  
 Outros , porém , que gloria , e honra dezejão ,  
 Inda vão por davante , inda pelejão.



Tal , quando o temeroso incendio abraça  
 As brenhas c' o furor do irado vento ,  
 E altos carvalhos com violência arrasa ,  
 Tornando em cinza o tronco mais isento :  
 Se hum choveiro caio na grande brasa  
 D' alguma nuve grossa , n' hum momento  
 Cessa o furor , e só nas partes arde  
 Mais espessas , onde agoa chegou tarde.

E vendo já o Mauritano bando  
 Desfallecer a sombra Portugueza ,  
 Que nas espaldas lhe hia carregando ,  
 Com tanto temor seu , tanta fraqueza :  
 Novo fervor co' a multidão cobrando ,  
 Tornou tentando a perigosa empreza ,  
 Com impetu tam bravo , e tam ligeiro ,  
 Como para fugir fora o primeiro.

Quantos a vida chara aqui perderam ,  
 Dos Portuguezes animosamente ,  
 Quantos aqui tambem cara a venderam ,  
 Que barata o valor o não consente :  
 Eterna fama , e glória mereceram ,  
 Que nisto para hum nò mortal presente ,  
 Ao côrte da inimiga espada entregue ,  
 Em defensão do Rei , da Lei que segue.

Cae sem vida aquelle valeroso ,  
 Alvaro Pirez Tavora excellente ,  
 Passado d' hum pelouro riguroso ,  
 Depois de mortes mil na Maura gente :  
 Cae Alexandre Capitão famoso ,  
 Milagre , e maravilha do Occidente ,  
 Exemplo grande à fracos nascimentos ,  
 Que não tem certo sangue os pensamentos.

Despois que do nativo charo ninho  
 Se apartou longe , e por regiões estranhas ,  
 Com levantado brio abriu caminho ,  
 Deixando rastro de immortaes façanhas :  
 Tornando-se outra vez ao patrio Minho ,  
 Foi com favores , e mercês tamanhas  
 Do Rei galardoado , que se obriga  
 A' que outra vez por elle as armas siga.

Este principio deu ao nome altivo ,  
 Que mereceo pelo rigor do braço ,  
 O qual eternamente será vivo ,  
 S'em boa estrella esta memoria faço :  
 Mas pode muito o tempo fugitivo ,  
 Onde tudo o melhor acha embaraço ,  
 Inda que he digna huma memoria nobre ,  
 Que o tempo fugitivo a não soçobre.

Tambem rendeste illustre Sprito a vida  
 Thomas , honra gentil de Italianos ,  
 Cujá virtude em armas conhecida ,  
 Confissão com seu damno os Africanos :  
 Nem esta foi aqui menos seguida ,  
 Dos Leaes esforçados Castelhanos ,  
 Que morrendo taes feitos acabaram ,  
 Que a Maura multidão env ergonharam.

Attenta hum pouco agora , e vee presente  
 Hum valeroso insigne Cavalleiro ,  
 Que ha de ser de teu sangue descendente ,  
 Senhor de Montemor , Duque d'Aveiro :  
 De titulo maior , mais excellente ,  
 Digno mil vezes , e de tal guerreiro ,  
 Sendo Senhor hum Rei , sem ter segundo ,  
 Bem pode ser Emperador do Mundo.

Mas o Ceo outra cousa determina ,  
 E contra elle não val poder humano ,  
 Em tanto olha , e verás , como se affina  
 Com valor singular , e soberano :  
 Ao romper do cavallo a lança inclina  
 Annuncio triste de seu proprio dano ,  
 E pela terra entrada , que se abria  
 O temeroso encontro reprimia.

Qual no Siculo mar a Nao retida ,  
 Por causa da marè , que vem subindo ,  
 D'outra parte do vento combatida ,  
 Está co' a vela inchada resistindo :  
 Mas a fortuna adversa , é mal regida ,  
 Que do successo infausito se está rindo ,  
 Não pode acabar tanto , que a virtude  
 Dá peregrina espada não se ajude.

Com isto animá a gente de a cavallo  
 Flor de nobreza , e flor de gentileza ,  
 Remindo a obediencia do intervallo ,  
 Que o Rei lhe poz , co' a subita presteza :  
 Que era preceito não fizesse aballo ,  
 Thè dada-lhe não ser disso a certeza ,  
 Mas c'o successo já roto o preceito ,  
 Que estrago de repente deixa feito.

Por outra parte vee , como se lanfa  
 Naquella densa nuve , que apparece ,  
 Dom Duarte de Meneses , nem descansa ,  
 Thè que desfeita em sangue desfallece :  
 Neste tempo victoria aqui se alcanfa ,  
 Que he grande o pezo d'armas , que o ffrece  
 Toda Cavallaria Portugueza ,  
 Sem achar resistencia , nem defeza.

Mas que podem tres mil , quando sentirem  
 Gentes sem conto o debil fraco esteio ,  
 Do numero , se juntos resistirem ,  
 Lembrança funeral , que em fim lhes veio :  
 Fizeram corpo para confundirem ,  
 Por todas partes com sinuoso enleio ,  
 Os poucos vencedores , que opprimidos  
 Poderão ser , mas não serão vencidos.

Tal pelo mar com victorioso braço  
 Rompe o soberbo Nilo em sua entrada ,  
 E caminhando dentro largo espaço ,  
 Fazendo ripas vai d'agoa salgada :  
 Porém lá mais avante em seu regaço ,  
 Vai cedendo a corrente arrebatada ,  
 E pouco á pouco o mar , que o traga , e come  
 Em si o converte , e perde Nilo o nome.

Tinha o Principe os olhos , e alma attento ,  
 N'hum guerreiro feròz , que via armado ,  
 E levado deste alto pensamento ,  
 Esta pergunta fez , quasi turbado :  
 Quem he ? que me dà n'alma hum sentimento ,  
 Aquelle em armas tanto avantajado ,  
 Aquelle no maior risco presente ,  
 A' quem segue em tropel luzida gente ?

Eudollo então lá do intimo do peito  
 Tirando a voz cansada , alli responde :  
 Ah quem pudera com silencio estreito  
 O caso reprimir , que a dor me esconde !  
 Mas a lei de primor me tem logoito ,  
 Que sempre co' a verdade corresponde ,  
 Prometti divulgar casos escuros  
 De tua vida , e Reino inda futuros.

Aquel-

Aquelle he Sebastião Rei sem ventura ,  
 Senão he mais ganhada , allí perdida ,  
 Que se a do Ceo desta arte se procura ,  
 Para tal morte bem ditosa vida :  
 Na flor de sua idade fresca , e pura  
 Sacrifica a vontade , offeretida  
 A Deos de longe , que este sancto intento  
 Trouxe quasi do berço , e nascimento.

Cresceo c'os annos thè que foi aceito ,  
 Que eslava ja do Ceo determinado  
 O fundamento , e causa deste effeito  
 Na pretensão d'hum Mouro desterrado :  
 Paga foi digna d'hum sincero peito ,  
 D'hum coração honesto , e casto estado ,  
 Que as horas de deleite , e d'alegria  
 Em delicias de caça despendia.

E se castigos são de Deos favores ,  
 Quando caem mormente em tal suggeito ,  
 Foi o zelo de seus Progenitores ,  
 Com estes appremiado , e satisfeito :  
 Aquella devação de seus Maiores ,  
 Da Fè de Christo , aquelle amor perfeito ,  
 Que satisfação tinham cá na vida ,  
 Senão esta , que estava merecida ?

Reino , que lá na mais estranha parte  
 Dos Confins alongados do Oriente ,  
 Por tam certos perigos , que reparte  
 A diffcil jornada do Occidente :  
 Foi arvorar o mystico Estandarte  
 Da Cruz , que restaurou a humana gente :  
 Que mais ditoso fim se lhe esperava ,  
 Que este agora , que merecido estava ?

Mas

Mas são tanto as armas do provado  
Cavalleiro , que todo me confundo ,  
Nunca em natural brio , levantado  
Sprito , e forſas iguaes teve ſegundo :  
Tanto em ſeu proprio braço confiado ,  
Que cuida ſó pode render o mundo ,  
A Mageſtade Real , e a verde idade ,  
Podião perſuadir-lhe eſta verdade.

Neſte paſſo , que vees , foi avisado  
D'huin Armado , que o Campo diſcorr ia ,  
Que os inimigos já tinham ganhado  
Com ſubito terror a Artelharia :  
Rompe-lhe o coração eſte cuidado ,  
(E com tam deſuſada valentia  
Sobr'elles dà , que a preſa , que afferraram  
Com muito damno ſeu logo ſoltaram.

Tal , quando ſe lanſou no charco , ou lago  
Algum madeiro , e nelle as rãas ſaltaram ,  
Sentindo o natural , e morto affago ,  
Com que de ſeu temor ſe aſſeguraram :  
Se o grande Hydro , que nellas faz eſtrago ,  
Apparece ſobre agoa , deſamparain  
Logo o madeiro , e cadaqual adonde  
Acha melhor abrigo , alli ſe eſconde.

Com iſto Sebaſtião bravo concebe  
Nova eſperança , à ſeu animo inteiro ,  
E como incendio morto , que recebe  
C'o vento , que ſoprrou vigor primeiro :  
Co' a mais gente , que pode , ſe apercebe  
A tentar o perigo derradeiro  
Com tal eſforço no inimigo bando ,  
Que eu tremo com eſtar imaginando.



Ai quanto estrago à vista represento ,  
 Quanto sangue Christão vai derramado ,  
 Contar honrosas mortes levo intento ,  
 Que nellas o valor está provado :  
 Não ha gloria maior , nem vencimento ,  
 Que hum desprezo da vida, e hum fim honrado  
 Em semelhante causa , attento adverte  
 Hum sprito singular , que me diverte.

Sobre hum montão de mortos levantado ,  
 ( Parte destorço de seu braço forte , )  
 De fridas mortaes todo passado  
 A' todos animando espera a morte :  
 Inimiga bandeira arvora oufado  
 ( Para que à outra empreza os mais conforte )  
 Dom Simão de Meneses , thè que a vida  
 Pouco à pouco caio desfallecida.

O que atrevido vai , como se apressa  
 Tras o premio gentil do animo nobre ,  
 Quam ligeiro o cavallo , que arremessa ,  
 Para que em pouco espaço o alcance , e cobre :  
 E como ir por diante aqui professa ,  
 A' quem lhe diz , que volte , e o curso dobre ,  
 Meu cavallo he de forte , esta voz solta  
 Sebastião de Saà , que nunca volta.

Que nova empreza usais galhardo Sprito  
 Do Barrete vermelho , qu'entre os dentes  
 Arrebatais , com animo infinito  
 Mettido entre o furor da Maura gente ?  
 He tempo de obras só Barão d'Alvito  
 Fortíssimo Dom João , estas presentes  
 Levais agora na sanguina empreza ,  
 Que vos mostra dos Lobos a nobreza.

Do sangue de Meneses vejo hum lago ,  
 Illustre sangue , e como tal vertido ,  
 Troca Dom Manoel em lança o Bago ,  
 De Coimbra Pontifice escolhido :  
 Achão de seu esforço digno pago ,  
 Dom Anrique , e Dom Alvaro , e per lido  
 O alento vital com Dom Diogo ,  
 Dom Francisco deixou no Marcio jogo.

Do fraterno valor , que o mundo espanta  
 ( Honra do Lourical ) estimulado  
 Dom Anrique nas armas se levanta ,  
 E de lançadas cae traspassado :  
 O bravo Dom Luis não se quebranta  
 C'o terror dos inimigos desusado ,  
 E por elles rompendo ousado corta ,  
 Thè que a espada ficou co' a vida morta.

E não he justo , que em silencio ponha  
 Dous famosos Irmãos , que a morte esconde  
 Dom Pedro , e Dom Lourenço de Noronha ,  
 Gloria do honrado Pai illustre Conde :  
 He justo , que à tratar a voz disponha  
 D'outros dous , cuja sorte lhes responde ,  
 Ficando o mundo em viva enveja delles ,  
 Manoel , e Hieronymo , ambos Telles.

Fermoso Sylva , que em seu sangue absorto  
 De purpura o Roxete , Elmo a Tiara ,  
 Fez de si sacrificio , e là no Porto  
 A' Deos por quem morreo , sacrificara :  
 Jorge da Silva já contemplo morto ,  
 O Regedor não rege a vida chara ,  
 Dom Diogo à morrer com passo franco ,  
 E Dom Martinho vão de Castelbranco.

Escolhestes no Campo sepultura

Dom James, de Bragança ramo claro,

E em Mausoleo de maior altura,

Eternizastes vosso nome claro:

Vós de sangue tingistes a verdura

Dom Rodrigo da vida pouco avaro,

Deixando atrás com nobre confiança,

Da Caza de Tentugal a esperança.

O' forte Portugal detente, pára

Conde famoso, que he grande o perigo,

Mas que digo? que a vida o desampara,

Em quanto esta palavra em vão lhe digo:

E salvar-se quan pouco lhe montara,

Pois não achara o Filho então consigo,

Aquelle Dom Manoel, que o mundo acanha,

Co' a morte, com que o Pai forte acompanha.

Que ruido cruel, que bravo estrondo

Ouçô d'armas aqui soar vizinho,

E o magnanimo Conde do Redondo,

Mostrar na morte esforço de Coutinho?

Em vão se quero o nome claro escondo

De Dom Vasco, que segue este caminho,

De não menos valor, nem menos forte,

Se no appellido igual, também na morte.

Tardando vou, e vejo, que me chama

Proximo quasi à hora derradeira,

Outro Dom Vasco, no appellido Gama,

Digno Conde, e Senhor da Vidigueira:

Já pelo Campo infido se derrama

O sangue de Dom João, que da Silveira

O titulo sustenta verdadeiro,

Da Caza de Sortelha unico Herdeiro.

Pouco Simão da Veiga a vida estima ,  
 Que já no derradeiro trance a via ,  
 Já desfallece Dom Diogo , e Lima ,  
 Com João Corema , Sancho de Faria :  
 Por Dom Francisco , e Moura se lastima  
 O politico brio , e cortezia ,  
 E já cortar a Parca os fios ousa  
 A' Manoel , e Lopo ambos de Sousa.

He tempo já , que alongue a vista , e veja  
 O destino cruel , que deixa feito ,  
 E quanto ha de fazer , antes que seja  
 Dom Jorge a temerosa Lei fogueito :  
 Larga passagem a seu pezar despeja  
 D'aquelles , que lhe poem contrario o peito ,  
 E como a multidão , quem crece admira ,  
 Com resguardo , e cautella se retira.

Não foi este respeito o mais forçoso ,  
 Se à retirar-se algum respeito obriga ,  
 Nem hum amor da vida temeroso  
 O move este desenhó , e intento siga :  
 Mas de ver a seu Rei zelo amoroso ,  
 Morrer com elle o traz , e o affadiga ,  
 Este busca , este chama , e co' esta falta ,  
 Outra vez os inimigos bravo assalta.

Quem vio nocturno fervido exercicio ,  
 Do salitrado fogo estar ardendo ,  
 E entre invenções formadas d'artificio ,  
 Huma se ir sobre as nuves escondendo :  
 Outra fazer na gente alegre officio ,  
 Outra andar pelo fio discorrendo ,  
 Que o furor com que n'outra parte toga ,  
 A' tornar outra vez logo a provoca.

O' furia desigual alli forjada  
 Nas fragoas infernaes d'incendio , e d'agoa ,  
 Para mortes , e damnos inventada ,  
 Perturbação do Mundo , eterna magoa !  
 Se pudesses ficar nesse ar parada ,  
 Ou reduzirte à tua propria fragoa ?  
 Mas he tempo , que acabes huma vida ,  
 Envejada por grande , e aborrecida.

São do ferro concavo o pequeno  
 Globo os ares vizinhos inflammando ,  
 E deixa seu mortifero veneno  
 No peito singular , que foi passando :  
 Subindo vai o Spirito sereno  
 Ao lugar , que lhe está determinando  
 Aquella justa Lei , que premio ordenamos  
 Eternamente à tam ditosa pena.

Grande columna cãe , grande exemplo  
 Perde a virtude já rota , e desfeita ,  
 Porém alevantado inda contemplo  
 O grande Sebastião , que o risco aceita :  
 Maravilhas de eterno , e vivo templo  
 Dignas obrando , Sceptro não respeita ,  
 E de sorte se arrisca , e se aventura ,  
 Como que só render tudo procura.

A suas proprias mãos toma da alheia  
 Duas Bandeiras em conflicto aberto ,  
 Valor desesperado não receia  
 O perigo buscar , quando está perto :  
 Dous cavallos tem mortos , outro enfreia ,  
 Que hum Vassallo em serviços sempre certo  
 Lhe offereceo , de o ver mais desmaiado ,  
 Que das firidas de que está passado.



O' animo Fiel em toda idade ,  
 Digno de eterno nome , e viva fama ,  
 Espreitas occasião na adversidade ,  
 Para dares favor à quem te chama :  
 Nem tanto a obrigação te persuade :  
 Que quando a vida alheia muito se ama ,  
 Não se pode arriscar a propria vida ,  
 Mas morrer por tal Rei ninguem duvida.

Neste , que Jorge d'Albuquerque solta ,  
 Cavallo já cansado faz entrada ,  
 Sebastião na gente mais envolta ,  
 Donde fica difficil a tornada :  
 Quanta morte succede nesta volta  
 N'hum inimigo , e n'outro executada !  
 Que huns a boa fortuna faz ousados ,  
 Outros ousão por já desesperados.

Já veio ò Manoéis a gloria vossa ,  
 He justo já , que ao mundo se publique ,  
 Para que fique na memoria nossa ,  
 E nella honrada esta memoria fique :  
 A morte a Dom Francisco desapossa ,  
 A' Dom João , Dom Nuno , e a Dom Fradique ,  
 Cujos corpos com lastima , e cuidado ,  
 Será da Mãe piedosa resgatado.

O' spectaculo triste , ò nunca ouvido  
 Caso jámais , como lastima , e corta  
 Mas he dia à desgraças refirido ,  
 Aberta à magoas só temos a porta :  
 Andava pel' Campo offerecido  
 Ao golpe derradeiro , a cor já morta ,  
 As forças já quebradas , João Carvalho ,  
 Buscando allivio no ultimo trabalho.



Atravessado o peito esquerdo abria-se lei7 omnia O  
 D'humã lançada the que desfallega, ob engi  
 Quando defronte o Filho amado via, 221912  
 Partida por tres partes a cabeça: oval 221912  
 Parou, e nelle não se conhecia, 221912  
 Inda que cousa sua lhe pareça, 221912  
 Que a gentileza, que seu rosto adorna, 221912  
 C'o sangue, e mortal sombra se transforma. 221912

C'os olhos cadaqual se comunica, 101 sup, 221912  
 Que a lingua c'o theclaculo emmudece, 221912  
 Hum n'outro, por espaço absorto fica, 221912  
 Muito lhe quer dizer, tudo lhe esquece abso  
 Vão-se aos abraços, 221912  
 Affeitos grandes, 221912  
 Juntos de arte, 221912  
 A' morte, e juntos de appareceranno 221912

Ditoso Pai, que tanto soube-las vivo nam d'olho 221912  
 Gerar por natu'rela hum riemelhante, 221912  
 Que nelle retratou sem brior altivo, 221912  
 Executado neste horroroso instante: 221912  
 Ditoso Filho, pois em traço elquivo, 221912  
 Tevé exemplo tam vivo, e tam constante: 221912  
 Ditosos ambos, 221912  
 Vistes o galardão de vossa morte. 221912

O que airoso p'e galhardo corta, le talha, 221912  
 Sem temor de seu damião, e em damião alheio, 221912  
 Rompendo pelo meio da Batalha, 221912  
 Buscando fim por tam ditoso meigma 221912  
 As armas rotas, 221912  
 Sem elmo, 221912  
 Ajuda a mão cruel contra elle armada, 221912  
 Gomez Freire caio d'humã lançada. 221912

Mas não ireis, ò alma generosa,  
 Tomar posse do Ceo sem companhia,  
 Que vos segue nest' hora tam fermosa,  
 Vosso Filho; vossa unica alegria:  
 A Coroa immortal com vosco goza  
 Nuno Fernandes Freire, que profia  
 Ganhar subindo mil felices Palmas,  
 Mandando para o Inferno tantas almas.

Como tam cedo desprezais a vida,  
 Moço gentil nascimento, em boa Estrella,  
 Que primeiro, que seja possuida  
 Fazeis renunciação tam larga della?  
 De tres lustros não era bẽm cunprida  
 A roda, nem cobria a face bella  
 Mimosa pluma, é qual fresca bonina  
 Co' a calma, Antonio, e Sousa o collo inclina:

Nem vós deixastes de pagar tributo  
 Devido; ò grão Barreto, à lealdade,  
 Que não ficou de vosso sangue enxuto  
 O Campo, que descobre esta verdade:  
 Cobre os olhos de negro mortal luto  
 Dom João Pereira, e morto persuade  
 A Manoel Corelma a sorte siga,  
 Nem de Luis d'Alcaçova inimiga.

Cae Estevão Soares, que nomea  
 O titulo de Mello generoso,  
 Com Bernardo de Mello, que se arrea  
 De mil despojos em seu fim ditoso:  
 O temor destas mortes não refreia  
 A' Christovão d'Alcaçova animoso,  
 E paga a obrigação, que à honra deve  
 Thomè da Silva, e Dom Gaspar de Teve.

Deixa de seu esforço exemplo raro  
 Dom Antonio da Costa , em cujo espelho  
 João de Mendoca , e Dom Jorge de Faro  
 Se veem , Luis de Castilho , e Antonio Velho  
 Dos Tavoras caio o grande amparo ,  
 Nem esse raro em letras , e conselho  
 Francisco de Carvalho a morte estranha ,  
 E seu Irmão Pedr' Alvres o acompanha.

Inda me appareceis em campo largo  
 Excellentes Meneses , Dom Gracia ,  
 A quem de tam pelado , e duro encargo  
 A muita idade isento já fazia  
 Chegado vos contempló ao termo amargo ,  
 E vosso amado Filho não desvia  
 O corpo ao mortal golpe , Dom Duarte  
 E Dom Pedro se mostra d'outra parte.

Fugistes por ventura à desventura  
 Insignes Castros ? não , que o ser antigo  
 O vosso derramado aqui mislura  
 Dom Luis , e João , c'o sangue do inimigo  
 Ficastes Dom Diogo em noite escura ,  
 Dom Alvaro sem luz , e Dom Rodrigo ,  
 E outro de vosso nome , e do appellido  
 Escolheo , como nobre este partido.

Vees aquelle famoso , que igualando  
 Do bravo Grego a singular pojança ,  
 Maravilhas estranhas vai obrando ,  
 Que o tempo peza na immortal balança ?  
 Aquelle , que em mil vidas , vai tomando  
 Da morte , que lhe dão , justa vingança  
 Sangue verte de tua amada vea ,  
 Dom Jorge de Lencastre se nomea.

O' forte , ò valeroso , passa avante ,  
 O curso do Cavallo não detenhas ,  
 Que aqui morrendo te verás triumphante ,  
 Se a vida por teu Rei , ousado empenhas :  
 Mas bem te vejo intrepido , e constante ,  
 Ilustre Dom Fernando Mascarenhas ,  
 E como estás à morte resolutto ,  
 Deixarás de teu nome eterno fruto.

Estava Sebastião em grande aperto ,  
 Cercado d'infinita gente brava ,  
 Que já com victorioso desconcerto ,  
 Mil mortes promettendo se chegava :  
 Comfigo este Guerreiro fez concerto ,  
 De ver huma das mortes , que esperava ,  
 E porque a do seu Rei dera mais pena ,  
 A' sua exprimentar primeiro ordena.

Bate o cavallo , que conhece o intent o  
 Do Senhor obrigado de honra , e d'ira ,  
 E correndo ligeiro como vento ,  
 ( Como que a fente ) à mesma gloria aspira :  
 Cae Fernando à vista sem alento ,  
 E c'os olhos no Ceo geme , e suspira.  
 Em que peito de Rei não faz aballo  
 A lealda de estranha de hum Vassallo ?

Vai inclinando a Portuguesa gloria ,  
 E de todo com vossa morte inclina  
 Conde illustre de Mira , cuja historia  
 Pudera ser ao mundo peregrina.  
 De vossas obras ficará memoria ,  
 Pois neste honrado fim tanto se affina  
 Vosso valor , que por nova estranheza ,  
 Sereis gloria da gloria Portugueza.

Sinto a terra tremer c'ò grande abalo,  
 Das armas do famoso Castelhano  
 Por titulo Chacon, e Dom Gonçalo,  
 De valor, e de esforço mais que humano:  
 Bravo arremessa o rapido cavallo  
 Dom Alonso Aguilar, com muito dano  
 Do sangue inimigo, e logo acho presente  
 Aldana Capitão destre, e valente.

Mas todos tres mostrais na honrosa morte,  
 Que não fostes do gram Monarcha eleitos,  
 Para que em tal miseria, e triste sorte  
 Vós ficasseis da vida satisfeitos:  
 Acaba Monseur de Thamberbc forte,  
 Rompein-se aquelles valerosos peitos,  
 Que mandava, e regia de Alemanha,  
 E vem gloria buscar à terra estranha.

Vejo a fonte de males já secarse,  
 Vejo a brasa do incendio a mortecida,  
 Ó Xarife no Rio soçobrar-se,  
 Querendo à nado libertar a vida:  
 E já vejo de todo perturbar-se  
 A gente por mil partes affligida,  
 Já sua desventura se publica,  
 Já pelos Mouros a victória fica.

Menos esta desgrça se chorara,  
 Pois tam poucos à tantos se attreveram,  
 E por conta infalivel, certa, e clara,  
 Vencedores em dóbro, aqui morreram:  
 Se aquelle Rei querido não faltara  
 A' vista dos que tanto o defenderam,  
 A' queni vejo cercado do inimigo,  
 E posto quasi no ultimo perigo.

Os esquadrões grossissimos desceram  
 Dos Alarâbes , e com bravo insulto  
 Dos Vassallos o globo acommeteram,  
 Onde Sebastião estava occulto:  
 Muitos mataram , muitos offenderam,  
 Por se não descobriro regio vulto,  
 Mas não avia já poder bastante ,  
 A' resistir a furia semelhante.

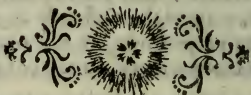
E vendo , que lhes era necessario ,  
 Dar-se algum acertado pensamento ,  
 Para se reprimir o temerario  
 Encontro , e por-se el Rei em salvamento :  
 Divisa branca , simbulo ordinario  
 De paz , e sujeição s'estende ao vento ,  
 A' Barbaros pedindo em tanto aperto  
 Algum conveniente , e são concerto.

Mas quem poderá pôr freio à virtude ?  
 Quem reprimir hum animo valente ?  
 Para que inda em taes lastimas se ajude  
 De condições , que o brio não consente :  
 Não he bastante a morte , à que se mude  
 Sebastião de si mesmo , e de repente  
 Com furor repellido se abalança ,  
 Onde o Reino acabou sua esperança.

Tal o calor do Sol foi levantando  
 Lá na parte o vapor mais alta , e fria ,  
 Onde se esteve em nuves engrossando ,  
 E dentro a exalação se denfia , e cria :  
 Logo se vai em pedra conglobando ,  
 E rompendo a região desse ar vazia ,  
 Nas intimas entranhas da alta ferra  
 ( Affombrando o contorno ) alli se enterra.



Campo de Alcacer nunca em ti se veja,  
 Primavera gentil, mas secco Estio,  
 Nunca o Ceo, na fazão, que se dezeja,  
 D'agoa te cubra nem de orvalho frio:  
 O teu nome infamado sempre seja,  
 Que em ti perderam fortes lustre, e brio,  
 Não pode dizer mais Eudollo, e sente  
 O mal futuro, como já presente.



# A F F O N S O

## A F R I C A N O.

### C A N T O XII.

**V**inha já por aquella do Oriente  
 Primeira porta a nova luz saindo  
 Da rutilante Aurora , ao mundo , e gente  
 Quanto a noite roubou restituindo :  
 Quando entre alegre, e hum pouco descontente  
 C'o successo , de quanto esteve ouvindo ,  
 O Principe de Eudollo se despede ,  
 Que c'o caminho o tempo , e as horas mede.

E quando Phaetonte c'os primeiros  
 Raios dourava o monte mais subido ,  
 Chega às portas d'Arzilla , e dos Guerreiros  
 Vencedores foi logo conhecido.  
 Sinaes dão d'alvoroço verdadeiros ,  
 E por muitos foi dentro recolhido ,  
 E já presente o Pai , que o esperava ,  
 Affeitos de saudade lhe mostrava.

Dizendo , Filho meu , não sei que diga  
 A' quantos sobressaltos tendes dado ,  
 E que Fortuna he esta tanto imiga ,  
 Que à seu tempo me traz sempre hum cuidado:  
 O Principe , que vio , que o Pai o obriga  
 A responder-lhe , diz , foi hum forçado  
 Successo , de que à tempo darei conta ,  
 E o Pai , vervos à salvo he o que monta.

Neste tempo se ouviu grande ruído ,  
 Dos que a forte à cattivos obrigara ,  
 Entr'elles vem o numero escolhido  
 Dos Companheiros da famosa Zara :  
 Mas à Luzel já d'alma convertido ,  
 Com liberdade Affonso , e honras ampara ,  
 Obstinado Chaot no erro primeiro ,  
 Se condemna á perpetuo cattiveiro.

Soavão d'outra parte amargos gritos ,  
 Que sair parecião das entranhas  
 Da terra , com gemidos infinitos ,  
 Confusas vozes , oppressões estranhas :  
 Dos Cattivos em cárceres afflitos ,  
 Que em novidades raras , e tamanhas  
 Dos golpes , que sentião , publicavão  
 Os horridos lugares onde estavão .

Não lhes dilata Affonso o repentino  
 Gosto , da dezejada liberdade ,  
 Que elle tem seu quilate então mais fino ,  
 Quanto menos alguém se persuade :  
 Nem sofre , que hum favor alto , e divino ,  
 Que lhe fez a suprema Magestade  
 A'quelles tarde vá communicado ,  
 Que em tempo estavão mais necessitado ,

Descer manda às Masmorras cavernosas ,  
 Cárceres de prizões , e penas varias ,  
 A' dar aquellas novas venturosas ,  
 Tanto neste lugar extraordinarias :  
 Entrão muitos por bocas tenebrosas ,  
 Abrindo-lhe caminho luminarias ,  
 Para poderem dar à cegos lume ,  
 Que em noite já vivião por costume .

A' nova luz os olhos levantaram ,  
 Reconhecendo o bem , que do Ceo vinha ,  
 E n'alma d'alvoroço , se alegraram ,  
 Como então raro extremo lhes convinha ,  
 Para o resplendor logo se chegaram ,  
 Cada qual , como força , e vigor tinha ,  
 Louvores dando ao Rei , que desta sorte ,  
 Allumear os veio em viva morte.

Entre estes hum qual Noctua , que s'esconde  
 Dos raios do primeiro Sol , que aponta ,  
 Para ás roturas de edificios , onde  
 Não chega aquella luz tam viva , e pronta :  
 Fugindo andava , chamão , não responde ,  
 Que já da liberdade não faz conta ,  
 E n'hum recanto cego , e mais escuro ,  
 Alli se foi metter , como em seguro.

Vendo hum estremo tal , com zelo amigo  
 Chega hum d'aquelles c'hum tocha ardente ,  
 Dizendo , inda que crû seja contigo ,  
 Eu só contigo quero ser clemente :  
 Como fojes de mi , como inimigo ?  
 Venho à salvarte , como estoutra gente ,  
 Que tam affeito estás à mãas venturas ,  
 Que nem de vida , nem remedio curas ?

Elle então levantando a voz amara ,  
 Como queres , responde , que obedeça ,  
 Se agora c'o essa luz vejo mais clara  
 Minha culpa , e o castigo , que mereça :  
 Como usar pode da clemencia rara  
 O Rei benigno , quando me conheça ,  
 Que eu fou aquelle traidor ingrato ,  
 Que contra sua vida tive tratos

A causa de Dom Pedro defendida  
 Por mi, fosse cegueira, ou delvario,  
 A triste morte pouco merecida,  
 Que enveja tece thê cortar o fio:  
 A forte obrigação d'amor devida  
 A Principe tam justo brando, e pio,  
 Me trastornou, e confundio de sorte,  
 Que tentei dar incauto à tal Rei morte.

Despois que da prizão dura, e pesada  
 Por industria escapei, que nunca fora,  
 Pode ser, que estevera perdoada,  
 Se confessará a culpa, que em mi mora:  
 Como Nao de mil ventos arrojada,  
 Tive em fim de descanso huma triste hora  
 Neste porto de mais difficuldades,  
 Do que foram passadas tempestades.

Que nisto commumente aquelles parám,  
 Que do Rei sojem inda que offendido,  
 A' quem se erros passados confessaram,  
 Teveram por amigo enternecido:  
 Mas quanto o perdão difficultaram,  
 Muito mal seguraram seu partido,  
 Que não há mór offensa de hum Vassallo,  
 Que chorada em tal Rei não faça aballo.

O' mil vezes feliz, e mil ditoso,  
 ( Elle lhe torna ) pois que vem buscarte,  
 A' esta tam benigno, tam piedoso  
 Esse de quem fugiste em toda parte:  
 Confia, não te mostres temeroso,  
 Que em todo tempo podes melhorarte,  
 Que esse de erros gèral conhecimento  
 Caminho he certo de arrependimento.

Com

Com isto se assegura, e do sombrio  
 Lugar de penas saem todos fóra,  
 Veem novos ares, e com rogo pio,  
 Cada qual o divino Ser adora :  
 Destarte vão, e as lagrimas em fio  
 Mostrão, que de prazer tambem se chora,  
 Affonso os recebeo, mas avisado,  
 Fez mais favores ao desconfiado.

E à todos pelas causas preguntando,  
 Dos infortunios graves, deu primeiro  
 C'os olhos seus n'hum velho venerando,  
 Retrato da miseria verdadeiro :  
 Dizendo-lhe, conta-me, como, e quando  
 Chegastes à tam duro cativoiro :  
 Elle parou, como quem faz memoria,  
 E assi começa a lastimosa Historia.

Silves do Reino Algarve a mais antiga  
 Cidade, vio primeiro o nascimento  
 Deste cattivo, que a fortuna imiga,  
 Poz em tão longo, e duro apartamento :  
 Que genero de vida incerto figa  
 Na mocidade, em sancto ajuntamento.  
 Da mesma Patria huma mulher me coube,  
 Que a liberdade cattivar me soube.

Com esta dos primeiros tenros annos  
 Criado fui, e foi o amor crescendo  
 De sorte, que quacsquer pequenos danos  
 Fugindo seus prazeres só pretendo :  
 Mas destas affeições os desenganos  
 Ao longe esperam, quem se vai perdendo,  
 Que por ella me vij triste, e cattivo,  
 De sorte, que não sei, como inda vivo.



Hum dia , amargo dia , sobre a tarde  
 Quando he mais grato o Ceo no ardente Estio,  
 Quando o Sol se recolhe , e menos arde ,  
 Dezeja em leve barco vir ao Rio:  
 Eu por lhe comprazer , feliz quem guarde  
 Para hum cego appetite algum desvio !  
 Satizfiz logo , e para eternas magoas ,  
 A' remos comecei cortar as agoas.

E pouco à pouco ao longo indo da terra ,  
 Fomos perdendo a vista da Cidade.  
 Ah quem cuidara então , que se desterra  
 Para tam longa ausencia , e saudade !  
 Eu avilado da continua guerra ,  
 Que imigos fazem da Christã verdade ,  
 Tendo armado em silladas sempre o arco ,  
 Quiz virar para trás o leve barco.

Mas ella mais do justo dezejosa  
 De ver a foz do mar , me roga , e pede  
 Mais atrevida , e menos temerosa ,  
 Vamos avante pois , que nada impede :  
 Eu lhe dice com voz triste , e penosa ,  
 O que a vèzes alli de mal succede ;  
 Ella resiste , e dando em mór extremo ,  
 Quasi me quiz tomar das mãos o remo.

Vou-me nesciô com ella por seu gosto ,  
 Fazendo pouco caso do perigo ,  
 Por a não desgostar com ledo rosto ,  
 Mas não sei , que sentia cá comigo :  
 Nisto demos n'hum cego escuro posto ,  
 Encuberta colheita do Inimigo ,  
 De juncos grossos prenhe , e d'espadas ,  
 Verdes falgueiros , e viçosas canas.

Quan-

Quando subitamente d'alli sáe  
 Outebatel de Mouros guar necido,  
 De seu lugar o coração me cãe,  
 Vendo-me incautamẽte allí perdido;  
 Quem há, que em tanto damno não desinãe?  
 Meu mal conheço tarde arrependido,  
 E os olhos nella com vóz alta disse,  
 Não cuidei, que por vós tam mal me visse.

Mas ella à meu descuido a culpa lança,  
 Já de minha afeição bem descontente,  
 Que a verdade do bem nunca se alcança;  
 Senão despois que à vista o mal se sente;  
 E porque recontar desgraças cansa,  
 Allí fiquei cattivo, e della ausente,  
 Que os Mouros o despojo variaram,  
 E para este lugar me desterraram.

Em todos compaixão gèral nascia,  
 D'hum spectaculo cheio de amargura,  
 Mas o Rei sobre todos os sentia,  
 Que era dotado de maior brandura:  
 E para testemunho da alegria,  
 Que vèrem livres corações procura,  
 Os manda despojar dos pannos pobres,  
 E cobrir d'outros nòvos, e mais nobres.

Quando hum nuncio apprestado se apresenta,  
 Que o contorno maritimo descobre,  
 E com ligeira voz lhe representa  
 O temor grande, que estas partes cobre:  
 Dizendo o vivo raio, que se augmenta  
 De vossa gloria, à Tanger forte, e nobre  
 De maneira assombrou, que desampara  
 O sitio, ufano da Cidade clara.

Os homões o melhor ornato mudão  
 A's costas e hombros para os montes altos,  
 As mulheres tambem nisto os ajudão,  
 Passando em tanto varios sobressaltos :  
 Algumas , que Amor forsa, ao mais acudão,  
 Os filhinos de idade , e vigor faltos,  
 Levão , qual vai no collo , ou no regaço ,  
 Qual no peito, qual n'hum, qual n'outro braço.

As Donzellas ao vento derramados  
 Os cabellos , sem ordem , sem concerto ,  
 Sobre a cabeça as mãos , no Ceo pregados  
 Os olhos , em final de grande aperto :  
 Arrancando suspiros magoados  
 D'alma , seguindo vão qualquer acerto  
 De caminhos , que a sorte lhe offerece ,  
 Qual cãe com temor , qual desfallece.

Outros fazendo vão grandes fogueiras  
 Pelas praças , e ruas , onde lansão  
 As Reliquias de fato derradeiras ,  
 Quando já de subir aos Montes cansão :  
 Mostras são de miseria verdadeiras ,  
 Pois por contentamento , e gozo alcansão  
 Por livrar dos inimigos a fazenda,  
 Offerecella ao fogo , que a defenda.

Não passarei , que he novo , e estranho o caso ,  
 Por hum , que vij digno , que o Mundo o conte,  
 Queimava o Sol ardente o Campo raso ,  
 Steril de Rio , e de perenne fonte :  
 E os tristes , que fugindo vão do praso ,  
 Que o perigo ameaça já defronte ,  
 A' forsa do cansaço vão perdendo ,  
 As foras d'alma , e o spirito rendendo.

Sò brotava no cume d'huma ferra  
 Vizinha alli , corrente d'agoa clara ,  
 Que como os Naturaes dizem da terra ,  
 Nem no maior rigor do Estio pàra.  
 Tam peregrina qualidade encerra ,  
 Que infirmitades contagiosas fara ,  
 Corpos , que lava de velhice cheios ,  
 Ficão de toda antiguidade alheios.

Esta busca galhardo na apostura ,  
 Canfando no vagar com que caminha ,  
 No conto d'huma lança se assegura ,  
 Hum soldado ( segundo as armas tinha : )  
 D'outra parte saindo da espessura ,  
 Para à fonte hum Leão descendo vinha ,  
 E chegando primeiro , pàra incerto ,  
 E logo no soldado , que vio perto.

Elle se lança às agoas sem receio ,  
 Que era maior a sede , que o perigo ,  
 Que a Natureza estreita se vee meio ,  
 Não faz do incerto fim conta consigo :  
 O Leão lhas defende , e neste enleio  
 Pouco espaço passou , em quanto sigo  
 ( Apertando o cavallo ) hum breve atalho ,  
 Para me achar tambem neste trabalho.

Ceguei , e já de parte jaz lançado  
 O forte aventureiro sem alento  
 Não d'algumas firidas traspassado ,  
 Mas d'hum desmaio , e desfallecimento :  
 Apertei c'o Leão hum pouco ousado ,  
 Dei-me esforço o brioso sentimento ,  
 Elle , como se grandes alas vira ,  
 Com repentino medo se retira.

Nisto apeado à dar remedio acudo

Ao corpo frio , e já na terra posto ,  
Desaparto-lhe as armas , levo o Escudo ,  
E de affogo da Vizeira o rosto :

Vij cousa milagrosa , e fiquei mudo ,  
Ao sobresalto igual foi meu desgosto ,  
Dei n'hum subido ser de fermosura ,  
Inda agora em minh'alma a stampa dura.

Cairam-lhe os cabellos derramados

Pelas espaldas , desconcerto airoso ,  
Os olhos , que thé alli tinha pregados ,  
Sciattillaram c'hum raio luminoso :

Tras isto despedio huns ais cansados ,  
E já de coração pouco animoso ,  
Alvoracei-me , e d'agoa , que corria ,  
Derramei logo sobre a face fria.

Tornou em si , e os olhos em mi fita ,

Como que do successo se espantava ;

Esta mudança subita me incita

A' perguntar-lhe , de que modo estava ;

Quem era , porque as armas exercita ,

E c'o novo disfarce à que aspirava ?

Ella com doce voz , porém turbada

Responde , he magoa ouvilla , ouvilla agrada.

Zara sou , ai de mi , que nunca fora !

Do Rei , que manda esta Provincia , Filha ,

E se de mi pudera ser senhora ,

Eu o fora de quanto se lhe humilha :

Mas a sorte dos bens perturbadora ,

( Sendo ao mundo milagre , e maravilha )

Me fez fabula agora , as armas figo ,

Por fugir c'hum perigo , outro perigo.

A fama desta gente Lusitana

Me accendeo n'alma hum intimo dezejo ,  
Mas Amor m'enganou , que tudo engana ,  
Para me ver no estado em que me vejo :  
Cattivou me a belleza soberana  
Do Principe de sorte , que não rejo  
Vontade , nem razão , e em noite escura  
Sai , para provar co' elle ventura.

Não sei que foi ! foi meu destino triste ,  
Antolhase-me o Principe diante ,  
Eu vou seguindo , elle em fugir insiste ,  
Vede a cegueira de hum novel amante :  
Quanto mais vou träs elle , mais resiste ,  
E vai buscando o mar em breve instante ,  
N'hum barco aparelhado entra ligeiro ,  
Eu träs elle por dar-lhe companheiro.

Desamarra da praia o barco leve ,  
Engolfa-se , eu co' amor nada temia ,  
Alti esperança falsa , ah gosto breve !  
Olho , busco , não acho a quem seguia :  
Choro meu mal , não há quem mo releve ,  
Torno a chamar , trabalho em vã profia ,  
Desmaio , a noite passa , a luz aponta ,  
Em Tanger me acho , e n'outra novä affronta

Notei confusa a gente , e perturbada  
Andar vagando , duvidosa , e incerta ,  
Jä de tudo esquecida , e só lembrada  
Da vida , que o temor , e risco aperta :  
Eu timida molhier desamparada ,  
Vim buscando esta parte mais deserta ,  
Por me satisfazer , desta agöa pitta ,  
Aqui lhe cansa a voz , perde a figura.



Eu quasi acompanhando c'hum trespasso  
 Aquella natural miseria nossa ,  
 Acodi , como pude , o pulso escasso ,  
 Olhos sem luz , a lingua fria , e grossa :  
 Encargo duro , e trabalhoso passo ,  
 Do qual não há quem ser isento possa ,  
 Com esta adaga breve sepultura  
 Abri , para tamanha fermosura.

Dos mais proximos ramos fui cortando ,  
 Do verde Myrto , e vencedora Palma ,  
 Hum tropheo sobre a cova levantando ,  
 ( Sylvestres honras à tam gentil alma : )  
 Parou o Nuncio aqui , que foi notando  
 Hum susurro , que logo ( estando em calma )  
 Correo por todos sobre a triste Historia ,  
 E tornou à fazer do mais memoria.

Por ver em que esta confusão parava ,  
 Entre huns altos penedos me escondia ,  
 Depois de hum breve espaço donde estava  
 Sahi , por ver se gente apparecia :  
 Hum profundo silencio alli notava ,  
 Nem leve tom de voz humana ouvia ,  
 E quanto mais me chego aos altos muros ,  
 Os passos achei livres , e seguros.

Porém fiquei suspenso , que na entrada  
 De huma porta , notei grande ruina ,  
 Como que a terra alli fora arrombada ,  
 Por segredo d'alguma occulta mina :  
 Em quanto considero se he cilada ,  
 Que facilmente não se determina ,  
 Com este Mouro dei n'aquella parte ,  
 Que a confiança alli deixou dest'arte.

Delle , Senhor , por ser na idade antigo ,  
 Podereis informar-vos da verdade ,  
 Se ha dentro na Cidade algum perigo ,  
 Ou nesta estranha boca , falsidade ,  
 Affonso o chama c'hum sembrante amigo ,  
 Promettendo-lhe premio , e liberdade ,  
 Se lhe descobre sem receio , e medo ,  
 Da Cidade e ruina o mór segredo.

Elle despois , que folego recebe ,  
 Quasi perdido alli c'ó sobresalto ,  
 Hum pouco repousado se apercebe ,  
 E assi responde em tom formado , e alto :  
 Tanger , Senhor , tanto temor concede  
 D'Arzilla ouvindo o valeroso assalto ,  
 Que porque nos seus muros ó não veja ,  
 Da fazenda , e da gente se despeja.

Alli pisada alguma não se enxerga ,  
 Que em todos ouve huma geral mudança ,  
 Não temais , que d'alli perigo se erga ,  
 Podeis Senhor entrar com segurança :  
 Que os Velhos soos , que com medica verga  
 Sustentamos o pezo ( antiga usança )  
 Ficamos em desterro , e da ruina  
 Ouvi de grande espanto Historia dina.

Nesta Cidade forte , e populosa ,  
 Colonia antiga do poder Romano ,  
 De Claudio Emperador feitura honrosa ,  
 Que o titulo lhe deu , e o nome ufano :  
 Estava a sepultura temerosa  
 De hum Gigante nas obras deshumano ,  
 Nas feições espantoso , e compostura ,  
 Por nome Anteo , inda oje a fama dura.

Este se à verdadeira Antiguidade

O credito lhe damos , que se deve ,

Primeiro fundador desta Cidade ,

Della o governo antiguamente teve :

E parte com nefanda crueldade ,

Parte com forte braço em tempo breve

Aos póvos comarcãos poz duro freio ,

E à dominar toda Provincia veio.

E com a forsa intrepida arrogante ,

Fiado na apostura , e gesto horrendo ,

Contra os Habitadores do stellante

Polo , blasphemias mil està dizendo :

Qual Capanco c'o raio fulminante

Nos muros assaltados todo ardendo ,

Por vingança de Jove , à quem despreza ,

Seu valor lhe antepondo , e fortaleza.

Neste tempo despois , que o valeroso

Hercules poz ao mundo todo espanto ,

Fazendo maravilhas de animoso

Coração , dignas de meonio canto :

Mattando o Javali bravo , spumoso ,

Honra , e soberba gloria do Erimanto ,

E da silva nemèa celebrada ,

Mettendo o Habitador à dura espada.

Despois , que à braços em famosa luta

O cacho doma do robusto Touro ,

Despois que com mão destra , e resoluta

Das Stymphalides rompe o triste agouro :

Despois que a Hydra mattou com arte astuta ,

E do Cervo ariancou seus còrnos d'ouro ,

Despois que o forte Augèa disbarata ,

E com Diomedes as cavallos mata.

Des-

Despois que vence o Gerião triforme ,  
 E pobre deixa Hypolite , e deserta ,  
 Despois que ao Drago , que velando dorme ,  
 As macãas d'ouro rouba : em vão desperta :  
 Despois que às nuves do porteiro enorme  
 Das sombras leves fez monstrôsa offerta ,  
 Rompendo armado aquelle Reino forte ,  
 E quebrantando as Leis da dura morte.

A fama deste perfido Gigante ,  
 Que então soava , assi da tirannia ,  
 Que executava , e do serôz sembrante ,  
 Como de seu esforço , e valentia :  
 Lhe punge o coração de gloria amante ,  
 Que c'o perigo môr se augmenta , e cria ,  
 E he como raio , que com môr vehemencia ,  
 Rompe o suggeito onde acha resistencia.

E como Leão bravo , que entra ousado  
 Nas sylvas de animaes de menos brio ,  
 Co' a pelle insigne , e forte maça armado ,  
 Vem tirar o Gigante à desafio :  
 Elle , que à trances taes he custumado ,  
 Aceita alegre sem algum desvio ,  
 Zombando de tam cego pensamento ,  
 Que veio à dar em tanto atrevimento.

E do furor levado , porque gasto  
 ( Diz ) o tempo , e com fremito arremette ,  
 Abraçado se achou c'hum grande masto  
 Alcides , e com impetu accommete :  
 Tal briga despertou o Velho Adrasto  
 A' quem o Fado hum Javali promette ,  
 E hum Leão para genros , que desfazem  
 Os desterrados , que as Insignias trazem.

Estão de parte as armas offensivas ,

Que à braços se averigua esta contenda ,

D'entr'ambos são as forças excessivas ,

Quem julga , qual primeiro alli se renda !

Cadaqual do contrario as mãos esquivas ,

Estranha , e busca modo com que offenda ,

E das artes dos pees tambem se ajuda ,

E anda por magoar com ponta aguda .

Tal no valle sombrio , ou na montanha ,

O bravo Touro c'o rival pelleja ,

Quando a Vaca por premio alli se ganha ,

Que à vista está para que logo o seja :

Com força cada qual , com arte , e manha ,

Ficar no Campo vencedor dezeja ,

Qual se firma nos testos , qual se encurta ,

Qual retorna , qual volta , qual se furta .

Mas o Filho d'Almena , que se corre

Resistir-lhe o Gigante tanto espaço ,

Temendo , que com isto o nome borre ,

Que tem ganhado pelo estranho braço :

Nos pees se firma , e dà cò aquella Torre

No chão , mas qual a pèla c'o rechaço

Batida no ladrilho pulla , e salta ,

Tal Anteo se levanta , e o imigo assalta .

Torna Hercules com força mais crescida ,

E de todo estirado longe o lança ,

Cuidando que co' aballo deixe a vida ,

E como triumphador , quasi descansa :

Mas elle se ergue , sem que dor lho impida ,

E da Terra vigor , e alento alcança ,

E quantas vezes derribar trabalha ,

Tantas Alcides a victoria atalha .

Quem

Quem brinco vão de leve pinho vira  
 Chumbado à parte , com que o moço folga ,  
 Que por mais que o arremessa , e longe attira ,  
 Por mais que o deita , estende , e quasi amolga :  
 Por mais que morto o faz , logo respira ,  
 Logo alça o collo vão , logo se empolga :  
 Que o pendor , como aquella parte incline ,  
 Não sofre , que também a outra decline.

E conhecendo Alcides , que da Terra ,  
 Cujó Filho se chama a forsa cobra ,  
 E que trabalha em vão , e de todo erra  
 Se o lança em parte , que o vigor lhe dobra :  
 Par'outra região logo o desterra ,  
 Onde pretende remattar est'obra ,  
 E no ar o monstro horrendo levantando ,  
 Alli o está desfazendo , e quebrantando.

Qual Aguia generosa , que estendida  
 Fóra da cova vio do alto a Serpente ,  
 A' quem brando calor do Sol convida ,  
 E logo dà sobr'ella de repente :  
 E se alça por não ser della offendida  
 Nos mattos , ou se esconde facilmente ,  
 E para que depois emprego faça ,  
 No ar co' as unhas a rasga , e despedaça.

Assi caio sem vida o monstro infame ,  
 Medindo com a queda a sepultura ,  
 E como não ha peito , que desame  
 Na morte , pois que o timido assegura :  
 Dos seus foi sepultado , e porque affame  
 Este feito o valor que alli se appura ,  
 Se abriu em pedra com aguda ponta  
 Letreiro , que a famosa Historia conta.



Agora , que por Africa soava  
 Do valor vosso o nome soberano ,  
 Quando já vossa Armada o mar cortava ,  
 Em final de temor menos infano:  
 Eudollo hum grande Mago , que intentava  
 Por arte resistir à vosso dano ,  
 Envolto em nuve n'humã noite escura ,  
 Veio à parar nesta alta sepultura.

E com palavras magicas encanta  
 Deste Gygante a já desfeita forma ,  
 Ex que aquella statura se levanta ,  
 E como em mortaes membros se conforma :  
 Tanto crescendo vai , que o ar se espanta ,  
 E quasi se dillata , e se reforma ,  
 Para que receber a mole possa ,  
 Tam monstruosa parece de alta , e grossa.

A ruina que vedes inda aberta ,  
 He da forma espantosa do Gygante ,  
 Tende por cousa verdadeira , e certa ,  
 Esta , que agora conto aqui diante :  
 Espanta-se do ser com que concerta  
 O Mouro estas razões , o Rei prestante ,  
 E crendo as maravilhas , que lhe ouvira ,  
 Pela sombra de Anteo , que no mar vira :

Com elle de clemencia , e favor usa  
 Fazendo-lhe de nossa Fee lembrança ,  
 E publicando a nova inda confusa  
 Manda logo pôr gente em ordenança :  
 Que a Fernando que o pezo não recusa ,  
 Provado em semelhante confiança  
 Manda entregar , para que com presteza  
 A Tanger entre pois não hà defeza.

Mas primeiro que o cargo lhe empondere ,  
Pondo os olhos em quantos tem diante ,  
He tempo diz , que em parte remunerere  
Serviços , se algum premio for bastante :  
E se desta vontade degenere ,  
Por lhe não ser a posse semelhante,  
Abrangerei onde puder sómente ,  
Suprindo a falta o galardão da gente.

Vos Dom João de Castro appremiado  
Co' a morte estais d'hum Pai por gloria vivo ,  
Successor ficareis de seu Estado ,  
E do nome de seu Espírito altivo :  
Vos Dom Affonso Conde nomeado ,  
Da Coroa Real Penella privo ,  
Vos Ruy de Mello Conde de Oulivença ,  
Vos Conde Dom Anrique de Valença.

E volto a Dom Fernando , que dezeja  
Darlhe a satisfação bem merecida ,  
Que paga vos darei , que digna seja ,  
Que vos não seja outra maior devida ?  
Quem ha , que taes merecimentos veja ,  
E se atreva igualallos co' a medida ?  
Que sempre será curta , e me constrange  
A' sentir à quam pouco nisto abrange.

Este Sceptro , que tenho em muita gloria ,  
Vossos Progenitores mo alcançaram ,  
Que o grande meu Avò de alta memoria ,  
Contra poder tam forte sustentaram :  
Por vòs agora tenho esta victoria  
Contra inimigos , que tanto ma envejaram ,  
Pois entr'elles estou , de vòs me valho ,  
E por premio tereis outro trabalho.

Tem-

Tempo virá também que descansemos ,  
 Outra vez navegando os bravos mares ,  
 Em nosso proprio Reino , onde teremos  
 Repouso à vista de melhores ares :  
 Doce memoria , alli nos lembraremos  
 Destes trabalhos vãos , destes pezares  
 Para gloria maior , em tanto desta  
 Empreza tomai conta , que nos resta.

Elle ufano c'o premio , que lhe ordena  
 Quem sabe, que outro então lhe não convinha,  
 C'hum ar no rosto alegre , e voz serena ,  
 A vontade mostrou , que prompta tinha :  
 Nenhuns perigos me tendais por pena ,  
 Que obedecer obrigação he minha ,  
 A' vós convem , Senhor , julgar direito  
 O que for necessario , à mi o effeito.

E vendo fazem já para que ordene  
 Dar ao Cego graças da mercè , que aceita ,  
 Logo institue procissão solene ,  
 Com zelo Affonso , e devação perfeita:  
 Assi busca a Mesquita onde condene  
 Os falsos ritos da viciosa Seyta ,  
 E consagrada por feliz auspicio ,  
 Renda à CHRISTO celeste sacrificio.

Hum Sacerdote , em cujo peito mora  
 Virtude com nobreza juntamente ,  
 A bella Image leva da Senhora ,  
 Que he firme amparo, e bem da humana gente:  
 Por ordem vai a gente vencedora ,  
 Pelo meio com musica excellente ,  
 Os cantares dulcissimos se entoão  
 Do Rei Hebreo , que brandamente soão.

Entravão pelas portas da Mesquita ,  
 Que indigna aquella gloria inda recusa ,  
 Quando hum grande rumor logo se excita ,  
 Que toda aquella gente fez confusa :  
 A perturbação de huns outros incita ,  
 C da qual co' a geral a propria escusa ,  
 Nem vem causa maior que recearem  
 Os primeiros entrar , e alli pararem.

Affonso perturbado se adianta  
 C'o Principe , e com fortes Cavalleiros ,  
 Por ver a nova causa , que quebranta  
 Animos n'outra parte aventureiros :  
 E logo para , como que se espanta ,  
 E a confusão conhece dos primeiros ;  
 Que a seu valor não ser tam soberano ,  
 Tornara para trás pois era humano.

Hum pilar grande , e sumptuoso esteio  
 De peregrina pedra , e bem lavrada  
 Sustinha aquella machina no meio ,  
 A' tam falso Propheta dedicada :  
 Neste c'hum sinuoso , e largo enleio ,  
 Huma serpente horrifica enroscada  
 Se mostra , tam estranha na grandeza ,  
 Que fica estranha à mesina Natureza.

Menos espaço tomas no celeste  
 Campo , em meio das Urras gram Serpente ,  
 Que a maior na cabeça recebeste ,  
 E na cauda a menor inda eminente :  
 Menos aquella , à quem no monte deste  
 Morte Apollo , cruel com forsa urgente ,  
 Tam ufano ficando co' a victoria ,  
 Que em pouco, ou nada tens toda outra gloria.

Em

Em tres pontas farpada a lingua fende ,  
 E tres sylvos despede de hum boca ,  
 Tres ordens traz de dentes , com que offende ,  
 E com grande stridor os trata , e toca :  
 Co' a gloria insigne , que na fronte accende ,  
 A' ser obedecida as mais provoca ,  
 Quando à vezes d'alli fãe , e discorre ,  
 Afflando o Campo , que à seus sylvos morre.

Fervem todos c'hum vivo ardor da gloria ,  
 Em premio neste feito promettida ,  
 Tendo por melhor vida esta memoria ,  
 Que ao longe esperam , que sem ella a vida :  
 Os olhos na bellissima victoria ,  
 Qualquer a tem ao risco offerecida ,  
 Qualquer tambem ao risco se offerece ,  
 Que o primeiro , que vence , este merece.

Qual com forsa terribel lhe arremessa ,  
 De aço maciço dardo penetrante ,  
 Elle rompendo com ligeira pressa ,  
 C'o essa vem para tràs no mesmo instante :  
 Qual despedindo a setta , que atravessa  
 O obstaculo maior , que tem diante ,  
 Amolgada a sentio no duro queixo ,  
 Como se dera em puro , e vivo seixo.

Qual c'hum furor colerico indignado  
 No corpo se firmou , e d'ambos braços  
 Hum bravo tiro fez c'hum grande brado ,  
 E a lage na cabeça fez pedaços :  
 Ella nisto c'o collo alevantado ,  
 Toda desfeita em silvos , e ameaços  
 Alça mil ondas , e mil mortes dera ,  
 Se do pilar sair então pudera.

Ven-

Vendo o sublime Affonso o damno certo ,  
 Que teme à todos da Serpente imiga ,  
 Ao puro Sacerdote , que tem perto  
 Conselho pede sobre o que alli figa :  
 Elle , que tem comfigo descuberto  
 O melhor meio por sciencia antiga  
 Alcançada do Ceo , dest' arte falla  
 Ao Rei , que o que lhe diz conserva , e calla.

Para vòs esta empreza esta guardada ,  
 Vòs deste monstro tomareis vingança ,  
 Se por esta agoa sancta for passada  
 No ferro agudo essa invencivel lança :  
 Que he peçonha finissima approvada  
 A' toda fera desta semelhança :  
 Elle a lança dest' arte sopefando ,  
 A' tiro pouco à pouco vai chegando.

E c'ò mòr movimento forsa pondo ,  
 Fez emprego nas conchas desta Fera ,  
 Toda caza soou logo em redondo ,  
 Como se em metal duro , ou bronze dera :  
 Tal de Salmoneo o temeroso estrondo ,  
 Imitando de Jove os trovões era ,  
 E dando hum forte arranco , ao ar vizinho ,  
 Pelo tecto arrombado abriu caminho.

Ficou de tetro odor o lugar cheio ,  
 E de sulphureo fumo envolto em fogo ,  
 Thè que desfeito o timido receio ,  
 A confusão tambem se desfez logo :  
 Louvão de Affonso o braço , mas alheio  
 Julgando elle o louvor , humilde rogo  
 Fez à Deos por aquella mercè grande ,  
 Para que assi par'outras mais o abrande.



E chegando ao pilar soberbo , em cima  
 Vio pendurada huma lustrosa espada ,  
 Feitura , e obra de mão perfeita , e prima ,  
 Segundo he rara aos olhos , e acabada  
 O grande resplendor , que accende , e anima ,  
 Sem ser de raio d'algun Sol tocada ,  
 Reflexo pela Caza anda inquieto ,  
 E nunca jámais pode estar secreto.

As guardas com que o duro aço se affina ,  
 Conforma o metal lucido , e prestante ,  
 O punho he d'esmeralda pura , e fina ,  
 O pomo de riquissimo adamante :  
 A todos a materia , e obra inclina  
 A' grande admiração , que passa avante  
 Envolta n'hum dezejo de tamanho  
 Premio , que todo custo fica em ganho.

Quando de grandes letras , que se via ,  
 De longe no pilar achão letreiro ,  
 Todos a vista poem , e assi dizia ,  
 Ornamento de hum novo Cavalleiro :  
 Vencida esta Serpente , que desvia  
 Da insigne espada o premio verdadeiro ,  
 Será com ella hum Principe subido ,  
 A' Lei de Cavalleiros admittido.

Maravilha-se Affonso , e a rica espada  
 Com estranho alvoroço dependura ;  
 Logo foi a Mesquita consagrada ,  
 E ficou de impudica , sancta , e pura :  
 A Missa com mil vozes celebrada ,  
 Onde deb'axo d'huma especie escura ,  
 O divino penhor recebe em premio ,  
 Que a Virgem recolheo no intacto gremio.

Já o chamava o corpo , traspassado  
 Com fridas mortaes , do illustre Conde,  
 Que n'hum panno de luto está lançado.  
 Quanta gloria em tam pouco a morte esconde!  
 E tendo tanto à vista debuxado  
 Hum raro , e singular retrato , donde  
 Dar podia modelo ao Filho charo ,  
 Que em virtudes pertende fazer raro.

Tendo prova de seu valor bastante  
 Mostrado em tanto risco d'honra , e vida ;  
 Determina admittillo à triumphante  
 Ordem de Cavalleiros merecida :  
 Armado vem d'hum Elmo radiante ,  
 ( Obra d'hum grande artifice escolhida , )  
 E das mais peças ricas , sobre tudo  
 ( Co' a peregrina espada ) hum fino escudo.

Em roda estavaõ já com leão afeito  
 Aquelles Cavalleiros esforçados ,  
 Parte tintos sómente em sangue alheio ,  
 Parte em seu próprio sangue inda banhados ;  
 Sobre todos o Rei sublime em meio  
 Apparece c'os hombros levantados ,  
 E c'os olhos no Filho a tudo attento ,  
 Desta maneira falla em grave acento.

Alta mercè , dom grande , da Bondade  
 Summa , nesta hora ó Filho recebemos ;  
 Não só na presa insigne da Cidade ,  
 Que com tanto valor ganhada temos :  
 Mas porque nos abriu commodidade ,  
 Para que em justo titulo vós demos  
 Nome de Cavalleiro , que só cabe  
 A'quelle , que vencer primeiro sabe.

Oje delle tereis melhoramento  
 Por mão d'hum Rei , e Pai , que não dilata  
 Premio devido à seu merecimento ,  
 Nem sem este tambem o disbarata :  
 Mas porque a obrigação , e nobre intento  
 Desta ordem , que exerceita , de que trata ,  
 He bem queirais saber , como imagino ,  
 Declarar brevemente determino.

Virtude he Filho meu esta excellente  
 De preço , e de nobreza extraordinaria ,  
 Mesclada com imperio juntamente ,  
 Segundo á Natureza necessaria ,  
 Para poder metter em paz a gente ,  
 E refrear a furia temeraria  
 Da cubica cruel , e tirannia ,  
 Quando os Imperios perturbar profia.

O statuto desta Ordem vos obriga ,  
 A' depor quaesquer Reis de seus Estados ;  
 Que a justiça não tenham por amiga ,  
 E em vida estejam solta embaraçados :  
 E pôr em seu lugar outro , que siga  
 Os perfeitos costumes , e acabados ,  
 E que em fim nada faça , e nada mude ,  
 Que por molde não seja da virtude.

Tambem forsa à guarda hum leal peito .  
 A' quem do Reino tem governo , e mando ,  
 C'o braço , seu partido , e seu direito  
 Contra seus inimigos sustentando :  
 A vida chara com Christão despeito  
 Pela Lei , pela Patria aventurando .  
 Aceitais Filho encargo tam severo ?  
 O Principe responde aceito , e quero.

Alçando então a reluzente espada  
C'o nome do supremo Pai na boca ;  
Tres golpes executa na fellada ,  
Aos quaes o Filho , e o Sprito Sancto invoca :  
E logo com voz triste , e carregada ,  
Que em todos sentimento , e dor provoca ,  
Pondo os olhos n'aquelle corpo frio ,  
A' quem roubou a morte o vital brio.

Dice , permitta Deos Filho querido ,  
Saiais em Armas de tal nome , e fama ,  
Qual foi o Conde morto , e não vencido ,  
Cujo corpo por seu a Terra chama :  
Sem cor jaz , sem figura alli tendido ,  
Digna de tanto esforço illustre cama ,  
Parece foi do Ceo assi ordenado ,  
Para ser este Templo consagrado.

Isto diz , e applicando á face clara  
O rostro alegre , o Principe levanta ,  
E porque a sepultura dilatara ,  
Que a seu despojo espera hum'alma santa :  
Entre alegre prazer , e dor amara  
Da morte crua , e d'honra , e gloria tanta ,  
Logo alli manda abrir a fria Terra ,  
E dentro o gram deposito lhe encerra.

BeMo.

## A D V E R T E N C I A.

**E** Ste Poema , que pela sublimidade do assum-  
pto , pureza da fraze , e elegancia do seu  
Author , mereceo a estimação , e applauzo dos  
Sabios , sahe agora reimpresso , sem mudança al-  
guma na linguagem , e com a mesma orthografia  
com que primeiramente foi impresso no anno de  
1611. para conservar-lhe a sua antiguidade.

*Vende-se na loja dos Irmãos Marques , na rua Bella  
da Rainha.*

*Na de Christovão Joseph de Azevedo , na rua dos  
Ourives do Ouro.*

*Na da Impressão Regia , na Praça do Comércio.*

*Na da Viuva Bertrand , e Filhos , no Chiado.*

**Preço 360 em papel.**

F. I. M.





